OBRAS POSTHUMAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

PRECEDIDAS DE UMA NOTICIA DA SUA VIDA E OBRAS

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

VOLUME III.

SAN'LUIZ DO MARANHÃO.

1868.

ADVERTENCIA.

Compõe-se este volume de importantes e mui notaveis escriptos em prosa, pela maior parte sobre assumptos historicos.

Sendo extrahidos de diversos jornaes, cujos redactores tinham diversissimos systhemas ortographicos, segue-se que não podemos, embora empregassemos todo o cuidado, conservar a uniformidade da orthographia, como era nosso desejo.

A. H. L.

MEDITAÇÃO.

(FRAGMENTO.)

1846.

CAPITULO I

I

II

Então o velho estendendo a mão descarnada e macilenta tocou as minhas palpebras.

E as minhas palpebras scintillaram como sentindo o contacto de um corpo electrisado.

E diante dos meus olhos se estendeu uma corrente de luz suave e colorida,como a luz de uma aurora boreal.

E o Ancião me disse: «Olha do norte ao sul—do occaso ao nascer do sol—'té onde alcançar a luz dos teus olhos e dize-me o que vês.»

2

E o seu gesto era soberano e tremendo como o gesto de um monarcha irritado.

E a sua voz solemne e grave como a voz do sacerdote, que psalmeia uma oração funebre em noite de enterramento.

E eu levei os meus olhos do norte ao sul—do occaso ao nascer do sol—'té onde elles alcançavam—e respondi:

«Meu Pai, vejo diante de meus olhos uma prodigiosa extensão de terreno: é por ventura algum grande imperio—tão grande espaço me parece que encerra.

«E as arvores, que o sombreiam, são robustas e frondosas—como se desde a creação presenciassem o incessante volver dos seculos.

«E a relva que o tapisa é densa e aveludada; e as suas flôres melindrosas e perfumadas, e as suas aves canoras e brilhantes como as suas flôres.

«E o céo que cobre essa terra bemdita é sereno e estrellado, e parece reflectir nas suas côres fulgentes o sorriso benevolo e carinhoso de quando o Creador o suspendia nos ares como um rico diamante pendente do seu throno.

«E sobre essa terra mimosa, por baixo d'essas arvores colossaes—vejo milhares de homens—de physionomias discordes, de côr vária, e de caracteres differentes.

«E esses homens formam circulos concentricos, como os que a pedra produz cahindo no meio das aguas placidas de um lago.

«E os que formam os circulos externos teem maneiras submissas e respeitosas, são de côr preta;—e os outros, que são como um punhado de homens, formando o centro de todos os circulos, teem maneiras senhoris e arrogantes;—são de côr branca.

«E os homens de côr preta teem as mãos presas em longas correntes de ferro, cujos anneis vão de uns a outros—eternos como a maldição que passa de pais á filhos!»

III

E eu fallava ainda—quando um Mancebo imberbe, sahindo d'entre os homens de cõr branca, açoitou as faces de outro de côr preta com o reverso de sua mão esquerda.

E o offendido, velho e curvado sob o peso dos annos, crusou os braços musculosos apesar da velhice, e deixou pender a cabeça sobre o peito.

E após um instante de silencio profundo, arrojou-se aos pés de um ancião de côr branca, clamando justiça com voz abafada.

E um d'entre estes, na flor da idade, ergueu-se

iroso entre o homem de cabellos brancos e o preto injuriado que pedia justiça, e o lançou por terra.

E o ancião de côr branca, que, longe do bulicio do mundo, havia meditado longos annos, soltou um suspiro das profundezas do peito.

E os élos da corrente, que manietava os homens de côr preta, soltaram um som aspero e discorde como o rugido de uma panthera.

E eu vi que esses homens tentavam desligar-se das suas cadeias, e que dos pulsos roxeados lhes corria o sangue sobre as suas algemas.

E vi que o ferro resistia ás suas tentativas; mas tambem vi que a sua raiva era frenetica, e que o sangue que lhes manava das feridas cerceava o ferro como o enxofre incendido.

IV

E o Ancião me disse: «Affasta os olhos dos homens que soffrem, e dos que fazem soffrer, como de um objecto impuro, e volve-os em redor de ti.»

E eu affastei os olhos d'esse espectaculo luctuoso, e volvi-os em redor de mim.

E vi algumas cidades, villas e aldeias disseminadas pela vasta extensão d'aquelle imperio, como arvores rachyticas plantadas em deserto infructifero.

E n'essas cidades, villas e aldeias havia um fervilhar de homens, velhos e crianças, correndo todos em direc-

ções diversas, e com rapidez differente como homens carentes de juizo.

E as suas ruas eram tortuosas, estreitas e mal calçadas—como obra da incuria—e as suas casas, baixas, feias e sem elegancia, não rivalisavam com a habilitação dos castores.

E os seus palacios eram sem pompa e sem grandeza, e os seus templos sem dignidade e sem religião.

E os seus rios—obstruidos por alguns troncos desenraizados—eram cortados por jangadas mal tecidas, ou por miseraveis canôas de um só tóro de madeira.

E n'essas cidades, villas e aldeias, nos seus caes, praças e chafarizes—vi sómente—escravos!

E á porta ou no interior d'essas casas mal construidas e n'esses palacios sem elegancia—escravos!

E no adro ou debaixo das naves dos templos—de costas para as imagens sagradas, sem temor, como sem respeito—escravos!

E nas jangadas mal tecidas—e nas canôas de um só tóro de madeira—escravos;—e por toda a parte—escravos!! . .

Por isto o estrangeiro que chega a algum porto do vasto imperio—consulta de novo a sua derrota e observa attentamente os astros—porque julga que um vento inimigo o levou ás costas d'Africa.

E conhece por fim que está no Brazil—na terra da liberdade, na terra ataviada de primores e esclarecida por um céo estrellado e magnifico!

Mas grande parte da sua população é escrava—mas a sua riqueza consiste nos escravos—mas o sorriso—o deleite do seu commerciante—do seu agricola—e o alimento de todos os seus habitantes é comprado á custa do sangue do escravo!

E nos labios do estrangeiro, que aporta ao Brazil, desponta um sorriso ironico e despeitoso—e elle diz comsigo, que a terra—da escravidão—não póde durar muito; porque elle é crente, e sabe que os homens são feitos do mesmo barro—sujeitos ás mesmas dôres e ás mesmas necessidades.

V

«E sabes tu—perguntou-me o Ancião—porque as vossas ruas são estreitas, tortuosas, e mal calçadas—e porque as vossas casas são baixas, feias, e sem elegancia?

«Sabes porque são vossos palacios sem pompa e sem grandeza, e os vossos templos sem dignidade e sem religião?

«Sabes porque é miseravel a vossa marinha—e porque se ri o estrangeiro que aporta ao Brazil?

«É porque o bello e o grande é filho do pensamen-

to — e o pensamento do bello e do grande é incompativel com o sentir do escravo.

«E o escravo—é o pão, de que vos alimentais—as tellas, que vestis—o vosso pensamento quotidiano—e o vosso braço incansavel!

«Vê as pyramides do Egypto—sarcophagos gigantescos, que lá se vão perder nas entranhas das nuvens—tão elevadas como o mais elevado pensamento.

«Vê os templos gregos, cuja elegante architectura buscava assento em meio de valles deleitosos, harmonisando-se com o céo da Grecia, e com a fertilidade e vida da sua gleba!

«Vê nas cupolas arabes—essa floresta de columnas de mil côres—rodando em um peristyllo circular semelhante ás tendas das tribus nómadas e patriarchaes.

«Vê os templos da idade-media, essas epopéas do Christianismo—com os seus zimborios volumosos—com os seus campanarios terminados em agulhas subtis e afiadas que elevam o pensamento além das nuvens.

«Esses tumulos—bem como as ruinas dos palacios e dos templos de Memphis—revelam uma ideia, porque os egypcios a gravaram nas suas obras debaixo dos hie-

roglyphicos que os sacerdotes multiplicaram na fachada dos seus templos e nas paredes dos seus edificios.

«Os gregos realisaram o bello-ideal; e os arabes, tentando realisal-o, transformaram a sua tenda de um dia em habitações duradouras; porque elles eram livres nos actos e nos pensamentos—livres, como o simoúm dos seus areiaes.

«E os bizarros brutescos da architectura gothica representam a vida—porem a vida multiplice e variada; e a agulha dos seus templos figuravam o infinito, e o seu cimento indestructivel traz á lembrança as ideias mais puras da moral—Deus e a immortalidade.

«E os pagodes da China, ou a pedra druidica no meio das florestas gaulezas, ou mesmo as inscripções e imperfeitos desenhos dos vossos indios na superficie lisa dos rochedos do Yapurá dizem mais e são mais bellos que os vossos edificios sem expressão, nem sentimento!

«E o escravo não póde ser architecto, porque a escravidão é mesquinha, e porque a architectura, filha do pensamento, é livre como o vento que varre a terra.

«E o escravo será negligente e inerte, porque não lhe aproveitará o suor do seu rosto; porque a sua obra não será a recompensa do seu trabalho; porque a sua

intelligencia é limitada, e porque elle não tem o amor da gloria.

«E o homem livre dará de mão ás boas-artes, porque não quer hombrear com o escravo, que é infame e deshonroso.

«E não se dará ás artes mechanicas, que são o emprego do liberto e d'aquelles que não são homens.

«E não se dará á marinha, esse potente vehiculo do commercio e da civilisação, porque a marinha está inçada de escravos.

«E se os seus vestidos roçarem a opa do escravo, ou a esclavina do liberto, elle os sacudirá com asco; e se a sua mão tocar amigavelmente a mão do escravo, elle a cerceará do pulso—como pois o chamará collega?!»

VI

«Um dia apparecestes sobre a terra com todos os vicios de uma nação decadente, como se houvesseis vivido longos annos.

«E nem se quer provastes aquellas amargas licções da experiencia, que as nações colhem durante a sua existencia politica, bem como os homens durante a sua vida!

«E como a juventude—orgulhosos e fatuos—julgais que todos vos obedecem—quando a todos vos sujeitais; julgais que existis—quando sois meramente preludio de vida—um feto giganteo que começa a des-

envolver-se debaixo da influencia poderosa do sol dos tropicos.

«E se possivel fosse que um dos grandes homens do velho mundo—hoje se erguesse em meio de vós outros—do seu sepulchro, onde elle dorme o somno eterno, embalado pelos encomios das gerações que passam, elle pediria os vossos annaes para que soubesse que passo andastes no caminho do progresso, e que bem fizestes á humanidade!

«Porque elles sabem que as nações formam-se, progridem, e decahem com o mesmo movimento, que talvez se podesse marcar por uma como dynamica e therapeutica social.

«E elle vos diria que antes que os helenos curvassem a cabeça ao jugo ottomano foram guerreiros da *Illiada*—os de Marathonia e Salamina, e os sabios do tempo de Pericles.

«E antes que os romanos passassem meia vida nas suas thermas perfumadas, e antes que fossem os auctores de mólles serenatas e de cançonetas de amor, foram os conquistadores da Galia,—da Iberia—e da Scandinavia, e os senhores do mundo conhecido, e os artistas de Leão X.

«E antes que os bretões se déssem á orgia e á in-

temperança depois das sessões dos seus parlamentos, antes que dessem ao mundo estupefacto o espectaculo das suas phantasticas extravagancias foram os companheiros dos reis—Arthur—Henrique—e Ricardo, e os philosophos e litteratos do seculo XVI e do seculo XVII.

«E os gaulezes tambem foram os guerreiros de Breno—os companheiros de Luiz-o-Santo, de Bayardo—o ultimo cavalleiro, e de Francisco—o rei cavalheiroso, e os homens de Luiz XIV.

«Passaram todos da idade da fôrça á idade da razão; do reinado das armas ao reinado da intelligencia, para depois adormecerem sobre o fructo dos seus trabalhos, como o vindimador junto aos cestos que elle mesmo enchera de apetitosos cachos.

«Não assim vós, que sois uma anomalia na ordem social, como o que nasce adulto com os vicios e as fraquezas da idade provecta, e com o scepticismo do homem pervertido.

«E não tereis vós de retroceder pelo mesmo caminho, por onde agora divagais—ou vos lançou Deus sobre a terra por que servisseis de licção ao porvir e de escarmento ás gerações futuras?!»

VII

E o Ancião fallava ainda, porém o meu pensamento não o escutava, que os meus olhos seguiam um objecto horrivel como o talvez de um grande infortunio.

Como Laocoonte, soffrendo terriveis agonias, concentrava todas as suas fôrças para livrar-se dos anneis vigorosos da serpente que o enlaçava.

Como no meio de uma habitação que arde, o homem —louco e delirante—agarra-se ás traves em braza meio comidas pelo incendio, e não sente a dor do fogo, que lhe róe a carne dos membros.

Os homens, que soffriam, reuniram-se como um só homem, e soltaram um grito horrisono, como seria o desabar dos mundos.

E pareceu-me que elles se transformavam em unidade como um colosso enorme e válido, cuja fronte se perdia nas nuvens, e cujos pés se enterravam em uma sepultura immensa, e profunda como um abysmo.

E o colosso tinha as feições horrivelmente contrahidas pela raiva, e com os braços erguidos tentava descarregar ás mãos ambas um golpe que seria de exterminio.

E a victima era um povo inteiro; eram os filhos de uma numerosa familia, levados ao sacrificio por seus pais—como Abraham levou a Isaac, seu filho.

E como Isaac, as victimas d'este sacrificio cruento tinham cortado a lenha para a sua fogueira, e adormeceram sobre ella, sonhando um festim sumptuoso.

E como Isaac tambem elles acordaram com as espadas sobre as suas cabeças, e o seu despertar foi terrivel, porque somente Deus os poderia salvar.

E um calefrio de terror percorreu a medula dos meus ossos, e o meu sangue parou nas minhas veias, e o meu coração cessou de bater.

E o Ancião, que tudo sabia, comprehendeu o meu soffrimento, e tirou a mão de sobre as minhas pálpebras, e os meus olhos se abriram de novo.

E um manto de trévas impenetraveis se desenrolou subitamente diante dos meus olhos, como diante dos olhos de Tobias, quando o Senhor quiz provar a sua virtude.

E eu percebi que a vida fugia dos meus sentidos, e cahi de face contra a terra com a inercia de um corpo sem vida.

Cachias, 23 de Junho de 1845.

CAPITULO II.

Vir vanns in superbiam erigitur, et tamquam pullum onagri se liberum, natum putat.

(Job.)

I.

5

II

E eu continuei, dizendo:

«Ancião, eu fallarei na tua presença, e derramarei minha alma a teus pés, para que escutes as palavras do meu pensamento.

«Porque tu esclareceste a minha alma como a luz ás trevas, e porque, de te ouvir, o pensamento me estúa nos labios.

«Porque um poder superior quebra a mudez dentro do meu peito, e eu mesmo me desconheço no arrojo das minhas palavras.

«E se ellas te parecerem mal pensadas, perdoa ao sentir da juventude em favor da minha sinceridade.

«Porque eu fallo de coração singello e na verdade da minha consciencia.

«Assim eu fallarei na tua presença e derramarei minha alma á teus pés.»

E elle disse:

—«Os velhos vêem tudo ao travez de um manto de gèlo, e o seu pensamento gravita incessante em redor do passado—essa quadra feliz, em que seus olhos gostavam do rosicler da aurora.

—«E nas suas palavras traveja o severo da verdade d'involta com o azedume do homem que viveu inutilmente longos annos.

—«Porque no fim da sua carreira elle derramou os olhos sobre o caminho por onde viajára, interpellando a si mesmo na sua consciencia e disse: «o que fiz eu?»

—«Sublime por certo é a missão do homem sobre a terra—soffrer e ajudar a soffrer!»

—«E eu que fiz? Vegetei como a palmeira do deser-

to, cuja copa não abriga o viajor fatigado, cujo tronco não ampara a vergontea do arbusto semi-morto, que lambe a terra com as folhas amarellas.»—

—«Meus dias—tão breves como fogo de palha, declinaram como a sombra; vivi como o regato sem nome, e cáio sobre o meu sepulchro como a arvore mesquinha, cujo baquear não desperta o echo velador das montanhas.»—

—«Não assim o mancebo! Seus olhos são como um prysma, seu coração como uma fogueira, e o seu genio impetuoso como a torrente.

—«Enlevado contempla a natureza,e não comprehende como tanto frescor ameigasse os olhos das gerações, que passaram—olhos, que pularam em orbitas hoje excavadas pelos vermes dos sepulchros.

—«Rei do Universo, elle o observa ressumbrando hardimento e magestade;—fogo da vida lhe anima a côr das faces, e do sangue que lhe arde nas veias é de que se nutrem o heroismo e a magnanimidade.

—«Mas entre a severidade do velho e o devaneio do mancebo—está a verdade.

—«Porque o céo não tem só luzeiros, nem a terra só produz flôres; mas entre as flôres está a serpente, e

com os luzeiros do céo as azas negras da noite e a cauda oblonga do cometa.

—«Assim a vida tambem é uma alternativa de dôr e de prazer—de luz e de trevas—de esperança e desesperação.

—«Porque ella é semelhante á tella urdida de cánhamo e de seda, onde igualmente se encontra aspereza e brandura.

«—Assim pois eu fallarei na tua presença, e tu pesarás as minhas palavras e a fôrça do meu discurso.»—

III

«Como fallas tão seguro de ti mesmo, quando só Deus é infallivel?

«Ou por ventura asylas no peito a verdade sómente, como na alampada do Tabernaculo oleo purissimo e sem mistura?

«Fallas do futuro como se houvesses lido a palavra do livro eterno, onde a Providencia lavra os seus decretos.

«Fallas do presente com a presciencia do futuro, e as tuas palavras são como o vinagre que se misturou com o fel.

«A um povo recente e cheio de vida chamaste caduco e breve!...

«Aos vicios da juventude—mas de nobre e de arrojada juventude, appellidaste principios de decadencia!

«Aos seus erros—aos preconceitos que lhe são inherentes—filhos da ignorancia ou da inexperiencia—julgas filhos de más entranhas e de intenções damnadas!

«Observaste attentamente a multidão dos seus vicios e não attentaste na fôrça da sua vitalidade.

«Viste que a aurora se ressentia de noite trovejada, e não julgas que o sol ao meio dia possa esplender magnifico e fulgurante.

«Ancião, mentido será o teu vaticinio, como carmes de um falso propheta.

«Porque uma infinidade de mancebos se ergueu diante dos teus olhos como um bando de volateis de sob os pés do viandante que vai distrahido, por meio da floresta sem caminho!

E elles se ergueram—bons de vontade, simplices de coração, e hardidos de intelligencia—e vão caminho do progresso á passos de gigante.

«Elles marcham rapidos como a corrente da catadupa, como a balla inverosimil, e ai do que ousar interpor-se-lhes!

«Elles galgam montes e precipicios, como os pombos do Levante, como os corseis da Ukrania, como a zebra indomavel.

«Que móle pois poderá interceptar-lhes o caminho, ou que braço válido e musculoso poderá retel-os na carreira desassombrada?

«Ancião, fólgo de crer que será mentido o teu vaticinio, como phantasmas creados por um espirito exaltado no ardor da febre, que o devora.»

IV

E o velho me tornou com um sorriso cheio de ineffavel doçura:

«Meu filho, a verdadeira sciencia não se colhe dos livros: ella vem com a meditação.

«A meditação—essa filha do ceo, que desce sobre o coração do solitario, tão silenciosa e docemente como orvalho nocturno sôbre o calix de uma flôr.

«Rainha grave e madura, que não traja o oiropel da imaginação, que não se adorna com pedrarias, porque ella é sublime na sua simplicidade, magestosa no recolhimento do seu pórte.

«Esse livro d'alma, que vós outros mancebos não consultaes, porque é austero e cheio de rigidez nos seus dictames, e porque não vos falla a linguagem acalorada e vehemente das paixões.

«Perguntas que braço os poderá reter, ou que *móle* interceptar-lhes o passo! Quem? mancebo!.

«Será o tempo que passa veloz e fugaz como a sombra; será a folha escorregadia, em que póde resvalar o pé do gigante!

«Será a vontade d'aquelle que marcou os caminhos da aurora, e que por um invento maravilhoso suspendeu o mundo nos ares.

«D'aquelle que derrama a luz sobre a terra, que dirige a harmonia dos astros, que ao sol disse: «vae incessante», e ao mar: «acabarás aqui!»

«Que ao homem disse: «caminha»; mas não lhe fez saber os limites da sua viagem; porque a sua Providencia está com elles, e os leva, como o guia conduz ao cego, como os olhos guiam a creatura.»

V

«E não sois vós, como o cégo de nascimento, que não comprehende o que é a vista, nem outra existencia além da sua?

«Sabeis por ventura que outros e melindrosos sentidos terieis, se Deus os entornasse sobre vós com mão dadivosa de padrinho sobre o regaço de noiva recem-casada?

«Não—e todavia vós dizeis na vossa consciencia; a razão é a só motora do homem, e eu andarei confiado n'ella pelo caminho da vida.

«E andais. andais, semilhantes ao coveiro, que se

alumia com uma luz vacilante, tropeçando a cada momento nas pedras dos sepulchros.

«Insensatos! pois a luz que vacilla não é a primeira que diz aos olhos dos que a veem, que ella está préstes a fallecer?

«Insensatos! pois a mesma razão não vos diz que ella é insufficiente para guiar-vos no caminho da vida?

«Certo, porém vós cerrastes os vossos olhos para não verdes—e os vossos ouvidos para não ouvirdes, semilhantes ao avarento, que não escuta o gemido da miseria, nem as preces do infortunio, sentado no mantalote do arcaz abahulado de preciosidades.

VI

«E elles vão caminho do progresso á passos de gigante!. —Quem vol-o disse?

«Por ventura basta sobrepôrmos um dia á outro dia—um anno á outro anno, e um seculo á outro seculo para avançarmos em civilisação?!

«Se não chamais «Progressista» ao homem que vae servilmente collocando os pés sobre as pégadas de outrem, como chamais grande ou progressista ao povo que só imita?

«Ao povo que á esmo adopta dos estranhos—usos—

leis—e costumes, ás vezes do peior que ha entre elles, o que d'elles passa, e vós perpetuaes?

«A nacionalidade, que é d'ella? O caracteristico de um povo, que é d'elle?

«Não sabeis vós que a planta exotica perde o mais excellente de seu aroma, e que a roseira dos Alpes produz espinhos, plantada em valles?

«Dir-vos-hei que as nações semelham os individuos.

«E se milhões de individuos morreram sem nome; tambem foram povos cujos nomes se deliram dos annaes da humanidade.

«E como existiram homens sem genio; povos tambem existirão sem elle.

«Porque elles dirão em sua indolencia;

—«Porque plantarei um pomar senão heide provar dos seus fructos?»

«E o mesmo dirão vossos filhos, e ainda o mesmo os filhos de vossos filhos; e não plantarão o pomar.

«E dirão mais no seu egoismo:—«Se eu incendiar esta

deveza, ainda me fica sombra para me asylar na calma do verão.»

«E o mesmo dirão vossos filhos, e ainda o mesmo os filhos de vossos filhos, e incendiarão as suas devezas.

«E direis mais: «Não construirei uma ponte sobre este rio, porque uma arvore collossal cahiu sobre elle á flôr da agua; e que me importa que o seu leito se encha de areias, e que não haja communicação entre os homens que habitam a sua nascença e os da sua embocadura?»

«E o mesmo dirão vossos filhos, e ainda o mesmo os filhos de vossos filhos; e o tronco permanecerá á flor d'agua, e o seu leito se encherá de areias, e não haverá communicação entre os homens que habitam a sua nascença e os que moram na sua embocadura.»

VII

«Se quizerdes atravessar o oceano, construireis primeiro um navio, e a sua construcção esgotará a vossa paciencia.

«Cerceareis arvores gigantescas, alisareis seus troncos, e depois ficarão expostas ao sol; e isto leva tempo.

«Dareis uma témpera vigorosa aos vossos alviões e ás vossas alavancas; preparareis os instrumentos e as maquinas de excavação; e isto leva tempo.

«Cavareis a terra, e d'ella extrahireis metaes para a

vossa obra, e os moldareis aos usos para que os heis mister.

«Plantareis linho, e virá o tempo da colheita, tendes depois de o seccar ao sol—de o massar, cançando os musculos dos vossos braços—de o cardar em dentes de ferro—de fiar longos fios—de tecer longas teias—de preparar cabos e amarras,—e isto leva tempo.

«Tereis de aplainar a madeira, de junctar suas taboas fortemente—preparareis tudo—aprendereis: Mathematica,—Mechanica—Geographia e Astronomia; e o largareis do estaleiro.

«E por fim o poreis em lastro para que elle não mostre a quilha, e obedeça ao leme, e então vos aventurareis sobre o oceano.

«Fazei assim tambem com o povo; preparai tudo de antemão, porque elle carece de mais cuidados do que no navio, e o seu caminho é mais vago e mais perigoso que o oceano.

Se quereis plantar utilmente, adubai vossos campos; se quereis colher muito, esperai a estação da mésse.

Se quereis fundar um edificio, cavai-lhe os alicerces na razão da sua altura.

«Porque não haveis de plantar em sólo indomado, nem haveis de colher fructos temporãos, nem edificar sobre a areia.

«Fazei assim com o povo; dai-lhe idéas do util e do justo, e elle irá caminho do progresso.

«Mas isto leva tempo, e vós o não quereis perder para o haverdes em tresdobro.

«Não o deixeis ir á mercê do destino, como um navio sem lastro.—Instrui-o primeiro, e elle será livre.

«Instrui-o para que se não diga que edificastes em terra sáfara, que quereis colher fructos temporãos, ou que edificastes sobre a areia.

«Dai-lhe Deus por base da sua instrucção, porque Deus é o principio da moral e da justiça; e sem moral, e sem justiça que será do povo?

«Dai-lhe Deus por base da sua instrucção, porque Deus é o caminho, e a luz, e a verdade, e fóra d'elle não ha progresso.

VIII

«Mas vós dissestes no vosso orgulho—«O povo manda—o povo é soberano; e eu governo o povo.

«Porque eu lhe infundo respeito, e elle aninha minhas palavras no fundo do seu coração, como em vaso cerrado em licor precioso.

«Porque eu o intimido com a minha presença, e elle se curva diante de mim como um tigre diante do homem que o soube domar.

«Porque eu não censuro os seus vicios,nem reprehendo as suas maldades; mas protejo vicios e maldades,

que me não prejudicam, e domino por via da lisonja.

«E o povo disse:—«Se elles nos lisongeiam, é porque somos os mais fortes, e se soffremos, porque tambem não faremos soffrer?!»

«—Não nos disseram elles: «O homem é livre! E o que é ser o homem livre senão póde fazer aquillo que lhe aprouver, semilhante á cria do onagro!?

«—Não nos disseram elles: «Todos somos iguaes, somos todos irmãos»? E o que é sermos iguaes, se não formos todos aferidos pela mesma medida? O que è sermos todos irmãos, se não é que devemos ter todos uma igual porção de bens, como se partilha a herança de um pai pelos filhos que lhe sobrevivem!?»

«Elles o dirão! e no afferimento lançarão na balança todos os seus vicios e turpitudes para contrastar a sciencia e virtudes d'aquelles,de quem se dizem iguaes.

«E para que o fiel da balança os não atraiçôe no dia em que reinar a soberania do povo, elles interporão a lamina da sua espada, e ai do que ousar ir contra a força, porque ella é soberana!

«E os que julgavam dominal-o por todo o tempo da sua vida, serão os primeiros ludibriados—escarneci-

dos—e martyrisados, porque elle se lembrará que obedeceu passivamente, e ser-lhe-ha grato saborear a vingança do escravo feito senhor!

«Ser-lhe-ha doce a vingança e a crueldade, porque ambas são instinctos da féra, e tal como a féra é o povo que despedaça a obediencia qual o tigre aos varões da sua jáula!

IX

«Vós introdusistes um scisma entre o povo—illudindo-o com palavras dobradas—enthusissmando-o com labios dolosos.

«Destes-lhe esperanças de uma nescia utopia, assegurastes-lhe direitos impossiveis de se realisarem.

«Nas trévas e em silencio preparastes um veneno subtilissimo com uma mascara de vidro no rosto.

«Nas trévas e em silencio aguçastes o punhal da discordia, e disséstes:—«nós o embotaremos, quando nos aprouver.

«E quando nos fôr mister rejeitar a sua força, nós lhe poremos um dique como á furia do oceano, e elle se conterá nos seus limites.—»

«Mas porventura póde contar com a vida aquelle que prepara venenos em tamanho segredo, como o que fabrica moeda falsa?

«Não será tão forte o veneno que despedace a mascara de vidro do seo rosto, ou será ella tão hermeticamente fechada que o alkimista não deve ter receio de aspirar se quer um átomo desse licôr pernicioso?

«E o alfageme ou cutileiro que burne uma espada, ou aderéça um punhal, póde acaso dizer de convicção; —«esta espada não se empregará no méu corpo, nem este punhal se hade tingir do meu sangue?

«Pois em verdade vos digo que será o primeiro escarnecido—ludibriado—e martyrisado aquelle que se julgar dominador por todo o tempo da sua vida.

«Porque o Senhor disse:—«E se algum de vós quizer dominar sobre os seus irmãos, tornar-se-ha o ultimo d'entre elles.»

«E assim será por todo o sempre, porque a palavra do Senhor é eterna.»

X.

E a voz do Ancião morreu nos seus labios, como o apenas perceptivel murmurio da agua, quando o clepsydra marcou a sua hora derradeira.

E eu escutei as suas palavras, ainda muito tempo depois que elle cessára de fallar,—triaga amarga que em minha alma despertou mil pensamentos dolorosos.

Mas a esperança me não abandonou neste momentaneo abatimento do meu espirito, e eu alevantei a minha voz no ardor da minha esperança e do meu enthusiasmo.

«Será como dizeis, que me parece, que em silencio, e longos annos haveis meditado com espirito socegado e consciencia tranquilla?

«Mas eu alevantarei a minha voz na tua presença, porque me quero enriquecer com a tua sabedoria.

«E quem sabe? Acaso não resulta o clarão do relampago do choque de duas nuvens carregadas de electricidades oppostas?

«Pois talvez que a verdade resulte da imaginação e da experiencia—a imaginação, que é fogo e crê, e a experiencia, que é gêlo e duvida!

Direi pois:

—A vista humana, em que penetrante, póde acaso espreitar o segredo da abelha, ou seguir a germinação da semente no seio da terra?

—Como pois poderá ella aventar o futuro, que é mais imperscrutavel que o seio da terra, e mais opaco que o cortiço da abelha?

—Tu disseste:

—«Vós vos lançastes no caminho da vida, tão loucos, como o corsel generoso, em cujos ouvidos mãos

de genio malefico houvessem derramado o azougue inquieto?

—«E na vossa carreira pasmosa arrastaes comvosco o povo; porque elle vos é mister para as vossas maquinações.

—«E para que o povo não sentisse os espinhos, de que está irriçada a senda por onde o tencionaveis levar, mandastes soalhal-a com tapetes de recamos triplicados.

«—E mandastes pavesar as suas alamedas com flôres recem-colhidas, e com arbustos verdejantes, trazidos de longas terras, para que ao travez d'ellas não visse o povo a terra inculta, e a fome de dentes ponteagudos,—batendo com força uma contra a outra as maxillas emmagrecidas.

—«E dissestes-lhe: «O vosso caminho é este, e elle seguiu servilmente o caminho que lhe indigistastes; porque vós o dominaes por vía da lisonja, pactuando cobardemente com a sua immoralidade.

—«E no vosso correr desvanecido não perfazeis um momento qualquer rematado com algum pensamento util ou grande.

—«E embalde vós mesmos procurareis para o futuro

alguma obra vossa, em que possais descansar os olhos enfraquecidos pela velhice, dizendo comvosco na vossa consciencia:—Minha vida não foi inteiramente inutil!

—«E debalde procurarão vossos filhos pela extensão do vasto Imperio uma pedra, que indique o que seus pais fizeram, e ávista da qual podéssem elles clamar gloriosos:—Nossos paes foram grandes!»—

«Ancião, tu enumeraste escrupulosamente os seus erros e concluiste comtigo:—o povo vanglorioso e impávido não póde durar muito.

«Eu porém levantarei a minha voz na tua presença, e derramarei meu pensamento na tua alma, para que escutes a minha voz, e para que respondas ao meu pensamento.

«Porque tu esclareceste a minha alma, e eu me quero enriquecer com a tua sabedoria.

XI

«Escuta-me pois:

«O homem, que pela primeira vez entra em Piza, e vê o pendor da sua torre, sobre que ainda não ouviu dissertar, dirá com a sua orgulhosa ignorancia:—a torre cahirá!

«E o mesmo dirá aquelle que de sobre a torre de Asinelli vir a Gravisenda curvar-se para o seu lado, como um gigante em postura humilhada aos pés do que o domina.

«E pasmará se lhe disserdes que muito tempo se con-

sumiu com a Gravisenda e mais de dois seculos com a torre de Piza,

«E subirá de ponto o seu pasmo, se acrescentardes que a obliquidade d'essa torre, causada por terremotos, resiste ha muitos seculos—á foice do tempo—á intemperie das estações, e ás violentas commoções do terreno.

«Porém o architecto reconhece que ella é tão estavel, quanto o podem ser obras de homens, e que a sua força ahi está inteira no equilibrio do seu centro de gravidade.

«E debaixo della dormirá tão socegadamente, como o guerreiro debaixo da sua tenda de campanha sob a protecção da sua espada.

«Ancião, tu és como o viajor que entra em Piza ou em Bolonha, e contempla a obliquidade das suas torres

«Homem extranho ás leis da gravitação e do equilibrio, que, cheio de terror philantropico, teme presenciar a sua quéda!

«Assim tu, julgando á maneira do vulgo, disseste:—«Este povo acabará!»

«Porque esse povo te parece instavel e prestes á de

moronar-se com o peso das suas instituições contrarias ou divergentes.

«Mas o que tu não sabes é que esse povo tem uma força, que o ampara, e que o sustenta validamente.

«Que essa força é o seu centro de gravidade, e que o seu centro de gravidade—é o patriotismo.

«Se alguma vez o estudaste attentamente, deverás ter observado que essa força se tem ramificado por todas as grandes divisões politicas—por todas as classes—e por todas as familias.

«E que essa força assim ramificada e dividida avigora a todos os individuos, porque mais do que as nossas instituições civis e politicas, a que ainda não nos acostumamos, o nervo da nossa sociedade é o patriotismo.

«Amor de patria! —Tu o encontrarás nos homens que mandam e nos homens que obedecem—n'aquelles dos quaes por suas fazendas o governo precisa, e n'aquelles que por serem proletarios não dependem do governo.

«Encontral-o-has—em todos e em toda a parte, como em cada milha quadrada das provincias do sul encontras um penhasco, e em cada braça quadrada das provincias do norte encontras uma palmeira.

«Derrama os olhos por todas essas grandes familias, que povoam a superficie da nossa esphera, e dize-me se em algumas d'ellas encontraste amor de patria mais pronunciado e mais forte?

«Se já estudaste a nossa sociedade, terás encontrado a raiz d'esse elemento em toda a parte: e se já estudaste a historia da humanidade deves de saber que com tal elemento existirá hoje ou amanhã a liberdade, e que um povo com a consciencia dos seus direitos não póde perecer!»

XII

Então, como se nas minhas palavras travejasse o erro ou a mentira, o Ancião me respondeu com rispidez alheia do seu caracter benevolo:

—«Não, em parte alguma tenho eu visto, mais do que entre vós outros, ostentação de amor de patria e de liberdade.

—«E parece que n'isso fazeis gala, como que vos esforçais de o parecer aos olhos de todos.

—«Tu porem deves de saber que a ostentação é a mascara do fingimento, e que só a verdade não usa trazer

roupagens sobre os membros, nem mascara sobre o rosto.

—«Mancebo, condôo-me das tuas illusões, e da tua inexperiencia, porque és simples de coração e de intelligencia, e nutres boa vontade.»—

XIII

E a sua mão tocou de novo as minhas palpebras, e as minhas palpebras scintilaram de novo, e um panorama se desenrolou diante dos meus olhos.

E eu seguia com avidez as visões, que se me offereciam aos olhos, como uma phantasmagoria tenebrosa; e os meus olhos tinham a fixidez e a immobilidade da loucura.

E o meu peito arfava de cansaço, e o meu coração se contrahia com a dôr, e a minha respiração tornava-se difficil e dolorosa.

E uma voz retumbante me gritava aos ouvidos— «vê»—e eu continuava a fixar o espectaculo doloroso!

Uma mão robusta me comprimia o peito, e a mesma voz me gritava aos ouvidos: «arqueja», e o meu peito arquejava com força.

Umas tenazes me apertavam o coração com dentes de ferro; e a mesma voz me bradava aos ouvidos:— «sangra»; e o meu coração vertia sangue!

E por fim as forças me faltaram e eu cahi exanime, abatendo a terra com o peso do meu corpo.

Cachias—Julho de 1845.

CAPITULO III.

I

Como o viajor, que vai emprehender longa viagem, bebe pela ultima vez da agua pura e transparente do seu patrio rio, de que elle bem de vezes se hade recordar nos areaes do mundo;

Assim o meu espirito, confundindo o presente com o passado, assistia com praser ineffavel ao espectaculo das eras transactas.

E como o viajor descobre n'essa agua, que elle assim bebe quasi sem vontade, um gosto exquisito e delicado, em que elle até ali não attentára;

Assim eu tambem, com a triste experiencia do presente, encontrei nas scenas da natureza e da sociedade em seu começo quadros bellissimos de poesia e licções de moral sublimes, que são como inherentes á natureza do homem.

E vi que uma geração numerosa e não corrompida cobria a extensão do vasto Imperio.

Muitos homens descansavam contra as suas palmeiras gigantescas com tal placidez que me recordavam o ar tranquillo das estatuas gregas, e a attitude magestosa do leão quando descansa nos páramos da Lybia.

E elles estimavam em mais a vida do valente que morria no meio dos combates, do que a vida do homem cobarde que era entre elles como um aborto, ou antes como a feitura de um genio escarnecedor.

E elles adoravam a mão do Senhor no fulgir do raio, no rouquejar do trovão e no bramir das tempestades.

E ouviam a voz de seus pais nos ventos que açoitavam as folhas dos bosques, rugindo nos palmares com o fremito das sedas, e cavando a superficie das aguas em direcção contrária á sua corrente.

E escutavam o espirito dos finados murmurando docemente nas petalas das flores, e embalsamando o

ar com a brisa do cahir da tarde, ou com a aragem fresca da manhã.

E cantavam os seus feitos aos sons retumbantes do boré, e festejavam a victoria com jogos de guerreiros.

E o seu amor era—a independencia, a sua esperança—a gloria, a sua vida—o trabalho, e o seu pensamento forte e livre como as vagas do oceano.

E os seus filhos obedientes e respeitosos aprendiam de seus pais que no deserto da vida a hospitalidade é a primeira e a mais bella das virtudes.

E quando elles acordavam á luz da vida era um arco e uma frecha os primeiros objectos em que os seus olhos attentavam, e elles conheciam como por instincto que se a sua vida era a guerra, a coragem devia ser a primeira das suas qualidades.

E as suas virgens eram louçãs como a flor dos campos, e puras como o orvalho da noite, e bellas como a luz da aurora.

E conheciam os segredos dos simplices, d'aquelles que são como um balsamo para as feridas dos valentes, e dos outros que distillam veneno tão forte, que os homens lhe não conhecem antidoto.

E as suas mãos delicadas adornavam a frecha com pennas de mil côres, e embutiam a maça com relevos trabalhados.

E os seus labios entoavam canções de guerra tão energicas que exaltavam o espirito dos homens, como se foram taças de cauim fortissimo.

E ai do cobarde, porque nunca a flôr da acacia desceria sobre a sua fronte orgulhosa, deitada pela mão da donzella no ardor dos seus amores.

E ai d'elle, porque nunca a moça enamorada viria debruçar-se sobre o seu leito para arrancar-lhe com mão tremula a frecha que testemunha a sua valentia.

E ai d'elle, porque a terra é dos valentes, e o cobarde não tem ingresso no banquete dos ceos, onde os velhos contam as suas proesas, e folgam de avistar densas florestas, onde pula a onça mosqueada e o tigre relusente.

II

E a visão levou-me insensivelmente dos homens da natureza aos que chamamos civilisados.

Uma infinidade de navios aportavam a todos os pontos do vasto Imperio, como se dos fundos mares surgissem os gigantes monstros que ahi dormem seculos sem fim nas grutas immensas de coral tapetadas de sargaço.

E esses navios tinham o pez do casco todo cortado e amarellecido com o salitre das ondas, e o velame roto pela furia da tormenta, e os cabos puidos com o forcejar continuo dos marujos.

E n'esses barcos vinham quasi tantos homens de tripulação, como nos navios monstros da antiguidade sumptuosamente construidos por Ptolomeu o Philopator.

E quem visse tantos homens apinhados sobre o convez—emmaranhados pelos cabos—guindando-se pelos mastros, ruidosos, confundidos, baralhados, julgaria ver esses navios portuguezes da carreira da India, que o viajante encontra na soidão dos mares.

Não eram homens crentes, que por amor da religião viessem propol-a aos idolatras, nem argonautas sedentos de gloria em busca de renome.

Eram homens sordidamente cubiçosos, que procuravam um pouco de oiro, prégando a religião de Christo com armas ensanguentadas.

Eram homens que se cobriam com o verniz da gloria, destroçando uma multidão inerme e barbara, oppondo a balla á frecha—e a espada ao tacápe sem gume.

Eram homens que prégavam a igualdade tractando os indigenas como escravos—invilecendo-os com a escravidão, e açoitando-os com varas de ferro.

E o paiz tornou-se a sentina impura de um povo

pygmeu, que para alli reservava os seus proscriptos, os seus malfeitores, os seus forçados e as fezes de sua população.

Então começou a luta sanguinolenta dos homens dominadores contra os homens que não queriam ser dominados—dos fortes contra os fracos—dos cultos contra os barbaros.

Começou então a luta porfiada, que de Porto-Seguro lavrou até á margem esquerda do Prata—e d'alli correu ás margens do Amazonas com a rapidez do ar empestado.

Ouvia-se de instante a instante o som profundo, cavernoso e agonisante de uma raça que desapparecia de sobre a face da terra.

E era horrivel e pavoroso esse bradar do desespero como seria o de milhões de individuos que ao mesmo tempo se afundassem no oceano.

E cadaveres infindos, expostos á inclemencia do tempo e á profanação dos homens, serviam de pasto aos animaes immundos.

E elles tinham o livido semblante voltado para o ceo, e pela boca das suas feridas, que manavam sanie, pareciam clamar justiça ao Deus que os havia creado.

E outras vezes o grito era tambem immenso e unico, porem de sons variadissimos e distinctos, revelando cada som uma dôr terrivel ou uma agonia profunda.

É assim que um espelho colossal se parte em mil pedaços, e em cada um dos seus fragmentos retrata o mesmo objecto na sua quasi integridade!

E uma outra raça, emigrando da terra do seu nascimento, rasgava-se em grupos de conhecidos, e os conhecidos em grupos de familias, e as familias tornavam-se individuos.

E os individuos eram perseguidos por toda a parte, acoçados como féras e assassinados impiedosamente!

Assim nas montarias o lobo que tenta evadir-se encontra por toda a parte um homem, e em redor de si contempla um circulo de ferro, que rapidamente se extreita em seu damno.

E em cada homem elle vê um inimigo, e em cada inimigo a embriaguez do sangue activada pela rapidez da caçada.

E elle arranca por *fim cheio de terror* por entre essa alameda viva, e vai *metter-se no fojo*, onde o espera a *morte inevitavel.*

E a luta durou por muitos annos, até que na taba das tres embocaduras—um indio converso—o primeiro Brasileiro que encontramos na Historia—cioso da liberdade em que nascêra, morreu nobremente de morte ignominiosa por ordem de um Albuquerque.

E a Europa intelligente applaudiu a nação maritima e guerreira que ao travez do oceano fundava um novo Imperio em mundo novo, viciando-lhe o principio com o cancro da escravatura e transmittindo-lhe o amor do oiro sem o amor do trabalho.

E os valentes soltaram o grito da victoria, e em lembrança d'ella quizeram assentar uma cruz no sólo por elles conquistado.

E no chão que elles cavavam para o assento da cruz encontraram uma veia de oiro, que os distrahiu do seu trabalho.

E a cruz ficou por terra em quanto elles espalhavam prodigamente o azougue fugitivo para descobrir o deposito do metal precioso.

E viu Deus que a nação conquistadora se tinha pervertido e marcou-lhe o ultimo periodo da sua grandeza.

E deu-lhe uma longa serie de annos para que ella

lastimasse a sua decadencia, e conhecesse a justiça inexoravel do Todo-Poderoso.

Ella tornar-se-hia fraca, porque tinha escravisado o fraco—incredula porque tinha abusado da religião—pobre porque sobremaneira tinha amado as riquezas—e curvada sob um jugo de ferro, porque tinha sido tyranna.

E todas as nações do mundo passariam diante della, comparando a sua grandeza d'outros tempos com a sua miseria de então.

E ella tornar-se-hia o oprobrio das gentes, de maravilha que tinha sido.

III

E os vencedores exultavam com a sua gloria?

Tranquillos elles haviam adormecido no regaço da victoria, prodigalisando despreso á nação conquistada.

E a nação conquistada sentiu enraizar-se cada vez mais profundamente em seu coração a malquerença de rivaes e o sentimento do odio que alguns myopes chamaram inveja.

E entre a supposta inveja de uns, e o despeito maldisfarçado de outros, crescia o desejo da vingança como

a planta de facil crescimento no chão em que ella sóe nascer.

E ella appareceria com o andar dos tempos tão horrorosa como o rebate nocturno em cidade sitiada, ou como os sons frequentes do bronze que apregôa o incendio pelo meio da noite.

E ai do que se julgassse invencivel ou que houvesse usado do despreso como de uma arma defensiva, adormecendo desdenhosamente na vespera da batalha!

E ai do valente e corajoso que despresa a força do homem ou da natureza, por insensivel que seja esta, por despresivel que pareça aquella!

Porque elle será como o navio imprudente que despresa o grão de arêa onde se irá encalhar, ou como a balêia orgulhosa que zomba da attracção poderosissima do Maelstron.

IV

E os vencedores conheceram que para subjugar as opiniões de um povo é preciso genio além de incomparavel força bruta.

E conheceram tambem que despresar o vencido é excitar um esforço magnanimo no gladiador, que arqueija sobre a arena do amphitheatro.

E elle, que poderia morrer vencido, exhalará o derradeiro alento soltando o grito de triumpho.

E assim aconteceu de feito.

Uma voz sonora e retumbante partiu do Ipyranga e foi do mar aos Andes e do Prata ás margens do Amazonas.

E todos se ergueram violenta e instantaneamente como um cadaver por virtude do galvanismo.

E soltaram o mesmo brado com voz enthusiasta e forte, e travaram das armas com a impavidez do guerreiro e com a esperança do homem que pugna em favor da justiça.

E a corrente que prendia um Imperio a outro Imperio, fràca com o seu comprimento, estallou violentamente em mil pedaços.

E os dois Imperios soltaram dois gritos simultaneos;—era de um lado o despeito do caçador que vê fugir-lhe a presa, e do outro o contentamento da aguia quando pela primeira vez ousa fitar a luz do sol e a balançar-se nos campos incommensuraveis do espaço.

E os homens, que eram livres, regosijavam-se com a victoria do povo emancipado, e os que eram tyrannisados afiavam com mais ardor a espada da liberdade nas escadas dos potentes.

E a Europa da outra extremidade do Atlantico applaudiu o arrojo do povo nascente, semelhante ao militar en-

canecido nas fadigas da guerra que sorri-se de praser aos altos feitos do novel lidador que tão grande se revela em seu começo.

Á extremidade da corrente, que era soldada ao Imperio conquistador, era um espigão adentado que ao destacar-se lhe arrancou as entranhas.

E a outra extremidade, que terminava em um espigão bifurcado, como duas curvas simicirculares e divergentes, não se pôde desligar da sua base e cahiu sobre o oceano.

Só um bom mergulhador poderia dizer qual era o seu comprimento, porém nenhum houve que se affoitasse a tanto. Todos comtudo a podiam ver, porque por toda a parte como em todas as coisas existiam signaes d'ella,e ninguem tentava arrancal-a, porque era forte e bifurcada.

Sómente a ferrugem a poderia enfraquecer com a revolução dos annos e com o salitre das ondas.

V

E os homens, que se haviam congregado para perfazerem a obra da redempção, dividiram-se depois da lide em massas poderosas, não segundo a diversidade das opiniões, porem segundo a variedade das côres.

E estas grandes divisões formavam o concilio do povo, que discutia os seus interesses.

E os homens que costumam a raciocinar sobre as coisas, como ellas são e não como devem ser, levantaram-se e disseram:

«Os homens de côr preta devem servir, porque

elles estão acostumados á servidão de tempos mui remotos, e o costume é tambem lei.»

E os philosophos disseram:

«Os homens de côr preta devem servir, porque são os mais fracos, e é lei da natureza que o mais fraco sirva ao mais forte.»

E os proprietarios disseram:

«Os homens de côr preta devem servir, porque são o melhor das nossas fortunas, e nós não havemos de as desbaratar.»

Então alevantou-se um acalorado rumorejar de vozes, e todos concordaram que a voz dos philosophos e dos proprietarios era a voz da razão e da justiça, e devia ser escutada.

E os homens de côr branca tambem se levantaram e disseram:

«Nós constituimos a maioria da nação e somos d'entre todos os mais ricos.

«Fomos nós os autores da regeneração politica e a intelligencia é o nosso apanagio.

«Ora é lei da natureza que a alma governe o corpo; e que a sabedoria governe a ignorancia.

«Nós então ficaremos com o poder, porque somos os mais ricos e os mais intelligentes.»

E os homens da mesma classe disseram que tinham bem fallado seus irmãos, e que a sua pretenção era justa e devia ser attendida.

E os homens de raça indigena e os de côr mestiça—disseram em voz alta:—«E nós que faremos?

«Qual será o nosso logar entre os homens que são senhores, e os homens que são escravos?

«Não queremos quinhoar o pão do escravo, e não nos podemos sentar á meza dos ricos e dos poderosos.

«E no emtanto este sólo abençoado produz fructos saborosos em todas as quadras do anno—suas florestas abundam de caça—e os seus ríos são piscosos.

«Os brancos governam—os negros servem—bem é que nós sejamos livres.

«Vivamos pois na indolencia e na ociosidade, pois que não necessitamos trabalhar para viver.

«Separemo'-nos, que é força separarmo'-nos, lembremo'-nos porém que somos todos irmãos, e que a nossa causa é a mesma.

«E seremos felizes, porque os individuos carecerão do nosso braço para a sua vingança, e os homens politicos para as suas revoluções.

«Deixar-nos-hão no ocio, porque precisarão de nós—e porque a nossa ociosidade lhes será necessaria.

«E nós seremos felizes.»

E os homens de côr branca disseram que o homem era senhor da sua vontade, e que a resolução dos indigenas e dos homens de raça era fundada em justiça.

Assim se fez.

Por tal modo que no vasto Imperio ainda não tinha havido quem quizesse fomentar uma revolução, e não achasse milhares de Lazzaroni promptos a secundarem-no.

E que não houvesse um individuo sem a possibilidade de fazer assassinar outro impunemente por um punhado de cobre invilecido.

Porém os homens, que habitavam as grandes cidades, pareciam ignorar estas coisas, e o governo es-

queccia que o ocio produz crimes, como a terra em pousio produz hervas agrestes e malfazejas.

Parecia ignorar que, se nas cidades populosas basta um punhado de homens para garantir a segurança individual, no sertão e no interior das provincias é sobretudo necessario que o homem se convença da sua propria dignidade e tenha conhecimento da moral e da religião.[1]

[1] Até este ponto encontra-se este trabalho nas pag. 101, 125 e 171 do Tomo Primeiro do *Guanabara*, sendo o que se segue inedicto, bem como alguns trechos d'estes capitulos, que foram omittidos na parte publicada n'esse jornal.

A. H. L.

VI

E a minha visão quebrou-se repentinamente, e os meus olhos divagaram por toda a extensão do vasto Imperio.

E como insectos embellesados em redor do clarão vivissimo de alampada nocturna, elles fixaram-se fascinados sobre uma cidade populosa, que lá se erguia em uma das suas extremidades.

E a cidade era soturna e silenciosa, e erguia-se tão soberba como a palmeira da varzea entre arbustos mal nascidos.

Nessa mudez apenas se ouvia o passo compassado

das suas vigias, e o grito das sentinellas bradando alerta de espaço a espaço.

E em uma das suas extremidades erguia-se um castello, como que isolado das outras habitações por um sentimento de respeito.

E ao travez das janellas amplamente rasgadas desse castello via-se a luz dos candelabros de prata e de oiro, e de lustres de mil faces, que refrangiam a luz com côres vivas e brilhantes. E esse luseiro repercutindo nas vidraças coloridas das janellas amplamente rasgadas derramava sobre os tectos distantes e sobre a praça deserta uma luz amortecida e avermelhada.

E assim no meio de trevas tão espessas era como um cometa no espaço, ou como a fogueira do atalaia ardendo sobre um monte elevado d'onde todos a podessem vêr.

E a minha vista passando ao travez do castello fortemente construido viu na sala splendidamente illuminada muitos homens que se entretinham como em conselho.

E esses homens antipodas dos Diogenes e Cincinatos trajavam vestidos magnificos e adereçavam-se de brilhantes e de joias.

E elles praticavam entre si sobre os seus interesses e dispunham do povo, em quanto que o povo dormia tranquillo na sua indolencia.

VII

E um d'elles, que era moço e ardente, e tinha todas as illusões da virtude e da mocidade alevantou-se e disse:

«Nós somos d'alta cathegoria e temos um encargo penoso e grande—e alta é a nossa missão sobre a terra.

«No fastigio das grandezas onde Deus nos ha collocado—os homens e as nações passam diante de nós e nos observam escrupulosamente.

«É-nos pois necessario fazer o bem que podérmos

e arredar dos nossos conselhos o espirito do mal que nos tem como em assedio.

«E não devemos ser como actores representando a comedia da vida perante spectadores turbulentos— porém como sacerdotes da religião no meio de turba severa e recolhida.

«Seremos como o rei sentado no seu throno d'oiro e de marfim, involto em respeito e magestade, e não como o criminoso no pelourinho, exposto ás injurias das turbas e aos doestos da população.

«E os homens bemdir-nos-hão—passando—pelo bem que lhes houvermos feito, e nos cobrirão de applausos.

«Porque é o maior esforço da intelligencia ser admirado pelas turbas, emquanto que o mais subido galardão da virtude são as lagrimas derramadas pelo agradecimento.

«E se desabarmos algum dia do cume das grandezas, as nações virão ler os nossos nomes nos nossos pedestaes, orphams de estatua, e dirão que fomos dignos da nossa fortuna, e que somos credores da veneração dos homens.

«E o nosso nome voará de boca em boca—de paes

a filhos—até ás mais remotas gerações, e o esquecimento não prevalecerá contra elle.»

E nos labios d'esses homens enrugados pela velhice lusiu um sorriso sarcastico e leve que mal pôde acordar o echo do aposento.

E como se um genio maligno alli estivesse occulto, o som foi pelo echo repetido com um acento de mofa indefinivel.

Porque nunca aquellas palavras tinham sido proferidas n'aquelles logares com tal intimativa, nem com tanta credulidade.

Assim era, porque a alma do mancebo que fallára, era como a lamina virgem e fulgente de uma espada, que reflecte os objectos na sua superficie, e turva-se ao menor sopro.

E as almas dos velhos, que o escutavam, eram como a folha de uma espada coberta de ferrugem, que só parece brilhante nos pontos em que lhe cae uma nodoa de oleo ou de sangue.

E um d'estes levantou-se e disse:

«Fallaste como quem tem a licção dos livros sem a licção do mundo, como quem só tem vivido com os philosophos e nunca com os homens.

«Longas horas passaste contemplando a nitidez de uma noite serena, e a tua imaginação encandecida te fez escutar a harmonia desconhecida dos astros, como sons de harpa vaporosa esquecida na amplidão das selvas.

«E durante esse longo imaginar não déste um passo no caminho da vida; porque então um grito de dôr haver-te-hia chamado á realidade.

«E revolverias o pó para encontrares o espinho que te fez baixar de tão alto, ou o verme despresivel que póde quebrar tão funda meditação.

«E assim é com razão, porque a vida do homem é na terra, e quem como Icaro se arroja ás nuvens, como elle arrisca perder-se.

«E o que é a gloria senão o orgulho do barro, que não quiz perecer na terra de que elle é filho?

«O que é ella senão a vaidade do homem, como a que sobre os restos pollutos de um cadaver construe um monumento sumptuoso?

«O que é ella senão o echo de um nome que cada nova geração vai repetindo cada vez mais duvidosamente até sumir-se no olvido?

«E quantos mimosos da fortuna não são hoje pre-

conisados, que amanhã terão em recompensa dos seus feitos—desdoiro e labéu?

«E quantos outros estygmatisados pelos nossos avós na sua columna de maculado renome não se sentarão á direita do Senhor, que os terá escolhido partícipes da sua immortalidade?

«É por isto que Deus disse sómente aos homens—vivei—e não lhes deu o renome como fim a que deviam tender em suas acções.

«Porque os juizos da terra são falsos e filhos de paixões, e não merecem o sacrificio dos homens nem a approvação de Deus.»

VIII

E outro velho levantou-se e disse:

«Maravilhosamente fallou nosso irmão; e as suas doutrinas são filhas da razão e da experiencia.

«Eu porém fallarei em parabolas, porque ellas são simplices como a verdade, e todas as intelligencias podem alimentar-se com a sua substancia.

—«Um dos poderosos da terra lançou os olhos em redor de si e viu que os seus rebanhos não tinham numero, e que as suas terras não tinham medida, e que um exercito de escravos se derramava em redor da sua habitação.

«Viu que as suas terras eram ferteis—os seus rebanhos nedios—e os seus escravos humildes.

«Viu tambem que o seu harem encerrava as mulheres mais formosas do globo, simillhante a uma estufa cuidadosamente entretida por um habil naturalista.

«E viu mais que todas as mulheres pleiteavam a honra de servil-o, que todos os seus escravos abaixariam a cabeça para que elle os decapitasse com mais facilidade, e que todos os homens se curvavam diante d'elle.

«Então o orgulho embriagou sua alma e elle disse arrogantemente:—Eu sou um homem poderoso, e ninguem ha que me resista.

«Um dia porém lhe cahiu entre as mãos uma folha de papyro ennegrecido pelos seculos.

«E elle viu que essa folha mesquinha tinha resistido a muitos seculos e sobrevivido a muitas gerações.

«E elle tremeu da sua fragilidade; porém os seus labios repetiram ainda:—Eu sou um homem poderoso e ninguem ha que me resista!—

«E mandou chamar uma infinidade de operarios, e lhes deu o plano de um edificio immenso e magnifi-

co—como, feito elle—não haveria outro sobre a terra.

«E lhes disse:—«Fareis este edificio, que me servirá de sepulchro a mim e ás minhas escravas, que serão sepultadas commigo.

«E depois da minha morte—os meus escravos virão açoital-o com a fronte envilecida pela escravidão, em signal de respeito á memoria do seu senhor.

«E os homens virão admirar a maravilha creada pela força da minha vontade, e o meu nome irá de bocca em bocca por seculos dos seculos.»—

«E os operarios disseram que muitos annos eram necessarios para construil-o, e que muita fazenda se gastaria com elle.

«E o homem rico lhes respondeu:—Dar-vos-hei as fazendas que forem precisas, e tomai os annos de que carecerdes.

«Porque eu sou rico e poderoso, e ninguem ha que resista á minha vontade.—

«E os operarios trabalharam alguns annos, e a obra apenas começada promettia ser para o futuro um prodigio assombroso da hardideza humana.

«Porém o senhor falleceu n'este entrementes, e os seus herdeiros disseram entre si:

—«Porque havemos nós de condescender com a vontade do homem orgulhoso, esperdiçando os nossos bens em cousas de nenhum proveito?

«Construamos antes algumas cabanas, e habitemol-as com as nossas mulheres.»—

«Despediram pois os operarios—e a obra ficou apenas começada, e ninguem se quiz aproveitar d'ella.

«Sómente um pobre velho cortou algumas palmas, e sobre um dos andaimes cobriu no meio do edificio uma parte da área, para que lhe servisse de abrigo.

«E os que passavam maravilhavam-se d'esta monstruosidade, e diziam sorrindo:—O que quer dizer um kagado ás costas de um elefante!?—

«Mas os herdeiros conheceram por fim que n'essa obra talhada tanto ás largas havia proporções para um palacio magnifico.

«E mandaram chamar os operarios para o rematar; porém o architecto tinha morrido, e ninguem houve que se atrevesse a correr-lhe uma abobada.

«E o edificio ao mesmo tempo—palacio e tugurio—permaneceu incompleto, e os homens continuaram a passar por diante d'elle.

«E como não tivessem a imaginação da tempera d'aquella que o tinha concebido sorriam-se do elefante e do kagado—tão visivelmente casados.»

Assim fallou o velho, e a sua parabola tinha um sentido alto e profundo, que os homens não comprehenderam, e em que elles não quizeram reflectir.

IX

Então levantou-se o terceiro velho e disse:

«Opinaram nossos irmãos que a primeira lei humana era viver sem curar da gloria; e a segunda ser util sem curar da grandesa.

«Porém procurarmos a felicidade de um povo como o nosso, que ignora os seus verdadeiros interesses, seria arriscar-nos a sermos apedrejados por elles.

«Porque seria mister torcel-o para tornal-o a metter no caminho da civilisação, e elles clamariam contra o despotismo que tentasse pôr côbro ás suas licenças.

«Bem seria encanar um rio, cujas aguas transbordam, porém não será crime deixal-o entregue ás suas proprias forças—embora ensope os campos.

«Deixemol-o pois correr a seu talante, e não curemos d'elle, para não sermos apupados pelo bem que lhe tencionamos fazer.

«Curemos de nós sómente, porque é este um seculo interesseiro e egoista, e nós não devemos ser excepcionaes, nem podemos ser melhores que todos.

«Curemos de nós sómente, porque seremos respeitados conforme os nossos haveres, e não soffreremos o escarneo do povo quando lhe pedirmos uma esmola em nome do bem que lhe houvermos feito.

«Curemos de nós sómente, porque a vida é breve—precario o nosso logar—e instavel a aura do povo e o favor do monarcha.

«Curemos de nós! e Deus nos levará em conta termo'-nos deixado arrastar pelas opiniões do nosso tempo, como um madeiro pela córrente.

«E em favor da nossa fraquesa elle nos perdoará de não sermos como o bom rei Codro, ou como a familia magnanima dos Fabios que se sacrificaram pelo seu povo.»

Então contou elle a historia de Belisario o general romano, cego e mendigo, que esmolava pelas encrusilhadas, depois de ter salvado a sua Patria.

E a historia lamentosa e brilhante de Pacheco-o-terrivel, guerreiro lusitano, que morreu de fome, depois de ter abatido o Crescente e assombrado a Asia aos relampagos da sua espada.

E por fim a historia d'Aquelle, que foi perseguido e maltratado pelos homens, que elle viera resgatar com o seu sangue.

E os velhos curvaram a cabeça e meditaram silenciosamente nas licções da historia.

E estes factos, que são exemplo e lei, elles o meditaram, não para os seguir—porém para os rejeitar—amaldiçoando os homens e a sua ingratidão.

X

E o quarto velho levantou-se e disse:

«Não basta que sejamos uteis a nós mesmos, é preciso tambem que saibamos reter o logar eminente em que a mão de Deus nos ha collocado.

«Porque seria cobardia abandonal-o e rir-se-hiam os homens de o não termos sabido conservar.

«Accendamos pois o facho da discordia, e arremecemo'-la no meio do povo victorioso e do povo vencido—e no meio dos nossos proprios filhos, para que elles se despedacem mutuamente.

«Chegaremos assim a tornarmo'-nos necessarios; e ninguem melhor do que nós saberá qual é o nervo das revoluções.

«E ninguem melhor do que nós saberá cortal-o, quando não precisarmos mais delle.

«Embora se acostume o povo a bachanaes de sangue, e cresça o odio inextinguivel entre os homens que são nossos irmãos por interesses—e os que o são por nascimento.

«Porque nós seremos necessarios—e o nosso dominio se conservará illeso com o furor das turbas.

«E o povo nos bemdirá quando extinguirmos um dos fachos da revolta, que nós mesmos tivermos accendido.

«E o nosso peito cobrir-se-ha de condecorações e de honrarias; e por todos seremos aclamados os primeiros da nossa épocha e os salvadores da Patria.

«E os homens de boa vontade affastar-se-hão das nossas deliberações, e ninguem haverá que marche de par comnosco.»

E os velhos ergueram-se dos seus assentos de marfim, e clamaram:

«Preguemos as revoluções como principio de progresso, e accendamos o facho da discordia.

«E o incendio se atcará por todos os angulos do vasto imperio, e não haverá elemento na naturesa que o possa extinguir;—e o nosso imperio durará tanto como elle.»

Então um sorriso alto e mofador rebentou por toda a sala, e foi de um angulo a outro—do liso pavimento aos arabescos intrincados da abobeda.

E os velhos encararam-se estupefactos e emmudeceram de torpor.

E um d'entre elles levantou a voz no meio d'este silencio e perguntou: «O Rei que faz?»

E todos repetiram a mesma pergunta com anciedade visivel: «O Rei que faz?»

E o que tinha fallado em ultimo logar, alevantou silenciosamente um canto dos rases, que cubriam as paredes do aposento.

E viu-se alem do aposento o Rei, que tranquillo repousava em um leito magnificamente adornado.

E o que tinha alevantado o canto dos rases disse em voz cavernosa: «O Rei dorme!»

E os rases desceram lentamente como uma folha de pergaminho, que a custo se desdobra, e vieram morrer sem echo nos tapetes felpudos da sala.

E a mesma risada rebentou com mais força, e ainda mais expressiva, e perdeu-se vagarosamente pelos corredores, que em meandros inextricaveis cortavam o aposento.

XI

Então elles prepararam materias aridas e combustiveis, e as ligaram estreitamente á maneira de fachos.

E estes fachos elles os mergulharam em uma especie de pez grego, cuja chamma não podia ser apagada nem com agua nem com vinagre.

Então accenderam um d'estes fachos n'um dos bicos dos candelabros de prata e o arremeçaram em cima da cidade.

E o povo e o Rei dormiam tranquillos; e os atalaias fascinados com a luz das suas fogueiras não viram esse

meteóro asiago que alumiava as trevas no meio da noite.

Porem viram-n'o os homens dos campos, e correram tumultuosamente, acudindo ao convite de sangue, que os Grandes lhes faziam.

E o incendio levantou strepitosamente as suas lingoas de fogo, e as casas estalavam com fragor—e os homens e as mulheres corriam delirantes pelo meio das ruas—envoltos em fumo e alumiados pelo reverbero das chammas.

E o canhão ajuntou a sua voz medonha e retumbante ao concerto horroroso dos martyres e dos carrascos.

E o sangue corria pelas ruas—e as espadas estavam tinctas em sangue—e por toda a parte havia sangue.

Era uma scena de pavor,—de luto e desespero—de pranto e de glorias.

E por toda a extensão do vasto imperio houve um estremecimento preságo, de que cedo ou tarde seriam tambem elles victimas da mesma crueldade.

XII

Uma mão ainda mais fria do que o meu corpo, que transudava de terror, calcou o meu hombro e eu senti uma impressão dolorosa, como se os meus ossos se partissem.

E o Ancião me disse:

«A vossa politica é mesquinha e vergonhosa, e milagroso é o homem que sae d'ella limpo de mãos e de consciencia.

«Os Delegados da Nação, que não contam com o voto aturado e livre do povo, vendem-se impudicamente.

«Porque o vosso povo, que não tem consciencia, por lhe faltar a instrucção, acceitará o candidato, que lhe for apresentado por um Mandarim, ou por um chefe de partido ás tontas improvisado.

«E curvar-se-ha ao rez do chão para apanhar uma nota desacreditada, com que por engodo lhe terão arremeçado.

«E o povo folga e ri no dia de sua vilesa, no dia em que elle devia ser soberano e impôr lei aos homens que os espesinham!

«E o povo folga e ri, como o escravo no dia em que o senhor, cansado de o fustigar com varas, por um momento lhe tira de diante dos olhos o ergastulo da sua ignominia!

«E os vossos homens de estado estribam-se nas revoluções como n'um ponto de apoio, e como as salamandras, elles querem viver no elemento que a todos asphixia.

«E não pelejais por amor do progresso, como vangloriosamente ostentais.

«Porque a ordem e progresso são inseparaveis;—e o que realisar uma obterá a outra.

«Pelejais sim por amor de alguns homens, porque a vossa politica não é d'ideias—porém de coisas.

«Pelejais, porque a vossa politica está n'estas duas palavras—egoismo e loucura—».

Assim fallou o Ancião.

XIII

No emtanto o incendio crescia mais e mais como as aguas de um rio contra os diques que mãos de homens lhes houvessem posto.

E os que se julgavam nobres, soffriam como o ultimo dos plebeus; e a hora do seu passamento era saboreada com deleite ineffavel, como manjar exquisito reservado para ultima collação.

E o sangue corria cada vez em mais abundancia, como o vinho no fim de um banquete, quando a hilaridade se converte em embriaguez.

Foi então que as forças me faltaram, e eu cahi exanime, abatendo a terra com o peso de meu corpo.

... .

Maranhão, 8 de maio de 1846.

FIM DA MEDITAÇÃO.

MEMORIAS DE AGAPITO.

(FRAGMENTOS DE UM ROMANCE.)

MEMORIAS D'AGAPITO.

CAPITULO XI[1]

Lasciate ogni speranza.
(DANTE.)

Os negocios que Esteves tinha de tratar na Hespanha, concluiu-os elle com muita brevidade, de maneira que dentro de quatro mezes vinha de volta.

[1] Eram estas *Memorias* um romance intimo escripto aos vinte annos, e a cujas scenas ou o auctor tomára parte ou tinha assistido a ellas. Vivendo ainda a mor parte dos personagens que figuravam n'ellas, entregou o poeta ás chammas os tres volumes de que se compunham, roubando assim ás lettras valores de inestimavel preço, principalmente o ultimo volume em cartas e no genero da *Nova Heloisa* de Rousseau. Os capitulos, que ora publico, extrahidos do *Archivo*, jornal litterario que aqui sahia em 1846, e que dão a medida da gloria que poderia o auctor colher no genero, se a elle se dedicasse, sendo um dos seus episodios, podem ser lidos independentes da obra, e por isso os entrego á apreciação dos leitores.

A. H. L.

Bem apessoado, e ainda na flôr da mocidade, tinha Esteves boas esperanças de ser extremamente amado por sua mulher—que elle já amava; pois, dizia, era força viver com ella por ventura uma longa vida.

Durante a jornada lhe batia o coração cheio de amor—fabricava na sua imaginação projectos de felicidade—e descortinava diante da sua vida um futuro aprasivel e risonho, colorido com as mais risonhas côres da esperança. Como não amaria elle sua mulher! Como não seria para com ella extremoso e brando, todo carinhos e ternura?! Como não se excederia em mimos e affectos para com sua familia, quando a tivesse!!

E scismando com deleite no seu futuro tão avantajado e enriquecido de esperanças. elle anceava o momento de rever sua patria, onde ella o aguardava, cheia de esperança como elle, chorando como elle pelo momento de o vêr—de lidar com elle, de o amar, com o amor de esposa—constante e eterno—profundo e ardente como o amor de namorados.

Longa lhe parecia a viagem—e muitas noites passou elle encostado a um mastro, engolfado nestes pensamentos, em quanto que a lua com um doce movimento se embalava no azul claro das nuvens—e em quanto que o mar soluçava queixoso em roda do seu navio, que tão preguiçoso o conduzia á terra desejada!

E depois, quando pensava que o furor das vagas, que um pegão de vento—ou que uma mesquinha taboa mal firme nas cavernas do navio podiam de um para outro momento afundar e desfazer tantas esperanças,

mal dizia o tempo tão mal gasto em que a não tinha amado,—em que sua alma, fechada ao alumiar ardente e profundo do amor, não concebia vida melhor que a de mancebo—que vai caminho da vida—sem se dar do futuro—e sem recordar-se do passado.

E o navio. como cedendo aos rogos do insensato passageiro, aportou felizmente á Lisboa; e alguns mezes depois achava-se Esteves em casa de seu sogro—e dois mezes depois sua mulher dava á luz um filho.

Quiz Deus que o amante se convertesse em marido apaixonado; e o marido soffreu dôres e torturas infernaes!

Seis mezes se tinham passado depois do seu casamento,—e Barroso—o medico de que já tivemos occasião de fallar—contou habilmente neste espaço sete luas decorridas. E o mundo se callou—bem que ao principio estivesse disposto a zombar do marido cobardemente trahido.

Algumas horas depois do parto, Esteves entrou no quarto de sua mulher. Josephina estava pallida e abatida—porém quando viu entrar seu marido á passos lentos e com os olhos fixos nos olhos d'ella, assumiu aquella côr cadaverica e livida que nos figura a côr amarelenta da cêra.

—Como vos achais? lhe perguntou elle como pesando cada uma de suas palavras, e com a voz mais branda que pôde.

Josephina não pôde responder.

Elle então sentando-se n'uma cadeira, sempre com

os olhos n'ella, proseguiu com a mesma voz pausada:

—Não me ouvis, Josephina? Como vos achais?

Ella, fazendo um esforço sobre si, lhe respondeu:

—Melhor do que eu quizera estar, senhor.

—Josephina, que querem dizer taes pensamentos em dias, como o de hoje, depois d'um sucesso tão feliz para nós ambos?

E continuou depois de alguns momentos de silencio, em que esperou ser interrompido:

—Com effeito seria por extremo penoso e desagradavel para todos nós—que vos conhecemos—que vos adoramos, perder-vos assim na flôr da mocidade com tantos dotes da natureza!—Que edade tendes?

—Desoito annos, responde ella machinalmente.

—Desoito annos! é uma edade de flôres e de esperanças—principalmente quando juncto com ella nos podemos gabar de um semblante tão formoso, como o vosso, e de uma alma como a vossa tão leal e virtuosa.—Deus foi prodigo em mimosear-vos; tendes belleza para ser invejada pelas mais bellas, e pureza para igualmente o serdes das mais puras.—E se assim não fôra, Josephina, como vos amaria eu tão loucamente como vos amo?

Algumas gotas de suor cresciam e escorregavam pela testa de Josephina, cujo caracter jovial e deleixado contrastava com a linguagem seria do seu marido.

Elle proseguiu:

—E como não amar-vos? Não sois vós a mãe de

meu filho? É mais um titulo que tendes ao meu amor, e de que ainda me não pedistes agradecimentos.

—Senhor! Senhor!

—Vamos—por favor tamanho—o que me pedireis vós, que eu vo-lo não faça?. ... Chorais?! Que creancice!... Mas chorai—que assim pareceis formosa—e mesmo alguem juraria ser pejo a leve côr carmesim que tão graciosamente vos enfeita as faces.

—Bem mereço que me trateis assim!

—Dar-se-ha acaso que eu vos haja involuntariamente offendido? Talvez que assim fosse, nescio que eu sou!

—Todavia tenho para mim que perdoareis ao vosso esposo. Sim?—Todos nós commettemos um ou outro pequeno erro, de que é força nos relevem. Não tereis tambem vós algum pequeno estravio, que eu vos deva perdoar?

—Oh! perdão! perdão! disse a desgraçada querendo erguer-se sobre a cama, e com os olhos arrasados de lagrimas.

Esteves levantou-se precipitadamente, e soltou um grito agudo e contrafeito, que parecia sahir da garganta espedaçado.

Josephina já sem força e atemorisada pelo movimento brusco e rapido do marido, cahiu na cama esmorecida, cobrindo o rosto com as mãos.

Esteves approximou-se della e pegando-lhe nos pulsos, lhe descobriu as faces.

—Ao menos deixai-me ver os vossos olhos que são tão arteiros e tão brilhantes, e que fazem nascer tão

travessos amôres na alma dos que os vêem.—Mas—continuou elle cobrando imperio sobre si—dizei-me o vosso erro, para que eu vos possa perdoar.

E a triste mulher crendo ver fusilar uma ameaça nos olhos do marido, temeu pelo que mais caro tinha sobre a terra.

—Não mateis meu filho, clamou ella.

—Deus me defenda de em tal pensar—continuou elle com a mesma voz pausada, com que agora lhe fallava, temendo exceder-se de outra maneira:

—E demais não é elle meu filho? dizei, Josephina, não é elle meu filho?

E freneticamente apertava os pulsos da mulher, que não pôde soffrear um grito.

Esteves impallideceu;—alquebrado de tanto soffrer—que mais se avivava com tal fingimento—sentiu fartarem-lhe as forças, e cahiu no solho ajoelhado; e prendendo nas suas as mãos della, lhe dizia:

—Josephina! Josephina! dizei-me o nome desse homem.

Josephina se debruçou para elle e sentiu algumas lagrimas ardentes sobre as suas mãos quasi geladas.—E comprehendendo por aquellas lagrimas quanto era amada pelo homem que alli estava de joelhos—e ao qual ella fôra obrigada a offender tão cruamente—debulhava-se em lagrimas e soluçava penosamente.

—Minha mãe!! minha mãe!

E este nome tão dôce de ser ouvido e pronunciado—soava nos labios della como o nome do assassino nos labios do assassinado agonisante.

—O seu nome, Josephina!—Teu filho será meu filho—tu serás sempre minha mulher—e eu te amarei sempre, como agora. depois de o ter morto!

Josephina poz a mão sobre o coração, e soltou um grito fraco e penetrante.

Esteves levantou-se, e fallou com voz rouca e breve.

—Dizei-me esse nome, senhora!

—Não posso, não posso.

—Não podeis?!. Bem sabia eu que ereis habil em occultar um segredo a quem mais importa sabel-o.—E eu que chorei diante della como se fora uma debil creança!—orgulhosa! que talvez se ria interiormente do marido escarnecido! Ora pois, senhora, basta já de traições e de fingimentos! Eu vos dei a minha confiança, e a minha honra intacta e pura, e vós m'a infamastes—á minha honra—e trahistes a minha confiança. Eu vos dei os meus bens e o meu nome na sociedade; e vós á face da mesma sociedade me entregaes um filho de estranho—um filho bastardo—a quem pertence o meu nome desde hoje—e a quem caberão meus bens um dia!—E quando me quero esquecer de tudo para vingar-me só delle—quando me quero persuadir que fostes enganada—sedusida—violada, como vos ficasse menos deshonroso—tendes o arrojo de me dizer—não posso!—Não podeis, senhora, não podeis!?—Dizei-me, não o podeis—como tambem não podieis vir ter commigo—antes que para sempre me tivesse ligado comvosco—e dizer-me francamente:—Eu sou perdida e deshonrada—manchada no que a

mulher tem de mais inviolavel, e não mereço a confiança de um homem honrado e virtuoso.—Dizei-me, senhora, é assim que o não podeis?

—Oh! tendes razão, tendes razão—dizia ella chorando amargamente e com a cara escondida sob os travesseiros.

—Vejamos.—Dir-me-heis finalmente esse nome maldicto?

—Não—não—dizia ella precipitadamente como querendo vencer-se a si mesma.

—Não! repetiu elle fóra de si, veremos se não.—Esqueceis que tendes um filho—que esse filho não é meu—e que pára em meu poder?

—Oh! não mateis meu filho! Por Deus, senhor, piedade!

E assim dizendo ajunctava as mãos com ancia n'uma postura d'angustia e de supplica fervente.

—O nome!

A cabeça da triste mulher cahiu sobre o peito.

—O nome!

—Não me tenteis, senhor!

—E o vosso filho?!

—Ah! disse ella soltando um grito do fundo das entranhas—matai-me antes a mim, senhor!—E vencendo a fraqueza, que succedeu ao parto—cahiu no chão quasi nua—ajoelhada—e subjugada por tamanha afflicção.

—Matar-vos! Sou eu algum miseravel assassino, que queira manchar as mãos no sangue de uma mulher?! Esqueceis que fallais commigo, senhora?

—Tendes razão !—tendes razão !—Dizei-me vós mesmo o dia, o instante, em que me quereis morta; e eu deixarei a vida, já que sou indigna de viver. Mas viva meu filho.

—Morrer ! é uma cousa momentanea—e até suave para o que soffre—sim, eu conheço que ha instantes na vida em que seria melhor para o homem morrer do que viver.—Quereis assim remir a vossa culpa ? !—Vossa reputação está salva, e o mundo vos crê virtuosa !—a morte lastimada vos offerece atractivos, não, senhora ? !

—Meu Deus ! meu Deus !

—Dizei-me esse nome !

—Não—não—não !

Esteves, voltando a cara para a não ver, com gesto de desprêso e com voz rouca e breve murmurou:

—Já não tendes filhos !

Josephina cahiu sem sentidos.—O marido cruzou os braços para vel-a estendida a seus pés;—e para que a não encontrassem por terra deitou-a na cama:—e sahindo—tocou a campainha para que a viessem accudir.

CAPITULO XII.

MARIDO E MULHER.

> O Dio! Dio! che mi serbi
> In vita ancor, che un gran dover me lasci!
> Dammi la forza per compririo.
>
> (MANZONI.)

Como é longa uma noite de soffrimento!. Leitor, já passastes uma noite de insommia, contando as horas por milhões de precipites pancadas no coração? Já sentistes o corpo alquebrado de tanto lutar com a agitação, sem poder descançar se quer por um instante? Se já passastes uma d'essas noites, que nos fazem comprehender o que é a vida eterna no inferno, sabereis sem duvida quanto é longa uma noite de soffrimento.

Esteves passeava a passos largos no seu aposento; tinha um só pensamento, um só desejo—a vingança;

porém vingança terrivel, inexoravel, tão grande, quanto fôra a sua dita! Mas quem lhe daria vingar-se?! Então sua alma phantasiava torturas, que lhe compriniam o coração, e mais e mais avivavam a côr sanguinea que lhe tingia os olhos,—como que achasse prazer em sentir outra dôr, embora maior do que a sua real, porem sempre outra do que a que sentia. Por vezes tentava dar azas á sua imaginação, e d'est'arte procurava esquecer-se de si mesmo! embalde!—tempo fôra em que assim lhe acontecia; bastava que os seus olhos fitassem o céo, para que sua alma se destacasse brandamente do seu corpo, para que, embalada pelas virações subisse entre perfumes até perder-se n'um scismar doce e vago como o suspirar da brisa: agora embalde! Sua imaginação tinha perdido as longas azas de branco e d'oiro, que a equilibravam no seu vôo; seu pensamento inflexivel já não condescendia com a sua vontade!—somente n'esse vertice tumultuoso de idéas pavorosas, de desejos desordenados, de esperanças loucas e de orações ferventes, o pensamento da vingança sobrenadava sempre e apparecia em aspectos variados com a rapidez do movimento. Assim as ondas do oceano embalde tentam afundar o leve tôro de madeira que boia á superficie das suas aguas, —embalde as vagas marulhosas assoberbam-n'o com o seu volume,—embalde enrolam-n'o no seu seio—embalde o sorvem como se o quizessem esconder nas suas profundezas.—A vaga rebenta em flôr e passa: e o madeiro surge do fundo pégo e vai de manso boiando á superficie das aguas.

Esteves não sentia nem somno, nem canssço, senão a cabeça encandecida, que parecia querer estalar com dôres, e o palpitar do coração e das arterias, que lhe batiam com força nos pulsos e nas fontes. Terrivel combate de amor e de orgulho—de honra e de vingança lhe alvorotava o pensamento.

E Josephina, n'outro aposento, não passava a noite menos angustiada, cheia de terror e de solicitude pela vida de seu filho, que ella tinha nos braços, que apertava contra o seio, que cobria de beijos, e que banhava de lagrimas. A mãe extremosa, curtindo funestos pensamentos, queria saciar-se de ver seu filho, queria amimal-o, acaricial-o por toda a vida, no tempo que lhe restava para viver vida tão incerta, e que ameaçava de ser tão breve. Oh! que em taes momentos é que o amor de mãe se revela profundo e santo!? Por que não podia seu filho ter uma longa vida, cheia de felicidade e de socego, que á ella—sua mãe—faltava?!

Quando o primeiro albor do dia penetrou no seu aposento, ella pareceu cobrar animo, e mandou que lhe fossem chamar seu marido. A creada, indo executar o seu mandado, encontrou Esteves passeando agitadamente.

—Que procurais?—perguntou-lhe elle com rosto carregado.

—A senhora mandou ver se estaveis levantado, e perguntar-vos se lhe podieis fallar.

E assim dizendo lançava um olhar perscrutador so-

bre a cama inda feita, sobre os trastes desarranjados e sobre o desalinho de seu amo.

—La irei,—respondeu Esteves,—e com a mão lhe indicou a porta para que sahisse.

E sosinho continuou a passeiar ainda irresoluto; depois abriu algumas portas, atravessou alguns quartos, e entra no quarto de sua mulher.

Josephina estremeceu quando viu o vulto sombrio de seu marido—os olhos côr de sangue—e o cabello irriçado, como que durante a noite houvesse sentido um espectro assentar-se ao seu lado e murmurar-lhe aos ouvidos palavras de terror; todo elle grave e compassado, com feições de quem soffreu uma injuria pungente, ao mesmo tempo que recebeu um golpe mortal, era digno de lastima e medonho de ser visto.

—Que me quereis? perguntou elle.

—Quero pedir-vos uma graça, Esteves.

Um tremor breve, quasi imperceptivel, mas instantaneo, mas violento, passou de Esteves a Josephina, que enfraqueceu, como se uma descarga electrica lhe houvesse abalado os nervos.

—Ah! continuou ella—bem sei que não tenho direito de vos pedir cousa alguma; bem sei que vos não mereço ser chamada por vossa mulher, e que nem vos devéra fallar; e assim mesmo, pensando que nada havia n'este mundo igual aos meus tormentos, a não ser a minha deshonra, quiz fallar-vos ainda uma vez para alcançar da vossa *bondade* o que não pude de vossa *justiça*; porque vós sois bom e generoso, Esteves....

Uma voz cavernosa e profunda se fez ouvir; era a expressão acre que sabe de labios offendidos, o som magestoso e solemne de um dobre; era voz de ironia pungente que se entranha pelo coração, como um punhal agudo e penetrante.

—Enganai-vos, senhora; nem sou bom, nem generoso, como vos apraz chamar-me. Deus me puniu rigorosamente por vos haver amado, a vós que ereis minha esposa. Quem sabe o que me virá de um acto de leviana bondade?!

—Deus vos recompensará, Esteves; porque entregar um filho á sua mãe é uma acção religiosa, alem de uma obra de caridade.—Esteves, se soubesseis o que eu soffri esta noite, certo que ao menos por piedade deixarieis viver meu pobre filho, que não fez por onde perca a vida.

—E se soubesseis o que eu soffri esta noite, senhora, dar-me-hieis o nome d'esse homem maldicto que me faz curtir dores do inferno.

—Esteves, vós me amais. . .

Esteves pareceu querer surrir. Oh! quê de escarneo n'esse subtil franzir dos labios!

—Vós mesmo m'o dissesteis, continuou ella, que o havia comprehendido; eu o creio—creio firme e religiosamente, porque vós sois um homem de verdade; deixai-me esta crença! Se soubesseis quanto ella me ennobrece aos meus proprios olhos. Oh! deixai-me crêr! Eu ensinarei meu filho a amar-vos, como eu vos amo; a respeitar-vos, como se respeita uma coisa pura

e santa, como se respeita a Deus;—e elle será vosso escravo, como eu sou vossa escrava, senhor!

—Nada mais.—Tendes um remedio bem facil para o salvar.

—Oh! não. . não. Senhor, sêde piedoso commigo! provai á desgraçada creatura que infamemente vos ligou á sua deshonra e aviltamento, que valeis muito mais do que ella. Consenti que eu me retire com meu filho, como uma mendiga, que se retira satisfeita da porta da vossa casa; consenti que eu me vá sepultar n'um deserto, n'um recanto do mundo, para alli bem-dizer o vosso nome do fundo do coração.

—Mas com elle—não, Josephina!

Josephina abaixou a cabeça e chorou.

—Insensata! não percebeis que me estais dando exemplo para resistir?! Como se eu fôra o criminoso, ajoelhei-me diante de vós, senhora. . . . Inferno! quando me lembro que tive baixeza para tal, tenho vontade de vos apunhalar, para que não haja d'isto testemunha viva sobre a terra.—Mas é talvez por isto que me chamais generoso e bom. Pedí—suppliquei—chorei; e o que me respondestes vós?—o mesmo que eu vos respondo agora—não!

—Sois um homem implacavel, Esteves.

—Escutai-me, senhora. Se podesseis ler em minha alma, ter-vos-hieis poupado a vós mesmo preces e lagrimas, porque terieis a certesa de que o meu proposito é firme e irrevogavel, como a morte. Qual elle seja, não vol-o digo. Talvez despertando um dia o en-

contreis suffocado em vossos braços; talvez que no acto de o alimentardes sereis uma infantecida, porque o alimento estará envenenado; talvez que elle desappareça, um dia, como a folha que o vento vai perder por longes terras; talvez que o deixe crescer até ser homem, e então, em vez do pae matarei o filho. E .. quem sabe ?! crimes ha que vão de paes a filhos, como a maldição de Deus. n'este caso, depois de o ter alimentado, creado, educado, o filho do crime matará ao seu benfeitor, como a mãe matou o coração de seu marido, e lhe infamou o seu nome. Será saborosa uma vingança meditada tão de largo, e tão soffregamente satisfeita. E depois do que me ouvistes, senhora, se alguma vez tremerdes pela vida do vosso filho, quando o alimentardes, se alguma vez sentirdes bater o vosso coração com força, temendo acordar sem elle, ou despertar com um cadaver nos braços, podeis vir ter commigo, e quando me houverdes dito um nome vosso filho será salvo.

—É horrivel!—horrivel! dizia ella delirante.

Esteves de um passo para sahir; ella bradou:

—Senhor! senhor!

E Esteves voltou, esperando finalmente saber esse nome tão aborrecido.

A triste mãe, levantando as mãos e os olhos ao ceo, disse com voz dolorosa e truncada.

—Meu Deus, vós me dareis força para supportar a morte de meu filho!

E cahiu sobre a cama sem sentidos.

. . . .

CAPITULO XX.

UMA PAGINA DE ALBUM.

> Amor al cor gentil ratto s'apprende.
> (DANTE.)

Estamos em Coimbra. Aqui quasi todas as casas tem uma perspectiva soberba, e os seus habitantes, que não respiram o ar mephitico das suas ruas estreitas e charcosas, desfructam a aragem pura, que vem da Serra da Estrella, os ares ainda mais doces que vem do oeste, embalsamados com o perfume das laranjeiras, e com o aroma das flores dos seus campos. Era em uma das casas da encosta de Coimbra que estava Agapito. No interior da sala estava com elle uma d'essas senhoras magestosas que parecem ter sido moldadas pelas formas de Diana-a-caçadora. Do interior da sala via-se a lua que batia de chapa nas aguas e nos areaes

do Mondego, e escutava-se a brisa murmurando nas folhas dos salgueiros que orlam as suas margens.

Se já viajastes pelas nossas florestas do Brazil, tereis ao anoitecer parado muitas vezes em algum cabeço pouco elevado para restaurar os membros fatigados. Sentistes a magestade da solidão das selvas no rumurejar crescente — immenso — inexprimivel — dos colossos vegetaes, na variedade de folhas, de flores, e de arruidos, e na força da vida que ahi se revela debaixo de todas as formas. Talvéz se vos figurasse a cada instante ouvir o som de alguma catadupa como que se ella se arrojasse do pincaro de um rochedo ao fundo de um precipicio, — talvez se vos figurasse ouvir a cada instante no rugir compassado e solemne das folhas das palmeiras o arruido de mar longiquo quebrando-se furioso contra os escolhos da praia. Então comprehendestes a poesia das selvas, e a bellesa selvagem do viver dos nossos indios; e com tudo ainda não podeis conjecturar que melodia exhalam os salgueiros do Mondego embalados pela viração do oeste. O susurrrar das nossas mattas é forte e magestoso como o rugir do oceano; o ciciar dos salgueiros é doce como um suspiro de virgem.

Agapito estava silencioso, e Julia (assim se chamava a nossa Diana) de impaciente batia com o pé sobre o tapete da sala, em quanto que os seus olhos erravam destrahidos sobre todos os objectos que a cercavam.

—Vosso irmão demorar-se-ha muito, senhora?

O contentamento reluziu-lhe nos olhos, e o pesinho deixou por um instante de abater a frisa do tapete.

— Creio que não:—tendes pressa?

—Oh! não.

Nada mais disse; e o silencio pairou de novo sobre ambos.

Agapito lançou os olhos com indifferença sobre as margens do Mondego, e Julia, que por ventura desejava pratica mais alongada, encolheu os hombros; e o pesinho bateu de novo o compasso de um adagio velocissimo.

Algum tempo se passou.

—Senhor Agapito—disse ella.

—Minha senhora.

Nada mais que estas duas palavrinhas—seccas—concisas—mirradas,—palavras incivis de quem não quer conversar,

Bem sabeis que o cerebro do homem, bem como um cortiço de abelhas, está dividido em pequenos casulos que em vez de terem por lettreiro—mel—ambrozia—ou coisa similhante, dizem simplesmente—intellectualidade—sensibilidade—e outras palavras em *ade* como bem mostra Gall na sua *cerebro* ou *craneographia*. No cerebro de Julia havia um casulo maior que os outros, que tinha no rotulo—irritabilidade—sobre o qual actuava o casulo do orgulho com a força de marés vivas. Ora nesse casulosinho nasceu-lhe uma borbulha e correu-lhe aos labios, onde veio morrer em um som inarticulado. Odino, o Deus da Scandinavia, cujos sentidos agudissimos sentiam a perola crescer no fundo dos mares, cujos ouvidos escutavam o crescer da

lan do cordeiro, nos poderia dizer que palavra foi es
Estupido—conjecturo eu que foi.

Cobrou porem imperio sobre si, e com aquella
licadesa de senhora, que sempre pisou grandes sal
com aquelle modo civil e cortez que tanto se asser
lha á bonhomia e a franquesa, disse ella:

—Haveis de me permittir que vos diga uma coisa

Agapito abaixou a cabeça em signal de assentim
to, e ella continuou:

—Tinham-me dicto que ereis tão folgazão, tão ri
nho que eu extranho.

—De me achar tão grosseiro:—interrompeu Agap
surrindo-se.

—Oh! não!—De vos achar tão silencioso—tão tris

—Que quereis, senhora!—Vosso irmão diz grost
ca porem exactamente, que o rosto do homem en
bre os seus sentimentos como o hieroglipho enco
uma idéa. Somente o hieroglipho que para um a
quario é a expressão de um triumpho brilhante, p
outro é a expressão de um desastre medonho. Para
ber o que elle diz seria preciso. .

—O que?

—Adivinhal-o,—Bem vedes que a leitura engana

—E se o não podermos adivinhar?

—Que sei eu?—Para vos responder seria prec
que eu fosse a vossa consciencia. Em tal caso um
guira a opinião da maior parte; outro o parecer do
lhe merece mais conceito;—e outro. . .

—Que faria!

—Talvez phantasiasse alguma coisa bem fóra do commum; talvez se agarrasse á idéa que lhe fosse revelada pela sua intelligencia ou pelo seu coração.

Julia estava pensativa; Agapito continuou:

—É esta a razão por que vos pareço silencioso e triste, quando para outros sou alegre e conversador.

—Porem deveis de ser alguma d'essas duas coisas?!

—De certo.

—E será isso um segredo?.

—Para mim.

—Para vós, senhor Agapito! Creio que zombais da minha credulidade.

—Perguntai ao homem mais sincero e franco, que conhecerdes, qual é o seu verdadeiro caracter, e elle vos mentirá, porque de todos os seus amigos é elle quem menos se conhece.

—Mas a revelação do homem sincero e franco, não nos poderia ao menos indigitar o caminho da verdade?

—Creio que sim.

—Pois, se me permittis, pedir-vos-hei essa revelação.

—Tendes o *Album* de vosso irmão?

—Tenho-o.

—Dai-m'o.

Julia levantou-se e sahiu; pouco depois entrou com um estojo de marroquim, donde tirou um livro oblongo, galantemente encadernado e doirado. Agapito o abriu.

—Ah! são versos!—disse Julia;—deixai-m'os ver. A lettra é vossa, senhor Agapito.

—É minha: respondeu elle, e como fosse para voltar a pagina ella segurou a folha com a mão.

—Lêde-a—disse ella.

—São em latim, minha senhora; máos versos improvisados, que não merecem a pena de se corrigir.—Quem hoje lê latim!

—Não importa: lêde.

Agapito leu.

. . . .

«Me dolor augit, me cruciatus opprimit,
«Mihi pallida facies animo amaritudinem pingit,
«Os meum Omnipotentem vocat, turbaque plaudet,
«Et miserum me videns morsu cruento petit.» [1]

—É o que quer dizer isso? perguntou Julia.

Agapito sorriu-se e tirou um lapis da carteira.

—De que vos rides?—tornou ella.

—De me não ter enganado. Bem sabia eu que não deixarieis resmungar uma lingua extranha sem me pedirdes explicação.—Aqui tendes a traducção, continuou elle entregando-lhe o papel que acabava de escrever; podeis por ella conjecturar dos defeitos do original e o tempo que gastei com elles.

[1] O auctor d'estas memorias declara que os versos latinos, a traducção e a pagina d'Album pertencem realmente aos mui veridicos personagens d'esta historia.

Julia tomou o papel e leu:

. . .   .

. . .   .

. .   . . .

«Aperta-me a afflicção, a dor me anceia,
«Meu rosto diz o que minha alma soffre;
«E brado ao meu Senhor. . . .—A turba applaude,
«E escarnecendo despedaça o pouco
«Que inda em meu coração conservo inteiro.

—São bons, disse ella, porem eu julguei que fosse algum soneto.

Agapito voltou a pagina e leu:

«Estimo a amisade como tu a estimas; sinto-a como tu a sentes;—amo-a como tu a amas. Somos amigos —amigos intimos—amigos verdadeiros—no sentido mais alto, mais bello d'esta simples palavra—*amisade*— que deve ser o amor dos anjos. Nem uma nuvem se tem interposto entre;—nem um acontecimeuto a tem toldado; nem uma palavra a tem deteriorado. Creio que assim será em todo o tempo.

«Sinto a amisade como tu, dizia eu; dir-t'o-hei, sinto-a mais do que tu. Para ti a amisade é a necessidade de uma alma extremosa, para mim é a mesma necessidade, e conjunctamente um alivio—uma taboa de salvação,—é para ti uma paixão, para mim um templo;—é para ti un idolo, para mim uma divindade. Nossas intelligencias, creio eu, são irmãs; as

nossas almas, creio ainda, são gemeas: as nossas circumstancias é que differem.

«Tens uma familia, e eu é como que a não tenho:—terás uma esposa e eu não terei;—terás uma vida occupada com seres que has de amar, e que te hão de amar, e eu não! Queira Deus que eu chegue á velhice: viverei insulado na vida, insulado na morte, sósinho em toda a parte, concentrando tudo em mim e vivendo a minha vida com o pensamento. Minha familia não me comprehende, longo intervallo me separa de meus irmãos, sou homem agora que elles são crianças; quando elles forem homens serei eu um velho ou um cadaver: não podemos ter os mesmos prazeres nem as mesmas sympathias. Amisade entre nós... será talvez mais do que isso; de uma parte protecção e disvellos, d'outra bemquerença e talvez respeito; relações de familia, laços de sangue; mas que é da uniformidade de pensamentos, de desejos, de tendencias? Não, a amisade, como tu e eu a definimos, não póde haver entre nós. Uma esposa!... Sabes tu como eu sou capaz de amar?—Eu o sinto e temo. É uma concentração de todas as minhas faculdades sobre um só objecto, é uma força intensissima de vontade, uma tormenta de affectos encontrados—lagrimas e riso, desespero e arroubamento, esperança e abatimento, ferro em brasa sobre o coração, e perfume delicioso, que me falta o alento para o sorver. Quando eu amar serei um louco; porque bastará uma palavra, um sorriso, um signal, um gesto para me fazer felicissimo ou para me assassinar.

«Sabes que eu já amei; como — é o que tu não sabes. Havia entre nós este pensamento: nunca ella será minha, nunca eu serei della; este pensamento desbotava-me todas as impressões, aguava-me todos os prazeres; e assim mesmo quando á noite a minha cabeça escandecida cahia com todo o seu peso sobre o meu travesseiro, e algumas lagrimas de fogo me pulavam dos olhos, eu me perguntava a mim mesmo se a minha vida valia uma hora de estar a sós com ella, e nunca—oh! nunca—a incerteza me acobardou! Era sempre com um impeto de ventura que a minha alma corria para esta idea, e imaginava delicias e venturas inefaveis, e no fim de tudo a morte! a morte, que eu iria abraçar gostoso! a morte na lamina de um punhal! a morte em um copo de veneno! a morte no cutello do algoz, cuja folha eu beijaria com ternura; com tanto que elle me não deixasse acordar!

«Ha muito tempo que isto foi; se hoje t'o repito, é porque ainda sinto como então. Mas casar-me! não o posso. Eu, que sou um homem, que tenho soffrido bastantes temporaes no mar da vida, ainda no começo da viagem, que ainda não cheguei ao porto, que navego sem destino, sinto dores bem más, bem cruas; e todavia não tenho alguem que m'as faça curtir em dobro.

«Agora dize tu na tua consciencia se não heide amar a amisade, mais do que tu a amas. Que seria de mim sem os meus amigos?

«E pois que de novo te hei repetido o meu credo,

consente que mais particularmente te falle dos albuns. Não o fiz antes, porque sei que o *Album* é ou será uma herança de familia. Não quizera que para o futuro, quando alguem lesse estas palavras, conjecturasse com a infallivel agudesa humana, que ellas aqui tinham sido escriptas pela impudencia insolente de um homem insensivel que descria da amisade no livro das affeições, como o que blasphemasse dentro de um templo.

«Em Coimbra te perguntei eu muitas vezes:—Para que serve um Album? Arrependo-me de o ter perguntado. Nessa Coimbra bella, e magestosa, e risonha, onde os mancebos são lhanos, cortezes e extremosos, onde se respira sentimentos nobres e elevados, onde a vida è tranquilla e serena, a alma ingenua e candida, e a amisade indissoluvel e sincera; em Coimbra! pesa-me de não ter tido um *Album.* Eu amo a pedra onde se gravou uma recordação, amo o tronco onde se entalhou um nome, amo o cemiterio onde descançam tantas creaturas angelicas, amo os *Albuns* onde o coração assélla o sentimento de uma época ou de um instante, e onde a mão grava protestos infalliveis, eternos.... de que a memoria não guarda lembrança!

«Quem se lembra do signal que entalhou brincando na pedra? Quem se lembra do nome que escreveu n'um tronco? Quem se lembra do finado que jaz no cemiterio? Quem se lembra do que escreveu n'um *Album*—esse outro cemiterio do coração?

«Oh! que mal que eu fiz em não ter um Album, um Album volumoso, que podesse conter os nomes de

todos os meus amigos! A cada sopro da desventura eu viria cheio de curiosidade ver que nome se offuscava pouco e pouco, que nome esmorecia, como a flôr sem os raios do sol; a cada exclamação que a dor me arrancasse, eu queria ver que nome se apagava rapidamente, como foge rapido o passarinho brilhante que presente o açor; a cada lagrima que me cahisse dos olhos, eu queria ver que pagina se reduzia a cinzas, como as entranhas da victima no fogo do sacrificio: impuresas que se sanctificam. Queria os ver, como a phenix, renascer das suas cinzas e arrojar-me baldões á face e cobrir-me de vilipendios! baldões e vilipendios: calumnias innocentemente imaginados para uma justificação, para dizerem, magestosos na sua integridade: Fugi delle porque era um leproso! Sim desde Job os leprosos são homens impios e máos! cada pustula é uma impiedade, cada postema um vicio, e cada fistula um crime. Sim, eu queria ter um Album para ver no fim de muito pouco tempo quantas folhas me restavam!

«Faze tu a experiencia, meu amigo; é uma experiencia amarga como o homem que podesse tirar pacientemente com a ponta de um escalpello particulas de veneno engastadas no coração.»

(Coimbra 2 de Julho de 18..)

Agapito acabou de ler, e o livro sem que elle o rejeitasse lhe cahiu das mãos. Vibrava em sua voz um accento de desespero tão profundo, que todo o amargor da sua ironia não tinha podido desfarçar. Julia cor-

reu para elle. Almas ha piedosas que tão espontaneamente correm para a dôr, como o insecto para a luz.

—Oh! senhor, tendes soffrido muito!

A taes palavras sentiu Agapito que todo o peso das suas recordações lhe cahia sobre o coração. Foi um instante de dôr;—um instante que foi um seculo,—uma dôr que resumia todas as dores. Uma lagrima lhe entumeceu as palpebras, e uma luta se travou entre o seu coração, que a queria expelir, e o seu orgulho, que a queria engolir. Elle tinha os olhos no chão; e a lagrima engrossava pouco e pouco. Então levantou violentamente a cabeça, e fixou os olhos nos olhos de Julia: a lagrima desappareceu como por encantamento. Bem sabia elle que não lhe era possivel chorar diante de uma mulher que não fosse sua mãe.

—Não senhora, tornou elle passado um momento, é esse um estylo de auctor,—estylo de quem não soffre o que diz.

—Não, não! para se fallar de coisas tão horriveis n'um estylo tão gracioso, para se comparar coisas tão feias a objectos tão bellos, é preciso dores que se aproximem do delirio; é só o louco que se ri do que soffre.

—E quando o louco se ri, tornou-lhe Agapito com um amargo sorriso, quem se lembrará do que elle soffre?

—Quem o amar! Quem o amar! Agapito, não sejais egoista; a dôr tão bem tem o seu egoismo. Se uma mulher sympathisar comvosco pelo que vós soffreis; se

casar a sua vida com a vossa vida por tal modo que as vossas dores sejam as suas; se não vos pedir senão um pouco de amor e a metade dos vossos soffrimentos, tereis vós coragem para rejeital-a?

—Não me falleis assim?! Bem sei que a dôr é egoista, mas o que vós não sabeis é que quando o soffrimento nos não pode fazer verter mais uma lagrima, ha palavras de commiseração que de novo nos vem esmagar o coração, e transformar em lagrimas a derradeira gota do nosso sangue Não me falleis assim! Pois não vedes que eu temo de conversar comvosco,—de estar comvosco—de ouvir a vossa voz? Não vedes que eu me esforço para não cahir n'um abysmo, ou ao menos para não vos arrastar commigo?—Escutai-me, senhora; vede se me comprehendeis. Se estivessemos ambos sobre um rochedo, e que eu resvalasse para o mar, poderia acontecer que buscando salvar-me, vos segurasse pelos vestidos, e vos fizesse baquear nas ondas? Morreriamos ambos; porem o amor da vida, o desespero do homem que se affoga poderia talvez remir-me de um crime. Mas se eu mesmo me arrojasse ás ondas por brinco,—se me demorasse por querer,—se me afizesse á idéa da morte, se não procurasse salvar-me,—se presentisse a mão da fatalidade arrastar-me pelos cabellos, seria um crime horrivel, eu vol-o asseguro, seria um crime horrivel segurar-vos pelos vestidos e fazer-vos descer á profundesa do mar. Seria um suicidio e um assassinato!

—E se eu mesmo me arrojasse ao mar para salvar-vos?

—Seria para vós um crime inutil, porque não me poderieis salvar,—e para mim uma dôr ..talvez peor que a morte.

—Mas tentarieis salvar-me, não é assim?—Não vos deixarieis morrer, quando percebesseis que a vossa vida era necessaria á vida de alguem?

—Julia! Julia!

—Oh! continuou ella com um accento de dedicação sublime,—sou tua!—e cahiu de joelhos.

—Escutai-me ainda, disse Agapito tomando-a nos braços e levantando-a:—a sua voz era solemne—Attentai bem nas minhas palavras, e possam ellas fazer-vos arrepender da vossa imprudencia. Eu sou cioso—infernalmente cioso; eu o sinto; eu o sei. Se o demonio do ciume me gravar n'alma um pensamento, uma palavra vossa por indifferente que seja—um gesto insignificante—uma circumstancia pequena, ligeira—quasi nulla—qualquer coisa emfim que eu veja—escute ou sinta—estais morta!

Foi tão viva a expressão do seu rosto—tão brilhante o scintillar dos seus olhos—tão medonho o seu accento—que Julia recuou atterrada.

—Vede! disse Agapito;—não me podeis ouvir fallar sobre isto sem terror; que farieis se fosse uma realidade?

Foi um impulso do sangue; o coração não vacillou;—e ella lançou-se-lhe nos braços.

—Tu o quizeste, Julia!—disse Agapito, e algumas lagrimas de contentamento lhe correram dos olhos, e banharam as faces pallidas da donzella, que parecia desmaiada em seus braços. Havia bem de tempo que elle não tinha chorado lagrimas daquellas. [1]

FIM DOS FRAGMENTOS.

[1] Referem-se os factos aqui narrados aos amores de Formoselha, de que tratei ao de leve na biographia do poeta—Vol. 1.º pag. LIX.

A. H. L.

UM ANJO.

UM ANJO.

Se alguma vez estudastes essa numerosa porção da especie humana que é o principio de quanto praticamos de bem, e de máu tambem, que resume em si o brilho de todas as estrellas, o perfume de todas as flores, cuja voz é como um éco de todas as harmonias da creação, cujo rosto é o typo de toda a bellesa creada, a quem maldisemos, praguejamos e amaldiçoamos, e que procuramos sempre, e que sempre nos acompanham dóceis, affaveis, bondadosas, sem que as más palavras as irritem de uma vez, sem que os máus tractos as amedrontem—direis tambem, como Z. P., que a mulher é um anjo. É um anjo de amor e de bondade, que nos entretece os raros fios de seda que nos correm na tela da vida, a voz que nos anima quando desacoroçoados, o seio onde pousamos a cabeça

nos dias de fadiga, a mão que nos enxuga as lagrimas corrosivas do desespero nas horas do soffrimento, que nos allivia as magoas, e redobra os nossos prazeres compartilhando-os comnosco. Adão no paraizo sentiu o vasio da existencia, e procurou-a a seu lado, porque sem ella não ha na vida, nem prazer, nem esperança, nem coisa que mereça menção honrosa. O que é, pois, a mulher senão o anjo da nossa guarda, e o pharol da nossa existencia?!

Condemnado a soffrer dobradamente por si e pelos outros, victima de todos os nossos erros e caprichos, tão mal recompensado dos seus extremos, é um meteoro rapido, que passa pelo céu nublado da nossa vida, esclarecendo o presente, e mostrando-nos o caminho do futuro. Segui-a passo a passo desde que nasce até que morre, e vereis que nunca se desmente a sua inalteravel bondade, a sua dedicação sem limites,

Menina ou moça, na edade madura ou na decrepitude, é sempre o anjo da dedicação, cuja vida cifra-se inteira em fazer venturosa outra creatura. Quando os annos e os pezares lhe vão roendo a bellesa terrestre, que não é senão a manifestação exterior da sua origem divina, ainda lhe fica aquella outra bellesa inconsumptivel, que se não deteriora nunca; bellesa da alma que vem de Deus, e só em Deus se acaba. E tão ingenuas que são, sabem quanto valem! que praticam os actos mais sublimes, e os que mais honram á humanidade, com a singelesa de quem nada mais faz do que cumprir um dever!

Mulheres! mulheres! que sempre tendes um sorriso que vem inteiro do coração, ainda nos tractos do martyrio, ainda no equuleo das dores, se a sombra de um contentamento nos alegra a physionomia, como nuvem risonha—doirada pelo sol no occaso! Que póde fazer o philosopho senão confessar que mais vale um ai vosso, uma simples interjeição, do que todos os raciocinios de uma sciencia mentirosa? Z. P. é philosopho, é certo, mas ama as mulheres, não como um satyro barbudo, mas como se amam as flores, os perfumes e as estrellas do bom Deus!

Crianças—quanto contentamento não derramam no seio de uma familia! como não alegra a sua travêssa vivacidade! como não encantam aquellas palavras da infancia—argentinas, vibrantes, incoherentes, mas doces como o gorgeio das aves! Feliz, mil vezes feliz o homem que frue taes encantos, e por cuja vida o millionario daria seus thesouros, o rei seu throno e os heroes a sua gloria!

Na puberdade—n'aquella quadra da vida que adivinha e prognostica a estação das flores, quando o coração canta noite e dia como uma harpa tangida por dedos de anjos, quando a alma se abre a todas as impressões, quando os olhos choram sem motivo, quando o andar remata sempre em passo de dança, e a voz em notas de musica, quando o sorriso acaba em lagrimas abundantes, e as lagrimas em sorrisos interminaveis: n'essa quadra, emfim, quando o botão se transforma em flôr, a larva em borboleta, a criança em donzella: que feitiço d'olhos não é vel-a, que ale-

gria d'alma não é ouvil-a! Parece que tambem se nos adelgaça a alma ao espectaculo de tanta puresa, e que o nosso coração se remoça; mas debalde tenta seguil-o nas aerias regiões por onde divaga, aquelle que já uma vez crestou ao fogo das paixões as azas brancas da sua innocencia!

Mulher—como se nos revela seductora, graciosa e brilhante! joven e formosa como a luz do sol, alegre e sympathica como o romper da alvorada; feliz d'aquelle que lograr os seus affectos, que ler em seus olhos, dardejando torrentes de indefinivel ternura, as provas da sua predilecção! Feliz, mil vezes feliz! Corram os dias, passem os annos, venham os trabalhos, os tormentos, a idade, o tumulto da vida, os prazeres, o poderio, a gloria mesmo, nada poderá arrancar-nos a lembrança de um primeiro amor, de um amor de quinze annos, tão cheio de enlevos! tão extreme de interesse! É o resquicio de preciosa essencia que nunca se apaga no vazo em que uma vez a depositaram.

Esposa—occupada nos trabalhos domesticos, com a lide innocente de uma vida sem tormentosas peripecias, solícita pela educação de uma familia que herdará suas virtudes, só póde ser bem comparada á luz modesta de uma lampada sempre accesa defronte de um saerario!

Tu, que commettes, insano e temerario Z. P? tu que passas o melhor da vida em frio celibato?.... Pára!....

Se lhe fosse licito n'este variado jardim do bom Deus escolher uma flôr, cujo aroma só elle houvesse

de respirar..... mas como escolher?! São todas bellas, e Z. P. invejando a coragem civica dos homens que escolhem definitivamente e sabem contentar-se com a sua escolha, ama a todas philosophicamente, e espera topar ainda—a mulher—o anjo—que haverá de realizar os seus sonhos no infinito.

Viuva—pallida como a lua, sentimental como um idylio de Gesner com os olhos no céu como imagem de uma santa, estatua da dôr espalhando flôres e orações na lapida impiedosa de um tumulo de marmore, triste como os sons de uma flauta por uma noite serena, viva como um sonho da madrugada, queixosa como a agua tepida de uma fontinha: é ainda o anjo, mas o anjo que tem a sua vida no ceu!

Em todas as idades, em todas as condições, em todos os estados, quando o halito pestifero de um homem não lhe embacia o limpido e delicado espelho da vida, a mulher é a filha mais nova e a mais querida de Deus—a mais perfeita das creaturas, porque foi a ultima feitura que cahíu das mãos do Eterno, quando elle quiz completar o quadro variado e magnifico das suas maravilhas com a maior de todas ellas.[1]

Z. P.

NOTA.[1]

Foi publicado este artigo no nº 117 do *Correio Mercantil* de 1 de maio de 1849. Por esse tempo escrevia o poeta os folhetins theatraes, e resumia as discussões da camara temporaria para o *Correio Mercantil.* Affeiçoou-se ao jornal, e procurou tornal-o mais interessante, já indicando á redacção romances francezes dignos de serem traduzidos e publicados nas columnas do *C. Mercantil,* já um, já outro melhoramento, e finalmente com as iniciaes Z. P escreveu alguns artigos sobre a salubridade publica e melhoramentos materiaes da côrte, e para chamar a attenção sobre o jornal, dando-lhe maior circulação, propoz as seguintes questões no numero de 31 de março: *Qual é a melhor cousa d'este mundo? Qual é a peior cousa d'este mundo?,* promettendo um premio a quem, até 30 de abril, respondesse pelo mesmo jornal conforme o seu pensamento d'elle. D'ahi começaram a surgir centenares de respostas, umas chistosas, outras graves e academicas, outras burlescas, quaes maledicentes e mordazes, e não poucas com o fito de ferir este ou aquelle personagem; mas conseguira o auctor seu fim, trazer por um mez uma fonte de renda para o jornal, tornando-o lido e procurado. Chegado o suspirado dia, declarou que a melhor cousa era a mulher—*anjo*, e a peior a mulher—*demonio,* descrevendo elle no n.º 117 a *mulher-anjo,* e o sr. dr. Joaquim Manoel de Macedo em outro nº a *mulher-demonio;* mas precedeu a isto o seguinte *caraco,* que sahiu no *Correio Mercantil* de 30 de abril:

Respeitavel!—Com todo o modesto orgulho de um verdadeiro philosopho vem Z. P. á tua amavel presença discutir aquelle celeberrimo ponto de que durante este mez, que se acaba, terá porventura causado o teu real desfastio. Ficas, pois, sabendo que Z. P. é um philosopho! Não usa de clamyde, nem tunica, nem toga; não traz alpercatas nem sandalias, não traz á mostra a barriga das pernas, nem tem o tonel sem tampos de Diogenes, e está intimamente convencido que a cicuta do velho Socrates lhe havia de amargar como esponja de fel em vinagre, e apezar de tudo é um philosopho, um philosopho do

seculo XIX—calçado, enluvado, aprumado, entretalado, que só conservou dos seus predecessores o habito de fallar muito e o respeito pela nobre especie de que é elle o ultimo garfo! É por este motivo, e por um bem aconselhado sentimento da dignidade philosophica que emprega a terceira pessoa fallando de si mesmo.

Z. P. quiz estudar o mundo nos livros e encontrou um cahos, quiz estudar no coração do homem e encontrou um abysmo, mas um mundozinho curioso, movido por uma coisa que se chamava assim como moral! Disseram-lhe ainda mais que o principio da moral era o bem! o bem! e porque não o melhor? Se havemos sempre de andar ás cegas, atarantados como morcêgos com a luz do dia, mais vale quebrar a cabeça por coisa que mereça a pena.

Resolveu, portanto, expôr-se aos mil reflexos da publicidade e escreveu uma simples linha com ponto e nome de interrogação?

O que melhor? o que peior?

E porque sem interêsse individual não ha quem corra atraz da verdade, lembrou-se Z. P. de offerecer-lhes um brinquedo, para os incitar, pela regra de que—*les hommes sont toujours des enfants*—. Mas ainda isto não bastava: para muitos era de mister alguma coisa mysteriosa, enigmatica, indecifravel que os despertasse, lançando-os no mundo ideal. O philosopho escreveu estes dous unicos caracteres, hão de todos confessal-o, sublimes na sua singeleza—Z P.—

Z. P. é a charada da vida, o logogripho de dous pés, o sphinge humano, é mais do que isto: é a mascara tragica em panno de boca de theatro, encarando o respeitavel com um riso homerico e *à lui faire la grimace.*

Não queria Z. P. que lhe dissessem o que era absolutamente melhor—contentava-se de achar duas opiniões identicas, porque já era isto meio caminho andado. Assim, pois, apresentou-se ao mundo fluminense com o seu problema, gritando com todas as suas forças: quem quer ganhar uma vista de cosmorama! quem quizer, chegue!

Que movimento não se operou logo em todas estas judiciosas cabeças que compõem a multiplice do respeitavel! que agitação! que febre! não disseras que tinham todos um espinho no coração, e que estalavam se o mizericordioso Z. P. não lhes franqueasse este meio de desabafarem livremente!

Homens e mulheres, moços e velhos, polkas e jarretas, sabios e sabidos, ignorantes e ignorados, militares e paisanos, livres e escravos; d'aquelles que vivem á sua custa e á custa alheia, dos que vegetam com esperança de um bom arranjo—

homens de todas as classes, condições e fortunas, todos, sem excepção de um, trouxeram o seu grão de arêa para asphixiar o problema do Z. P., ou ganhar uma vista de cosmorama.

Sei que houve espirito, houve: muita graça, muito sal, muita galanteria, porque este publico fluminense!.... Z. P. assevera que não ha no mundo outro publico fluminense!

Mas, oh dôr! oh miseria! Esqueceram-se todos que o sabio Diogenes accendêra uma lanterna ao meio dia para procurar um homem, e queriam descobrir a pedra philosophal sem ao menos ter acendido um bico de pavio!

Quando a materia se foi esgotando, os que ainda não tinham aventado a sua opinião, vendo que ninguem tinha acertado no alvo, perderam de todo as estribeiras.... Deus se compadeça de suas almas! foi uma monstruosa alluvião de disparates!

A unica consolação que tinha de se ver burlado em tão justa pretenção era ler o *Mercantil* todas as manhãs, e *adivinhar* o anonymo pelo sentido da resposta.

Assim por exemplo:

«A melhor cousa é a paz, a peor é a guerra.»

Z. P. escreveu á margem:—Militar, x—annos de serviço passados em santo ocio: vai pedir reforma.

«A melhor cousa é ir ao *Campestre,* a peior é sahir com os bolsos carregados de doce.» Paraiso do Campo de Santa Anna, sociedade—Recreação Campestre—, autor X X X.

«A melhor cousa é sahir condecorado,—a peior é não tirar os diplomas.» Secretaria dos negocios do imperio: empregado publico que tem fome de emolumentos.

«A melhor cousa é a cabeça de um poeta, a peior é o coração do dito.» Engano crasso, ou êrro de imprensa; troque as bolas: A melhor coisa é o coração do dito, a peior é a cabeça dita. *Sic de coeteris.*

«A melhor cousa é um dia depois de outro, a peior é desesperar d'esse dia: hajam vista aos Pernambucanos.» Velho matreiro, homem finorio e escarmentado, militar, ou com fumaças de entender da *minestria!* Z. P. quasi conheceu o *Calunga.*

Houve comtudo um homem, um philosopho, um semi-Deus, um realejo humano (R. L.) que farejou bem perto da verdade; Z. P. viu-o mesmo com o nariz dentro do tenebroso poço, onde habita esta núa mãi das núas graças; e não falla n'elle sem respeito tão desmedidamente profundo, que nunca philosopho antigo ou moderno votou a animal algum de sua especie. Este grande homem escreveu: *A melhor cousa é Deus, a peior é o Diabo!* Oh! muito illustre philosopho! se te lembrasses de fazer applicação d'aquelle muito sabido principio confirmado pela pratica quotidiana—que as coisas boas quando são ruins são peiores que as pessimas do que, entre parentheses, é exemplo frisante, a poesia, a geléa, e o leite creme, não duvida Z. P. que houvesses de ver marmota por um oculo.

Porém, oh divino philosopho, ha homens que não querem saber de Deus, que o negam como Pedro a Christo, homens impios, abominaveis, fonte de toda a corrupção e maldade, mas ha d'essa gente, querido realejo: e quanto ao diabo, dizem as velhas que não é lá tão feio como o pintam, e que se ainda ha alguma coisa mais feia, hade haver alguma ainda peior! *Ergo rosas.*

Mas se estas duas naturesas tão profundamente distinctas se podessem amalgamar em uma só naturesa, se a summa bondade de um, e a infinita malvadesa de outro podessem combinar-se em um só objecto creado: se estas duas substancias emfim se podessem fundir em uma só substancia, estes dous typos em um só typo, teriamos tambem deparado com o fim ultimo das nossas investigações, e nada mais restava a Z. P. que puxar vistas de cosmorama.

Mas para isto o que era preciso? que houvesse um objecto ao mesmo tempo celeste e infernal, espirito e materia, bondade e maldade, a quem uns dissessem—*é um anjo!*—e outros com igual verdade—*é um demonio!*

Existe semelhante objecto *in verum natura*? Existe, sim, respeitavel, e nem outra coisa tens sempre debaixo dos olhos! Existe—é a *mulher.*

(*Correio Mercantil* de 30 de abril de 1849.)

Respeitavel.—Com a modestia de um verdadeiro philosopho, Z. P. acredita piamente que todo este bom povo fluminense ainda não está em si com a judiciosa solução que elle deu ao seu problema. O certo é que o sujeito das marmotas diz alto e bom som, a quem o quer ouvir, que nem Daniel era capaz de fundamentar assim uma sentença. Mas que lindas marmotas não foram ellas?! Quanto ao sexo amavel—d'esse então não fallemos. Não ha em todo este Brazil subdita alguma de S. M. I que não diga lá de si para si: Z. P. tem razão: a melhor de todas as coisas é a mulher,—e a melhor de todas as mulheres..... sou eu!—Ainda bem.

(*Correio Mercantil* de 14 de maio de 1849.)

VIAGEM

PELO

RIO AMAZONAS.

(CARTA)

VIAGEM PELO RIO AMAZONAS.

CARTAS DO «MUNDUS ALTER».

I

ANTONIO HENRIQUES.

Manáus, 20 de dezembro de 1861.

Principio agora com uma serie de cartas [1], tão longas cada uma d'ellas, que o nosso correio, segundo desconfio, t'as não deixará chegar ás mãos, senão por intermitencias. Se te chegarem constantemente, é que

[1] Sahiu esta carta, unica que escreveu o poeta sobre o assumpto, por isso que teve de retirar-se apressadamente para a côrte onde sobreveio-lhe a terrivel molestia que o perseguiu até o fim da vida, em dezembro de 1861 no *Progresso*, jornal que eu então redigia.

A. H. L.

elle o fará de velhaco, pelo gosto de me dar um desmentido perante o respeitavel, tão pouco respeitado. Ainda bem se o fizer!

As nossas coisas te interessam na dupla qualidade de brazileiro e investigador assiduo de tudo quanto respeita á nossa patria. Ahi vão pois umas «*noticias curiosas e necessarias,*» como as baptisaria o P.e Simão de Vasconcellos: coisas que a uma te mortifiquem e consolem, como a lança d'Abrahão, que ao mesmo tempo levava á bocca o mel e o ferro—receita a que teu collega Willis deu modernamente a designação de *xarope cholybeado*. Vende-se na botica, e tanto basta para ser abominavel.

Todavia, apezar d'estas reminiscencias biblico-pharmaceuticas, vai isto escripto ao que a penna dá, sem veleidade scientifica, e sem pretenções *au grand jour de la publicité*.

O Amazonas!

Ao pronunciar esta palavra todo o coração brazileiro estremece. Os que o têm visto sabem que a seu respeito se tem escripto mais ou menos do que a verdade; os que o não viram ainda conservam e guardam lá em um dos escaninhos d'alma o desejo de o avistar ainda algum dia. Pois, no meio de tudo, crê que o Amazonas nada mais é do que um rio. Vê-se e admira-se, mas é só com o auxilio da reflexão que elle se torna assombroso. Navega-se por um immenso lençol d'agua, onde o vento levanta tempestades perigosas,—onde a onça e a cobra se afogam por não poderem

cortar a corrente, e como que o espirito se satisfaz pensando ter já contemplado o Amazonas!—mas o que se vê de um lado e de outro são ilhas—e alem d'estas ilhas outros canaes tão volumosos como estes, e alem d'estes novas ilhas. A alma então se abysma não podendo fazer uma idéia perfeita do que é esta immensidade.

Suppõe tu pois um immenso archipelago, porque de cada um dos seus grandes confluentes podes dizer que tem ainda para mais de mil ilhas e nello despejam alguns milhões de braças cubicas d'agua por hora! Terra firme chama-se somente a que não é alagadiça: as margens chamam-se praias, as aguas elevam-se em ondas e o vento conhece-se no seu elemento. Os termos mesmos da navegação de longo curso, quero dizer—do alto-mar, não se estranham, antes parecem aqui necessarios.

Queres ouvir?

Um dia, em viagem do Pará para o Rio-Negro, navegavamos com mar um pouco picado no magnifico vapôr *Manáus* da companhia do Alto-Amazonas. Seriam duas horas da tarde, e estavamos todos sobre a tolda, quando de repente brada uma voz não sei d'onde:—*«homem no mar!»* Inquietos e sobresaltados, corremos todos á amurada, tripolação e passageiros, e viu-se uma cabeça de preto, que fugia, rapida como uma seta, pela pôpa do barco fóra.

Ver n'aquelle oceano uma pobre creatura lutar com o terrivel elemento—o perigo em que estava,—a ju-

certeza de salvação, a impressão d'aquelle espectaculo assustador,—tudo estava de accôrdo com o grito de *«homem no mar»;* porque no mar, onde quer que fosse, não seria maior o perigo. Mas o que ali se não veria, era que, logo atraz, uma cobra immensa arrastada pela corrente lutava tambem com as ondas, e fatigava-se com esforços inuteis. O vapor que já então recuava, deu-lhes felizmente outra direcção de modo que os dous companheiros d'infortunio ficaram longe um do outro. O coitado do preto, no emtanto, gritava como um possesso, e quasi a afogar-se, ainda commettia barbarismos sem nenhum temor de Deus. Este, porém, foi servido que elle não morresse duas vezes afogado, pois iria com alguns erros de grammatica atravessados na garganta! *Mi acudi, gentis!*

Este espectaculo accrescentou certas ideias de alta consideração e profundo respeito, como se diz na secretaria de estado dos negocios, á admiração que eu já sentia pelo Amazonas.

Ia eu porem tratando das suas ilhas. São ellas no meu entender uma das maravilhas do Pará. Multiplica o curso dos rios pela extensão das suas margens, toma o circuito (!) d'estes milhares de ilhas; considera quantos rios ha ainda de curso menos conhecido, os quaes todos com raras excepções correm por um declive suave, os furos que encurtam as distancias, os igarapés que em differentes alturas communicam os grandes rios entre si;—considera a preciosidade das suas drogas, a fertilidade incrivel do solo, favorecida

pelo calor e pela humidade, e verás que nenhum paiz é tão proprio para a agricultura nenhum tão favoravel ao commercio,—nenhum que tenha tanta quantidade de terras em contacto com agua navegavel.—E logo o Baixo-Perú, que morre asphixiado se lhe tapamos o Amazonas,—a Bolivia que tudo espera do Madeira, e que póde ser muito por meio d'elle,—e Venezuella, e Nova-Granada que nos estendem os braços do Yapurá e do rio Negro, ao passo que se temem naquelle perigoso mar das Antilhas—e as nossas provincias de Goyaz e Matto-Grosso?.. Amigo, seremos alguma coisa algum dia, se os nossos vindouros valerem mais que os Fer e Mar de hoje—*duo magna luminaria*—Não lhes acho outro ponto de contacto, senão serem ambos luminarias (SS. EExc.as me perdoem)—conselheiro ou commendador, ministro ou presidente;—o que for um—o que tiver sido outro—*duo magna luminaria.* É a Biblia quem m'o diz e fico nisso:—(Et Deus fecit) porque, se Deus os fez, ficaram feitos por todo o sempre.

Pasmado quando entra no grande leito do Amazonas, perdido nesta immensidade, o viajante pensa comsigo: «Lá mais em cima, estas aguas se hão de tornar menos volumosas, hão de estreitar-se estas margens, este colosso hade emfim cahir debaixo da acção e comprehensão dos sentidos humanos!»

Nesta esperança passa o Xingú, Tapajoz, Trombetas, Madeira (gigantes tambem), e o rio é sempre o mesmo!

Deixa atraz o immenso cabedal do Rio-Negro, com as suas aguas que espantam pela côr,—o Japorá semelhante ao Nilo com as suas sete bocas, o Purús, Ucayale, Uallaga, e entre estes, o Coary, Teffé, Javari, Napo, centenas de outros; e o eterno rio, na distancia de oitocentas de novecentas legoas ainda *parece* o mesmo!

Sem duvida que as aguas diminuiram; mas é que ha menos ilhas, menos *paranás*, eis tudo. O que se vê é, com differença pouco sensivel, a mesma coisa. A sua força é ainda a mesma, as suas transformações tem ainda a mesma intensidade; porque o Amazonas, o Solimões e o Maranõn, esta trindade fluvial n'um só corpo, é um grande destruidor; mas tambem um creador por excellencia. Ilhas e praias faz elle ou desmancha com assombrosa facilidade.

Alguma vez, a canôa dirigida por um habil pratico, aporta a uma ilha que ali existe, diz elle—desde que a gente é gente, ou, por outros termos, desque se viu admittido ás honras, proes e precalços de tão penosa profissão.

É lisa a superficie das aguas; o céo sereno se retrata nellas como n'um espelho, as folhas não remechem, os animaes bravios pastam descuidados, as aves contemplam pasmadas os novos hospedes que lhes chegam,—tão patetas uns como outros. Nada revella perigo, nem á intelligencia do homem, nem ao instincto do irracional.

Nesta paz, neste ao que parece, remansear das for-

ças da natureza, ouve-se de repente um rugido como se os ceos desabassem—arvores colossaes oscillam, vergam, tombam como castellos de cartas!—a terra falta, desapparece,—a canôa não desamarra, nem tem tempo, arrebenta-se-lhe o cabo,—as aguas repellidas pela quéda das barreiras e das arvores repellem-n'a tambem para o largo;—e antes que os viajantes possam tornar a si do assombro,—antes que saibam e conheçam o que foi,—antes que o mestre possa commandar alguma manobra, voltam ellas pujantes, furiosas, redemoinhando, e n'um vortice—canôa, arvores, ilha—tudo desapparece e se esvae como por encanto. Boiam sómente algumas d'essas arvores monstros, que tornam perigosa a navegação do Solimões e do Amazonas, e cujas raizes sobrenadam sobranceiras como ilhas fluctuantes sobre a superficie das aguas; fogem, grasnando algumas aves, lastimando a perda de seus ninhos,—e o rio cobre magestosamente aquelle espaço, aquelles destroços, aquelle *ubi Troja*, mostrando apenas n'aquelle logar uma larga mancha côr de terra; porque a ilha se submergiu n'um abysmo tão completo e quasi tão instantaneamente como um homem se afoga!

Mas estes destroços—terra e troncos—mais abaixo se agglomeram, se accumulam, accrescentando n'outra parte o continente ou formando alicerce para novas ilhas. Depois a aninga surgirá d'entre as aguas com as suas folhas em fórma de coração e o fructo á semelhança de um ananaz inculto,—e mais acima, em terra já mais descoberta, vingará a canarana, pasto do her-

bivoro peixe-boi, perseguido na terra pelas onças, nos rios pelos jacarés, e pelo homem em toda a parte.

Infindas palmeiras, cujas raizes procuram e se nutrem de humidade, levantam os leques e as palmas, matizadas com as cores vivas das araras e papagaios, que folgam de pousar n'ellas.

Logo mais a embaúba virá ao sopro da brisa curvar as folhas esbranquiçadas, figurando um bando de garças pousadas á margem da corrente; e como corôa de tudo, a sumaumeira eleva e alarga a copa immensa e magestosa, cuja sombra ao meio dia cobre, segundo se crê, a circumferencia das raizes.

Emfim, á sombra desta vegetação vigorosa e rica, vem a baunilha encrustar-se nos troncos de superficie rugosa, embalsamando os ares: o cacaoeiro pouco amigo do sol virá occultar-se sob estas ramagens frondosas,—em quanto para se tornarem deliciosos mil fructos silvestres, e entre elles novas especies dos já domesticados,—a sôrva, o auixi, o araçarana—só esperam a mão do homem para o recompensarem de seus disvellos.

Accrescente-se á isto milhares de parasitas, infinitas trepadeiras que se emmaranham pelos troncos, debruçam-se dos ares, estrellam a paisagem e matizam o panorama, acariciando a vista e o olfato ao mesmo tempo; mas com cores tão finas que se não desmancharam ainda na palheta de pintor; mas com olores tão suaves, que os não descobriram ainda os nossos perfumistas de agora. Aqui, quer ao clarão da lua, quer

no remansear de uma noite serena dos tropicos, respira-se ás largas, em ondas, á plenos pulmões, como se toda a athmosphera não bastasse para satisfazer a sêde do olfato, que se desperta soffrega, que é poesia ainda, que se converte em amor!—amor por todos quantos respiram sob este ceo abençoado, e cujos peitos, se alguns tendes perto, arfam acordes comvosco n'um sentimento invisivel de amor da patria e de benevolencia reciproca.

Vós que, semelhantes a mim e a muitos outros, talvez sem razão, vos entristeceis ou irritaes com o geito que as nossas coisas vão tomando, acaso porque se vos tornou menos risonho o céo da vossa imaginação,—vós que, n'um accesso de hypocondria, chegastes a desamar a terra de que sois filhos e a descrer dos homens de quem sois irmãos,—vinde-me aqui passar um quarto de hora em noite de luar sereno, ou nessas noites de escuro, ainda mais bellas e mais serenas do que as outras, em que milhões de estrellas se reflectem nas aguas, e no escuro transparente do céo e do rio desenham o duplicado perfil d'essas florestas immoveis e gigantescas: respirai-me estes aromas, que se elevam suavemente combinados, como de um vaso de flores colhidas de fresco, e haveis de acharvos outro, e, como nos tempos felizes da juventude, capaz ainda das illusões floridas, da confiança illimitada, da fé robusta, nos successos, nos homens, no futuro, e, se quer por alguns momentos podereis sentir, haveis de sentir orgulho de vos chamardes *«brazileiro»* tambem.

Eis que obras perfaz o gigante em alguns annos! É a ilha de Calypso sem a deosa, e sem as nymphas que a serviam,—um ninho de fadas, que se desencantaram, um paraiso, mas visto de longe. Perto!.. Toda a luz projecta sombra, diz um collega, toda a medalha tem reverso! Sentem-se logo os meruins, os micuins, os piuns, os mosquitos, as motucas e os carapanás,—as aranhas, os lacráos, as cobras, todo o arsenal do diabo em numero infinito de instrumentos,—uns na terra, outros nos ares,—uns que mordem pela manhã, outros á tarde, outros de noite, já estes que ferram cantando, já outros que mordem á surdina,—com rostro ou mandibulas, com a bocca ou com o abdomen,—estes aqui, aquelles mais longe,—em uma palavra, ha de tudo, para todos os tempos, para todos os logares, para todos os gostos!

Nesta Babel de pragas, a poesia, como passarinho ao cahir da tarde, esconde-se, que ninguem sabe mais noticias d'ella. Engano-me: a poesia do naturalista, botanico ou zoologo, principalmente se é allemão, resiste a tudo. Martius no Yapurá ou Grão-Caquetá, como melhor se chame, fez um poema á solidão das florestas. Está manuscripto o poema, e talvez morra nos limbos, mas eu que te fallo, isto é, que te escrevo— *egomet luisec occulis vidi!*

Fallei acaso ligeiramente da musa allemã? Praguento será quem n'o suspeite. Não mais, e acaso melhor que ninguem me deixei apaixonar por ella.

A musa allemã?!

Lá vai uma profissão de fé do que julgo e creio á seu respeito, posto que não faça muito ao caso.

É uma d'essas donzellas, um pouco inteiriças, mas cheias de poesia e dignas de acatamento, atravessando as vastas salas de um antigo castello feudal, entre retratos que amedrontam, e amplos razes, que movidos ao sopro de vento frígido n'uma noite de inverno, dão vida e movimento a um mundo phantastico, ideal e para sempre desvanecido!

É uma d'essas figuras de anjos, que vemos e admiramos illuminadas nos antigos missaes e velhos livros de orações, com physionomia de expressão celeste; mas os pés e as fórmas envolvidas n'uma densa nuvem de brocados, de veludos, de damascos, figuras que não pousam, antes que parece que aspiram, e que de facto remontam aos céos.

Impressione-se embora das nebulosidades de Kant, de Fichte e de Schelling!—de vez em quando lhe ouvireis um ai, um grito, como se conjunctamente se rompessem uma corda á lyra e uma arteria ao coração: é o mundo real, a alma, a humanidade,—é a natureza que falla, a natureza pura, grande e tão nobre, que quasi parece ideal,—a natureza manifestando-se n'um d'esses bellos idiomas, que por si honram os que o fallam, dão testemunho de suas largas concepções, e prognosticam as suas conquistas nos dominios infinitos da intelligencia e da imaginação.

Mas.

Eu que commetto insano e temerario?

Musa, onde me sóbes?!—Desce, vadia, senta-te com proposito, e conta-nos. . . .

Ai!.. já me esquecia que se tratava de pragas, micuins, e miudezas quejandas!

Dizia eu pois que, se fossem somente ellas, a musa, mesmo a do naturalista, teria desculpa, cantando os enlevos d'esta terra, que zelamos tanto, e tão pouco aproveitamos. Infelizmente porem os males, como as sardinhas, andam em cardumes, e mais infelizmente ainda os cardumes de pragas fazem sucia com boa meia duzia de enfermidades, das melhores que temos registradas nos *Memoriaes pathologicos*.

Mas não o querem crer, bem que mais alguem o tenha dito.

Entre esses, um homem, tão distincto pelas suas luzes, como pelos seus sentimentos representou este Pará e Amazonas, como um inferno em miniatura, as terras desertas, inhabitadas, e quasi inhabitaveis,—a zona torrida dos antigos com um diluvio de todos os annos,—emfim só real e verdadeiro paiz de *Cocagne* para os *flibusteiros do Norte*, para os medicos que não têm que fazer na côrte, e para os boticarios, sem papeluxo de vendedores de drogas. Homem, que tal disseste! Cahiram-lhe logo em cima desaffectos em barda!

Por experiencia propria bem deves saber, que, onde apparece incontestavel merecimento nasce logo esta mostarda, como cogumelos em tempo de chuva. Creaturas a quem nunca vistes, que não conheceis, a quem

nunca fizestes mal, de quem nunca se vos dará o valor de um cominho,—muitos, a maior parte d'esses, e o que é mais—os que alguma coisa vos devem, os que vos devem muito, estes principalmente,—logo que tendes verdadeiro merecimento são vossos desaffectos: é o burguez de Athenas, votando no ostracismo de Aristides; mas os nossos burguezes de hoje, graças ás luzes do seculo, não se satisfazem com escrever na concha a lettra nefasta! Atiram com ella, em vez de pedra, á cabeça do pobre Aristides, para que tome juiso e se contenha nos limites estreitos, na senda trilhada do vulgar vulgacho. Digo-o sem applicações, e passo adiante.

Ora, como ia dizendo, a chusma dos desaffectos cahiu-lhe em cima como uma nuvem de gafanhotos. «Vejam, que administrador, diziam!—Que juiso de homem! Dizer aquillo do Grão-Ducado, que é o unico Grão-Ducado que ha em todo o Brazil, que é o unico Brazil, que ha em todo o mundo!»

Perdão, meus amigos!

Lá quanto a administrador não digo nada. Desde que a lei creou, ou vai crear uma classe d'elles, é da maior evidencia que todo o *civis romanus* se deve sujeitar á lei, e não hade manifestar talentos que a mesma lhe não reconhece. Se não está feita ainda a estatistica d'estes nossos grandes homens, paciencia!—esperemos sem aventurar juisos temerarios!

Negar-se porém intelligencia e criterio a uma intel-

ligencia d'aquellas, só porque disse, pouco mais ou menos, que isto é um charco e como tal doentio, ides mais longe do que elle. Houve exageração no seu dizer, exageração intencional, manifesta, provada; mas falsidade, não.

E se não, vede:

Desembarca um homem no Pará, no comêço das chuvas, ou no principio do anno, com a intenção de

Indios, que é d'elles! Pois contavam-se então ás centenas, por milhares!

E pois cheguei aos indios, faço aqui ponto para tomar folego, e continuar mais descançado.

Teu do C.

G Dias.

HISTORIA PATRIA.

I

REFLEXÕES

SOBRE OS ANNAES HISTORICOS DO MARANHÃO POR BERNARDO PEREIRA DE BERREDO. [1]

Tratando-se de reimprimir no Maranhão esta chronica, que abrange todos os acontecimentos d'aquella

[1] Foram publicadas como introducção á 2.ª edicção dos *Annaes Historicos,* feita n'esta cidade em 1849 pelos srs. drs. Fabio A. de Carvalho Reis e Pedro Nunes Leal, e depois no 1º e 2º numeros do *Guanabara*, de que era G. Dias um dos redactores. O illustre escriptor João Francisco Lisboa, impugnando no seu *Jornal de Timon* (1852) algumas das idéas aqui emittidas pelo auctor, e depois, em 1858, tendo melhor e mais de espaço compulsado os documentos relativos á nossa historia em suas verdadeiras fontes, retractou-se em parte, fazendo justiça ao poeta; mas foi isto parte para que o sr. Varnaghen em seu vergonhoso libello—*Os Indios Bravos e o Sr. Lisboa, Timon* 3.º—que escreveu, revolvendo de um modo assaz cruel as cinzas do eximio prosador, quatro annos depois d'elle morto, fizesse um dos capitulos de sua accusação insolita, quando a todo o homem desapaixonado parecerá por certo acto digno de louvor o de J. F. Lisboa, que, cahindo na verdade, viesse de publico confessal-o, rendendo homenagem aos talentos e merecimentos do poeta. Vejam-se sobre a questão—pag. 12 e seguintes do 2.º volume; e pag. 207 e seguintes do 3.º volume das *Obras de J. F. Lisboa*, Maranhão— 1865.

A. H. L.

provincia desde o seu descobrimento até 1718, comprometti-me a fazer sobre aquelle trabalho algumas reflexões, que não serão inteiramente escusadas, tanto mais, quando em grande parte são applicaveis aos outros escriptores, que se tem occupado com a historia do Brazil. Vou agora cumprir essa promessa, sem desconhecer que não é facil, antes difficil a tarefa: mas só a ponto de a levar a execução, é que avento quantas difficuldades terei de arrostar. O escriptor escreve, o critico julga; porem o publico de melhor grado se inclina a desculpar os erros do escriptor do que os lapsos do critico.

De boa mente renunciaria a este empenho, se o podesse sem desar; mas não heide faltar a minha promessa; nem pelo que me podem assacar, deixarei de emittir meu parecer tão livremente como se elle tivesse de ficar fechado commigo, e não de ser offerecido á consideração do publico.

Não se hade elogiar sem motivos, nem se hade criticar sem o porquê, assim pois, heide ser mais extenso, mais difuso do que talvez conviesse, porque quero ser comprehendido e porque escrevo para todos. O que fôr de sobra para uns, será apenas sufficiente para outros.

Collocado entre o tumulo de Berredo e o povo, cujo berço elle descreve, serei indulgente para com o primeiro, verdadeiro para com o segundo; porem de modo tal que a indulgencia não releve os erros crassos, que não prejudique á verdade: em uma palavra, se-

rei verdadeiro sempre, indulgente quando o poder ser.

Não escrevo um prologo, porque pontos ha que me parecem dignos de maior desenvolvimento do que me permittiriam os limites estreitos d'este genero de escriptos, nem tambem commentarios, porque ser-me-hia preciso apreciar factos e circumstancias demasiadamente pequenos, de nenhuma importancia, de nenhum proveito. Os prologos nada valem, os commentarios causam e pouco interessam; não me sobra tempo para isso, nem que assim fosse me daria a esse trabalho. Ha talvez um meio entre um e outro: chamar-lhe-hei—*Reflexões*—em falta de outro nome.

Berredo era portuguez, e só escrevia para portuguezes: não escrevia a historia do Maranhão, escrevia uma pagina das conquistas de Portugal: dahi o seu principal defeito.

Não é um verdadeiro historiador, é um simples chronista; não explica, expõe os factos, enumera-os, classifica-os pelas datas, e julga que nada mais lhe resta a fazer. Justiça lhe seja feita: a exposição é quasi sempre verdadeira, as numerações são exactas, as classificações são justas: mas falta-lhe a côr, o movimento, a vida, e por isso a sua obra é tantas vezes fastidiosa.

Não é philosopho, é um simples litterato: como litterato estudou Tito Livio e Tacito, estes grandes historiadores da antiguidade, cujo estylo procurou com baldados esforços imitar; mas não escolheu bem os

seus modelos; porque a magestade, a força d'aquelles escriptores é, em assumptos de tão pouca importancia, forçada e mal cabida, e a imitação, como que se converteu em parodia.

Quem quer que for bom historiador deve ter uma d'estas duas coisas: ser politico ou poeta: não poeta no sentido em que falla Filinto Elysio—homem que vive de medir linhas curtas e compridas—, mas poeta de alma e de sentimento; escreva prosa ou verso; chame-se Schiller ou Chateaubriand, Homero ou Platão.

O historiador politico resume todos os individuos em um só individuo collectivo, generalisa as idéas e os interêsses de todos, conhece os erros do passado e as esperanças do futuro, e tem por fim—a nação.

O historiador poeta resume as nações em uma só nação, sympathisa com todas as suas grandezas, execra todas as suas turpitudes, e generalisando todos os sentimentos, todas as aspirações do coração humano, tem por fim—a humanidade.

O historiador politico escreverá o livro do povo, um como aquelles fragmentos da sybilla, que os romanos consultavam nas grandes tempestades da sua Republica. O poeta historiador escreverá o livro do homem e de todos os homens, do povo e de todos os povos—o evangelho da humanidade.

Berredo não era nem politico, nem poeta: foi, como disse, um simples litterato portuguez, que escreveu, não a historia do Maranhão, mas uma pagina das conquistas: o que lhe interessa são aquellas insignifi-

cantes commocções de uma cidade dividida em classes tão disparatadas, são as representações da camara do senado, as exigencias dos colonos, as ordens da metropole, os comboios annuos, as digressões dos governadores, os resgates de indios. O que é portuguez é grande e nobre; o que é de indios é selvatico e irracional; o que é de estrangeiros é vil e infame. Assim nos indios só vê barbaros, nos francezes piratas, nos hollandezes hereticos e sacrilegos: é tudo um mixto de patriotismo exclusivo e de cego fanatismo, porque Berredo é o orgam dos colonos portuguezes com todas as suas crenças, com todos os seus preconceitos, porque elle não enxerga senão o presente, não escuta senão o que diz o povo. Mas de tudo isto que é o que devemos pensar? Qual é a opinião do historiador? Eis o que não sabemos.

Os hollandezes eram demasiadamente religiosos, para que desacatassem a sua propria religião, qualquer que fosse o symbolo por que ella se manifestasse exteriormente. O sacrilegio, que se diz commettido por elles, quando foi da invasão que fizeram no Maranhão, collocando uma imagem sagrada de alvo ás baterias portuguezas [1] eram vozes adrede derramadas na população afim de envinagrar as odiosidades entre os dous povos rivaes no ponto em que se combatiam. E o milagre com que Berredo remata este conto, se é que tal nome de milagre póde caber a factos, que mil vezes

[1] Berredo. *Annaes*—Livro 12. n.º 853.

se repetem entre os desastres de uma guerra, qual é o de arrebentar uma peça matando os artilheiros, servirá para mais confirmar a nossa asserção. Mas admitamos, que eram, como hoje se diz,os prejuizos de então, e que elle, escrevendo sob a immediata censura dos frades, não podia deixar de render tributos ao fanatismo da época.

Os hollandezes eram religiosos tanto e mais que os portuguezes; estavam em todo o esplendor da sua prosperidade, affrontavam Cromwell e os Felippes,monopolisavam o commercio do Japão, occupavam Java, fundavam Batavia e Ceylão; emfim o tratado de Munster lhes assegurava quasi todo o commercio da Africa e das Indias. No emtanto, os portuguezes caminhavam a passos largos para a sua decadencia: quarenta annos de dominio hespanhol tinham arruinado as suas feitorias e anniquilado a sua marinha: tinham perdido muitas das suas possessões da Asia, e quasi todas as de Africa, e não podiam soccorrer as suas colonias do Brazil.

Porque então não poderam os hollandezes estabelecer-se no Brazil? Porque não poderam fundar colonias, quando as fundavam em dominios portuguezes mais bem defendidos que estes? Porque foram vencidos pelos portuguezes, quando venciam os hespanhoes, então incomparavelmente mais poderosos? Porque foram vencidos aqui quando os venciam em outras partes?—porque erraram; e o erro em politica é morte; commettida a culpa, o castigo sobrevem logo inexoravel e terrivel como uma fatalidade.

Se elles se ligassem aos indigenas, se os soubessem chamar ao seu partido, se comprehendessem o que estes, em relação ao paiz que pretendiam avassallar, seriam vencedores; porque da escravidão á revolta o que ha? Um passo quando muito. Ora, os indigenas, com o seu amor ardente de liberdade, como de todos os povos semi-barbaros, mal soffriam os portuguezes a quem tinham offerecido hospitalidade, e que em troca os despojavam de suas terras, dos seus meios de subsistencia, de suas familias, da sua independencia, que elles mais que tudo prezavam.

Os guaranis escreviam aos portuguezes:

«Sabendo estas coisas (diziam depois das suas allegações), não havemos de crer que o nosso bom rei mande que uns infelizes sejam prejudicados nas suas fazendas e desterrados sem haver mais motivo que servil-o sempre, quando se tem offerecido. E assim não o creremos nunca, quando diga:—Vós outros indios dai vossas terras e quanto tendes aos portuguezes— não o creremos nunca. Não hade ser. Se acaso as querem comprar com o seu sangue, nós outros todos os indios assim as havemos de comprar. Vinte povos nos temos ajuntado para sahir-lhes ao encontro. E com grandissima alegria nos entregaremos á morte antes do que entregar nossas terras!. . Não queremos ir aonde vós estais, porque não temos confiança de vós outros; e isto tem nascido de que haveis despresado as nossas razões. Não queremos dar estas ter-

ras, ainda que vós tenhais dito que as queremos dar.»[1]

Era esta a linguagem de todos. Appellavam para um poder superior, porque reconheciam que eram os mais fracos; mas com a probabilidade da victoria, ainda sómente com a esperança da vingança; acceitariam o auxilio de outros, embora extranhos, embora depois se convertessem tambem em tyrannos.

Os hollandezes desprezaram os indigenas e foram vencidos; destruiram em vez de edificar; uniram a população, ameaçando-a com um perigo commum, em vez de a dividir com a diversidade de interesses que de facto existia.

E os francezes porque foram tão bem recebidos onde quer que desembarcaram? Porque acharam tanto apoio nos indigenas?--Por duas razões: não só porque o seu caracter sympathisa facilmente com o de todos os outros povos, mas porque tratavam com os indigenas, como de iguaes para iguaes; queriam antes amigos que escravos, commerciavam em vez de esvravisarem. Eis toda a sua diplomacia com os indios.

Não acontecia assim com os portuguezes. Vinham para o Brazil aquelles que não tinham sufficiente coragem para se lançarem sobre a Asia e Africa, cujos campos, cujas cidades, cujos imperios tantas vezes repetiram com terror o nome portuguez. Foi esta a razão

[1] Dezembargador Seabra—*Provas da Deducção Chronologica* pag. 172.

porque os reis de Portugal tiveram sempre os olhos cravados n'aquellas partes do Oriente, onde a sua gloria se pleiteava, deixando por tanto tempo o Brazil á mercê dos seus deportados e dos seus aventureiros.

Para a Asia e Africa mandava Portugal a flor da sua nobreza, para o Brazil vinha o rebute da sua população; havia excepções, mas estes vinham por engano, como veio Pedro Alvares Cabral. Os de lá adqueriam gloria, os d'aqui lucravam fortuna; aquelles eram heróes, estes commerciantes. De volta á metropole trocavam-se as partes: os primeiros, que só podiam mostrar cicatrizes, morriam nos hospitaes; os segundos, que só tinham fortuna, construïam palacios. Como pois não haviam de buscar o Oriente as almas grandes de Portugal, que as houve sempre, e muitas; e como não haviam as almas interesseiras de affluir para onde se descobriam minas de ouro e diamantes?

Eis porque as primeiras paginas da historia do Brazil estão alastradas de sangue, mas de sangue innocente, vilmente derramado! O unico motivo de quasi todos os factos que aqui se praticaram durante tres grandes seculos foi a cobiça; cobiça infrene, insaciavel, que não bastavam fartar os fructos de uma terra virgem, a producção abundantissima do mais fertil clima do universo, as mais copiosas minas de metaes e pedras preciosas.

Se vos perguntam porque tantos riscos se correram, porque se affrontaram tantos perigos, porque se subiram tantos montes, porque se exploraram tantos rios,

porque se descobriram tantas terras, porque se avassalaram tantas tribus; dizei-o, e não mentireis:—foi por cobiça.

Era por cobiça que os governadores vinham á estas terras tão remotas,[1] onde nenhuma gloria os esperava; era por cobiça que os proprios missionarios deixavam a frisa e a orla das roupetas nestas florestas sem caminho, porque tantas privações passavam, porque soffreram tantos martyrios. Um d'elles escrevia a D. Affonso VI, encarecendo as obras da Companhia: «Assim que, Senhor, vamos tomando conta d'estas terras por Deus e para Deus.»

O primeiro topico de que havemos de tratar na historia do Brazil é dos indios. Elles pertencem tanto a esta terra como os seus rios, como os seus montes, e como as suas arvores; e por ventura não foi sem motivo que Deus os constituiu tão distinctos em indole e feições de todos os outros povos, como é distincto este clima de todo e qualquer outro clima do universo.

Não digamos, como Berredo, que era um povo bruto e feroz, nem os apreciemos pelos que hoje conhecemos. Não degeneraram ao contacto da civilisação, porque esta não póde envilecer; mas embruteceram á força de servir, perderam a dignidade, o caracter proprio, e o heroismo selvagem, que tantos prodigios

[1] Não exageramos: o Padre Vieira escrevia ao rei de Portugal: «Peço a V. M. que os governadores e capitães-móres que vierem a este Estado sejam pessôas de consciencia, e porque estes não costumam a vir cá, etc. *(Cart. de 20 de abril de 1657.)*

commetteu e perfez. Vêde o que fizeram, e dizei se não ha grandeza e magnanimidade n'essa luta que sustentam ha mais de tres seculos, oppondo a flexa á bala, e o tacape sem gume á espada d'aço refinada.

Elles são o instrumento passivo de quanto aqui se praticou de util ou de glorioso; são o principio de todas as nossas coisas; são os que deram a base para o nosso caracter nacional, ainda mal desenvolvido, e será a corôa da nossa prosperidade o dia da sua inteira rehabilitação.

O indio primitivo, naquellas festas de sangue, que eram o enlevo de suas *tabas*[1], quando prisioneiros entoavam com voz segura o seu canto de morte, e cahiam impavidos e ameaçadores sob os golpes da *iverapema*[2], eram verdadeiros heróes.

Quando no meio das matas procuravam debalde alimento para matar a fome, quando depois das fadigas talvez de tres dias consecutivos desesperavam do successo da sua empreza, deitavam-se tranquillos á sombra de alguma arvore, esperando resignados que Tupan lhes mandasse ali o de que careciam.

Quando prisioneiros, manietados, arrebanhados—são condusidos para as cidades, quando os querem forçar a mudar de vida, quando lhes não dão os alimentos a que estão acostumados, quando lhes não permittem os

[1] Aldêas.

[2] Maça do sacrificio. *(Hans Stadte—Varhaftige beschreibung eyner Landschafft der wilden nackten, grimmigen menschenfresser leuthen, in der newen Well America gelegen etc.*

exercicios a que estão affeitos, quando lhes prendem os membros nestes nossos prosaicos vestidos tão mesquinhamente talhados, quando os encerram entre as paredes de uma casa, a elles, cuja vida e desejos cifram-se todos no gozo de uma liberdade incircumscripta, tornam-se indifferentes aos carinhos e ás ameaças, aos mimos e aos máos tratos—resignam-se e morrem!

Imprevidencia, resignação e heroicidade, eis o indio.

E ao nosso povo, que lhe importa a vida? Se estendem o braço, encontram fructos com que matar a fome; se dão um passo, encontram regatos onde matem a sede; para que pois curar do dia de amanhã? As fontes não seccam nunca, e os fructos são de todo o anno. São por isso imprevidentes.

Se olhando para cima vêm que os que lhes estão superiores abusam; se olhando para baixo vêm que os que lhes são inferiores soffrem, não murmuram de uns, nem defendem os outros, e todavia conhecem o que é bem, e o que é mal. Mas que lhes importa isso? Se a sua vida é miseravel, se a sua condição é triste, se os vexam, se os perseguem, se os maltratam, mesmo se os despresam, soffrem, e procuram esquecer-se, portanto resignam-se.

Se porém a esses homens, tão descuidados, tão resignados, tão imprevidentes, podeis dar um motivo de acção, um incentivo qualquer, se nessas almas, que tão facilmente se afinam, se inflammam, se electrisam, transbordando os mais generosos sentimentos, podeis derramar uma faisca de enthusiasmo, vereis o que são, o

que fazem, o de que são capazes: serão corajosos e infatigaveis, pertinazes no seu proposito, atilados na sua execução, quasi sempre poetas, heróes algumas vezes.

Tudo isto é indio, tudo isto é nosso; e tudo isto está como perdido para muitos annos.

Sim, a escravidão dos indios foi um grande erro, e a sua destruição foi e será grande calamidade. Convinha que alguem nos revelasse até que ponto este erro foi injusto e monstruoso, até onde chegaram essas calamidades no passado, até onde chegarão no futuro: eis a historia.

Convinha tambem que nos descrevesse os seus costumes, que nos instruisse nos seus usos e na sua religião, que nos reconstruisse todo esse mundo perdido, que nos iniciasse nos mysterios do passado como caminho do futuro, para que saibamos donde viemos e para onde vamos; convinha emfim que o poeta se lembrasse de tudo isto, porque tudo isto é poesia; e a poesia é a vida do povo, como a politica é o seu organismo.

Que immenso trabalho não seria este! mas tambem quantas licções para a politica, quantas verdades para a historia, quantas bellezas para a poesia!

Em primeiro lugar, devia ver qual tinha sido a Judea d'esta parte do novo-mundo: o seu berço devia ser abundante de caça e de pesca, como para homens que careciam de toda a industria; devia por fim ser coberto de arvores que lhes servissem de abrigo. Será ainda preciso que indiquemos o Amazonas? A tribu-mãi, que

deveria ter vindo da America Septentrional pelo isthmo de Panamá, havia de ter-se estabelecido nas florestas, porque—para que era ir mais longe?

Estes foram os *tupys*, o seu nome bem o indica; ou porque elles se julgassem descendentes de *Tupan*, ou porque lhe tomassem o nome de agradecidos pelos ter guiado ao travez de tantas vicissitudes a estas novas terras de promissão. Assim foi que o povo hebraico se chamou povo de Deus. Mas talvez ha outra ethymologia. A palavra—*Tupy*—formada da palavra—*ypy*—que quer dizer—cabeça de geração, principio, primeiro, origem, etc.—*Pará* não é senão abreviatura de *Paraná*, [1] nome que os indios deveriam ter dado ao Amazonas; se porém soubessemos qual o nome por que elles indicavam aquella provincia, ou os lugares que habitavam, talvez nos podesse isto esclarecer sobre tão importante questão. Mas que os *tupys* são filhos do norte, prova-o a sua linguagem doce e harmoniosa, toda intercalada de vogaes, e exprimindo musicalmente todas as affeições agradaveis, [2] prova-o a sua imaginação ardente e colorida, e as suas crenças todas—poesia, todas do coração.

A população, graças á amenidade do clima, devia crescer rapidamente, e foi mister que houvesse uma grande scisão. Eis os *tupinambás* e os *tupinikins* que

[1] Na lingua indigena quer dizer—mar—.

[2] Di-lo o Padre Anchieta no prologo do seu *Diccionario Braziliano*. O *Novo Orbe* diz:—«facilis est copiosa, neque insuavis.»

conservando no seu nome a raiz *tupy*, apparecem bem longe do Amazonas. Elles resurgem em Pernambuco, caminhando para o sul.

Alguns d'elles, ou por mais aventureiros, ou porque ainda fosse mister nova scisão, caminharam ainda mais para o sul e ahi fundaram as suas *tabas*. São os *tamoios*. [1] Elles fallavam a lingua tupy, e o seu nome, que indica serem elles o tronco de todas as tribus, não serviria senão para designar a tribu primitiva vinda das partes do norte. Apparecem já no Rio de Janeiro e levam a mesma direcção.

Mas outras nações, descidas dos Andes, aqui se vinham estabelecer, fugindo ao dominio dos Incas. Testemunhas da civilisação nascente do Perú, admiradores, máu grado seu, dos progressos que lá tinha feito a civilisação, com saudades das terras onde tinham nascido, e donde só a força os tinha desalojado, vêm d'elles sem duvida a tradicção indiana de que o paraiso ficava além dos Andes.—São estes os *coitazases (coitacazes)*, cujo nome tanto vale como se dissessemos—homens que vêm das florestas. Encontrados com os *tamoios* e talvez já então com os *tupinambás*, foram recalcados para as florestas, e d'ahi vem que nunca perderam o nome:—homens que vem das florestas ou que vivem nas florestas—isto é—longe das praias—podia entre elles exprimir a mesma coisa.

Novas levas de indios partiram d'aquelle viveiro do

[1] Tamuya—quer dizer avós.

Amazonas; estabeleceram-se no Ibyapaba e d'ahi passaram a Pernambuco. São os *tobajaras*. Os *potiguaras* são tribus d'esta grande familia.—Encontrando os *tupinambás* em Pernambuco, foi-lhes mister conquistar para se estabelecerem,—e d'ahi o nome que tomaram de—*senhores das aldêas*—ou tambem de—*senhores do resto da terra ou da beira-mar*, como quer o Padre Simão de Vasconcellos.

Os *tupinambás* expulsados de Pernambuco, deveriam procurar novas terras onde vivessem: estavam cortados pelo norte, e assim caminharam para o sul, até contestar com os *tamoios*, ou melhor—*tamuyas*, cujos costumes se haveriam alterado com o insolamento em que viviam, com a mudança de clima e com o differente aspecto da natureza.—De *tamuyas* fizeram os *tupinambás*—*tapuyas*, isto é—barbaros, inimigos.

Eis pois as raças do Brazil:—

Tupis, tamoios, tupinambás, tupinikins, tymbiras, tobajaras, etc: descendem todas do mesmo tronco, fallavam dialectos da mesma lingua—e viviam á beira-mar.

Goitazases, aymorés, cramecrans, ou botocudos—eram talvez outras tantas raças, vieram do Perú e habitavam os sertões. *Goitozases* já sabemos o que exprime,—os *aimorés* tinham medo d'agua, o que prova quão pouco affeitos estavam á vista do mar.—Os *cramecrans* são duros, asselvajados e como que invilecidos por continuados revézes.

Quando os portuguezes, envidando todos os seus

esforços, quizeram assentar na Bahia a cabeça do novo estado, os indios foram, por assim dizer, cortados violentamente em duas partes. Os que ficaram ao sul da Bahia recuaram ainda mais para o sul, até que por fim com a creação de novas capitanias, houveram de se embrenhar tambem como os *goitazases*, e foram pleitear com estes povos os sertões de que tantos annos havia se achavam de posse. Os que ficaram para o outro lado foram recuando ainda mais para o norte em procura d'aquellas selvas doMaranhão e Amazonas, de que lhes teria ficado a tradicção.[1] Alli tinham maior copia de alimentos, sitios mais defensaveis, mais segurança de vida. Foram todos indistinctamente, porque para alli os guiava o instincto da conservação, e estabeleceram-se onde foi depois o Estado do Maranhão então desoccupado de portuguezes e inculto muitos annos depois.

Ao primeiro rebate d'este retrocesso de população, os *tupys* pacificos, inoffensivos e pouco aguerridos, sobretudo contra os homens que se haviam acabado de ensaiar em novas artes de guerra, renderam-se e des-

[1] Quando os portuguezes conquistaram as terras de Pernambuco, desenganados os indios *tupinambás* que não podiam prevalecer contra as nossas armas, uns d'elles se sujeitáram ficando em suas terras; outros com mais generosa resolução, e determinados a não servir, se metteram pelo sertão, onde ficaram muitos: outros cahindo para a parte do mar, vieram sahir ás terras do Maranhão, e ali como soldados tão exercitados com mais poderoso inimigo fizeram facilmente a seus habitantes o que nós lhes tinhamos feito.

Hist. do Futuro do Padre Antonio Vieira.

membraram-se. Começaram então a sua lenta peregrinação por entre todas as tribus d'esta grande porção da America, porque, não podendo viver como nação, careceram de viver como cantores—classe respeitada por todos os indigenas: tinham conservado a lingua primitiva em toda a sua pureza, eram o deposito das suas tradicções, dos seus ritos, da sua religião, eram, por assim dizer, poetas por nascimento, e d'este unico privilegio se valiam.

O Estado do Maranhão, que então comprehendia Ceará, Maranhão, Pará e Piauhy, foi onde se reuniram os fragmentos de todas as tribus dispersas—e foi este o lugar das suas ultimas trincheiras. Encontramos no Ceará os *tobajaras*, em Maranhão os *tupinambás*, os *potiguaras* nos Tocantins, e os *tupys* em todo o Brazil. E tudo isto se destruiu e se anniquilou! Só duas nações resistiram por muito tempo,—os *tobajaras*, de que já tratamos,—e os *nheengaybas*, assim chamados por fallarem mal a sua lingua, que era a geral.

Graças á topographia dos seus territorios, os *tobajaras* se tinham recolhido e viviam seguros nas serras fragosas, e então quasi que inaccessiveis do Ibyapaba. Para mostrar de que animo estavam, e qual a confiança que tinham das suas forças, basta dizermos que cerca de 1650 os padres da Companhia acharam entre elles esta tradicção:—que Deus havia de dar uma volta a este mundo, fazendo que o céo ficasse para baixo e a terra para cima, e que os indios haviam de dominar

os brancos, assim como então os brancos dominavam os indios.[1]

Os *nheengaybas* habitavam a ilha de Marajó, e tambem resistiam pela natureza do terreno onde se haviam entrincheirado. Eis o que diz uma testemunha ocular:

«. . .As nações *nheengaybas* eram inconquistaveis, pela ousadia, pela cautela, pela astucia e pela constancia da gente, e mais que tudo pelo sitio inexpugnavel com que as defendeu e fortificou a mesma natureza.

«É a ilha toda composta de um confuso e inextricavel labyrintho de rios e bosques espessos, aquelles com infinitas entradas e sahidas, estes sem entrada nem sahida alguma; onde não é possivel cercar, nem achar, nem seguir, nem ainda ver o inimigo, estando elle no mesmo tempo debaixo da trincheira das arvores, apontando e empregando as suas frechas.

«E porque este modo de guerra volante e invisivel não tivesse o estorvo natural da casa—mulheres e filhos, a primeira cousa que fizeram os *nheengaybas*, tanto que se resolveram á guerra com os portuguezes, foi desfazer e como desatar as povoações em que viviam, dividindo as casas pelas terras dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo pudesse uma avisar as outras, e nunca ser acommettidos juntos.

1 *Vozes Saudosas* do Padre A. Vieira impressas pelo biographo André de Barros.

«D'esta sorte ficaram habitando toda a ilha sem habitarem nenhuma parte d'ella, servindo-lhes porém em todas, os bosques de muro, os rios de fosso, as casas de atalaya, e cada *nheengayba* de sentinella, e as suas trombetas de rebate.»[1]

Todos foram vencidos, desbaratados, escravisados: quando o não podiam com as armas, mandavam-lhes um padre da Companhia com um crucifixo e palavras de paz, que os traziam sujeitos e cativos para definhar e morrer nas nossas plantações; quando faltavam escravos, levantavam bandeiras, juntavam homens, e iam ao que chamavam resgate, em escarneo de todas as leis divinas e humanas.

Os resgates foram ao principio permittidos, porque se suppunha que só se resgatariam indios condemnados á morte.—Não obstante a grande latitude da lei, permittindo que estes miseraveis, comprados por um ferro qualquer, por uma fita encarnada ou por um fio de missangas, servissem por toda a vida, violaram-na bem de pressa, porque, mesmo por preço tão ridiculo, era mais commodo havel-os de graça, além de que não haveriam prisioneiros que lhes bastassem.

Se pois na visinhança de um estabelecimento agricola havia alguma tribu facil de ser apprehendida, embora alliada, embora descansassem na fé portugueza, os colonos, com ou sem licença dos governadores e

[1] Carta do Padre Vieira a D. Affonso VI—de 11 de fevereiro de 1660.

capitães-mores, que na maior parte dos casos a podiam dispensar, levantavam gente e sahiam ao resgate. Como já se não podia dizer que resgatavam prisioneiros da morte, os padres, que sempre tiveram subtilezas para tudo, diziam que eram resgatados do inferno.

Ia esta força com todo o maior silencio; paravam nas circumvisinhanças das tribus que procuravam, e alta noite assaltavam as aldêas descuidadas com aquelle apparato da guerra indiana de gritos e clamores, e com quanto maior estrepito podiam para que os aterrassem antes de os vencer. Punham os indios em cêrco, incendiavam-lhes as palhoças, matavam quantos lhes resistiam e aprisionavam o resto. Velhos decrepitos, mulheres inoffensivas, homens innocentes, meninos e crianças antes da idade de conceberem o mal,—nada lhes escapava. Voltavam triumphantes, planeando novas crueldades, por meio de novos assaltos.

Se estes indios os repelliam, se, incitados pela injuria recebida, queimavam alguma plantação, se atacavam uma canôa onde fosse um missionario com cincoenta ou cem d'aquelles que os tinham aggredido, se mesmo os não soccorriam quando atacados por outros gentios—a lei era clara: [1]—impediam o commercio dos homens com as suas fazendas,—obstavam a prégação do Sagrado Evangelho,—ou não defendiam as vidas dos

[1] Provisão em fórma da lei de 17 de outubro de 1653, §§ 1 2 e 3.º

subditos de S. M. F., que os perseguiam e vexavam. Eram escravisados e com razão!.

Assim pois esta lei barbara, que todavia se diz feita em beneficio dos indios, para que elles não fossem injustamente escravisados, como se o podessem ser de outra maneira, negava-lhes até o direito de resistencia, e commettia aos seus aggressores o direito de se vingarem por suas proprias mãos nos pais, nos filhos, nos netos e em toda uma decendencia, já não de uma acção, mas de uma simples omissão. As offensas traziam as represalias,—e as represalias eram motivo de novas offensas.

Por este meio as nações foram vencidas, as tribus dispersas, e os individuos escravisados. Mas para que saibamos até que ponto foi barbara esta destruição, citaremos uma auctoridade que os portuguezes nos não recusarão por suspeita.—Eis um trecho da—Voz politica—do padre Antonio Vieira:[1]

«Sendo o Maranhão conquistado no anno de 1615, havendo achado os portuguezes d'esta cidade de S. Luiz até ao Curupá mais de quinhentas povoações de indios, todas mui numerosas, e algumas d'ellas tanto que deitavam quatro e cinco mil arcos; quando eu cheguei a Maranhão, que foi no anno 1652, tudo isto estava despovoado, consumido e reduzido a mui poucas aldeotas, de todas as quaes não pôde André Vidal ajuntar oitocentos indios de armas; e toda aquella immen-

[1] *Vozes saudosas* do Padre A. Vieira.

sidade de gente se acabou ou nós a acabamos em pouco mais de trinta annos, sendo constante estimação dos mesmos conquistadores, que—depois de sua entrada até aquelle tempo eram mortos dos ditos indios mais de dous milhões d'almas; donde se deve notar muito duas coisas. A primeira, que todos estes indios eram naturaes d'aquellas mesmas terras, onde os achamos, com que se não póde attribuir tanta mortandade á mudança e differença de clima, senão ao excessivo e desacostumado trabalho, e á oppressão com que eram tratados. A segunda. que foram infinitos os cativos.. e tudo se consumiu em tão poucos annos!

«Seja a ultima maxima a causa unica de toda esta destruição e miseria, a qual não foi nem é outra que a insaciavel cobiça e impiedade d'aquelles moradores, e dos que lá os vão governar, e ainda de muitos ecclesiasticos que sem sciencia nem consciencia—ou julgam licitas estas tyrannias ou as executam como se o fossem, não valendo a muitos dos tristes indios o serem já christãos ou vassallos do mesmo rei para não assaltarem suas aldêas, e os trazerem inteiramente cativos, sem mais direito (como eu o ouvi aos mesmos capitães d'aquellas tropas) que o de poderem mais que elles. E nem era possivel, e nem parece o será, que a justiça divina não accuda por sua providencia, e que o castigo de um estado fundado em tanto sangue innocente pára só na presente miseria.»

Mas se algum erro se podia ter introduzido n'estes fragmentos, que foram depois impressos e collegidos

pelo seu biographo—André de Barros,—não foi senão com toda a circumspecção e verdade que o Padre Vieira escrevia a D. Affonso VI sobre as coisas do Maranhão. [1]

«As injustiças e tyrannias que se têm executado nos naturaes d'estas terras excedem muito as que se fizeram n'Africa: em espaço de quarenta annos se mataram e se destruiram por esta costa e sertões mais de dous milhões de indios, e mais de quinhentas povoações, como grandes cidades, e d'isto nunca se viu cas-

[1] *Carta* do Padre Vieira de 20 de abril de 1657. A Bulla *Immensa pastorum principis*—dada por Benedicto XIV a 20 de dezembro de 1741 diz assim: «Da mesma sorte vos é bem manifesto, com quantas dadivas, com quantos beneficios, com quantos privilegios, com quantas prerogativas se procurou sempre successivamente alliciar os infieis para que abraçassem a religião christã, e para que permanecendo n'ella com boas obras de piedade, consigam a salvação eterna. Por isso não podemos ouvir sem dòr gravissima de nosso paternal animo que depois de tantas admoestações da apostolica providencia, dos romanos pontifices nossos predecessores, e depois da publicação das constituições em que ordenaram que se devia soccorrer os infieis no melhor modo; prohibindo debaixo de severissimas penas e censuras ecclesiasticas, que se lhes fizessem injurias, que se lhes dessem açoites, que fossem mettidos em carceres, que os sujeitassem á escravidão, e que se lhes maquinasse ou fosse dada morte, tudo o referido não obstante, se acham *ainda agora* (principalmente n'essas regiões do Brazil) homens que fazendo alarde da fé catholica vivem tão inteiramente esquecidos pela caridade infusa pelo espirito santo nos nossos corações e sentidos que reduzem a cativeiro, vendem como escravos, e privam de todos os seus bens não só os miseraveis indios que ainda não alumiou a luz do Evangelho, mas até aos mesmos que já se acham baptisados e habitam nos sertões do mesmo Brazil.... atrevendo-se a tratal-os com uma deshumanidade tal, que apartando-os de virem buscar a fé de Christo, os fazem antes endurecer no odio que contra ella concebem por aquelles motivos.

(Traducção do Dezembargador Seabra—Ded. Chron).

tigo. Proximamente, no anno de 1655, se cativaram no rio das Amazonas dous mil indios, entre os quaes muitos eram amigos e alliados dos portuguezes, e vassallos de V. M., tudo contra a disposição da lei, que veio n'aquelle anno a este Estado, e tudo mandado obrar pelos mesmos, que tinham maior obrigação de fazer observar a mesma lei; e tambem não houve castigo, e não só se requereu diante de V. M. a impunidade d'estes delictos, senão licença para os continuar.

«. . . . Dirão por ventura (como dizem) que d'estes cativeiros, na fórma em que se faziam, depende a conservação e augmento do Estado do Maranhão; e isto, Senhor, é heresia. Se por não fazer um peccado venial se houver de perder Portugal, perca-o V. M. e dê por bem empregado tão gloriosa perda; mas digo que é heresia ainda politicamente fallando, porque sobre os fundamentos da injustiça nenhuma cousa é segura nem permanente; e a experiencia o tem neste mesmo Estado do Maranhão, em que muitos governadores adquiriram grandes riquezas, e nem um d'elles as logrou, nem elles as lograram, nem ha cousa adquirida n'esta terra que permaneça, como os moradores d'ella confessam, nem ainda que vá por diante, nem negocio que aproveite, nem navio que aqui se faça que tenha bom fim, porque tudo vai misturado com o sangue dos pobres, que está sempre clamando ao céo.»[1]

[1] Tal era o modo com que eram tratados que alli não havia nem podia haver ou propagação da fé, ou communicação das gentes, ou administração das justiças, ou agricultura, ou com-

Foi considerando todos estes factos, foi vendo quão grande era a injustiça que com os indios se praticava, foi presenciando a sua miseria e ruina, que ao Padre Vasconcellos escapou aquella, não confessada, mas reconhecida verdade, que uma só vez lemos em suas obras:—A NOSSA REAL COBIÇA!—escrevia elle em letras maiusculas. E não era tanto o sentimento evangelico do sacerdote que lhe arrancava esta sentida exclamação; era antes o patriotismo portuguez que se indignava de ver quantas e quão grandes coisas tão desastradamente se perdiam por inepcia de todos em proveito de tão poucos.

Era isto o que deveriamos estudar, porque, nós o repetimos, a historia e a poesia estão nos indios.

Depois, pesando os nossos successos, veriamos qual tem sido o nosso infortunio, e que nenhum azar nos tem acontecido, que nenhum passo temos dado que não seja novo infortunio e nova miseria. Veriamos como de estado passamos a capitania secundaria, e como de capitania secundaria fomos reduzidos a infima provincia.—Veriamos como todos estes factos se têm encadeado—o naufragio do armamento de João de Barros, que afundou tantos recursos, a expulsão dos francezes que levou comsigo tantas esperanças, e a invasão dos hollandezes que estragou tantas fortunas.—

mercio, ou cousa que fosse util à religião, ao reino, aos mesmos Estados e seus habitantes ou ainda á convocação da humanidade d'aquelles infelizes vassallos da corôa e de Portugal.—*(Deduc. Chron. tom. 1, pag. 507.)*

Assistiriamos á creação do estanco, ou ao monopolio do commercio de importação e de exportação,—á introducção de africanos ou ao trafico da carne humana e á expulsão dos jesuitas, ou á proscripção de todos os sentimentos religiosos; e diremos então com o grande prégador do seculo XVII que tambem foi um grande politico: «Não é possivel que o castigo de um Estado fundado em tanto sangue innocente pare só na presente miseria.»

FIM.

RESPOSTA Á «RELIGIÃO.»[1]

Escrevêmos um artigo sobre os *Annaes Historicos do Maranhão* por Berredo, que vem impresso nos primeiros numeros do *Guanabara*. Censurámos o trabalho do auctor portuguez, e tocando na questão das raças indigenas, sem a qual é impossivel comprehendermos a primeira pagina da nossa historia, fizemos ao correr da penna algumas breves reflexões de como nos parecia possivel em uma vasta synthese, e—apresentar debaixo de um só ponto de vista—quantas e quaes foram as raças que occuparam o litoral e que ainda hoje habitam em parte o sertão do Brazil. Por incidente fallámos nos jesuitas e ainda por maior incidente, na censura religiosa. O nosso artigo mereceu

[1] Jornal catholico ultramontano redigido pelo revd.º padre P. Moniz e outros sacerdotes.

A. H. L.

a attenção dos redactores da *Religião*, que depois de alguns elogios ao pensamento que nos havia guiado n'esta tarefa, declaram que o nosso artigo não póde passar sem censura em uma cidade onde existe um periodico religioso, e pretendem refutar o que n'elle lhes pareceu erroneo e offensivo a ouvidos pios. Lisongeamo'-nos não tanto das expressões benevolas de que se usou para comnosco; como principalmente porque refutar sómente duas idéas que incidentemente apresentámos, deixando intacto o principal do artigo, é de alguma forma confessar que acertamos no que mais importava.

A censura e os jesuitas—são os dois pontos sobre que principalmente versa o artigo, a que agora respondemos; mas quer em um, quer em outro ponto não tivemos a fortuna de sermos comprehendidos pelos illustres redactores da *Religião*, o que por certo não podêmos deixar de attribuir a nossa má redacção.

«Em que se funda o sr. Gonçalves Dias para accu-
«sar o fanatismo da *censura fradesca* da critica aca-
«nhada de um escriptor? Não terémos nós immensos
«factos para provar ao sr. Gonçalves Dias, que salvo
«alguns casos mui raros, a censura em materia de reli-
«gião, nunca condemnou a opinião livre que se elevava a
«cima dos prejuisos do seu seculo?»

Longe de nós o attribuir á influencia ecclesiastica o modo por que encara um escriptor portuguez este ou aquelle facto. Berredo era portuguez, escrevemos nós, e só escrevia para portuguezes: d'ahi o seu principal de-

feito. Que lhe importava com effeito a terra onde habitaria por alguns annos sómente? Que lhe importavam os *Brazis*, se d'elles não carecia a litteratura, nem a historia portugueza? Demais, votados ao exterminio os senhores do sólo, careciam os portuguezes de os taxar de selvagens, de indomitos, de intractaveis para que não revertesse sobre elles a accusação de fereza e barbaridade, que aos indigenas se fazia; d'aqui, dissemos nós, provêm o seu principal defeito. Certo, isto não é accusar a influencia ecclesiastica do modo porque um escriptor considera um facto particular; é diffinir um facto geral, e dar-lhe uma causa generica e determinar-lhe effeitos tambem genericos.

Depois passando a tratar da invasão hollandeza no Maranhão, vimos o historiador attribuir a milagre o facto de rebentar uma peça, matando os artilheiros, quando antes nos quizera fazer persuadir que os hollandezes expunham as imagens sagradas de alvo ás suas baterias: demos como causa principal d'esta opinião querer-se n'aquelle tempo derramar-se a sizania entre os dois contendores, e encher de brios os portuguezes para vingarem dos hereges o desacato que o seu culto soffrêra.

Mas não querendo ainda assim acoimar de injustiça um escriptor, veridico tantas vezes, accrescentámos «mas digamos *como hoje se diz*, que eram prejuizos de «então, e que Berredo, escrevendo sob a immediata «censura dos frades não podia deixar de render tributo ao fanatismo da época.»

O illustre critico, tão versado como é na lingua portugueza, deverá sem duvida ter percebido que esta formula não involve affirmação: deveria ter percebido que alguma differença vai em dizer-se censura dos frades ou censura fradesca: diriamos censura dos frades por menospreso, e censura fradesca por escarneo, por mofa; e Deus nos livre de escrevermos sorrindo e zombando sobre factos de tão tristes consequencias como foi a censura—a censura dos frades, a censura religiosa.

Assim, bem se vê que das nossas palavras não se póde tirar as consequencias, que d'ellas quiz tirar o illustre critico; mas essas e outras que taes, nós a aceitamos; e se não estivessemos convencidos de sobejo da illustração dos redactores da *Religião;* e que elles tendo melhor pensado, já deverão ter riscado de sua consciencia a opinião que emittiram acerca da censura religiosa, nós lhe diriamos tambem pela nossa vez, que tal opinião não passaria sem reparo em uma cidade, onde existe tantos periodicos litterarios; far-lhes-hiamos ver, se isso fosse preciso, que a censura religiosa, foi a censura em todas as materias, citar-lhes-hiamos exemplos de haver ella milhares de vezes condemnado a opinião livre que se elevava acima dos prejuizos do seculo. Mas para que censurarmos o que se acha rebatido e rejeitado pela civilisação moderna, que os redactores da *Religião* tão dignamente representam? Para que citarmos outros exemplos, quando aos olhos dos illustres litteratos já se mostrou o semblante se-

véro de Gallileu, que por baixo dos membros desconjunctados pelo cavallete da censura ecclesiastica sentia o movimento da terra, de que n'aquelle tempo, como de tudo, se fez uma questão de theologia? Mas quando mesmo quizessemos admittir a utilidade e illustração da censura religiosa na patria de Vico e de Bossuet, estariamos bem longe de lhe attribuirmos os mesmos effeitos na peninsula européa, e menos em Portugal, cuja litteratura era sem duvida melhor do que os frades a fizeram. Travar-nos-hia a consciencia de a chamarmos esclarecida, de acharmos em nossa alma uma phrase de louvor para ella quando nos recordassemos d'essa longa procissão de bons engenhos portuguezes, esterilisados, martyrisados por ella; —Garção morto em uma enxovia por ter escripto uma carta em inglez,—Antonio José queimado em vida, menos por ser judeu que por escarnecer dos frades, e Filinto Elysio expatriado por ter traduzido uma comedia de Moliére, e obrigado a refugiar-se onde aos restos do grande comico se negou um lugar sagrado, porque o seu clero esquecido dos principios de caridade christã, em vez de consultar o livro por excellencia abriu o Digesto das leis romanas e alli achou que os mimicos eram pessoas infames, indignos por tanto de jazerem em terra bemdita. Travar-nos-hia por amor dos jesuitas, quando sabemos da condemnação do padre Vieira, a quem se attribuiu as prophecias do Bandarra, e algumas verdades como esta—«que o juiso dos homens é mais severo que o juiso de Deus.» Travar-

nos-hia emfim, porque de nenhuma outra censura sabemos tão ignorante que no ultimo verso de um soneto riscasse a palavra—*beijo*—que era immoral, substituindo-a por esta outra—*osculo*—, que lhe parecia mais decente, nem tão descuidado que havendo alli prohibido o *Espirito das leis* de Montesquieu, consentisse todavia a importação da obra, porque no frontespicio se lia—*Sermões do Mt.º Rev.º P.º F.*—

Sabendo d'estes factos, não me atreveria nunca a comparar a critica de Portugal com as de outras nações: sabendo mais que uma obra qualquer para ser publicada, soffria não uma senão muitas censuras, não de uma ordem senão de muitas, poderiamos ser positivo e avançarmos sem escrupulo algum, que a tendencia para attribuir a milagre os acontecimentos mais comesinhos da vida tinha a sua origem na censura dos frades. Não acreditavam por certo os auctores no que escreviam, ao menos é esta a nossa opinião; mas transigindo covardemente com um poder inexoravel, offereciam o unico correctivo que podiam, e imploravam indulgencia para algum assomo de independencia de espirito, para alguma phrase menos devota—com o protesto de uma sujeição que lhes pezava, e com a mascara de uma piedade que fingiam. Como haveriam os consultores do Santo Officio, os illustrados consultores, de reprovar uma obra, onde se lêsse que no anzol lançado ao mar pelas proprias mãos do segundo governador que veiu ao Brazil, mordeu uma cabeça de peixe fresco, se essa cabeça milagrosa teria de pro-

var ao digno governador a santidade da Companhia de Jesus? Era isto uma fraude piedosa, como então se diria, era a consequencia do principio—de que os fins justificam os meios.

É justamente porque o auctor dos *Primeiros Cantos* se présa de ser religioso, é porque não confunde a palavra de Deus com os inventos dos homens; e deixando de parte o estado que a egreja sempre considerou como um dos gráos mais subídos da perfeição christã, póde, não lhes reconhecendo o dom da infallibilidade, achar em alguns d'elles—normas falsas, principios menos consentaneos, com o fim das suas instituições, e applicações perigosas de taes principios; póde emfim reprovar desassombradamente a censura religiosa, como faria de outra qualquer censura, e applaudir a sua extincção com os homens do seculo em que felizmente vive.

Sobre os jesuitas talvez que as nossas palvras careçam de menos desenvolvimento que sobre a parte relativa á censura.

Á sua expulsão, escrevemos nós, corresponde no Maranhão o esquecimento de todos os principios religiosos. Se nisto não ha toda a verdade, ha pelo menos uma opinião bem explicita da conta em que temos os primeiros jesuitas, e dispensam-nos de responder que por baixo de sua historia não escreveriamos hypocresia e especulação.

Continúa a *Religião* «Um pequeno numero de mis«sionarios de uma Companhia nascente, gozando na

«Europa de um conceito geral, vem para o Brazil de-
«pois de fazer immensos esforços para que os deixem
«vir;[1] vem para o Brazil sem fazerem causa commum
«com nenhum dos seus compatriotas que cá encontram:
«vem sacrificar ás nossas brenhas as suas commodida-
«des... não engano-me, essas não; porque já de lá el-
«les traziam os cilicios e as disciplinas...vem sacrifi-
«car aquillo a que elles na Europa não podiam renun-
«ciar: a vida que lhes impunha, e o nome que lhes re-
«servava a posteridade. E o snr. Gonçalves Dias não vê
«n'isto senão a cubiça! cubiça de que? ..»

Não somos estranhos á historia dos jesuitas a pon-
to de não sabermos que de nem uma outra regra se
contam exemplos de uma abnegação mais completa, de
uma obediencia mais perfeita; os sujeitos d'esta or-
dem, como dizia o provincial Aquaviva, e como a sua
propria constituição lhes determinava, eram nas mãos de
seus superiores—o cadaver nas mãos do coveiro, o
bordão nas mãos do viandante: ficaram sendo o typo
da obediencia cega, passiva e illimitada. Os individuos

[1] Na *Chronica* do padre S. de Vasconcellos lemos o contrario: «Despertou Deos o coração alto e generoso do veneravel padre Simão Rodrigues de Azevedo, que n'este tempo assistia em Portugal, para que tratasse do bem d'estas almas. Communicou a cousa a Alteza D. João III, que então vivia, principe tão pio e resolvido a propagar a fé que se lhe ouvira muitas vezes, que desejava mais a conversão das almas que a dilatação de seu imperio. E com esta disposição da parte do rei e obrigação do nosso instituto, *foi facil* ajustar os intentos e concluir que se expedisse uma gloriosa missão as partes tão necessitadas. «L° 1—4.» Onde estão pois os immensos exforços que fizeram para que os deixassem vir ao Brazil?

nada queriam para si, porem a ordem queria tudo. ¿Se alguns d'elles escreviam: «quiz Deus que se creasse uma nova ordem ao passo em que se descobria um novo mundo»; se os missionarios do Brazil escreviam ao rei de Portugal:» vamos tomando conta d'estas terras por Deus e para Deus!»—não podiam por um momento os illustrados redactores da *Religião* formular a resposta que nos pediam, quando nos perguntam triumfantemente; cubiça de que? Cubiça de poder augmentar a Companhia, cubiça de pôr um pé na America como já o tinham posto na India, cubiça de enfiltrar-se na população nascente com o leite da sua doutrina, cubiça emfim de conquistar um mundo.—

—Não era pouco.

Depois, querendo ver quaes as causas porque os hollandezes foram aqui vencidos, quando em outras partes venciam os portuguezes; porque não fundaram colonias duradouras, quando em outras partes as crearam; procurando descobrir as causas porque os francezes, se não poderam estabelecer no Brazil, quando eram tanto da sympathia dos indigenas,—porque os portuguezes mais fracos, repellidos com mais força pelos indios, lograram todavia os seus desejos; demos como causa unica d'este facto a influencia dos jesuitas e fizemos ver que os homens que mais se interessavam pela sua sorte foram a causa mais poderosa de sua total ruina. Não diremos que era a arma da hypocrisia empregada por um governo que tinha perdido a esperança de vencer pela força; não,—dissemos antes que

marcado no livro eterno o ultimo periodo para a quasi total extincção da raça americana no Brazil, foram os jesuitas o piedoso instrumento da Providencia para que sobre os cadaveres de tal raça, decimada pela fome e pelos trabalhos, invilecida pelo captiveiro e pelas injurias, deteriorada pelos padecimentos physicos e moraes, se erguesse outra raça mais nova, mais forte, mais bella, mais propria para receber as luzes da civilisação moderna, mais susceptivel de emparelhar com a Europa em menos tempo, mais chegada emfim ao culto do verdadeiro Deus, com a intelligencia mais preparada para comprehender os mysterios sublimes da nossa religião, sem os quaes a revelação deixa de ser o candelabro do tabernaculo para converter-se no fogo erratil que alumia a superficie dos pantanos.

Vendo pois que elles foram mallogrados em uma empreza que no nosso seculo ninguem teria animo de tentar; que não poderam, como tinham em vista, crear uma civilisação nas condicções do caracter americano, apesar de toda a sua coragem e boa vontade; sabendo que redusidos os indios á obediencia com a prégação do Evangelho, vinham os capitães-mores aos seus aldeamentos procural-os ás centenas para o serviço d'El-Rei, —e que expulsos os padres, ficaram todas as suas populosas missões em poder dos colonos, de modo que os neophytos se anniquilaram, apertados de um lado da cubiça portugueza, repellidos do outro pelos indigenas, que os consideravam como inimigos, e como taes os tratavam;—dobrada razão teremos para avançar que el-

les foram, não a arma dos portuguezes para acabar com os costumes americanos, que esses ja estavam acabados havia muito; mas instrumento de Deus para extinguir a raça que talvez contrariava seus altos designios. Nem sempre, nem em todos os acontecimentos descobrimos a mão da Providencia; mas quando um povo se retira da communhão dos homens, quando desapparece da face da terra não podemos deixar de levantar os olhos ao céo, e de reconhecer a Omnipotencia Divina, curvando-nos aos seus decretos sem todavia adorar o flagello que nos manda, nem o instrumento de que se serve para a obra da regeneração.

Assim, não podemos considerar o indio no estado de cathechése senão como ente de transicção; n'esse estado não achamos poesia, pelo menos aquella poesia caracteristica que é a flor de uma civilisação. N'esse estado o indio não era nem selvagem nem civilisado, nem pagão, nem catholico; mas passando, sem preparatorio, instantaneamente de um para outro estado, tornára-se igualmente incapaz de ambos—de viver nas cidades com os homens que chamamos civilisados ou de viver nas selvas entre os que chamamos barbaros. Eram modelos de obediencia, o exemplo da habilidade jesuitica, um extremo de piedade, se o quizerem; mas d'aqui á heroicidade vai a distancia de um mundo. Sabiam morrer porque essa virtude ao menos se reconhece nos indios, morreram effectivamente debaixo das ruinas do Paraguay, mas é duvidoso que elles sou-

bessem quaes eram os inimigos da patria, e que patria era essa, pela qual morriam.

Os illustrados redactores da *Religião* descobrem, dizem elles, as falsidades nas nossas idéas nas contradicções do nosso artigo—«Confunde os jesuitas, dizem «elles a nosso respeito, na accusação geral feita aos «primeiros descobridores, e entretanto quando quer «achar alguma accusação feita á cubiça dos portugue«zes não tem que recorrer senão a algum jesuita!»

Sabem muito bem os illustres redactores que não são os mais religiosos aquelles que sempre trazem sobre os labios palavras cheias de uncção, que não são os mais bem morigerados aquelles que de continuo dissertam sobre a moral; e que os jesuitas reprovando a cubiça portugueza, podiam ser tanto ou mais cubiçosos que elles. Mas o que é de notar-se no nosso artigo, não é apoiarmo'-nos na auctoridade dos jesuitas, mas de citarmos conjunctamente com ella a do dezembargador Seabra. Os jesuitas e o dezembargador Seabra—vale o mesmo que se dissessemos os jesuitas e o marquez de Pombal; se pois o citamos para comprovar as nossas proposições, deveriam ter percebido os illustres redactores da *Religião* (e certamente o perceberam) que não foi senão muito de proposito que o fizemos, entendendo que os pontos em que estas duas opiniões extremas e rancorosas se topam, estavam fóra de toda a duvida.

Extinguiram-se os indios: este facto é attribuido pelo dezembargador Seabra á cubiça dos jesuitas, os

jesuitas o attribuiram á cubiça de seus compatriotas; senão queremos indagar qual d'elles foram mais cubiçosos, ao menos claramente resulta do dizer de ambos que foi a cubiça, a ganancia—a causa do exterminio dos indigenas.

Então, nas obras do padre Vasconcellos, fomos procurar um termo que exprimisse semelhante conclusão e ali encontramos estigmatisada—*a real cubiça portugueza*—Certo que algumas vezes achamos nas obras d'este bom padre a censura da cubiça, como a achamos nos mandamentos da Sancta Madre Igreja, ou segundo diz o povo, como vemos Pilatos no Credo; mas o que queriamos não era a condemnação moral da cubiça, mas sua condemnação politica; não queriamos a opinião do padre, mas a do philosopho,—não a do chronista, mas a do historiador. E esta, perdoem-nos os illustres redactores, não se encontra duas vezes na *Chronica da Companhia de Jesus* pelo padre S. de Vasconcellos.

Querem tambem os illustrados redactores que se diga dos jesuitas que elles foram os primeiros que souberam achar poesia na natureza americana.

«Vejam-se, dizem elles, as bellas pinturas que faz o «mesmo padre Vasconcellos até dos nossos mangues!» Com mais verdade se diria—*principalmente*—em vez de—*até*;—mas dando de barato que os jesuitas comprehendessem bem a natureza americana, porque um d'elles soube descrever a verdura e as laçarias dos nossos mangues, não deveriam os illustres litteratos

esquecerem-se que antes do padre Vasconcellos as cartas de Colombo, as relações de Vespucio, e os discursos de Las Casas tinham feito comprehender a natureza americana e se não queremos sahir do Brazil, Abbeville, Lery e Hane Stade, que todavia não eram jesuitas, tinham traçado algumas paginas, não tão bellas no estylo, mas ricas de imagens, e mais cheias de enthusiasmo e de poesia.

Lembrem-se tambem os illustrados criticos que a expulsão dos hollandezes, e a guerra da independencia, senão é americana, como dizem, é brasileira e não só porque teve o Brazil por theatro, mas principalmente porque teve brasileiros por actores, porque desfructamos os seus resultados, e porque emfim é nossa.

Concluindo este artigo, diremos que estimamos em muito os trabalhos da Companhia no Brazil; não renegaram dos seus principios na Europa, porque eram os mesmos homens, com o mesmo instituto, mas parece-me que esses mesmos principios applicados ao Brazil, como eram diversas as circumstancias, produsiram aqui bons resultados, isto disemos da verdadeira Companhia de Jesus, e o disemos tão somente em relação ao Brazil; mas se outra se instaurasse agora, faltando-lhe as circumstancias do tempo e da novidade que lhe asseguravam o triumpho que obteve, não auxiliada pelos reis e principes, não aceita pelo povo, não defendida pelas supremas intelligencias da época, como foi a primeira, não poderiamos deixar de ver n'ella um arremedo tão triste como inutil, e desde já lhe prog-

nosticariamos os fins que têm os institutos, que revivem, quando improvisados Lycurgos, porque se deixaram ficar atraz no caminho do progresso, se persuadem que a intelligencia humana ficou estacionada com elles. O povo bem como o individuo tem saudades, porem jamais desejos de voltar ao passado: fazel-o retrogradar é contra a natureza. Deus mesmo quando o quer fazer voltar a esse estado, faz com que elle se mova á semelhança de um ponteiro de relogio, que por meio do progresso torna ao ponto donde partira: é n'este caso como o viajante que sóbe a encosta de uma montanha e hade necessariamente descer pela outra: podem ser semelhantes as encostas, porem os caminhos são sempre differentes.

Terminamos aqui a nossa resposta, já bastante extensa; respondemos ao artigo da *Religião* sem querermos ver em suas palavras senão o que ellas litteralmente soam, e todavia cabe-nos fazer uma declaração por ultimo. Quando escrevendo para o publico, cahimos em erro, ou avançamos alguma falsidade, admittimos em todos o direito de combater as nossas opiniões, porque são erroneas e falsas, ou sómente porque isso lhes agrade, e não porque possuidos de vaidade, nos possamos uma hora persuadir que temos a infelicidade de dar com as nossas palavras a força de um prejuiso a alguns desbotados pensamentos.

A. GONÇALVES DIAS.

II.

AMAZONAS.[1]

Se existiram amazonas no Brazil?—Se existiram, quaes os testemunhos da sua existencia; quaes seus costumes, usanças e crenças?—Se assemelhavam-re ou indicavam originarem-se das amazonas da Scythia e da Lybia? Se não existiram, que motivos tiveram Orellana e Christovam da Cunha, seu fiador, para nos asseverarem a sua existencia?

A nossa historia não resolveu ainda, nem mesmo tem tratado com seriedade de saber se em algum tempo existiram amazonas no Brazil. Este ponto pode ser ventilado pela critica; para o tentar, foi-me preciso comparar os historiadores, confrontar as relações dos

[1] É este assumpto um programma dado por S. M. I. ao auctor e por este desenvolvido em uma das sessões do Instituto:—sahiu publicado no Tomo XVIII, pag. 5, da *Revista do Instituto Hist. e Geogr.* do Brazil—1855.

A. H. L.

viajantes antigos e modernos, quer citando-os, quer extractando-os. D'elles, portanto, é o presente trabalho, que a minha tarefa só foi de combinal-os.

Não pretendo, pois, senão apresentar um esboço, imperfeito, sem duvida, do que a tal respeito se tem escripto; e se a este resumo houver de accrescentar algumas observações, ou de aventar alguma opinião, que me seja propria, tanto folgarei de que aquellas possam parecer judiciosas, como que esta não seja inteiramente inverosimil.

A simples leitura do programma, que deixo transcripto, em cujo desenvolvimento me cabe agora a honra de occupar a attenção d'este Instituto; indica, no meu entender, que se dá como certo, ou pelo menos como presumivel, a existencia de amazonas na Scythia e na Lybia; e ainda mais, parece que se admitte não só a probabilidade da sua existencia, como a possibilidade de virem de paizes tão remotos implantar na America seus usos, costumes e forma de governo, estabelecendo, em vez de colonias, gyneceus politicos.

Ora, admittido que em algum paiz ou tempo se tivesse dado a existencia de uma republica, exclusivamente composta de mulheres, que tivessem achado meios de se conservar e progredir sem que as fatigasse o exercicio das armas, nem o estado violento em que se achariam collocadas, ja meio resolvido estaria o programma; porque, supposto haja um grande in-

tervallo a percorrer-se entre a possibilidade e a effectividade ou realidade de um facto, n'este caso comtudo ficariam previamente rejeitados muitos e os mais fortes dos argumentos em que a opinião contraria se baseia.

Esta consideração me induz a dar uma nova collocação ás proposições do programma sobre que me cabe dissertar. Tratarei pois em primeiro lugar das amazonas do velho mundo, e do que a seu respeito pensaram ou acreditaram os antigos; e occupar-me-hei depois com as que alguns descobridores suppozeram ter encontrado na America. Nem deixarei em silencio as razões e auctoridades com que uns e outros argumentam; porque, supposto não cheguem a estabelecer irrecusavelmente o facto, servirá isso comtudo para justificar o programma.

Assim que, não occulto o meu pensamento. Creio que alguns haverá intima e por assim dizer instinctivamente convencidos de que o desenvolvimento do presente programma não poderá trazer em resultado mais do que uma dissertação, que sería, ainda tratado por outros, quando muito, curiosa. Para estes pois não entendo que seja desnecessaria a citação de auctores, que são reputados fidedignos, de viajantes que passam por veridicos, e a apresentação de provas, que, se não são concludentes, bastam, em todo o caso, para demonstrar a necessidade de um exame sobre este ponto, mais serio do que á primeira vista se poderia pensar.

O resumo d'estas provas apresenta-se como um todo, que não é indigno de attenção.

Colombo teve noticia nas Antilhas da existencia das amazonas, Raleigh a espalhou na Inglaterra, Orellana na Hespanha: diz-se qual era a nação com quem ellas tratavam, e de que tribu descendiam. Hernando Ribera ouviu-o no Paraguay, La Condamine no Amazonas, emquanto Ribera que impugnava a veracidade do facto verificou a existencia da tradicção com o testemunho dos proprios indigenas. Humboldt mesmo, á vista de tantas provas, não se recusa a admittir a sua existencia, ainda que só temporariamente e de certo modo.

Estas provas adunam-se e precipitam-se, como que se queira com a agglomeração de todas ellas disfarçar a fraqueza de cada uma de per si; mas ainda assim uma consideração de algum modo as corrobora. De dois unicos auctores sei que especialmente se occuparam d'este assumpto: é um d'elles Pedro Petit na sua obra *Dissertatio de Amazonibus*, e o segundo o abbade Guyon na sua *Histoire des Amazones anciennes et modernes*,—e ambos concluem que existiram amazonas. Todavia, sería esta consideração de mais peso, se não soubessemos a inclinação que mostram os eruditos para sustentarem paradoxos, aproveitando-se para isso das obscuridades e discrepancias que de necessidade se notam nas obras de homens, que escreveram em tempos e lugares diversos, sob a influencia de idéas oppostas, e sobre assumptos differentes. Se bem

lhes parecer, virão gravemente apresentar-nos testemunhos e provas do maior momento, sustentando, no seu desenvolvimento, que Napoleão é um mytho da antiguidade e a republica das Amazonas um facto dos tempos modernos.

Porém ainda mesmo depois da auctoridade d'estes eruditos, será curioso de notar-se que assim como bastou entre os romanos para transmittir o nome das amazonas até ao tempo de Augusto a segure de um só fio, opposta a bipenne, que tinha dois, e que se chamava *Amazonica (Amazonia securi*, diz Horacio)[1]; tenha a mesma tradicção, quando não existisse o rio de igual nome, de ser perpetuada entre os modernos pela pedra de acha *Beilstein*, que por algum tempo se confundiu com a que é conhecida pela denominação, mais significativa para o caso de *Amazonenstein* ou de pedra das amazonas.

Originou-se esta opinião da poesia, introdusiu-se no vulgo pelo amor do maravilhoso,—os historiadores, se a não improvisaram, aceitaram-n'a sem criterio; e foi, como muitas outras, recebida nos tempos modernos como um deposito venerando pela sua antiguidade e talvez só digno de fé pelos idiomas em que nos foi transmittido.

Quasi tres seculos antes da nossa éra, Apollonio cantava a expedição dos argonautas. Este feito, que os gregos reputaram heroico e de um exforço quasi

[1] Horat. Liv. 4. Od. 4.

divino, era apesar d'isso mal escolhido assumpto para a acção de um poema epico por ser para ella, como todas as navegações, de uma extrema e extreme simplicidade. Das costas da Thessalia ao Ponto-Euxino não era muito dilatada a viagem: seriam raros os incidentes, e não tão grandes e tantos os perigos, que com elles se podesse, ou encher o quadro do poema, ou justificar a gloria e veneração de que entre os antigos fruiam os argonautas. Apollonio teve de recorrer ao maravilhoso e de sobrecarregar o seu poema de episodios: para isso povoou a terra de gigantes ferozes e de perigosas feiticeiras,—encheu o mar de escolhos temerosissimos, e valeu-se da tradicção das amazonas, que na ilha de Lemnos apparecem tão fóra do caracter que se lhes attribue, e tão tractaveis aos navegantes de Argos como as habitantes das ilhas dos Amores aos companheiros do Gama.

Eis o que se lê no primeiro dos quatro cantos da expedição dos argonautas ou a conquista do Tosão de Ouro de Apollonio: [1]

«Sobre a manhã descobrimos o monte Athos. Bem que affastado da ilha de Lemnos o caminho que póde fazer um navio ligeiro desde o romper do sol até ao meio dia, todavia a sombra do seu pincaro cobre uma parte da ilha, e se projecta até a cidade de Meryna. O vento que tinha soprado todo o dia e a noite seguinte, escaceou ao romper do sol. Chegaram á força

[1] Apollonio. C 1. Trad. de Caussin.

de remos á ilha de Lemnos, habitação dos antigos Sintios.

«Alli tinham pericido miseravelmente todos os homens no anno precedente, victimas do furor das mulheres. Muito tempo havia que ellas não apresentavam offerenda alguma a Venus. A deosa irritada as tornou aborrecidas a seus maridos, que, abandonando-as, procuraram novos prazeres nos braços das escravas que captivavam, dissolando a Thracia. Mas a que attentados nos não conduz o ciume? As mulheres de Lemnos assassinaram na mesma noite a seus maridos e rivaes, e exterminaram até o ultimo dos varões para que nenhum sobrevivesse que algum dia lhes podesse impôr o castigo merecido pelo seu delicto. Hypsipyla só, a filha do rei Thoas, poupou o sangue de seu pai, já maduro em annos. Fechou-o em um cofre, e abandonou-o assim á mercê das ondas, na esperança de que algum feliz acaso lhe salvasse a vida. E assim aconteceu de feito. Viram-no alguns pescadores e o recolheram na ilha *Œnoë*, chamada depois *Sicinus*—donome de um filho que Thoas teve da nympha Œnoë, uma das nayades.

«As mulheres de Lemnos, quando se viram as unicas habitantes da ilha, abandonaram as obras de Minerva, de que até então se tinham exclusivamente occupado, e sem difficuldade se acostumaram a manejar as armas, a guardar rebanhos, e a lavrar a terra. Comtudo voltavam sempre para o mar os olhos inquietos, temendo de continuo que os thracios as acommettessem.»

Seguiram-se a Apollonio outros poetas que, aproveitando-se da mesma tradicção, tiveram comtudo de a reduzir ás proporções da verosimilhança. Ninguem ha versado nas litteraturas latina e italiana, que não conheça os nomes de Camilla e de Clorinda; mas, nem mesmo no cantar dos poetas, Camilla ou Clorinda eram verdadeiras amazonas. Tornadas taes por circumstancias extraordinarias, que as deveram ter affastado das occupações pacificas e dos habitos sedentarios e naturalmente compassivos do seu sexo, e apesar de terem no caracter alguma coisa de fero e sanguinario que o encanto da poesia de tão grandes mestres não disfarça inteiramente, nem uma, nem outra, comtudo poderia sympathisar com a selvagem ferocidade das mulheres amazonas da Thracia, que começando pela propria mutilação, rematavam pelo homicidio constante e systhematico da metade da especie humana. Camilla, rainha dos volscos, commandava uma ala do exercito latino, cercada de mulheres, que eram seu braço na acção, e sua alma nos conselhos. *Virginis ala Camilæ*, diz-nos Virgilio. E Clorinda, unica e solitaria no exercito dos serracenos, demonstrava que não era n'aquelle lugar senão uma figura excepcional pela singularidade, como era entre as do seu sexo pelo theor da vida. Os creadores de tão poeticas imagens tiveram de nos explicar longamente o motivo porque taes seres se achavam como collocados fóra das leis da natureza, e dos habitos dos povos com os quaes conviviam. Camilla educada na dura escola da adversidade

e da imperiosa necessidade,—Clorinda amamentada por feras, longe do commercio humano.

Assim que, as operações da fabula se iam redusindo ao passo que minguava a credulidade humana. No poeta grego as amazonas compunham uma cidade, no latino uma ala do exercito, no italiano não passavam da unidade.

É todavia notavel que ao passo que os poetas por amor da lei da verosimilhança se viam constrangidos a cercear a tela dos seus quadros, os seguissem bem de perto os historiadores, que sem respeito á critica, sem amor á verdade, os ampliassem e exagerassem admittindo nas licções severas da historia as ficções caprichosas da imaginação. Temos Theopompo para Apollonio, Justino para Virgilio, Silvio Æneas para Tasso.

A seu tempo nos occuparemos d'estes auctores; por agora cabe-nos expôr o que acerca das amazonas pensaram os antigos.

Começo por dar a devida preferencia ás lettras sagradas. A historia antiga nos offerece um exemplo notavel da extincção do ramo masculino em todo um povo. Lemos no Exodo [1]. que Pharaó irritado com a retirada de Moysés e dos israelistas, tomára comsigo todo o seu povo para os perseguir, e que na passagem do Mar Vermelho, as aguas, divididas pela vara de Moyses, tornaram-se a ajuntar sobre o exercito de

[1] Cap. 14 v. 6 a 82.

Pharaó, e, diz o historiador sagrado—*sem que d'elles escapasse nem se quer um.*

Alguns escriptores menos reflectidos, ou querendo conciliar a total destruição do exercito de Pharaó com a persistencia da raça egypcia, tomaram d'este facto occasião para improvisarem um reinado de mulheres que se não eram verdadeiras amazonas, nem por isso seriam menos dignas da attenção dos historiadores; porque, se é pouco verosimil que um grande numero de mulheres se tenha completamente segregado da convivencia com os homens, é ainda menos verosimil, ou antes, mais pasmoso que a energia viril se tenha podido sujeitar ao imperio das mulheres. «Quando estas reinam, diz um escriptor moderno, os homens governam.» Seria pois bem notavel que todos os homens se curvassem, sem relutancia, como sem resitencia, a servil-as, quando ellas se lembrassem de usurpar o mundo.

Diz-nos pois o padre Athanasio Hircher, no seu *Tratado dos Reis do Egypto*, ter extrahido de um escriptor arabe (Ben Lehiaja) que depois da submersão de Pharaó e de todo o seu exercito no Mar Vermelho, onde pereceram tudo quanto no Egypto havia de homens illustres, principes e grãos-senhores, não restando senão escravos e libertos, reuniram-se as viuvas dos magnatas e escolheram para sua rainha a uma filha de Zabu, de nome Daliska, afamada por sua prudencia e habilidade nos negocios, illustre por seu nascimento e familia, macrobria respeitavel que já contava 160 annos de idade!

Algumas circumstancias, quanto a mim, escaparam a este auctor: em primeiro logar que os escravos dos egypcios eram os israelistas, e estes haviam acompanhado a Moysés; depois, que um exercito se não póde compôr nem das crianças nem dos velhos, nem dos infermos, de forma que, ainda extinctos todos os guerreiros, sobrariam anciãos para o governo, e haveria jovens para esperança do futuro.

Mais explicitos e noticiosos são os antigos escriptores gregos e latinos. Começamos por Justino, não porque lhe seja devida a preferencia em rasão da antiguidade, nem porque o repute auctoridade mais segura; mas porque sendo certo, como se tem escripto, e elle proprio o confessa, que a sua obra não é senão um resumo da de Trogno Pompeo, parece tambem fóra de duvida pelas pacientes investigações da critica que Trogno Pompeo, no trecho que vou citar de Justino, baseou-se na auctoridade de Theopompo: completando os dados d'este historiador com os que lhe forneciam Herodoto, Ctesias e os mitographos, veremos como Justino ou quem quer que seja a quem elle reproduz, dá largas á imaginação com a facilidade de quem se não sente tolhido pelas peias da versificação, nem da rythma, deixando muito atraz de si aos poetas no campo do improviso.

«Dois principes scythas Ylinos e Scolopito [1], expulsos da patria pela facção dos nobres, arrastaram comsigo grande numero de mancebos. (An. Mund. 1808) e

[1] Just. Hist. L. 2. E. 4.

se estabeleceram nos confins da Cappadocia perto do rio Thermodonte, sujeitando e occupando os campos Themiscyrios. Alli viveram por muitos annos no costume de depredarem os seus visinhos, até que por fim morreram nas emboscadas que lhes armaram os povos conspirados contra elles. Suas mulheres, viuvas alem de exiladas, tomam as armas, defendendo ao principio as suas fronteiras, e logo depois atacando as dos contrarios; renunciam ao casamento que chamam antes servidão que matrimonio;—e ousando um feito sem exemplo em seculo algum, consolidam sem homens a sua republica, e d'elles se defendem ao passo que os despresam. E para que umas não parecessem mais felizes do que outras, matam os poucos homens que restavam entre ellas, e logram vingar a morte dos conjuges com a dos seus confinantes. Depois, quando com as armas já tinham conseguido paz, facilitam aos visinhos os seus leitos.

«Matavam os filhos varões (accrescenta Justino) e as filhas educavam ellas a seu modo, não no ocio e em occupações mulheris; mas no trafego das armas, da equitação e da caça,—queimando-lhes na infancia o peito direito para que tivessem mais facilidade no tiro da seta, d'onde lhes veio o nome de amazonas.

«Houve entre ellas duas rainhas: Marpezia e Lampeda, as quaes, dividindo entre si a nação, que já tinha crescido em forças, faziam alternadamente a guerra; e bastava cada uma de per si para conter os adversarios. Diziam-se descendentes de Marte para realçar o

merito de suas victorias com a auctoridade da religião.

«Depois de subjugada a maior parte da Europa, apoderáram-se tambem de algumas cidades d'Asia. Ali edificam Epheso, e muitas outras cidades, e licenciam uma parte do seu exercito, que volta para a patria carregado de despojos. A outra parte, que tinha ficado na Asia para defesa de suas conquistas, foi anniquilada com a morte da rainha Marpezia por uma erupção de barbaros.

«A Marpezia succedeu no reino sua filha Orithya, que com singulares conhecimentos da guerra foi a admiração do seu tempo por uma constante virgindade. Com o seu valor tanto se augmentou a gloria e a fama das amazonas, que o rei a quem Hercules devia doze tributos, lhe ordenou por julgal-o impossivel, que lhe trouxesse as armas da rainha das amazonas (A. M. 2750). Partiu Hercules com a flôr da mocidade grega em nove navios, e deu inesperadamente sobre as amazonas. As duas irmãs Antiope e Orithya as governavam então; mas Orithya achava-se ausente em uma expedição, e Antiope á chegada de Hercules tinha poucas tropas, nem previa accommettimento algum. O inesperado do ataque, a excitação do tumulto com que correm ás armas, proporcionam ao inimigo uma victoria mal disputada. Morreram muitas, outras ficaram prisioneiras, e entre estas contaram-se duas irmãs de Antiope: Menalippe de Hercules, e Hippolyta de Theseo. Theseo tomou por mulher a sua captiva, e d'ella teve a Hippolyto: Hercules porém entregou á irmã a

que lhe tocára, recebendo-lhe as armas por preço do resgate, e voltou cumprida a sua missão.

«Apenas Orithya sabe da guerra feita a suas irmãs por um principe atheniense, exhorta as suas companheiras, lembrando-lhes que debalde teriam subjugado o Ponto e Asia, se o seu proprio paiz ainda se via exposto aos ataques e depredações dos gregos. Depois pede auxilio a Sagillo, rei da Scythia. Eram as amazonas descendentes dos scythas (dizia ella) que a morte dos conjuges e a propria defesa haviam forçado a recorrer ás armas com o valor acostumado das mulheres da Scythia. O rei movido pela gloria nacional mandou-lhe em auxilio Panaxagoras á frente de numerosa cavallaria; mas antes da batalha, introdusindo-se a discordia nos dois exercitos, as amazonas soffrem uma derrota pelo abandono dos seus alliados: acham porem guarida em seus quarteis, e sob a sua protecção voltam á Scythia, sem receber damno das outras nações.

«A Orithya succedeu Pentesilea (A. M. 2800) que partindo entre valentes soldados em auxilio de Troia contra os gregos, deu ali clarissimos testemunhos do seu valor. Morta emfim Pentesilea e destroçado o seu exercito, as poucas amazonas, que tinham ficado na Scythia, chegaram até ao tempo de Alexandre Magno, defendendo-se com difficuldade dos visinhos. Minithya ou Tallestris, sua rainha, obteve compartilhar por treze noites o leito d'este heróe afim de ter d'elle um filho; mas voltando ao seu reino, morreu pouco tempo

depois, e com ella se acabou o nome das amazonas.»

Citamos por extenso esta passagem de Justino; porque é n'ella que se funda, e é essa que extracta um auctor moderno, procurando comprovar a existencia d'estas celebradas heroinas. Canseco, auctor hespanhol, no seu *Diccionario das mulheres illustres* publicado em Madrid, ainda não ha dez annos (em 1844) cita e como que apoia o auctor do diccionario historico, publicado em Barcelona em 1830, que dá como muito provavel hoje em dia a existencia das amazonas. No entretanto, do modo porque se exprime aquelle auctor, quando se occupa de tal assumpto, sería antes de suppôr, e para esta opinião me inclino, não que elle escreva seriamente; mas que por gracejo e simulando uma seriedade de que está bem longe, dá como provado aquillo em que nem elle crê, nem com facilidade se póde acreditar, procurando por esta forma tornar verosimil a sua these com a negação de circumstancias caracteristicas, e invocando, como que lhe fossem favoraveis, auctores que antes o desabonariam.

Tratarei de o demonstrar, confrontando a opinião de Canseco com a de Justino.

Independente de considerações geraes com que a seu tempo procurarei mostrar a inverosimilhança d'esta fabula, que muitos não julgam digna de uma discussão séria, o auctor latino reveste o facto de taes circumstancias, que o tornam por demais suspeito.

Em primeiro logar começa elle por dizer-nos pouco

antes dó trecho que citámos, que por espaço de 1500 annos a Asia pagára aos scythas um tributo que cessou no tempo de Nino, isto é, segundo o seu computo no anno 1800 da creação do mundo. Ora, como tambem nos diz este auctor, foi por meado *(medio tempore)* do periodo em que a Asia se achava tributaria aos scythas, que se deu a scisão d'este povo e o subsequente apparecimento das amazonas.

O imperio d'estas mulheres deveria portanto ter começado no anno 1100, pouco mais ou menos, para concluir-se, supponhamos em Pentesilea, que foi alliada de Priamo na guerra de Troia, isto é no anno do mundo 2,800. Assim deveram ter subsistido por espaço de 1700 annos, duração pouco provavel em uma época de guerras, rapinas e conquistas; e menos provavel ainda em um imperio de mulheres, que, a ter existido, não podia deixar de ser tão precario quanto era excepcional.

A segunda circumstancia pouco provavel, ou antes tão inverosimil como a primeira, é a vastidão das suas conquistas. Justino trata somente das amazonas asiaticas, e essas no seu dizer conquistaram toda a Europa, e alguns estados da Asia. Os que tratam das amazonas da Lybia, não querendo que as suas heroinas parecessem menos esforçadas, quando comparadas ás primeiras, fazem-n'as vencedoras dos atlantes, numidas e ethiopes, e senhoras das costas septentrionaes da Africa. Sendo ellas porem contemporaneas umas das outras segue-se que subjugaram quasi todo o mundo en-

tão conhecido, todas as zonas que reputavam habitaveis e habitadas e por assim dizer todos os póvos.

Vém aqui á pello uma reflexão de Strabão:

«Quem acreditará, diz elle[1], que tenha jamais existido exercito, cidade ou nação, composta só de mulheres, que demais a mais invadiam paizes estranhos, conseguindo não só bater os seus visinhos, como tambem passar á Jonia, chegando a enviar exercitos alem do Ponto-Euxino até no paiz da Atica? É a mesma coisa que se alguem dissesse que os homens eram mulheres e as mulheres homens!»

Alem d'estes, ha em Justino outros factos de menos alcance, mas igualmente dignos de reparo: são aquellas duas rainhas que subdividem e repartem entre si a nação, e a governam independentes, se bem que ao mesmo tempo, conjunctamente e na melhor harmonia, coisa que não aconteceu nunca, nem mesmo aos dois irmãos fundadores de Roma: são os contos de Hercules e Theseo que se prendem a este novo conto: é Pentesilea que socorre Troia, e Talestris que supplica ao vencedor da India a honra de ser por treze noites consecutivas admittida a compartilhar o seu leito!

Se confrontamos Justino com Apollonio, o historiador com o poeta, vemos que nenhum fundamento teve Canseco para avançar que os poetas, e especialmente os da antiguidade, ao passo que se immortalisaram com as suas bellas inspirações, causaram grande dam-

[1] Strab. *Geogr.* L. 11.

no ás sciencias historicas por entretecerem ficções com verdades.

Pelo contrario, é justamente aos historiadores gregos e latinos, a que podem ser applicaveis as suas palavras, de que nem só elle, como todas ás pessoas de mediano criterio, não podem, logo á primeira vista. deixar de reputar exagerada a maior parte do que acerca das amazonas se conta,—como seja—matarem os filhos varões, queimarem um peito etc., o que comtudo são costumes caracteristicos d'estas mulheres, e se acha consignado em Justino, e ainda em outros que rejeitam o facto. Canseco reputa impossivel a primeira circumstancia por se oppôr ás leis da natureza, e assevera que houve equivoco na segunda; pois que as amazonas não queimavam, mas atrophiavam por meio da pressão o peito direito, redusindo o seu tamanho natural para com mais facilidade atirarem o arco.

Comtudo tem por verdadeira a sua existencia; mas redusida a questão a seus justos limites, e separando da sua historia o que n'ella introdusiram de fabuloso, como em quasi todas as outras, os poetas da antiguidade. Dá como certo ter ido Pentesilea em auxilio dos troianos, pois não julga que se possa crer na destruição de Troia, e não nas amazonas que auxiliaram a Priamo quando não suppõe mais rasão para uma do que para outra coisa. No emtanto Homero que gosa dos foros de historiador, e tão minucioso em numerar as tropas e ainda mesmo em descrever as armas de cada combatente, não falla em taes amazonas, devendo o

seu silencio ser tomado como um argumento em contrario de muita consideração.

Nada importa a asserção de Pausanias de ter visto no templo de Jupiter Olympico uma pintura representando Pentesilea aos pés de Achilles. *Pictoribus atque poetis quælibet audendo semper fuit æqua protestas.* Nem era preciso que Horacio o tivesse escripto para sabermos que procurando os pintores assumpto para as suas composições, onde o encontram, que não somente nas chronicas timbradas pela critica, o effeito do bello os dispensa da prova da verdade.

Canseco reputa tambem fidedigno o que se conta de Thalestris, negando porem que fosse verdadeira amazonas, —não obstante a auctoridade de Justino, que a chama não só amazonas como rainha d'ellas.

«Porque se hade acreditar (diz elle) em tudo quanto nos refere a historia antiga ácerca de Alexandre Magno, e negar que a descendente das amazonas, Thalestris, se apresentou na Asia ao heróe macedonio, quando a relata o severo Quinto Cursio, e outros? «Não sei a que *outros* allude o auctor hespanhol; mas é pouco de presumir que seriamente se attribua a Quinto Cursio o caracter de historiador severo. «Não admiro, nem creio por ser escripto em latim n'este conto insipido (leio nas investigações philosophicas sobre os americanos) [1] que nos narra Quinto Cursio de ter vindo

[1] *Recherches Philosophiquès sur les Américains.* Berlim 1770. 52. pag. 106.

Thalestris dos confins da Hyrcania impetrar de Alexandre-magno a honra de dormir trez noites (treze diz Justino) em seu leito.»[1]

Para não ter de voltar alguma vez mais a occupar-me com este auctor, apontarei algumas inexactidões que são para notar-se n'este seu artigo. Em primeiro lugar, entre as armas que lhes deu a antiguidade não se contava a bipenne que tinha dois gumes, mas uma segure chamada do seu nome, que tinha um só fio. *Unâ tantùm parte secans,* commentam os annotadores de Horacio. Note-se tambem que nem em Platão se pode achar argumento em favor da existencia das antigas amazonas, nem a respeito das modernas se exprime Humboldt da maneira cathegorica e terminante que o auctor hespanhol parece indicar. No dizer de Canseco, Platão assevera que pouco antes de sua epocha (sendo elle quasi contemporaneo de Alexandre), floreciam as amazonas, Humboldot apoia n'esta parte a relação do padre d'Evreux.

Platão não trata propriamente de amazonas, mas de Sauromatides, que quer dizer olhos côr de pelle de lagarto,—ou como lêem outros—Sauropatides-como-la-

[1] Os proprios auctores que nos asseveram a existencia das amazonas, rejeitam esta fabula de procurar Thalestris o heróe macedonio; argumentando que ellas já não existiam no tempo de Alexandre, porque Xenefonte, mais antigo do que elle, não trata d'ellas ainda que descreva os paizes que se diz terem ellas habitado. Acham que ha razão para duvidar da fidelidade de Ariano, que é quem nos refere este facto; porque Ptolomeo e Aristobulo que todavia acompanharam Alexandre o não relatam.

gartos, ou ainda Sauromatas como escreve Hippocrates. Com estas expressões eram então designadas as pessoas de um e outro sexo que habitavam a Scythia Sauromathya. Platão recommenda ás mulheres da sua nação os exercicios gymnasticos, de que cobrariam tanta honra como os homens; porque (diz elle) [1] assim o aprendi das velhas fabulas. Estas velhas historias ou fabulas, segundo entendo, contariam casos de mulheres que se houvessem tornado celebres em taes exercicios ganhando corôas nos jogos publicos da Grecia; e tanto mais que as mulheres com que n'esta parte do seu dialogo se occupa Platão não podem ser propriamente consideradas como amazonas. «Eu não ignoro (diz elle) que ainda no meu tempo havia nas circumvisinhanças do Ponto Euxino um numero consideravel de mulheres chamadas Sauromatides, as quaes incumbia, assim como aos homens, aprender não só a montar a cavallo, mas a atirar o arco, e a se servir de outras armas.»

Vê-se, pois, que se não pode invocar a auctoridade de Platão, como que venha muito á pello para o caso ou que seja decisiva. Vejamos porem se ha outros, em cujos testemunhos se podesse Canseco basear.

Jeronymo Mercuriali[2] assevera que Hippocrates provou claramente que a nação das amazonas que alguns tem reputado fabulosa, existiu realmente, posto que

[1] 7 dial. das leis.
[2] Jerôme Mercuriali l. III, cap. 7. *Diverses Leçons.*

não com o costume de deslocar as juntas aos rapazes, afim de por este modo os tornar côxos e mais fracos. Não sei a que obra de Hippocrates se refere este auctor: o que é certo é que só em outra parte [1] lemos o costume de deslocarem as amazonas as juntas aos filhos; —circumstancia que parece inventada para resolver a eterna difficuldade de combinar a piedade materna com a descaroavel crueldade das amazonas.

No emtanto, se Jeronymo Mercuriali se refere á obra que se intitula—dos *ares, aguas e lugares*[2]—na qual o medico grego nos descreve os costumes das sauromatas, a sua asserção vem a carecer absolutamente de fundamento. Da maneira por que a respeito das sauromatas se exprime Hippocrates na obra citada, vê-se que elle comprehende n'esse termo todas as pessoas de um e de outro sexo. Diz que as sauromatas se casavam, mas accrescenta acerca de suas mulheres, que estas andavam a cavallo, atiravam setas, arremeçavam dardos, e se batiam com os inimigos emquanto virgens; e que depois de se terem dado ás armas, era-lhes então permittido casarem-se, ficando desde logo dispensadas de montarem a cavallo, ou de irem a guerra, emquanto uma expedição commum as não obrigasse a isso. E logo em seguida ajunta que careciam do peito direito, porque sobre elles as mãis applicavam ás filhas desde a sua primeira infancia um instrumento de co-

[1] In Argonautica—apud Diodorum.
[2] Cap. 17. Hippocrates.

bre feito de proposito para esse uso, de modo que, remata elle, davam por esta forma mais vigor ao braço com o accrescimo da substancia que deveria alimentar aquelle orgam no seu estado normal.

Se das palavras de Hippocrates, que deixei extractadas, se não póde concluir a existencia das amazonas, ha todavia uma phrase de um dos sanctos padres, em que se poderia e talvez mesmo se tenha querido basear essa opinião. Tertuliano [1] diz das mulheres scythas que ellas queriam antes usar das armas do que casarem-se. No emtanto para se lhe dar esta intelligencia, é preciso tomar em outro sentido do que deve ter n'aquelle lugar o vocabulo latino—*prius*. . .*quam*; ou *priusquam*, que tanto pode indicar preferencia como prioridade. Tertuliano descreve-nos a extrema barbaria dos scythas, mostrando-nos como as suas mulheres tomavam parte em seus banquetes, mais hediondos do que os dos nossos antropophagos! As mulheres mesmo (escreve elle) não se amenisam nem com o sexo, nem com o pudor . trabalham com *achas*. . . e accrescentando no mesmo periodo a phrase que deixamos apontada, não póde ella offerecer outro sentido senão que essas mulheres usavam das armas antes de se casarem. D'essa forma se harmonisa a opinião de Tertuliano com o que outros auctores nos referem das mulheres da Saromathya, que não podiam casar nem deixar de ser virgens antes de ter captivado a tres inimigos.

[1] L. 1.º contra Marcion.

Um auctor que comparado a estes poderiamos chamar moderno, pretende explicar a seu modo a origem d'esta fabula, Palephatos na sua obra *Histoires incroyables*[1], aventa a opinião de que as amazonas não eram senão homens barbaros, chamados mulheres por seus inimigos por usarem vestidos compridos como as mulheres da Thracia; trazerem o cabello em coifas e raparem a barba. Ainda que esta opinião seja susceptivel de melhor desenvolvimento, e que nem todos os factos com que Palephatos a sustenta sejam absolutamente exactos, não me parece comtudo improvavel, nem que careça de fundamento.

Em primeiro lugar não é muito exacto que todos os scythas, em todas as circumstancias usassem de vestidos talares ou compridos; pelo contrario, Hippocrates na obra citada, falla de uma especie de calções ou ceroulas proprias dos povos da Scythia, que sempre andavam a cavallo, e a que os gregos davam o nome de *anaxyrides*. Ora se as mulheres iam á guerra e andavam a cavallo era de suppôr que tivessem o mesmo vestuario dos homens. É tambem isto o que se collige de Herodoto quando nos diz que foi depois de um combate que os scythas reconheceram as amazonas por mulheres, o que não deixaria de ter acontecido antes, se ellas tivessem um traje particular e distincto.

Os scythas usavam na guerra vestidos curtos e estrei-

[1] Cap. 33.

tos, mas Hippocrates [1] accrescenta, como com pouca differença se diz de alguns dos americanos, que grande numero d'elles se faziam eunuchos, davam-se a occupações mulheris, tomando vestidos compridos, fallando como as mulheres, adoptando as suas maneiras e o seu modo de vida. D'onde se vê que na paz as mulheres e *grande numero* de scythas usavam os vestidos compridos.

Agora, se considerarmos a estranheza que n'aquelles tempos e entre os povos orientaes e barbaros, entre os quaes o cabello solto e livre era reputado, como foi em outros tempos e por outros povos, ornato viril e decente compostura, a estranheza, digo, que devia causar esses cabellos mettidos em coifas, e as caras rapadas,—e ainda mais a confusão que resultaria de se verem mulheres scythas na guerra, vestidas e obrando como homens, e homens na paz obrando e vestindo como se fossem mulheres; se a isto se addiciona a imaginação dos povos na sua infancia, e a credulidade que os propende para o maravilhoso e ex-

[1] Hippocrates não falla propriamente de eunuchos na obra que já citamos—*Dos ares, aguas e lugares*. Cap. 22. O que elle nos diz é que achavam-se entre os scythas muitos homens impotentes que se condemnavam a occupações mulheris, fallando e vivendo como ellas, e que estes taes eram adorados pelos indigenas scythas, que temiam que lhes sobreviesse tal afflicção, e a attribuiam á colera da divindade offendida. Hippocrates attribue esta circumstancia ao clima, ao costume de andarem os homens constantemente a cavallo, e de, no começo da enfermidade, sangrarem-se atraz de ambas as orelhas, onde, segundo a sua opinião, ha veias que cortadas, privam aos que soffrem tal operação da faculdade reproductiva.

traordinario, facil será de conceber como se originou e propagou a tradicção de mulheres guerreiras, e de guerreiros mulheres, dando em resultado o conto das amazonas.

Passo agora a completar a narração de Justino com os dados de outros escriptores acerca das antigas amazonas; porque, se bem que duvide da sua existencia, não me julgo por isso dispensado de expôr, ainda que summariamente, o que a seu respeito se tem escripto.

Dizem os antigos escriptores que as ouve na Asia e na Africa, e posto que mais particularmente se estendam acerca das primeiras, alguma coisa comtudo chegou á nossa noticia a respeito das segundas.[1] Das lybicas escreve Aunio no liv. 5.º de Beroso, que de uma filha de Japeto Atlante, chamada Pallas, tiveram principio as amazonas. A dita Pallas, pela inclinação que teve ás armas, escolheu varias mulheres moças e valorosas, com que fez um exercito, e começou a senhorear-se de algumas pequenas terras junto da lagôa Tritonida, e crescendo assim em numero como em reputação de guerreiras, se appoderaram de grande parte d'Africa com tanta ordem e bom governo que foram mui timídas de todos os reis d'aquelle tempo. Vendo pois que sem ajuntamento de varões se extinguiria a sua memoria, ordenaram, segundo quer Dionyzio[2], auctor grego, que andassem solteiras as moças,

[1] Bluteau—*Voc.* palavra *Amazonas.*
[2] In Argonautica apud Diodorum.

e guardassem virgindade até um certo tempo, exercitando-se nas armas e seguindo a bandeira de sua rainha, e o tal tempo acabado, tomassem marido, e o tivessem em casa só a effeito de haver filhos e de as servir como creado; e havendo filho macho o aleijavam, e o faziam inhabil para a guerra, guardando as filhas como successoras da sua gloria; as quaes faziam crear aos maridos com leite de cabras, ou de outros animaes. D'estas amazonas da Lybia foi rainha Myrina, que com um exercito de trinta mil infantes e dois mil cavallos acommetteu e venceu a Hiarbas, rei da Lybia que primeiro lhe havia negado vassalagem. Outras notaveis emprezas fez a dita Miryna com as suas amazonas no Egypto.»

Das asiaticas, porem, nos diz Herodoto [1] que os scythas as denominavam *oeorpartas*, que vale o mesmo que *androntonoi* ou *homicidas*, designação que Petit, auctor que já citámos, quer que venha, não do facto de terem assassinado os maridos, mas do costume de sacrificarem os filhos. Conjectura o historiador grego, que estas mulheres habitavam a Cappadocia perto do Termodonte. Diz-nos que junto a este rio foram derrotadas por Hercules;—que, prisioneiras e captivas, foram condusidas em tres navios quantas se apanharam vivas;—que, levantando-se depois do meio da viagem, mataram a seus roubadores, e que vendo-se depois sós e sem entenderem de navegação, sem sa-

[1] Liv. 4.º

berem ao menos dirigir o leme, abandonaram-se á mercê dos ventos e das vagas, sendo impellidas para as bordas escarpadas de *Palus Meotides;* que os povos livres da Scythia que então senhoreavam estes lugares, sahiram-lhes ao encontro, e reconhecendo-as no combate por mulheres, resultou d'ahi casarem-se, juntarem as tropas, e passarem por fim além do Tanais, indo-se todos estabelecer na Sarmathya.

Outros auctores quiseram ver na Europa uma semelhança de republica de amazonas, em tempos remotos, bem que não sejam de tão alta antiguidade. O Papa Pio II que sob o pseudonymo de *Æneas Silvius* escreveu a historia da Bohemia [1], conta-nos que outr'ora se vira n'este paiz uma forma de republica tal qual era a das amazonas, sob a direcção da moça Valasca, e uma das damas de Lybissa, filha de Crocus, rei de Bohemia.

Esta Lybissa (é ainda o mesmo auctor que o refere) depois da morte do rei, seu pai, governou o reino por muitos annos, apoiada no favor e na affeição do seu povo. Tiveram as mulheres muito poder durante o seu reinado, de sorte que este costume prevaleceu de que suas filhas se applicassem aos mesmos exercicios que os homens; e como tivessem o corpo affeito á lida e trabalho, havia sempre entre ellas um bom numero de mulheres robustas e corajosas. Morta Lybissa, Valasca, rapariga de grande alma e coragem, aproveitou-se

[1] Cap. 7.

da occasião para reunir as suas companheiras, exhortando-as a se apoderarem do reino. Estas seguiram o seu conselho, tomaram as armas, e foram tão favorecidas da fortuna, que Valasca, tornando-se senhora absoluta do paiz, governou, segundo dizem, por 7 annos o reino da Bohemia, conjunctamente com as suas mulheres, quasi com as mesmas leis que as amazonas tinham outr'ora estabelecido.

«Depois d'isto (ajunta Æneas Silvius) diz-se que já senhoras de todo o paiz, estas escolheram maridos, e tiveram de seus casamentos descendencia para sustentar a sua republica: deram tambem uma lei pela qual foi ordenado que se guardassem cuidadosamente as filhas, e aos filhos se arrancasse o olho direito, cortando-se-lhes ao mesmo tempo o polegar para que, quando homens, nem podessem entezar o arco, nem servirem-se de outras armas. Isto foi praticado por algum tempo. A Bohemia (remata Æneas Silvius) foi durante 7 annos assolada por esta peste, e viu-se quasi toda tributaria d'estas virgens.»

Bem que Alberto Krautz na sua *Chronica dos reis do norte* [1] cite uma acção corajosa de Valasca, e por mais fidedigno que o reputemos não se poderá concluir d'ahi, senão que é verdadeira a existencia d'essa heroina; mas ainda assim não será preciso grande esforço de intelligencia para se ver que taes bohemias não eram, nem foram verdadeiras amazonas, só por-

[1] Liv. 1. cap. 8.

que nos assevera Æneas Silvius que a sua republica era tal qual a d'aquellas.

Se quanto sabemos das antigas amazonas não basta para pôr fóra de duvida a sua existencia, as provas que nos apresentam os antigos e modernos viajantes acerca de uma republica semilhante que se diz ter existido no rio do seu nome talvez não sejam mais concludentes.

Assim como as antigas receberam as differentes denominações de amazonas, sauromatides, e saurapatides, tambem as modernas foram chamadas na lingua tamanaque *aikeambenano* [1], e na dos tupis *cunhátesecuyma* [2], e *loniápuyara* [3]—mulheres que vivem sós, mulheres sem maridos, e grandes senhoras.

Como porem esteja intimamente ligada com a historia d'estas celebres heroinas, a de uma pedra a que os mineralogistas deram o seu nome, pedra de maravilhosas virtudes, e cuja origem se procura achar no rio do seu nome, não me parece fóra de proposito entrar n'esta questão preliminar, da qual se tem dedusido argumentos em favor da existencia das modernas amazonas,— argumentos que parecem de tanto maior peso, quanto invocam em seu apoio nomes illustres ou conhecidos, e como que se baseam na auctoridade respeitavel da sciencia.

[1] Padre Gili.
[2] La Condamine.
[3] Fr. Gaspar de Cavajal—citado por Herrera. Doc. 6, liv. 9., cap. 2.º *Hist. General de las Indias.* Anvers—1728.

Uma pedra é actualmente conhecida nos gabinetes de historia natural, com a denominação de pedra das amazonas *(Amazonen stein)*. Buffon dá-lhe o nome de *jade*, pedra nephritica,—Omalius [1] a classifica na familia das silicides, como a especie de um subgenero, a que conserva o nome de feldspath. Humboldt [2] porem, diz que o que nos gabinetes se chama amazonen-stein, não é jade, nem feldspath compacto, que é o de que trata Omalius, mas somente feldspath commum. Comtudo, este mesmo naturalista diz ter visto uma d'essas pedras, que era uma saussurite, verdadeiro jade, que orictognosticamente se approxima do feldspath compacto e que fórma uma das partes constituintes do *verde di Corsica* ou do *Gabbro.*

Ora, discordando tanto os auctores na classificação d'esta pedra, que, sendo em extremo rara e dura, é apezar disso confundida com a pedra de acha *(Beilstein de Werner)* muito menos tenaz,—não é muito que a descreva cada um a seu modo, e lhe attribua natureza e caracteres differentes.

E assim é. Emquanto Omalius a classifica como uma silicide, Buffon a considera como uma materia mixta servindo de transicção entre as pedras quartzosas, e as micaceas ou talquosas. Baseando-se nas experiencias do chimico d'Arcet, de que o jade se enrijece ainda

1 *Omalius. Introduction á la Géologie.* Bruxelles 1838. T. 1.º
2 *Voyage aux Regions Equinoxiales*, par A. Humboldt Parsi 1816. T. 8.º

mais ao fogo; persuade-se Buffon [1] que a pedra das amazonas não é produsida immediatamente pela natureza; mas que depois de trabalhada devera ter sido empregado o fogo para lhe dar a extrema dureza que a caracterisa: pois que estas pedras resistem ás melhores limas, e só cedem ao diamante.

Funda-se tambem este auctor na auctoridade de Seyfried [2], segundo o qual existe junto ao rio Amazonas uma terra esverdeada que debaixo d'agua é inteiramente molle; mas que adquire a consistencia e rigidez do diamante exposto a acção do ar. Buffon argumenta que, se isto assim era e se por outro lado se considerava que os indigenas da America, que nem ao menos tinham instrumentos de ferro todavia as trabalhavam, seria para concluir-se, e elle o conclue, que ellas deveram ter sido uma materia molle, que os americanos á mão lhe deram a forma de achas, ou de cylindros brocados ou de laminas com inscripções, e que depois de disseccadas pelo ar, se tornaram pela acção do fogo pedras tão duras como a conhecemos.

É isto uma presumpção como elle pretende, mas insiste que tem em seu apoio, além de muitas razões e entre outros factos—ter elle visto uma acha de jade azeitonado, trasida das terras visinhas do Amazonas, a qual se podia cortar com uma faca,—estado em que de certo não podia servir para o uso a que a sua for-

[1] Buffon. *Histoire naturelle.* Minéraux. *Du Jade.*
[2] Mem. da Acad. de Berlim 1747.

ma demonstrava que era destinada, sendo para suppôr que só lhe faltava ser aquecida pelo fogo.

É notavel que esta opinião do grande naturalista do seculo de Luiz XIV, se assemelhe com as dos rudes selvagens do novo mundo [1]. Estes tambem, não concebendo o meio nem a possibilidade de se cortar e talhar pedras duras—taes como a esmeralda, o jaspe, o feldspath compacto, o crystal de rocha e outras, imaginaram que a pedra verde como elles lhe chamam, é molle ao sahir da terra e se enrijece depois de trabalhada á mão.

Humboldt [2] negando que semilhantes pedras sejam naturaes do Amazonas, descreve-as como recebendo um brilhante polido, tomando a côr verde esmeralda, translucidas nas bordas, extremamente tenazes e sonoras, e tanto que talhadas em tempos antigos pelos indigenas em laminas muito delgadas, perfuradas no centro e suspensas a um fio, dão um som metallico quando percutidas por outro corpo duro,—motivo porque foram por Brongniart comparadas ás pedras sonoras que os chinezes empregam nos seus instrumentos de musica, a que chamam *King*.

«Dá-se-lhes (diz Humboldt), dá-se-lhes as mais das vezes a forma de cylindros persopolitanos, perfurados

[1] C'est une opinion denuée de tout fondement, quoique très-repandue á *l'Angostura* que cette pierre (Saussurite) est tirée dans un état de ramollissement pateux, du petit lac *Amucu*. *Humboldt Ob. cit. T. 8, pag.* 207.

[2] Ob. e log. citados.

longitudinalmente e sobrecarregados de inscripções e de figuras. Mas não são os indios de hoje, esses indigenas do Amazonas e do Oceano, que vemos no ultimo gráo do embrutecimento, os que brocaram substancias tão duras, dando-lhes as formas de animaes e de fructos.»—D'aqui quer o auctor allemão concluir a existencia de uma civilisação anterior.

Estas pedras, que por muito tempo se encontraram nas mãos dos indigenas do Amazonas, ainda com mais facilidade se achavam no rio Tapajoz, não obstante serem rarisssimas em toda a parte. Ora foi justamente junto ao rio Tapajoz que Raleigh collocou as suas amazonas—ricas (diz elle) de baixella de ouro, que adquiriram em troca das famosas *pedras verdes* ou piedras hijadas (del Ligado); e foi ainda no mesmo rio que 148 annos depois, La Condamine as achou em mais abundancia.[1] Os indigenas, seguindo uma antiga tradicção, pretendem que estas pedras vinham do paiz das mulheres sem marido, ou das mulheres que viviam sós, dando como *(gisement)* leito primitivo d'este mineral as cabeceiras do Oyapock, Orenoco, ou Rio Branco. Humboldt dizendo que viu algumas d'ellas nas mãos dos indios do Rio Negro[2], e confirmando a noticia de que os indios do Tapajoz possuiam outr'ora grande quan-

[1] Os tapajoz mostram certas pedras verdes, que dizem ter herdado de seus pais, e que estes as obtiveram das *Cong-nan-tain-secouima*, que quer dizer na sua lingua mulheres sem marido, em cujo paiz abundam aquellas pedras. *La Cond.*, pag. 104, edic. de 1745.

[2] *Voy. aux. Reg. Equin.*. T. 8º, pag. 40.

tidade d'ellas, não sabe se elles as receberam do sul ou do paiz que se estende das montanhas de Cayenna para as nascenças do Essequibo, Carony, Orenoco, e rio das Trombetas.

Estas pedras que já são raras tornam-se mais raras de dia em dia, já porque os indios que as estimam em muito as guardam como preciosidades, já pela exportação que d'ellas se fez e se faz para a Europa. [1] Eram de mais d'isso muito procuradas e estimadas pelos colonos, tanto portuguezes, como hespanhoes pela virtude que se lhes attribuia de curarem pedra, colica nephretica, a epilepsia, as molestias do figado e outras.

Mas estas mesmas pretendidas virtudes talvez não sejam senão uma recordação da crença popular da antiguidade acerca de outras que taes pedras verdes. Os antigos, gregos e romanos, compraziam-se com o verde brilhante da esmeralda, mais bella no dizer de Plinio [2] do que o verde da primavera,—pedra sempre brilhante (escreve elle), sempre acariciadora dos olhos, quer vista ao sol, quer á sombra, quer de noite ao reflexo das luzes. A ellas tambem, alem da belleza, attribuiam-lhes innumeras virtudes.

Se porem os antigos, Plinio e Theophrasto [3], davam o nome generico de esmeralda a todas as pedras

[1] *Hist. Gen. des Voyages*, T. 14., pag. 42 e 43.
[2] Plin. lib. XXXVII, n. 16.
[3] Lapid. et Gemm. n.º 44.

verdes,—a mais estimada, a mais bella de todas, a verdadeira esmeralda era a pedra do paiz das amazonas—a esmeralda da Scythia. Quero crer, portanto, não só que a intima correlação da historia das pedras verdes com a das amazonas é uma recordação da antiguidade, como que é d'esse facto que se originou a fé nos seus pretendidos milagres.

Sei que em cada amuleto ou patuá se encontrará sempre um fragmento de mineral. Sei que se se escrevesse a historia dos feitiços entre todos os povos, grande parte d'ella seria occupada com a crença no pretendido poder de certas pedras. Assim, com o que levo dito, longe estou de negar a importancia que na sua infancia os povos têm dado ás pedras, que se affastam do commum, como a todos os objectos que por alguma singularidade se destacam d'entre as producções da natureza. Mesmo na America do Norte parece que a pedra verde foi venerada debaixo de uma significação religiosa.

«Posto que (diz Humboldt)[1] quinhentas leguas de distancia separam as margens do Amazonas e do Orenoco do platô mexicano; posto que a historia não faça menção de nenhum facto que ligue os povos selvagens da Guyana aos povos civilisados de Anahuac, diz o monge Bernardo de Sabugun em Cholula, que no começo da conquista, vira conservadas como reliquias *pedras verdes* que tinham pertencido a *Quetzalcohualt*, o budha dos

[1] *Voya aux Rég. Equin.*, T. 8.º

mexicanos, que no tempo dos tolteques fundára as primeiras congregações religiosas.

Convem todavia ponderar que se o estado em que encontramos os indigenas não basta para explicar como é que taes pedras foram lapidadas, attribuil-as ás amazonas seria tornar menos aceitavel a explicação, excepto se quizessemos suppôr que n'essa republica, de sua natureza ephemera, se por um momento admittimos a sua existencia, se pôde apesar d'isso ter chegado a um grão de civilisação a que os homens não teriam ainda attingido.

E ainda quando concedessemos este novo ponto, faltaria investigar d'onde teriam vindo semilhantes pedras; porque não parece, segundo a opinião de Humboldt, que ellas sejam originarias do Amazonas.

Vejamos porem o que a respeito das amazonas da America nos referem os historiadores.

«Se não existiram (inquire o nosso programma) que motivos tiveram Orellana e Christovam da Cunha, seu fiador, para nos asseverarem a sua existencia.»

Deixando para ao depois tratar dos motivos que tiveram ou poderiam ter estes viajantes, e outros antes d'elles para reprodusirem nas suas narrações a fabula que nos legaram os escriptores da antiguidade, cabe-nos ver o que a tal respeito escreveram os modernos. Acredito que d'esta exposição facilmente se poderá concluir se estas mulheres se assemelhavam ou indicavam originarem-se das da Scythia ou da Lybia.

Antes de tudo, poderia parecer que o nosso pro-

gramma se occupa, não de Orellana, companheiro de G. Pizarro; mas de Pizarro y Orellana, auctor da obra *Varones ilustres del Nuevo Mundo*[1], o qual na vida de Gonçalo Pizarro trata de amazonas,—«não as que descendiam de Orythia ou Pentesilea, diz elle, mas de outras, que por serem mulheres, que pelejavam, foram chamadas assim.» Porém o programma, indicando ser a noticia d'esse Orellana confirmada por Christovam da Cunha, faz ver que se refere ao proprio descobridor.

Geralmente se acredita, e é esta a opinião de Paw, que o aventureiro hespanhol foi o inventor d'este conto, bem que já antes d'elle Colombo julgasse ter elle encontrado amazonas nas Antilhas. Segundo Hakluyts disseram ao navegante florentino[2] que a pequena ilha de Madanino[3] (Monserrate) era habitada por mulheres guerreiras, que viviam a maior parte do anno affastadas do commercio dos homens. Pedro Martyr diz tambem ter-se affirmado a Colombo que mulheres sem homens habitavam a ilha de Matityma, defendendo-se com armas, e não recebendo commando senão de si mesmas, accrescentando que foi por esta occasião que Colombo as chamára amazonas.

Orellana adornou esta historia com outras particularidades, não tanto para a fazer mais digna de credito, como para a tornar mais singular. Gonzalves Oviedo

[1] Madrid—1639, pag 352.
[2] Coll. Lond. 1812, pag. 384.
[3] Grindus, pag. 69.

na sua relação ao cardeal Bembo, que é datada de 20 de janeiro de 1543, narrando a viagem de Orellana, escreve que ouvira a Gonçalo Pizarro ter aquelle combatido com mulheres armadas, commandadas por uma rainha; que estas mulheres viviam sós,—que não matavam os filhos; mas os entregavam aos pais,—que eram emfim chamadas as amazonas, posto que tivessem ambos os peitos.

Quando Oviedo escrevia a sua carta ao cardeal Bembo, não tinha por certo noticia da relação que Hernando Ribera [1] jurava na Assumpção aos 3 de março de 1545, de que nos occuparemos ainda.

Quasi um seculo depois publicava o padre Christovam d'Acunã [2] que se sabia, por informações que a real audiencia de Quito mandara tomar, serem as margens do Amazonas habitadas por mulheres guerreiras; mas a principal rasão porque este auctor nos assella o facto da sua existencia, é porque ha um rio com esse nome. É tão inconsistente este argumento que o mesmo é expôl-o que destruil-o. Fôra coisa admiravel, amplifíca elle no estylo do tempo, que o rio sem mui graves fundamentos houvesse usurpado o nome das amazonas,—podendo qualquer lançar-lhe em rosto, que com elle se pretendia tornar famoso, sem mais rasão do que a de vestir-se com o alheio.

[1] Impressa na Coll. de Ternaux. T. 6, pag. 490.
[2] *Nuevo descobrimento del Grã Rio de las Am.* Madrid. 1641. Coll. de Barbosa.

Além d'este argumento, Christovam da Cunha desce tambem á consideração de factos. «O que ouvi com os meus ouvidos (diz elle) e com grande cuidado averiguei desde que puzemos os pés n'este rio, é que não ha geralmente coisa mais commum (ao menos ninguem o ignora) que é dizer-se que habitam n'elle estas mulheres, dando signaes tão particulares, que convindo todos n'elles, não é crivel que podesse haver uma mentira introdusida em taes linguas, e em taes nações com tantas côres de verdade.»

O padre Cunha se esquece sómente, que a fé nos feitiços e agouros abusa do apparecimento de phantasmas, da existencia de gigantes e pygmeos, são factos que em todo o mundo se tem repetido, sem que da universalidade da opinião se possa dedusir coisa alguma em favor da credulidade de taes factos.

Refere-nos o mesmo auctor como em certa quadra do anno, vinham ter uns indios com as amazonas. Ellas ao vel-os se alvoroçavam, sahiam fóra de suas trincheiras, armadas em guerra, e depois de uma breve simulação de combate, corriam todas ás canôas dos hospedes bem-vindos, e cada qual desprendia uma das redes que estes indios traziam armadas nas canôas, e voltavam triumfantes para armal-as em suas habitações, onde vinham os donos procural-as. Em festas e contentamento se passavam os dias[1] até que no tempo marcado se retiravam os hospedes. Quanto á sorte

[1] Cunha. Cap. 72.

dos filhos, diz-nos o mesmo auctor que o que parece mais certo é que as mãis os matavam em os reconhecendo como taes. É tambem isto o que nos affirma Nuno de Guzman na sua relação a Carlos V.[1] Feijó pelo contrario no seu *Theatro Critico*[2], dissertando sobre as amazonas, e escrevendo com tal precipitação que allega, não que se noticiava a existencia, mas que as proprias amazonas haviam sido descobertas, não nega que a esta, que elle considera verdadeira historia, se tenha ajuntado muitas inverosimilhanças; e n'este numero conta a absoluta separação dos sexos, bem como o dizer-se que as mãis matavam os filhos. Não obstante a auctoridade do padre Cunha, Oviedo que o escreve por tel-o ouvido ao proprio Pizarro, de accordo com Feijó, diz que os filhos, longe de serem mortos, eram entregues aos pais.

Cunha leva a sua minuciosidade a ponto de nos designar qual era a tribu, que estava no privilegio de fornecer ás amazonas estes maridos zangãos. Chama-a Guacará ou Guacari. Anville fez notar a La Condamine que os das antigas amazonas eram chamados Gargari, no dizer de Strabão[3]; semilhança que pareceu bastante curiosa a Carli[4], o auctor das *Cartas Americanas*.

Um ponto de semilhança, que não podemos passar

[1] La Condamine Mem. da Ac. R. das Sc de Paris 1745.
[2] T. 1. Diss. 16, n.os 45 e 46.
[3] Liv. 9.º
[4] *Lettres Americaines*. Boston 1788.—Lett. 25. T 1, pag 430.

em silencio, entre as amazonas da Scythia e as da America, é este:

As scythas que, diz-nos Justino, se haviam com tanta facilidade divorciado dos homens, e consideravam a virgindade como virtude de tão grande preço, que Orythia era por este motivo geralmente admirada entre ellas; ainda assim mataram os visinhos para se vingarem da morte de seus maridos; e acabaram depois com os que ainda existiam entre ellas *ne feliciores aliæ aliis viderentur*, para que umas não fossem reputadas mais felizes do que outras. Foram tambem estas mesmas mulheres que não podendo supportar por oito annos a ausencia dos homens da sua nação, se casaram com os proprios escravos, que tinham ficado para guarda dos rebanhos. Isto posto, não ha rasão para dizer-se que taes mulheres tivessem aversão aos homens.

O mesmo e mais deveria acontecer na America, porque se se considera que ellas habitavam debaixo do equador, talvez se ache rasão no desembargador Sampaio, que não descobre, nem póde imaginar que motivos bastante poderosos tiveram as amazonas para vencer a quasi irresistivel força do clima. O certo é (observa Montesquieu) [1], que o alvoroço com que ellas recebiam os hospedes, e que Cunha nos relata, mostra que lhes não era indifferente aquella união.

Voltamos porém ao nosso assumpto.

[1] *Esprit des Lois.* L. 14, C. 2.

Para aquelles que consideram a tradicção das amazonas da America como uma reproducção da crença de outros tempos e de outros povos, nenhuma maravilha será que se assemelhem os costumes que a umas e outras se attribuem. Humboldt observa judiciosamente que da leitura das obras de Colombo, de Geraldini, de Oviedo, de Pedro Martyr, de Anghierri se conhece a tendencia dos escriptores do seculo XVI para achar entre os povos descobertos no novo continente tudo quanto os gregos nos contam dos costumes da primeira idade do mundo, e dos costumes barbaros dos scythas e dos africanos. D'aqui conclue elle que tanto o amor do maravilhoso, como o desejo de ornar as descripções do novo continente com alguns traços da antiguidade classica contribuiriam para a grande importancia que se deu ás primeiras narrações de Orellana.

É certo que estes estudos deveram ter concorrido para que com mais facilidade se désse credito a uma noticia de que havia exemplos nas antigas historias; no emtanto, convém observar que tratando, quer estes, quer os modernos escriptores, de povos mergulhados no estado de barbarie e selvatiquesa, não é muito para admirar que sem se copiar se encontrem. O auctor das— *Investigações philosophicas sobre os americanos* —[1], explica-nos como aquelles que tem estudado os seus cos-

[1] *Recherches Philosophiques sur les Americains.* Berlim 1770. T. 1, pag. 113.»

tumes, es obretudo os dos americanos septentrionaes, admirando-se de que elles, por assim dizer, fossem os mesmos que os dos antigos scythas, foram levados a dedusir d'esta apparente semilitude linhas de filiação e de extracção de um para outro d'estes povos, sem ponderarem que, não offerecendo os costumes scythas senão os caracteres distinctivos da vida selvagem, era natural que tal semilhança se percebesse entre todos os selvagens do universo.

Vejamos pois que motivos poderam ter esses viajantes ou escriptores para improvisarem semilhante republica, ou para exagerarem a tal ponto o facto de mulheres combaterem; facto, que entre povos barbaros frequentemente se repete.

Distinguem-se entre os que até aqui temos citado Orellana, Ralegh, e Oviedo. Cito a Oviedo com preferencia ao padre Cunha, porque a sua opinião foi divulgada um seculo antes da publicação do—*Nuevo Descubrimiento.*

Orellana ardendo em desejos de se tornar celebre por uma descoberta propria, formou o atrevido projecto de navegar o Amazonas, seguindo-o em todo o seu curso até encontrar-se com o oceano;—e ainda que interiormente sentisse quanto havia de obscurecer o seu nome a consideração das circumstancias em que elle tomava sobre si tal empresa, confiava na sua boa fortuna, e esperava que o resultado attenuaria as justas censuras de que se tornava merecedor

«Esta viagem, (escreve W. Irving na vida de Chris-

tovma Colombo, [1], foi acompanhada de muitos perigos e fadigas. Orellana obrigado a desembarcar nas margens do rio, foi muitas vezes atacado por inimigos numerosos e aguerridos, contra os quaes tinha de empregar força para obter provisões. Em alguns lugares as proprias mulheres carregaram contra os hespanhoes: e esta circumstancia deu logar ás fabulosas narrações, que se fizeram, ácerca da pretendida ilha das amazonas.»

Todavia onde achamos a gloria de Orellana, não é nem nos perigos, nem nas fadigas que passou; senão em ter feito uma navegação extensa, em um barco mal preparado, por entre nações desconhecidas e hostis, sendo o primeiro a revelar o immenso tracto de terreno que medeia entre os Andes para o lado da nascente até chegar ao Atlantico.

Essa gloria porém ao proprio Orellana no fim da sua viagem já não pareceu uma justificação bastante, uma garantia segura de impunidade ou motivo efficaz de recompensa, quando a comparava com as graves accusações que sobre a sua cabeça pesavam—de haver faltado ao seu dever desobedecendo ao seu commandante,—de ter abandonado os seus companheiros de armas em um deserto,—de os ter privado da unica probabilidade de salvação que tinham no navio que lhes levava,—de haver-se sublevado emfim, fazendo-se ele-

[1] Trad. de Defauconpret. T. 3, pag. 171.

ger capitão de sua magestade sem dependencia de Pizarro.[1]

A respeito de Orellana escreve Robertson na sua historia da America[2]: «A vaidade natural aos viajantes que percorrem terras desconhecidas ao resto dos homens, e o artificio de um aventureiro, com sagacidade de engrandecer o seu proprio merecimento, concorreram para dispôl-o a enxertar, em extraordinarias proporções, o maravilhoso á narrativa da sua viagem. Elle pretendeu ter descoberto nações tão ricas que o pavimento de seus templos era alastrado de placas de ouro; e descreveu uma republica de mulheres guerreiras e bellicosas que tinham avassallado consideravel tracto das ferteis planicies por elle visitadas. Por mais extravagantes que fossem estes contos, bastaram para dar origem á opinião de que uma terra, abundante de ouro, famosa pelo nome de *El Dorado*, e uma republica de amazonas podiam ser vistas n'esta parte do novo-mundo; e tal é a propensão do genero humano para dar credito ao maravilhoso que só lentamente e com muita difficuldade é que a rasão e a observação têm feito despresar semilhante fabula. Esta viagem comtudo, mesmo desbastada de embellesamentos romanticos, merece ser lembrada, não sómente como uma das mais memoraveis occorrencias d'aquella época aventureira, mas tambem como o primeiro

[1] Garcilaso de la Vega. *Hist. Gener. del Perú.* Madrid 1722. L. 3. Part. 2ª Cap. 4, pag. 143—a.

[2] Rob. *Works.* Lond. 1840 pag. 115.

successo que fez conceber algumas noções menos imperfeitas das terras extensas, que se prolongam para o oriente desde os Andes até ao mar [1].»

E tão perfeitamente conhecia elle o genio da sua época e dos seus concidadãos, tanto contava com o effeito que sobre elles produsiria a narração de suas aventuras assim exageradas, que, como nos conta o padre Manoel Rodrigues [2] foi a terra das amazonas o que elle pediu ao imperador Carlos V; e foi isso o que lhe mereceu o despacho que requeria, porque obteve «carta patente de governador generalissimo do rio das amazonas para o recompensar de as ter subjugado em nome de sua magestade catholica. [3]

Apesar de ter sido Orellana geralmente acreditado, Gomara, seu contemporaneo, exprime-se por tal forma na *Historia Geral das Indias* [4], que parece resentido, tanto do grosseiro embuste de Orellana como da geral credulidade. Os outros escriptores que a este se seguiram, Vega, Herrera e o mesmo Zarate, escriptores de mais vulto, e os de mais conceito no que respeita ás Indias e descobrimento dos hespanhoes, não prestaram fé alguma á tal sonhada republica ainda que relatem a tradicção. Pelo contrario o que d'elles se

[1] Robertson cita Zarate L. 4. C. 4. Gom. Hist. Cap. 86. Voy. L. 3. Cap. 4. Herr. Dec. 6. L. 11. Cap. 25. Rodrigues. El Maray. y Am. L. 1. C. 3.º

[2] *Marañon y Amazonas.* Madrid 1684. P. 9. L. 1. C. 3. Garcilaso—obra citada. V. nota.

[3] *Recherch. Philos.* T. 2, pag. 114.

[4] Anvers. 1554. C. 86, pag. 112.

poderá concluir, e o que parece certo é que oppondo-se ao desembarque de Orellana, algumas mulheres, ou medrosas ou valentes, porque defendiam a casa e os filhos, tomou esta occasião para exagerar as suas aventuras. É isto o que se lê em Gomara, Vega, Herrera e Manoel Rodrigues. Não obsta que Orellana dissesse coisa differente; porque a larga relação da sua viagem por elle apresentada ao conselho das Indias, que então funccionava em Valladolid, poucos, e bem poucos annos depois, no tempo em que Gomara [1] escrevia a sua historia já passava por pouco digna de conceito.

Se confrontamos os historiadores na parte em que referem esta viagem, e observamos o modo por que elles moralisam os factos que escrevem, veremos que ainda quando fosse fóra de toda a duvida existirem amazonas no Maranhão, nem por isso se poderá concluir que Orellana as tenha encontrado e combatido.

No anno de 1540 sahiu Gonzalo Pizarro do Perú ao descobrimento e conquista que então se chamou—da canella. [2] Aborrecido de não encontrar o que procurava, e cansado de o perguntar aos indios que elle se persuadia lh'o occultavam por malicia, não poucas vezes tentou arrancar-lhes por meio de tractos um segredo que os pobres selvagens ignoravam. Assim mor-

[1] *Hist. Gener. de Las Indias.* Cit. Cap. 86, pag. 111 v.—Entre los disparates que dijo (lê-se a pag. 112) fue afirmar que avia en este rio Amazonas con quien el y sus compañeros pelearon.
[2] Gom. cit. Herr. Dec. 6. L. 7. Cap. 6. pag. 365.

reram alguns atormentados, e meio vivos consumidos pelas chammas, emquanto outros eram dilacerados e devorados pelos cães, que tinham sido industriados n'esta caçada humana[1] Foi então que destacou de si a Orellana para uma expedição, recommendando-lhe, que bem ou mal succedido voltasse com o bergantim, que levava e do qual careciam para a volta, e o esperasse na confluencia do Napo com o Amazonas.

As vistas de Orellana eram outras: deixou-se vir pelo rio abaixo, e quando a volta se tornara quasi impossivel, pela demora que teriam vencendo a corrente, continuou a seguir o curso do rio, tendo-se feito eleger capitão em nome do rei catholico. Tinha apenas passado o rio Negro, quando começou a encontrar noticia das amazonas. Era a ellas, segundo suppoz ter ouvido a um indio, que aquellas terras pertenciam. Fr. Gaspar de Carvajal[2] affirma ter sabido da existencia d'estas mulheres pelos indigenas, e que esta noticia lhe fôra confirmada por um chefe indio, o qual pergnutando-lhe se iam ver as amazonas, que em sua lingua dizem—*Cunhápuyara* que é o mesmo que grandes senhoras, accrescentára que vissem bem que eram poucos e ellas muitas.—Chegaram effectivamente a um lugar onde os indios se oppozeram aos hespanhoes com muita resolução, e corajosamente se defenderam. Então affirmou fr. Gaspar que se estes indios se de-

[1] Herr. liv. cit.
[2] Her. D. 6. L. 9. C. 4, pag. 377 cit.

fenderam com tanto encarniçamento era por serem tributarios das amazonas, e tanto que elle proprio e seus companheiros viram dez ou doze d'ellas, que andavam pelejando adiante dos indios, como capitães, e tão animosamente que os indios não ousavam voltar as costas, porque se algum fugia ante os castelhanos, ellas o matavam a cacete. Estas mulheres pareceram-lhe muito altas, corpulentas e brancas, com o cabello basto, trançado e enrolado na cabeça, em pêllo, mas com um ligeiro sendal;—com arcos e frechas nas mãos. Sete ou oito d'ellas foram mortas pelos castelhanos, e por este motivo, accrescenta o referido viajante, fugiram os indios que as acompanhavam.

Ora como estas mulheres combatiam conjunctamente com os homens, não é a ellas por certo que se referem os auctores quando nos affirmam que existiram amazonas? Os proprios hespanhóes d'esta expedição, ao menos muitos d'elles, como nos diz Herrera[1], julgaram que Orellana não devia dar semilhante nome a mulheres que pelejavam, nem com tão fracos fundamentos affirmar que havia amazonas; porque não é coisa nova nas Indias pelejarem as mulheres, e atirarem frechas, como se viu em algumas ilhas de Barlavento, Cartagena e Comarca, onde se mostraram tão animosas como os proprios homens.

«Isto, accrescenta Herrera, eu o refiro como o acho nas memorias d'esta jornada, reservando o credito ao

[1] D. 6. L. 9. Cap. 4, pag. 378.

alvedrio de cada um: pois não acho, para serem estas mulheres amazonas, mais do que o nome que estes castelhanos lhes quizeram dar.»

Orellana, que parece ter previsto esta objecção, valeu-se mais uma vez do testemunho tão fallivel dos indios, dizendo, segundo Zarate [1], ter ouvido a um d'elles que ali havia um paiz unicamente habitado por mulheres, que sabiam combater e fazer guerra, e se defendiam muito bem dos seus visinhos.

É porém para notar-se que Zarate não nos dá integralmente a noticia que nos foi transferida por Orellana, e que este descobridor embellesou com quantas maravilhas lhe suggeriu a phantasia. Segundo Orellana, viviam essas mulheres da mesma maneira que as antigas amazonas; eram riquissimas, possuiam muito ouro e prata, tinham cinco casas do sol com pavimentos de ouro, com habitações de pedra e cidades muradas, e tantas outras particularidades remata Herrera [2], que não me atrevo a crê-las, nem a affirma-las pela difficuldade em que me põe o saber que n'estas cousas as relações dos indios são sempre incertas: e havendo o capitão Orellana confessado pouco antes que não entendia a estes indios, não parece que em tão poucos dias podia ser o seu vocabulario tão copioso e certo, que tantas particularidades se podessem enten-

[1] *Hist. de la decouverte et de la conquete du Perú*. Paris 1742. L. 4. C. 4. T. 1, pag. 248.
[2] D. 6. L. 9. C. 2.

der a estes indios. Assim creia cada um o que lhe parecer. Vê-se pois bem claramente que nem só Herrera duvida da veracidade dos indios, como da boa fé dos aventureiros hespanhóes.

Resulta de quanto temos dito que um só facto se apresenta—o de ter Orellana combatido com mulheres que, diz elle, batiam com páos nos que fugiam. A asserção pode ser verdadeira, ainda que o facto podesse ter sido mal observado. Contam-nos Lery[1], e aquelles que nos primeiros tempos da descoberta viajaram pelo Brazil, que as mulheres indigenas acompanhavam os maridos á guerra, e lhes apanhavam e ministravam durante a acção as settas disparadas pelos contrarios. Ora durante a acção os indios a que faltavam as settas vinham tomal-as das mãos das mulheres para voltar ao combate, e no acto de lhes ministrarem armas, acompanhado das pantomimas que empregavam para ameaçar os inimigos, veriam os hespanhoes a acção de os espancarem, de matarem-n'os mesmo, se com a vivacidade da carreira faltasse o pé a algum dos indios apanhando as settas cahidas.

Algumas vezes mesmo combatiam as mulheres por necessidade, e principalmente nas tribus menos nobres, nas quaes, como em outra memoria fizemos observar, ja não era tão forte o sentimento da dignidade propria do guerreiro, que elle se pejasse de combater ao lado das mulheres. Entre os caraybas houve exem-

[1] Mock. *Hist. de l'Am.* Bruxelles 1847, pag. 59.

plos d'isso. Os marujos de Colombo deram caça a uma canôa tripulada por oito guerreiros e outras tantas mulheres: os selvagens caraybas se defenderam até á ultima extremidade; as mulheres armadas de arcos mostraram a mesma coragem, e depois de virada a canôa, salvaram-se a nado para um dos rochedos visinhos, d'onde não cessaram de combater. Mas tambem d'este facto nada se póde concluir em favor da existencia das amazonas, sob pena de ser tal conclusão classificada como um disparate, como a classificou Gomara a respeito das amazonas de Orellana. «Que as mulheres andem alí com armas e pelejem não é muito, pois que em Paria (golfo na ilha da Trindade, onde aportou Colombo) que não é muito longe, e em muitas outras partes das Indias, o tem por costume; nem julgo que nenhuma córte ou queime o peito direito para poder atirar settas, pois que com elle as atiram mui bem; nem creio que matem ou engeitem os proprios filhos, nem que vivam sem maridos, pois são luxuriosissimas. Outros, independente de Orellana, tem levantado similhante balela de amazonas, depois que foram descobertas as Indias, e nunca tal se viu, nem se ha de ver tão pouco n'este rio [1].» Para confirmar esta asserção do historiador hespanhol, que por muito arriscado no tempo em que elle a publicava (em 1554) só lhe podia ser arrancada por força da convicção,—mais de um seculo depois (isto é, em 1684) dizia o padre Ma-

[1] GOMARA ob. cit.

noel Rodrigues [1] que taes mulheres não existiam n'aquelle rio.

Se pois, como julgo ter demonstrado, a relação de Orellana é de pura imaginação, ainda quando se não podesse atinar com o motivo da sua invenção, nem por isso ficaria provada a sua veracidade. Mas esses motivos já os deixei referidos—era a vaidade do navegante que pretendia inculcar o merecimento da sua viagem, e da sua pessoa, que tinha visto coisas tão extraordinarias, e corrido riscos tão imprevistos,—o ardil do criminoso que procura dar vulto e maiores proporções ás rasões com que se justificava,—a manha emfim do pretendente, que requeria uma graça do seu monarcha.

Aquelles porém que assoalharam as suas phantasias, deveram ter, e tiveram por certo motivos differentes. Ovíedo, por exemplo, narrando a primeira navegação do Amazonas, e dirigindo as suas cartas ao cardeal Bembo, julgou dever lisongear o gosto de um homem tão familiar com o estudo da antiguidade classica, como nos revéla a pureza da sua latinidade.

W. Raleigh não quiz senão despertar a curiosidade e estimular a cobiça dos seus contemporaneos. Referia elle que um irmão de Atabalipa, se evadira depois da destruição do imperio dos Incas,—tomando comsigo tão consideravel exercito de indios *Oryones* que havia conseguido conquistar todo o interior da Guya-

[1] L. 1. C. 5, ob. cit. «Y no las hay por el Maranon arriba.»

na. Mas nota-se que, devendo ter passado a historia que elle nos legou, no tempo de Diego de Ordas, vinha ella a tornar-se impossivel, ainda só chronologicamente fallando; porque Pizarro conquistava o Perú, no mesmo anno em que Ordas subia o Orenoco.

Raleigh queria tambem chamar a attenção da rainha Isabel para o grande imperio da Guyana, cuja acquisição propunha ao seu governo, e não se esqueceu do duplicado fim a que visava. Para o vulgo o maravilhoso,—para o governo o interesse—e para a rainha a lisonja.

Descreveu pois creaturas extraordinarias, seres monstruosamente phantasticos, taes como os *ewaipanomas*, nação de acephalos que tinham os olhos nas espaduas e a bocca nos peitos;—e relatou como em um dos templos do sol no Perú se havia achado a tradicção de que o imperio dos Incas, destruido pelos hespanhoes seria restabelecido pelos inglezes. Para contentamento da cobiça descreveu o levantar do rei *El Dorado* ao qual os seus camaristas armados de compridas sarabatanas sopravam todas as manhãs ouro em pó no corpo humedecido por oleos e essencias aromaticas;—e para satisfação da lisonja affirmava o cortezão valido que as amazonas ouviriam o nome da rainha virgem. É certo, como observa Humboldt, que nada deveria ferir tanto a imaginação de Isabel, como a bellicosa republica das mulheres sem marido, como era ella, e que de mais a mais se encontravam com ella na resistencia que oppunham com feliz successo aos heróes

castelhanos. O fim que Raleigh teve em vista manifesta-se palpavelmente do modo por que elle conclue: «Fiar em Deus (escreve elle [1]) que é o rei dos reis e o senhor dos senhores, que elle porá no animo d'aquella que é senhora das senhoras a conquista do *El Dorado.*

Tão poucos auctores temos que se occupem extensamente de W. Raleigh que não resistirei á tentação de dar aqui um ligeiro esboço do seu famoso descobrimento.

«Quando Diego de Ordas emprehendia a conquista do Orenoco, e tendo já subido rio acima cerca de tres mil milhas até ao logar chamado «*Mariquito*», achou consumida toda a sua provisão de polvora. Irritado por tal negligencia, condemnou á morte o seu quartel-mestre, ou como então o chamavam os hespanhóes, o seu mestre de fornecimentos, cujo nome era João Martinez. Supplicaram-lhe os seus companheiros que poupasse a vida ao quartel-mestre, e o mais que puderam conseguir da misericordia de Ordas, foi ser abandonado Martinez em uma canóa sem alimento algum. A corrente o arrastou pelo rio abaixo até que sobre a tarde deu com uma tropa de Goyanos, que não tendo visto nunca homem branco, como apanhassem a este, pozeram-lhe uma venda, e o condusiram terras a dentro, fazendo uma jornada de quatorze ou quinze dias, para ser mostrado de cidade em cidade, até que chegaram a Manòa, a grande capital do Inca. Tiraram-lhe

[1] Hakcluyts—ob. cit. 3, 6 e 86.

a venda á entrada da cidade, onde elles chegaram já de noite. Caminharam através das ruas toda essa noite e o dia seguinte até o sol posto, primeiro que chegassem ao palacio. N'esta cidade foi Martinez detido sete mezes; mas sem que lhe fosse licito sahir fóra das muralhas. No fim d'esse tempo lhe foi concedido voltar; e um troço de Goyanos carregados com quanto ouro podiam, com que fôra presenteado, teve ordem de o conduzir ao Orenoco. Chegados que foram a este rio, os selvagens o accommettem, despojam-no de todos os seus thesouros, excepto de duas cabaças cheias de contas de ouro, que lhe deixaram por suppôrem-nas cheias de alimento. Chegou Martinez á Trindade, e d'ali se dirigiu a S. João de Porto Rico, onde morreu, e por occasião da sua morte cedeu taes contas á igreja para os suffragios da sua alma, e deixou esta narrativa do seu descobrimento, O vestuario da côrte, como elle dizia, era de ouro em pó grudado no corpo, segundo a sabida fabula do *El Dorado.*» [1]

O seculo em que Raleigh escrevia taes portentos do rei que se vestia de ouro em pó como os Jáos se pintavam de amarello, de mulheres sem homens, e de homens sem cabeça, era singularmente propenso a prestar uma fé implicita a tudo quanto era extraordinario, e isto explica a voga que tiveram no seu tempo, empregando-se dentro em pouco em toda a Europa os nomes de Potosi e El Dorado (nome do rei

[1] Southey. *Hist. of Bra. Notas.* T. 1, pag. 632.

que depois erradamente se applicou ao paiz) para significar na linguagem do vulgo e na dos sabios a accumulação de grandes thesouros, e assim tambem a de riquezas fabulosas.

Esta rasão porém não basta para explicar a propagação da noticia das amazonas entre os individuos da America; pòrque não são só os habitantes d'este rio, mas indios de muitas linguas e de logares bem remotos os que attestam a sua existencia.

Hernando Ribera [1] declarou debaixo de juramento (anno de 1545), que nas suas explorações do interior do Paraguay, estes indios unanimemente e sem discrepar nas suas respostas, lhe affirmaram que a dez dias do logar em que estavam e na direcção do nordéste existiam mulheres, que possuiam grandes cidades, e tinham consideravel copia de metal amarello e branco; mas que os seus utensilios eram todos de metal amarello. Accrescentava que era o seu chefe uma mulher da mesma nação, que eram todas guerreiras e temidas dos naturaes, que antes de chegar ao seu paiz existia uma nação de indios muito pequenos, aos quaes ellas faziam guerra,—e do outro lado nações considerabilissimas de negros;—que emfim os seus antepassados as tinham visto, e elles o ouviram a nações visinhas d'ellas.

Não são estes unicamente os testemunhos, embora imperfeitos, da existencia d'estas mulheres; porque,

[1] Ternaux. *Voyages, Relations.* etc. T. 6. pag. 490.

como disse, semilhante tradicção se espalhou mais ao largo do que o poderamos suppôr.

Ulrich Schmidt [1] trata tambem das amazonas, as quaes, segundo nos diz ter ouvido, habitavam n'uma ilha;—tinham um só peito, recebiam homens tres ou quatro vezes por anno; e se davam filhos á luz, os entregavam aos pais; e se filhas, guardavam-nas, e queimavam-lhes o seio direito para que podessem encurvar o arco com mais facilidade.

Como em todas as relações de viagens d'aquelle tempo, na de Schmidt abundam as inverosimelhanças. Não é crivel, por exemplo, o que elle nos conta dos Xarruas ou Sherues, segundo a sua orthographia, cujo rei se banqueteava ao som de instrumento,—que os fôra receber em um caminho limpo, aplanado e coberto de flôres, fazendo ao mesmo tempo bater o matto, de fórma que se achou a caça presa no caminho entre os europeus que chegavam e os indios gue vinham a recebêl-os,—e assim se mataram (diz-nos elle) trinta veados, vinte emas e não sei quantos outros animaes [2]. Este rei magnifico deu-lhes de presente uma corôa de ouro, que tinha adquirido em uma guerra contra as Amazonas.

Ha ainda uma outra auctoridade respeitavel pelo caracter sacerdotal e apostolico de que se revestira. O padre Cypriano Baraze, como se lê na sua biographia

[1] Cap. 37. (Ternaux). Tom. 5.º
[2] C. 36.

que o bispo da paz mandou imprimir[1], dizia que os Tapacures (ramo da tribu dos Moxos), dando-lhe noticia do paiz das amazonas, affirmavam sem dicordancia, nem excepção, haver para o lado do oriente uma nação de mulheres bellicosas, que em certo tempo do anno recebiam homens em suas moradas, e que estas mulheres, matando os filhos, tinham grande cuidado com a educação das filhas, que desde crianças se exercitavam nos trabalhos da guerra.

A tradicção porém deverá ter sido propagada por dous canaes differentes—pelos conquistadores e pelos mesmos indios.

Os conquistadores, crendo firmemente na possibilidade, e ainda mesmo na existencia de tal republica, viram, como Orellana, Amazonas nas mulheres que tinham por costume seguir os maridos á guerra,—ou nas que defendiam seus filhos e cabanas na ausencia dos maridos[2],—ou já como Colombo, não quizeram dar a essa palavra outra significação, que não fosse simplesmente a de mulheres que sabiam combater, o que era excepcional nos costumes da Europa,—ou por fim, o que era sobretudo indesculpavel, davam esse nome a congregações religiosas, a conventos de virgens mexicanas que viviam na maior austeridade e reclusão, longe de receberem homens em qualquer quadra que fosse do anno.

[1] Lettr. edif. Oaris, 1732. T. 10, pag. 241.
[2] Fray. Pedro Simon. N. 6, cap. 26.

Quanto aos indios, estes tambem, pelo que imagino, não contribuiram pouco para assoalhar tal opinião. Credulos, e ao mesmo tempo mentirosos, amigos de contos e de maravilhas, é preciso não lhes mostrar muita curiosidade, nem muito interesse no que se lhes pergunta. Como crianças respondem muitas vezes no sentido em que suppoem que desejamos a resposta, e prestam facilmente o seu testemunho a cousas que nunca viram. Era mais geral entre elles a crença nos gigantes, nos pygmeus, nos homens de pés virados; e nem por isso se pretende argumentar que taés entes existiram, só porque era geral entre os indigenas a tradição da sua existencia.

Noto em primeiro logar que, apesar de tudo, nenhum indio assevera ter visto as amazonas, sendo que o testemunho isolado de um só bem pouco faria para o caso.

Noto mais—que essa tradicção predomina nos logares por onde andaram hespanhóes,—e quer me parecer que elles desejando verificar a narração de Orellana, eram os que aos indios davam idéa de semilhante facto, ao passo de que ingenuamente se persuadiam deverem-se dar por convencidos com o apoio que n'elles encontravam.

Entre os escriptores portuguezes ha a este respeito menos credulidade. Brito Freire [1], tratando das consideraveis nações que habitavam o Amazonas, tem por

[1] *Nova Lusitania.* Lisboa, 1675.—pa7. 21. nota.

fabulosas as dos *Montujús*, que nascem e andam com os pés ás avessas,—dos pygmeos *Goajazis*,—dos gigantes *Curinquians*,—e das Amazonas que lhe deram o nome; e o ouvidor Sampaio, não obstante ouvil-o aos indios, não pôde nunca acabar comsigo em crer no que elles lhe diziam, talvez por conhecel-os de bem perto.

Noto por fim que não havendo entre as tribus indigenas nenhum commercio ou communicação, conhecendo-se apenas aquellas com que confinavam, e com as quaes se achavam em estado de hostilidade permanente, é força—ou que considèremos a fabula das amazonas como um d'aquelles erros e prejuizos communs á infancia de todos os povos,—ou que essa tradicção lhes terá sido transmittida por uma raça que esteve em contacto com todos elles—com os europeus. Ha tambem uma outra explicação; mas essa é apenas verosimil, e eu a reservo para outro lugar.

La Condamine, auctor cuja opinião nos reservamos a expôr ainda mais por extenso, como que argumenta que se deve crer na existencia das amazonas porque os indios o relatam, sem que, de certo, tenham nenhum conhecimento de Justino ou Diodoro. Todavia pouco antes d'esta proposição nos diz o mesmo escriptor que alguns dos costumes que a estas mulheres se attribuem tal como o de amputarem o peito direito ás filhas, são circumstancias accessorias, adulteradas ou accrescentadas pelos europeus, e que o amor do maravilhoso as teria feito adoptar pelos indios.

Não pondera este auctor que o mesmo canal por onde se puderam vulgarisar entre os indigenas os ornatos com que Justino e Diodoro julgaram ter aformozeado esta fabula, basta para explicar o conhecimento que da propria fabula tinham os indigenas; pois que aquella circumstancia da deficiencia do peito é tão geralmente noticiada, que se constituiu como caracter essencial das amazonas, como distinctivo dos seus costumes,—ou pelo menos como parte integrante da tradição. Não pondera sobretudo que se o amor do maravilhoso é o que fez aos indios adoptar semilhante circumstancia, era, nas suas idéas mais admiravel a formação de uma republica de mulheres, do que seria—para elles, acostumados a supportar söffrimentos para se endurecerem nas fadigas da guerra,—a cauterisação ou amputação do seio, operação cujos perigos mal poderiam elles suspeitar, e que o proprio Cunha refere de um modo tão singelo e simples como se tratasse de aparar as unhas ou de cortar o cabello. Pouco versado tambem nos costumes dos indigenas, o europeu não enxergava que essa circumstancia, que torna incrivel o facto para os habitantes da Europa, era exactamente o que o torna verosimil para o selvagem da America meridional, que não poderia conceber, sem uma dolorosa iniciação guerreira, uma republica forte e armada, como seria de necessidade a das amazonas, a terem algum tempo existido.

Se além d'isto se considera que o Amazonas foi explorado logo nos primeiros tempos da descoberta do

Brazil,—que foi navegado em todo o seu curso,—em primeiro logar por Orellana, depois e em sentido contra-rio por Pedro Teixeira, em cuja companhia foi Christovam da Cunha,—que os demarcadores portuguezes e hespanhóes por ali andaram differentes vezes, em épocas diversas, por lugares distantes, e em exames que não raro levaram annos;—que essas tribus, como em outro escripto procurámos demonstrar [1], haviam sido recalcadas do littoral para as margens e valle do Amazonas; se, por fim, a isto se accrescenta a curiosidade que teriam os europeus de verificarem as relações de Orellana, Oviedo, Raleigh e Cunha,—com facilidade se poderá suppôr que d'esta multiplicidade de informações pedidas deverá resultar a vulgaridade da noticia encontrada—noticia que apesar de tudo não era lá muito vulgar.

Depois d'estas considerações tem lugar o seguinte trecho de La Condamine.[2]

«Poder-se-ha acreditar, (diz elle), que selvagens de paizes tão remotos se tenham combinado para imaginar, sem fundamento, o mesmo facto?—e que esta pretendida fabula tenha sido adoptada com tanta uniformidade e tão universalmente em Minas, Pará, Cayena e Venezuela,—entre tantas nações que se não comprehendem, e que nenhuma communicação tem entre si?»

[1] Vejam-se n'este volume as *Reflexões aos Annaes Historicos* de Berredo.
[2] *La C. Relation d'un voyage* fait dans l'intérieur de l'Amérique meridionale par Mr. de la C. Paris 1745.

Creio que estas objecções ja ficam respondidas,—e principalmente se attendermos que todos aquelles logares eram frequentados por caraybas, ou ramos bem proximos da mesma tribu,—e que todos elles se deviam mais ou menos ter resentido do retrocesso da população indigena, que se amalgamava e confundia na sua reemigração do sul para o norte.

Se queremos saber em que parte do Amazonas se estabelecêra esta republica feminil, até n'isto encontraremos não pequena diversidade de opiniões.

Raleigh as faz habitantes do sul do Amazonas, junto ao rio Tapajoz: foi n'esse mesmo rio que La Condamine, seculo e meio depois [1], encontrou as afamadas pedras verdes, de que Raleigh assevera que eram ricas. N'essa margem lhe foi communicada a tradicção dos indigenas acerca d'essas guerreiras que elle suppõe ter atravessado o Amazonas entre o Tefé e o Purús. Foi ainda n'esse mesmo rio que o portuguez Ribeiro percorrendo os seus affluentes do norte, achou a mesma tradicção, que fôra revelada a La Condamine.

Ha portanto duas opiniões a respeito do logar onde se suppõe que se estabeleceram as Amazonas, collocando-as uns ao norte, outros ao sul d'este rio. Raleigh e Condamine as collocam ao sul, e assim tambem Orellana, que chegando ao Amazonas, segundo se crê pelo Coca e o Napo, parece ter combatido-as, que

[1] 148 annos.

não eram, mas que elle denominou amazonas entre a foz do rio Negro e a do Xingu.

Outros porém as collocam ao norte, e, conforme as informações transmittidas pelos indios de Cayenna e do Pará—em differentes logares—umas vezes a oeste das grandes quedas do Oyapock, alem dos indios amicuanes—tambem chamados *Orelludos*, orelhas compridas, e que são os mesmos *Oryones*, de que falla Raleigh;—outras vezes a oeste do rio Arijó ou Irijó, que desagua no Amazonas um pouco ao sul do Araguary;—outras por fim—junto ás cabeceiras do Cuchivaro.

Quanto a este ultimo rio deverei observar que o padre Gili, missionario que acredita na existencia das amazonas, patenteia a opinião de que não será inteiramente accidental a grande semilhança que nota entre os nomes de Cuchivaro, affluente do Amazonas, junto ao qúal deverão ellas ter passado este rio, e Cuchivero, affluente do Orenoco. Pretende o missionario que os *aikeambenanos*, descendentes das amazonas do Maranhão, deram á sua nova habitação, o nome da anterior ou primitiva. O sabio Humboldt duvida com razão, de semilhante facto e de semilhante genealogia.

No emtanto, como modernamente se tem querido argumentar com a opinião a este respeito apresentada por La Condamine, geralmente se crê, ou pelo menos se diz que as amazonas originarias dos lagos, d'ali se passaram às montanhas do interior da Guyana, onde por certo não terão, nem julga o auctor francez que tenham de ser descobertas nunca.

Sendo porém tempo de passarmos a expôr a opinião de La Condamine, a cuja viagem se deve n'estes ultimos tempos o reapparecimento nas scenas litterarias das já quasi deslembradas amazonas, eis o que para o caso nos parece digno de ser extractado da relação da sua viagem ao interior da America Meridional.[1]

«No decurso da nossa viagem (escreve elle) questionamos por toda a parte aos indios das diversas nações, e d'elles nos informámos com grande cuidado se tinham algum conhecimento d'aquellas mulheres bellicosas, que Orellana pretendia ter encontrado e combatido; e se era verdade que ellas vivessem fóra do commercio dos homens, não os recebendo entre si senão uma só vez por anno:...

«Todos nos disseram têl-o assim ouvido a seus pais, ajuntando mil particularidades, muitas longas de se repetirem, todas tendentes a confirmar que houve n'este continente uma republica de mulheres que viviam sós, sem homens, e que se retiraram para o interior das terras do lado do norte, pelo rio Negro ou por um dos que pelo mesmo lado correm para o rio Maranhão.

«Um indio de *S. Joaquim de Omaguas* nos disse que por ventura encontrariamos ainda em Coari, um velho, cujo pai vira as amazonas. Sabemos em *Coari* que o indio, que nos tinha sido indicado havia fallecido; mas fallamos a seu filho, homem de 70 annos, e commandante de outros da mesma tribu. Este nos asse-

[1] Ob. cit., pag. 101.

gurou que seu pai tinha-as visto passar na entrada do Cuchiuara, vindas do Cayamé, que desagua no Amazonas do lado do sul entre Tefé e Coari:—que tinha fallado a quatro d'entre ellas, que uma trazia um filho ao peito... —que, deixando o Cuchiuara, atravessaram o *Grande Rio*, e tomaram o caminho do rio Negro. Omitto certas minudencias (diz La Condamine) pouco verosimeis; mas que nada importam ao essencial do assumpto.

«Abaixo do Coari nos disseram os indios a mesma cousa, variando só em algumas circumstancias; porém quanto ao ponto principal estavam todos de accordo,

«Um indio de Mortigura, missão visinha do Pará, (continúa o mesmo auctor) offereceu-se para mostrar-me um rio, pelo qual, segundo entendia, se podia subir até á pequena distancia do paiz em que n'aquella actualidade se encontrariam amazonas. Era este rio o Irijó; e dizia o mesmo indio, que quando tal rio deixava de ser navegavel por causa das cachoeiras, era preciso, para se penetrar no paiz das amazonas, caminhar muitos dias pelos mattos para a banda de oeste, e atravessar um paiz montanhoso.

«Um veterano da guarnição de Cayena, assegurou que, sendo enviado em um destacamento para reconhecer o paiz em 1726, havia penetrado entre os *amicuanes*, nação de orelhas compridas, que habita alem das cabeceiraas do Oyapock, e junto ás de um outro rio, que desagua no Amazonas,—e que ali vira ao pescoço das mulheres as taes pedras verdes:—e que, per-

guntando aos indios d'onde as tiravam, responderam estes que lhes vinham do paiz das mulheres que *não tinham marido*, paiz que ficava a sete ou oito leguas de distancia para o lado do occidente.»

La Condamine observa que a nação dos amicuanes habita longe do mar, em um paiz elevado, onde os rios não são ainda navegaveis; e que assim, não era verosimil que elles tivessem recebido esta tradicção dos indios do Amazonas, com os quaes não tinham relação de commercio.

«O que merece attenção (é ainda o mesmo auctor quem falla)[1] é que emquanto as diversas relações designam o logar da residencia das amazonas—umas para o oriente,—outras para o norte, e outras emfim para o occidente,—todas estas direcções differentes concorrem em collocar o centro commum nas montanhas do interior de Guyana, e em um recanto onde ainda não penetraram os portuguezes do Pará, nem os francezes de Cayena.

«Apesar de tudo, confesso que me seria bem difficil acreditar que as nossas amazonas ali estejam actualmente estabelecidas, sem noticias mais positivas.. .»

Para desvanecer a duvida que poderá suscitar esta ingenua confissão da parte do seu mais acalorado defensor, La Condamine pondera que a nação ambulante das amazonas poderá muito bem ter mudado de habitação.

[1] Pag. 107.

«E o que mais que tudo me parece verosimil, (diz elle) é que ellas tenham com o tempo perdido os seus antigos costumes, quer fossem subjugadas por outra nação, quer aborrecidas da sua soledade, as filhas esquecessem a aversão das mães para os homens.— Assim (conclue elle), quando hoje não deparassemos com vestigios d'essa republica feminil, não seria isto bastante para affirmar que ellas não tenham existido nunca.»

O que d'este extracto se conclue é que La Condamine, em principios d'este seculo, achou no Amazonas a tradicção d'essas mulheres que ninguem vira, e sómente lhe asseverava um indio de 70 annos que isso acontecêra a seu pai. Note-se agora, que, segundo a propria relação de La Condamine, quem devêra ter visto as Amazonas era o avô d'este indio, como seu pai affirmava; mas morto este ultimo, já o neto dizia que não era o avô, mas o proprio pai que as víra.

O escriptor portuguez Ribeiro, chegou na sua viagem ao Amazonas á povoação já então destruida de Cuchuiuára (que ficava na bocca do Purus), onde perguntando pelo indio, que transmittira taes informações a La Condamine, verificou ter sido o sargento-mór da ordenança José da Costa Punilha, já então fallecido. «Porêm (accrescenta elle), outro indio do dito logar, chamado José Manoel, alferes de ordenança, homem já de 70 annos para cima, e de bom proposito, natural da dita antiga povoação de Cuchuiuára, me assegurou ter ouvido dizer muitas vezes ao nomeado sar-

gento-mór, o que este disse ao Sr. de La Condamine, assegurando-me além d'isso que era n'este rio constante entre os indios a tradicção da existencia das mulheres Amazonas, do qual se retiraram, entranhando-se nas terras do norte d'elle, da bocca do rio Negro para baixo.»

É certo que esta tradição correu entre os indigenas do Amazonas, e correrá talvez ainda hoje; mas quanto a mim não fica explicado— se foram os europeus os que a receberam dos indios,—ou se pelo contrario, como creio, foram elles os que lh'a transmittiram. Confirmo-me n'esta opinião quando ás particularidades que La Condamine acha pouco verosimeis não eram senão o accessorio da fabula do velho mundo. A mesma conclusão podia Ribeiro tirar do dito indio para a existencia das Amazonas, e comtudo decidiu-se pela negativa talvez porque melhor conhecedor do caracter dos indigenas, sabia quão pouco verdadeiros costumam ser, sendo homens credulos no que ouvem, e exagerados no que narram.

D'esta parte da sua viagem fez La Condamine uma memoria, que foi lida na Academia Real das Sciencias de Paris; mas entre os seus contemporaneos (como é bem de suppôr, e Humboldt no-lo assevera), não se julgou que elle tivesse tomado a defesa das amazonas senão para captivar a attenção do seu auditorio com um facto, que era pelo menos admiravel.

Não nega comtudo o viajante francez que se póssa allegar contra a verosimilhança de tal republica (são palavras suas) a *impossibilidade de se estabelecer e sub-*

sistir; mas pretende que se em alguma parte poderam ter existido amazonas, não foi senão na America;—e que a vida errante das mulheres, seguindo os maridos nas suas expedições, e por outro lado a sua infelicidade domestica lhes despertariam a idéa, assim como lhes proporcionariam occasião de se esquivarem de um jugo tão incomportavel.

La Condamine não previa por certo quantas objecções soffre semilhante hypothese. Como todas ou o maior numero das mulheres de uma tribu se poderão colligar e fugir, quando quasi diariamente acompanhavam seus maridos? Como em tribus resumidas se reuniram em numero bastante para formar uma republica ou um corpo que fosse respeitado das nações por cujo territorio passasse, e em cuja vizinhança se estabelecessem? Como abandonar os filhos? Como subsistir por fim? De mais d'isso não era tão desesperada a condição das mulheres entre as tribus indigenas da America Meridional, que alguns auctores modernos, que attentamente estudaram os seus costumes, não a reputem preferivel á das mulheres da classe inferior nos paizes mais civilisados e nas capitaes mais populosas da Europa. Este dito de d'Orbigny é confirmado e generalisado por um naturalista, a quem se não nega perspicacia, e cujas observações são de ordinario agudas, e não destituidas de profundeza. «No extremo de barbaridade (diz Virey)[1] não é o sexo feminino tão

[1] *Hist. nat. du Gen. Humain.* Paris 1854. T. 3, pag. 350.

opprimido, como se poderá suppor: porque se torna necessario como o centro da familia e esperança da nação,—emquanto os homens se occupam por fóra da caça e da pesca.»

Ainda no tempo em que o mundo scientifico e litterario se occupava com a dissertação de La Condamine, perguntou-se a Humboldt se elle seguia a mesma opinião do viajante francez. Humboldt que por si nada tinha podido verificar, porque não comprehendia a linguagem dos indigenas, julgou que se não devia rejeitar uma tradição tão geral, bem que perfeitamente aventasse quaes os motivos que poderam ter levado á exageração os escriptores que deram mais voga ás amazonas. Apresenta comtudo um testemunho que elle reputa de algum peso, e dá uma explicação que suppõe satisfactoria. O testemunho é do padre Gili, e a explicação é com pouca e bem pouca differença a mesma de La Condámine.

«Perguntando (escreve o padre Gili)[1] a um indio *quaquá*, que nações habitavam o rio Chuchivero, elle nomeou-me. . . e os *aikeambenano*. Sabendo bem a lingua tamanaque, comprehendi sem difficuldade o sentido d'esta palavra que é composta, e significa—*mulheres vivendo sós*. O indio confirmou a minha observação, e contou-me que os *aikeambenanos* era uma reunião de mulheres que fabricam longas saraba-

[1] Humboldt, ob. cit.

tanas e outros instrumentos de guerra... e que matam de pequena idade os filhos varões.

Quer Humboldt que esta historia se resinta das tradicções dos indios do Maranhão e dos Caraybas; mas o mesmo auctor accrescenta que o indio de que falla o padre Gili ignorava o castelhano, não tinha estado em contacto com os brancos, e não sabia de certo que ao sul do Orenoco existia um rio que se chama dos *Aikeambenano*, ou das mulheres que vivem sós.

Humboldt conclue então: «as mulheres fatigadas do estado de escravidão, em que eram tidas pelos homens, se reuniram, como negros fugidos, em algum *palenque*, onde o desejo de conservar a sua independencia as tornaria mais guerreiras,—e receberiam depois visitas de algumas tribus visinhas e amigas, talvez menos methodicamente do que o refere a tradicção. Basta que esta sociedade tenha algum vulto em qualquer parte da Guayana para que acontecimentos muito simplices, que se poderão ter repetido em differentes lugares tenham sido pintados de uma maneira uniforme e exagerada.»

La Condamine trouxera tambem para exemplo da possibilidade de uma republica de mulheres os mocambos dos pretos; não julgando, ao que parece, que fosse um d'estes factos mais admiravel do que o outro. Fogem os pretos é certo, e cousa bem commum; mas as pretas já não fogem na mesma proporção, nem em parte alguma formam quilombos só compostos de mulheres, pois isso lhes obsta a fraqueza, a irresolução

da maior parte, o amor materno, e a natural dependencia do sexo.

Se além d'isto se attende a que La Condamine parece suppôr que as suas heroinas subsistem desde Orellana até o seu tempo, isto é,—por espaço de dois seculos e meio, ver-se-ha que nenhuma paridade se póde realmente descobrir entre uma republica de mulheres guerreiras, e um mucambo de pretos fugidos.

Inclinar-me-hei tambem para a opinião de Humboldt de que não devemos rejeitar inteiramente uma tradicção tão vulgrisada: é mesmo possivel que ella tenha algum fundamento na historia da anniquilação dos nossos indigenas, mas por outro lado ser-me-ha permittido estabelecer ao mesmo tempo com o auctor das *Investigações Philosophicas* [1] não ser possivel que em tempo algum tenha havido nem no novo-mundo, nem em qualquer outra parte, uma verdadeira republica de mulheres confederadas e unidas por um pacto social, por leis e constituições particulares, que tenham propagado a sua descendencia e o seu imperio durante muitas idades, não admittindo homens em sua companhia senão uma só vez por anno.

E pois que só com as da America nos occupamos, vejamos se poderão ter existido verdadeiras amazonas.

As verdadeiras amazonas deveram ter vivido em uma completa separação do outro sexo. Comtudo Orellana affirma tel-as visto em companhia de homens, a

[1] *Rech. Philosoph.* pag. 110.

quem ellas dirigiam no combate, impondo-lhes mesmo no campo da batalha a pena dos cobardes. Segundo em antigos historiadores se lê, exemplos ha de povos entre os quaes predominava o sexo feminino. A este proposito Virey[1] appella para o testemunho de Diodoro o Siculo, e da obra que se intitula «*Embaixada ao Thibet.*» Ainda em tempos posteriores, como nos affirma um viajante moderno (Rienzi)[2], as mulheres das Marianas exerciam em tudo e por tudo o commando, excepto na guerra e na manobra de uma canôa. Mas sendo verosimil, como pretende Carli[3], que Diodoro Siculo se tenha deixado illudir, quando refere que as amazonas tinham imperio sobre os homens do seu paiz, parece tambem certo que entre os mariannezes deu-se o mesmo facto que nos tempos feudaes e cavalleirosos da Europa, em que os homens mostravam extrema deferencia para com as mulheres, sem que d'ahi se póssa deduzir que ellas tenham exercido imperio em tempo algum.

Por outro lado não é possivel crer, que os homens de uma nação, se deixassem avassallar e subjugar completamente pelas mulheres, porque seria preciso para isso que fossem todos elles muito poltrões; e todas ellas muito resolutas, e que de um momento para outro se achassem todas com a consciencia de uma superioridade que bem se lhes póde contestar,—em-

[1] Ob. cit.
[2] Oc.—T. 1, p. 395. b. *L'Univers.*
[3] Litt. Am. T. 2. litt. 25.

quanto os homens se sentissem anniquilados pela revelação fulminante de sua inferioridade—coisa que os proprios barbaros seriam os primeiros a não admittir.

Nada importa (como diz Virey)[1] que entre povos bellicosos e nas extremidades da guerra as mulheres tomem armas. Ha factos d'estes na historia de todos os povos, e na nossa mesmo que é ainda bem recente mais do que um exemplo glorioso se aponta.

Mas que as mulheres façam no manejo das armas a norma da vida, pretende Paws que é esse um acto contra a naturesa, e um facto inadmissivel. Sustenta este auctor (e a sua proposição nos parece um axioma) que podem os homens submetter-se ao imperio de uma mulher; mas não á aristocracia olygarchica do sexo feminino. De facto, se conveniencias de alta politica reclamam ás vezes a derogação da lei salica da humanidade, nunca as mulheres ou por força ou por astucia poderiam chegar a identicos resultados.

Pois, para que essas mulheres se não deixassem subjugar pelos homens, deveriam viver sós. Mas admittida a hypothese, como se constituiu essa republica?—Se vieram da Scythia como o indicam os costumes que se lhes attribue, como poderão concluir semilhante viagem? Se se organisaram no seio das tribus indigenas, como se combinaram, se evadiram e se encontraram todas nas mesmas posições descaroaveis de abandonarem, ou, o que ainda menos admissivel seria, de sa-

[1] Ob. e log. cit.

crificarem seus filhos e maridos?—Depois de estabelecidas, como se puderam sustentar no meio de tribus bellicosas e aguerridas, e acostumadas a procurar nas tribus visinhas escravas e mulheres, para se dispensarem do presente que deviam á familia da noiva que tomavam?

Dada a existencia de semilhante republica, seria preciso admittir-se a reunião, conveniencia e boa harmonia de alguns milhares ou centenares de mulheres ao mesmo tempo insensatas, homicidas, infanticidas e guerreiras; e o caracter do sexo, como pondera o auctor das *Investigações Philosophicas*[1], não poderia desmentir-se ao ponto de commetter regularmente, de commum accôrdo e animo tranquillo, crimes que só raramente se perpetram, e por individuos agitados pela raiva, pelo temor ou desespêro.

Admittamos porém que essas mulheres se tinham podido combinar para a fuga, estabelecerem-se, e subsistirem na visinhança e em combates repetidos com as tribus aguerridas dos visinhos.

Quaes eram os seus costumes?—Dizem-nos que cortavam um peito para poderem despedir as settas; mas esta asserção é dolorosissima, e mais perigosa ainda do que dolorosa, e sobretudo seria inutil; por isto, os auctores rejeitam esta circumstancia como inverosimil, e Gomara escreve das mulheres indigenas que ellas atiravam settas perfeitamente bem com ambos os pei-

[1] Tom. 2.º pag. 206.

tos.— Então vieram outros que disseram: não, não cortavam o peito,—cauterisavam-n'o só, queimavam-n'o na infancia.—Mas nem a infancia talvez podesse resistir a essa dôr, nem as mãis teriam a coragem de impôl-a ás filhas por amor de um systema, e só por fim, não fica por essa fórma explicada a necessidade da operação.

Outros depois emendaram que não cortavam, nem cauterisavam, mas sômente atrophiavam aquelle orgam por meio da pressão. E com que fim?—Para atirarem os seus projectis? mas se os podiam atirar com elle? Hyppocrates melhor pensador apresentava outra rasão: as amazonas o teriam feito para darem mais força e vigor ao braço. Mas observa Virey, ainda que uma educação mais viril, e acompanhada de mais e de maiores exercicios possam ás mulheres augmentar-lhes as forças, é no emtanto incontestavel que n'este particular não poderão nunca ser equiparadas aos homens.

Admittamos tambem que as amazonas encontrassem homens, que se prestassem a fecundal-as, sendo inimigas encarniçadas, e com a certesa de que seriam dentro em pouco enxotados como os zangãos pelas abelhas. Quantas vezes receberiam homens?—Uma, dizem alguns; mas outros, attendendo á influencia do clima, á sua propria naturesa, ao açodamento e festa com que recebiam os almejados hospedes, asseveram que eram quatro as vezes. As mulheres indigenas a quem se confiava a guarda dos prisioneiros fugiam frequentemente com elles; e eram inimigos aquelles com

quem assim fugiam,—o seu sacrificio era occasião de uma festa nacional,—e a sua fuga considerada como uma ignominia para sua familia e para a propria tribu. Ora, se, apesar de todas estas circumstancias, essas mulheres fugiam, como não fugiriam tambem as amazonas com aquelles que hospedavam em vez de amigos,—ou como pelo menos no fim de tempos e de relações continuadas se não amalgamavam as tribus?

Isto porém será mais concludente. O que faziam estas mulheres dos filhos?—Uns e a maior parte dizem que matavam. Mas onde alli fica o coração materno? O infanticidio é um acto que repugna á naturesa, e a que poucas mãis são levadas por força da necessidade, do medo ou do mais intenso desespero. Não basta dizer-se que as amazonas não seriam tão mãis como as outras.—Não é assim; porque nem só o sentimento do amor materno é de todas as mãis, como as americanas os amavam tão extremosamente como em todos os paizes, onde reina a polygamia, nos quaes a affeição materna, unica e exclusivamente se concentra em uma só vida. As amazonas eram tambem americanas.

Mas respondem outros: não os matavam, entregavam-n'os aos pais. Seja; mas quando os entregavam? No anno proximo, diz o padre Cunha; mas no anno proximo o filho teria tres mezes apenas. Seria o pai mais amoravel que o viesse buscar; porque era possivel ter entre ellas um filho ignorado? E se o fosse, convém ponderar tambem que o periodo da alimentação entre os selvagens era de tres. Já se vê que nada

podia fazer de uma criança de tres mezes, de um anno, de dois ou de mais, um selvagem que vive dos recursos da caça, e sem ter onde fosse buscar amas.

Se a mãi os alimentava e educava durante a infancia, mais inverosimil se torna que não sentisse em favor d'elles o estremecimento de amor e de piedade, que sente a mercenaria a quem se confia um d'estes entes desgraçados orphams de mãi e de amor?!

Mas deixando ainda de parte estas circumstancias, ha outras de maior ponderação.

Entre os indigenas eram escassos os meios de subsistencia; por este motivo não havia grandes fócos de população,— e apenas pequenas aldeias de algumas mil almas,—e todavia não se distrahiam homens para a lavoura, que era occupação quasi privativa das mulheres. A republica das amazonas devia ser igualmente muito limitada, e mais escassos os seus meios de subsistencia, por não haver classe alguma incumbida especialmente da agricultura. Ora, da mais populosa aldeia *Tupinambá*, dedusidas as velhas e as muito jovens, apenas se poderiam extrahir mil mulheres com animo e disposição bastantes para tentarem semilhante aventura. Supponđo que estas logo depois de estabelecidas encontrassem *Gargaris* com os quaes se aliassem, haveria comtudo causas para que fosse espantoso o decrescimo da sua população.

Em primeiro lugar, nem todas seriam fecundas, nem todas conceberiam logo: por outro lado demonstra a estatistica, que nascem mais homens do que mulhe-

res;—além d'isso, a experiencia confirma a observação do vulgo de que nos primeiros annos do matrimonio nascem quasi esclusivamente homens: as amazonas variando annualmente de maridos, teriam mais filhos, do que filhas, que unicamente aproveitavam. Depois, concebendo todas ao mesmo tempo, estavam pouco aptas para resistirem á aggressão dos inimigos, que não deixariam de se aproveitar de tão favoravel ensejo. Devendo pois n'estes tempos criticos velar nas armas com mais assiduidade, e occuparem-se da propria subsistencia, esses exercicios violentos deveriam occasionar maior quantidade de abortos.

Se emfim consideramos que a raça americana era e é a menos prolifica de todas,—que as mãis gastavam tres annos com um filho, antes de se poderem occupar com o segundo, concluiremos por ventura que é impossivel que em taes circumstancias subsista uma republica de mulheres.

Ainda mais claramente: de 1,000 mulheres ficariam gravidas 800; e a proporção lhes é excessivamente favoravel: d'estas 800, abortaria a quarta parte, e seria maravilha que não abortassem todas; temos porem 600;—os filhos da maior parte d'estas serão homens, porque nascem mais homens do que mulheres,—temos 350 homens; nascem porém nos primeiros tempos do matrimonio quasi esclusivamente varões,—temos em resultado de mil mulheres quando muito 150 filhas. Occupando-se a mãi com uma só filha por tres annos, porque sendo gemeas, uma d'ellas, como dos filhos,

tenha de ser sacrificada,— vemos que a reproducção não podia deixar de ser triennal. Dedusidas as que morressem até a idade de 15 annos, as amazonas que succumbissem de enfermidades, por accidentes ou nos combates,—temos que antes que as primeiras filhas chegassem á idade de poder encurvar um arco, ja deixaria de ter existido semilhante republica.

Nem nos podem dizer que sejam por este calculo desfavorecidas as amazonas, se exceptuarmos o postulado de que cada uma d'ellas gastaria tres annos com a alimentação de um filho, e este não nos póde ser negado, porque é a imperiosa necessidade da vida selvagem. Digo que não é o calculo exagerado contra as amazonas, porque é preciso que as circumstancias sejam antes mais do que menos favoraveis para que uma população se possa duplicar no espaço de trinta annos, attendidas as naturaes quantidades do sexo e da idade. Ora seria isto o que acontecera quando em qualquer povo de 1,000 mulheres nubeis nascessem 150 filhas que passassem dos 15 annos. Tornemos mais claro o exemplo. Em uma população regularmente constituida, de 5.000,000 de almas,—mais de metade, isto é, mais de 2.500,000 são mulheres: porque supposto nasçam mais filhos do que filhas, como estes na primeira idade morrem em maior numero do que aquellas, chegam á idade pubere mais mulheres do que homens. D'estas 2,500,000 mulheres (calculamos pelo minimo) tirando-se as demasiadamente jovens e as que teriam passado a idade da concepção, podemos

calcular que ficariam 1,000,000 de mulheres de idade de 12 a 40 annos. Ora, se 1,000 mulheres produsem 150 filhos, 1,000,000 produsirá 150,000 ou 4,500,000 (perto de 5,000,000 no espaço de 30 annos).

Dever-se-ia ainda duplicar este numero, pois se attendermos a que as amazonas teriam engeitado os filhos varões, dobrariam por esta fórma a sua população em 15 annos.

Se attendermos por fim a que consideramos que quasi toda a população das amazonas era prolifica, sem velhos, nem crianças, nem mulheres que não estivessem em idade de ter filhos, concluiriamos que se póde dar o caso de se dobrar uma população em cerca de tres annos: o que por certo seria mais estupendo que a propria existencia das amazonas. Foi isto o que dissemos: que 1,000 amazonas poderiam ter 500 filhos por anno, ou 1,500 em 3 annos!

Ainda assim dissemos: não poderiam subsistir por muito tempo; porque as guerras, as molestias, as fadigas demasiadamente asperas para o sexo, os abortos provenientes de taes excessos,—o incentivo que teriam os visinhos para tomarem d'entre ellas escravas e mulheres, todas essas causas concorreriam para diminuir rapidamente semilhante população,—e enfraquecendo-a aggravariam mais a sua condição com tornar mais precaria a sua sorte. Com a total anniquilação de taes insensatas, se vingaria a lei eterna da Providencia que creou os homens para viverem em familia.

Se nos repugna admittir a existencia de verdadeiras amazonas em qualquer parte do mundo, se depõe em alto gráo contra a sua existencia o facto incontestavel de não terem sido vistas nunca, nem por europeus, nem por indigena algum; porque de nenhum d'elles leio que fosse testemunha ocular, embora pouco digna de fé, ainda que nol-o jurassem; se tudo isto assim é: poderemos mais por deferencia para com a auctoridade de Humboldt, do que por consciencia admittir a sufficiencia da rasão que este auctor allega, de que não devemos rejeitar inteiramente uma tradicção tão vulgarisada.

É possivel tambem, ainda que não seja muito provavel, como já disse, que semilhante hypothese tenha algum fundamento na historia da America. Algumas inducções historicas poderiam prestar-se á hypothese de muitas mulheres, que se vissem quasi simultaneamente privadas dos maridos, e ainda em grande parte dos filhos. D'esta fórma se guardaria a tradicção explicando-a, e se respeitaria a auctoridade de escriptores que, como o padre Gili, parecem possuidos de boa fé.

Disse um indio a este missionario que o rio Cuchivero era habitado pelos indios da nação Aikeambenano, palavra que na lingua dos tamanaques, quer dizer— mulheres que vivem sós. Estas mulheres eram conhecidas como possuidoras das famosas pedras verdes, que ellas por certo não poderiam ter lavrado. Ora o padre Ives de Evreux [1] que Ferdinand Diniz cita como

[1] *L'Univers.* Brésil, pag. 300.

tendo recebido communicações muito positivas sobre estas mulheres, as reputa descendentes dos tupinambás, e é certo que estes indigenas possuiam grande numero d'estas pedras, e as tinham apesar d'isso em grande estimação.

Assim como os botocudos usavam trazer no beiço inferior placas cylindricas de barriguda, Maximiliano Newied [1] diz-nos que os Tupinambâs traziam esse ornato, não de madeira, mas de pedras nephriticas verdes. De accôrdo com essa asserção, Ferdinand Diniz [2], accrescenta que alguns tupinambás, como referem os primeiros exploradores e viajantes que visitaram o Brasil, traziam até quatorze de semilhantes pedras em differentes partes do rosto, e Azara o escreve tambem dos habitantes do Paraguay, que eram um ramo da lingua geral.

Lemos na noticia da viagem do capitão Pedro Alvares [3] que alguns dos tupinambás usavam trazer no beiço uma pedra azul ou verde; e em Lery [4]—que os guerreiros, emquanto mancebos usavam um osso branco, e quando homens uma pedra verde; e que outros d'entre elles não se contentando de os trazer nos labios, furavam as faces e ali as punham igualmente. Lery as qualifica de falsas esmeraldas.

Estras pedras eram tão estimadas que um francez,

[1] T. 2 pag. 108
[2] Pag. 13. ob. cit.
[3] C. 2.º—(Not. para a Hist. e Geogr. das N. ultr.—T. 3.º)
[4] Pag. 98.

querendo negociar uma d'ellas com um selvagem, este recusou-se a isso, affirmando que a não daria nem pelo seu navio com todo o carregamento.

As achas eram de um mineral tão semilhante que Buffon e outros mineralogistas as confundiram.

Vê-se pois que os tupinambais ou eram os possuidores originarios de semilhantes pedras, ou pelo menos eram entre elles de um uso quasi geral.

Sabemos que os tupinambás, ou melhor a raça tupi se espalhava, e occupava todo o littoral do Brasil,—e que com a chegada dos eropeus, e depois de vencidos por elles, procuraram recolher-se nas margens do Amazonas e nas terras do norte, e foi n'esse mesmo periodo que os caraybas das ilhas começaram a devastar o continente.

Não são ignorados os costumes dos caraybas: implacaveis com os prisioneiros, abstinham-se de dar morte ás mulheres as quaes eram reservadas para escravas. Era isso o que já haviam praticado quando invadiram as Antilhas. Contavam os selvagens de S. Domingos que aquellas ilhas eram habitadas por uma nação de aruages, que os caraybas destruiram completamente, com a excepção das mulheres.

Cahiram os tupinambás victimas d'elles, e em seu poder as pedras verdes. Não usando os caraybas d'este ornato, e não o reputando dotados das propriedades maravilhosas, que depois lhes attribuiram os europeus, tomaram-n'as como moeda para servirem de meio circulante nas suas transacções reciprocas ou

com os colonos. Datará desde então, e não desde muitos seculos como pretende Humboldt, serem ellas objecto de commercio entre os indios ao norte e ao sul do Orenoco. Diz-nos o mesmo auctor que foram os caraybas os que fizeram taes pedras conhecidas nas costas da Guyana,—e assevera-nos que corriam como dinheiro, e se vendiam por altos preços, mesmo entre os colonos hespanhóes.

Vencidos e anniquilados os tupinambás, o que seria das suas mulheres? Condusidas pelo resto dos guerreiros da tribu, a maior parte dos quaes seriam provavelmente velhos e crianças retrocederiam na sua emigração; e como os velhos e creanças succumbiriam mais facilmente aos encommodos e fadigas da jornada, chegariam de volta ao Amasonas, quasi sem homens, d'onde, na linguagem figurada dos indios, lhe poderá ter vindo a designação—de Aikeambenano, ou de mulheres que viviam sem homens.

Os caraybas porém eram inimigos terriveis, que pela maior parte das vezes não deixariam escapar as mulheres dos vencidos. N'este caso, o que fariam ellas? Se algumas de sua propria nação preferiram fugir a tão deshumanos senhores para se reunirem aos quilombolas da ilha de S. Vicente; não será fóra de probabilidade suppormos que outras, resentidas da morte dos maridos, filhos e parentes, se coloiassem em maior numero procurando as tribus alliadas e amigas ao través das quaes teriam passado na sua emigração para o norte.

Achar-se-hiam possuidoras de taes pedras por tirarem-n'as do rosto aos que morressem no combate, a que era costume seu assistirem,—ou dos velhos que se esmeravam em trazel-as em grande numero, e que sucumbissem durante a jornada. Nem é muito de crer que se descuidassem d'isso, sendo taes objectos de tanta estimação.

Por outro lado, ou roubando na sua fuga armas com que se defendessem, ou herdando-as—armas que lhes seriam de pouco prestimo apenas se alliassem a outras tribus,—póde d'aqui originar-se a tradicção—das mulheres fabricantes de excellentes armas, e de possuidoras das famosas pedras verdes.

Repito que não passa isto de uma hypothese que eu já me contento que seja a explicação plausivel de uma tradicção existente. Mas se se trata de verdadeiras amazonas, concluo que nem na Europa, nem na America existiram; e que ainda dada como provavel ou somente como possivel a sua existencia, não encontro nem nos antigos escriptores, nem nos modernos viajantes razoavel fundamento para me decidir pela affirmativa.

NOTAS.

Lê-se na obra «*El Marañon y Amazonas*»—do padre Manoel Rodrigues.—1648. Madrid. L. 1 cap. 3.º—«...hallando ya algunos moradores en las riberas del rio con quines tuvo algunas rofriegas, y se mostraron muy feroces; y en algunas partes

salian las mesmas mugeres a pelear con ellos. Por lo qual y por engrandecer Orellana su jornada, dixeo que aquella era tierra de Amazonas, y en la conquista que pedio a S. M. la llama, assi:»

Garcilazo diz quasi pelas mesmas palavras: «F. Orellana tuvo por el río abajo algunas refriegas, con los indios, moradores de aquella ribera, que se mostraron mui fieros, donde en algunas partes salieron las mugeres á pelear, juntamente con sus maridos. Por lo qual, por engrandecer Orellana su jornada, dijo que era tierra de Amaçonas; y assi pedio a S. M. la conquista de ellas.» *Historia General del Perú*. Madrid, 1722. Liv. 3.º Part. 2.º cap. 4.º

III

O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL POR PEDRO ALVARES CABRAL FOI DEVIDO A UM MERO ACBSO?

REFLEXÕES ACERCA DA MEMORIA DO ILLUSTRE MEMBRO O SR. JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA E SILVA *

O descubrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso, ou teve elle alguns indicios para isso?—D'este ponto dado para a discussão n'uma das nossas ultimas sessões do anno preterito, já tinha tratado o nosso illustre consocio, o Sr. Norberto, em uma memoria lida n'este *Instituto*, por elle approvada, impressa em um dos numeros da sua *Revista* [1], e geralmente applaudida. Credor de elogios pela maneira cheia de erudicção e sciencia com que o des-

* Sahiu publicada esta memoria, lida na sessão do Instituto Historico a 26 de maio de 1854 na Augusta presença de S. M. o Imperador, na *Revista do Instituto*, no vol. 18, pag. 289—1855.

A. H. L.

envolveu, o auctor da *Memoria* não se poupou, nem a investigações, nem a estudos para o cabal desempenho da sua tarefa: o seu trabalho foi, e devia ser elogiado. Assim que, a escolha d'este ponto, sendo o primeiro apresentado para os debates d'esta illustre corporação, era por um lado a demonstração evidente do interesse de que julgamos credora a primeira e singela pagina da nossa historia, e por outra a manifestação do apreço em que se tem a *Memoria* do nosso illustre consocio.

Abalancei-me a tomar parte n'esta discussão; mas fallando em sentido contrario á conclusão da *Memoria*, não lhe neguei, e nem que o quizesse lhe poderia negar o incontestavel merecimento que tem: pelo contrario, apressei-me logo em principio a cumprir com esse dever, não tanto de amizade, como de consciencia; porque era de mim reclamado pela cordial sympathia que voto ao auctor da *Memoria*; porém mais particularmente por amor da justiça, que aliás, e por differentes vezes lhe tem feito este *Instituto*, approvando os seus importantes trabalhos com demonstrações de não equivoco apreço.

A rasão porém por que fui obrigado a tomar parte n'esta discussão, ainda que o *Instituto* a saiba, não me julgo dispensado de a consignar novamente aqui. Em um trabalho, de que tambem tive a honra de ser incumbido, e que está bem longe de ser, como o de que se trata, homogeneo, e, segundo a maneira de ver do seu auctor, completo, toquei por incidente n'este facto

Fallei do descobrimento do Brazil, e a este respeito escrevi palavras que passo a transcrever [2]

«Colombo accrescentava um mundo ao mundo co-
«nhecido, e Pedro Alvares affastado da sua derrota e
«arrastado pelas grandes torrentes do oceano Atlantico,
«viria aportar ás terras de Santa Cruz; e com a sua
«descoberta provar á humanidade, orgulhosa de suas
«anteriores conquistas—com esta que não é de todas a
«somenos—que o destino, o acaso, a fatalidade valem
«mais muitas vezes do que as forças todas da intelli-
«gencia combinadas com os esforços da perseverança
«e da magnanimidade.»

O auctor da *Memoria*, que foi tambem o relator do parecer apresentado ácerca d'este meu trabalho, notou a minha opinião que ia de encontro á sua, e sem se fazer cargo de refutar, o que bem poderia suppôr escusado depois da publicação da sua *Memoria*, não póde e não devia talvez passar em silencio a asserção, ou antes contradicção, que nas minhas palavras se continha. D'esta maneira me achei sustentando uma opinião, que ainda me parece verdadeira, a qual porém é impossivel que não tenha em seu abono senão o assentimento da maior parte; mas nem seguir a opinião do maior numero é ter rasão, nem o haver consultado a historia é fiador seguro de termos acertado com a verdade.

Estarei em erro; e d'elle me convenceria o nosso illustre consocio, auctor da *Memoria*, se para isso bastasse a consciencia que tenho de quando estudou elle esta materia, e de quão largamente a meditou antes de pôr a limpo a sua curiosa e erudita dissertação.

Póde-se dissentir do seu parecer, ter uma opinião em contrario firmemente estabelecida; mas concordando em que será bem difficil sustentar a sua these—melhor do que elle o fez,—folgo ao mesmo tempo de confessar que n'essa *Memoria* se acha expendido, ou pelo menos apontado, tudo quanto de mais importante se póde dizer—pró ou contra esta materia.

Não me parece pois que lhe será desagradavel argumentar eu com as suas proprias palavras, abonando a fidelidade das suas citações com o servir-me d'ellas em me sendo necessarias, e deixando de parte os argumentos de que elle julgou não se dever aproveitar.

Por esta fórma, a falta de logica ficará sendo privativamente minha; e essa falta agora se tornará sem duvida mais saliente, quando em cumprimento do honroso encargo que me foi imposto por este *Instituto*, tendo de redusir a escripto as observações ácerca d'este assumpto, com que tive o arrojo de sollicitar a sua attenção, e a mal esperada ventura de a captivar por alguns instantes.

Entro em materia.

Para que o descobrimento do Brazil por Cabral não fosse obra de mero acaso, seria preciso que antes da sua viagem este navegante tivesse ou podesse ter tido conhecimento das terras da America. Certo que ellas haviam sido anteriormente descubertas e visitadas, se podem ser considerados verdadeiros descubrimentos os que se circumscrevem nos limites d'um paiz pouco frequentado por estrangeiros,—e não passam do co-

nhecimento de alguns poucos de sabios ou curiosos; comtudo, nem a noticia de terras da America foi o que indusiu a Colombo a procural-as; nem a tal motivo parece que se possa razoavelmente attribuir o descobrimento do Brazil.

Em algumas partes da America Septentrional foram visitadas [3] no anno 986 por Bijarne, filho de Herjulfs; que quatorze annos depois, no ultimo do X seculo da nossa éra, Leif, filho de Erico o ruivo, partindo das extremidades boreaes da Europa, reconheceu alguns lugares d'ella, podendo datar-se d'esta expedição a descuberta da America;—que estes intrepidos navegantes occupavam o paiz denominado por Leif «do bom vinho»—territorio que comprehendia todo o espaço do litoral entre Boston e New-York:—factos são que parecem ter attingido o gráo da certesa historica; depois das profundas e pacientes investigações da sociedade dos antiquarios do norte de Copenhague; mas que, apesar de tudo, em nada empanam a gloria do Colombo.

É certo que este habil mareante tinha visitado a Islandia em 1477, como elle proprio o confessa na sua obra «*das cinco zonas habitaveis na terra*»—obra tão rara [4], que me não pejo de declarar que só pelo titulo a conheço; mas esse titulo mesmo involve uma proposição, que ainda no seu tempo tinha alguma coisa de paradoxal. E tanto isto assim é, que o cardeal Pedro d'Aily, chamado—«a aguia dos doutores de França», e cuja auctoridade Colombo muito respeitava—na sua

obra «*Imago mundi*», escripta em 1410, qualifica de inhabitavel a região situada ao sul do monte Atlas. Em um mappa-mundi do começo do seculo XV, mappa que pertenceu ao cardeal Borgia, lê-se, segundo diz o visconde de Santarem [5], que a zona torrida era inhabitavel por causa do calor do sol. Em outro, desenhado em 1488 por Bartholomeu Colombo para o rei de Inglaterra Henrique VIII, notam-se os tres seguintes versos:

> Pingitur hic etiam nuper sulcata carinis
> Hispanis, zona illa, prius incognita genti,
> Torrida, qæ tandem nunc est notissima multis.

Voltemos porém ao assumpto de que nos vinhamos occupando. Apesar da viagem de Colombo á Islandia, ha bons fundamentos para duvidar que elle tivesse obtido ali informações ácerca de taes descubrimentos, ou que ao menos concebesse suspeita da existencia d'estas terras. Di-lo Humboldt, que para isso se apoia em rasões, que são ou parecem concludentes, além da consideração, que elle tambem apresenta, de que, quando foi da viagem de Colombo a Islandia, havia já dois seculos que se tinha interdicto á Groelandia todo o commercio com estrangeiros.

Colombo visitou a Islandia em Fevereiro de 1477; mas os projectos, de que resultou o descobrimento do novo-mundo, já o occupavam nos annos de 1470 e 1473; e esta rasão já de per si valiosa, se corrobora

com o argumento que se deduz do silencio que sobre á viagem dos Islandezes se guarda no celebre processo sobre a prioridade das descubertas de Colombo,— processo que só se concluiu em 1517.

Nota-se por fim que, se Colombo tivesse intenção de descubrir o paiz visinho ou collocado em face da Islandia,—na sua primeira viagem, elle não teria seguido o rumo de sudoeste largando das Canarias [6].

Que Colombo tenha recebido a relação da viagem, e o roteiro de Affonso ou Alonso Sanches, fosse elle, como diversamente se tem escripto, hespanhol, biscainho ou portuguez, ou se desse o caso em Lisboa, Madeira ou Cabo-Verde,—é facto tão pouco verosimil, que tem sido despresado pelos bons historiadores, e que tambem não será motivo de controversia, visto que o auctor da *Memoria* por sua parte o rejeita. [7] Oviedo o qualifica de «fabula que tinha voga entre o povo miudo», e o reputa falso na sua *Historia geral e natural dos Indios* [8] Por outro lado bem facil é demonstrar-se a falsidade do que se allega. A viagem de Sanches data de 1484,—isto é—, quatorze annos depois de Colombo ter concebido a possibilidade de navegar para a India por oeste,—dez annos depois de ter encetado a sua correspondencia em Toscanelli—sobre tal projecto.

Outro facto de mais importancia em relação á viagem de Colombo é o que se menciona no processo da propriedade de seus descubrimentos,—o de ter Martim Alonzo Pinzon, um dos seus companheiros de via-

gem, affirmado que vira em Roma um mappa-mundi, em que o novo continente se achava figurado. D'esta circumstancia, combinada com a de ter Colombo na sua primeira viagem mandado ao mesmo Pinzon uma carta de marear [9], *onde se achavam pintadas certas ilhas*, se tem querido argumentar que não foi tanto ás cegas, como se pensa, que elle se aventurou no oceano em procura de caminhos e terras desconhecidas.

É certo que Colombo na sua primeira viagem levou comsigo uma carta de marear, que lhe merecia alguma confiança, carta que, segundo se julga, elle recebêra de Paulo Toscanelli, e mais de meio seculo depois da morte do almirante éra ainda possuida por Bartholomeu Las Casas: essa foi a que elle enviou a Martim Alonzo Pinzon a bordo do *Pinta*. Sabe-se, porém, que essa carta, se era a mesma, lhe fôra legada por Toscanelli em 1477 [10]; e se nos não esquecemos da circumstancia, já indicada, de que os projectos de uma viagem para oéste occupavam o espirito de Colombo, sete annos antes d'essa época, concluiremos que as allegações de Pinzon carecem da importancia, que á primeira vista estariamos dispostos a attribuir-lhes. Como quer que seja, se Colombo se tivesse guiado unicamente pela carta de Toscanelli (observa Humboldt no logar supracitado), «ter-se-ia dirigido mais «para o norte, e conservado sob o parallelo de Lis«boa; emquanto, na esperança de chegar mais cedo a «Cypango ou ao Japão, elle percorreu metade do seu «caminho pela altura da ilha de Goméra (uma dos

«Açores), e inclinando-se depois para o sul, achou-se «a 7 de Outubro de 1492 aos 25 ½ gráos de latitude. «Então, como ainda não tivesse descoberto as costas «do Japão, que segundo seus calculos, devêra ter «achado 216 leguas maritimas mais chegadas ao oriente, «cedeu, depois de longa relutancia, ás representações «de Martim Alonzo Pinzon, e navegou para o sud-«oéste, mudança de rumo, que o levou alguns dias «depois á ilha de Guanáhani.»

Vê-se, pois, que para a descoberta de Colombo não influiram as viagens dos Scandinavos, nem o roteiro de Affonso Sanches, se em algum tempo existiu; servindo a carta de Toscanelli, sómente, para mais o confirmar nas suas ideias.

Deverei ainda observar que n'esta carta *viam-se pintadas certas ilhas*. Comtudo não era isso para admirar; por que antes e depois mesmo da descoberta das Canarias, a existencia de ilhas situadas no Atlantico era objecto de fabulas e contos, que se casavam algumas vezes com as ficções do paganismo grego e romano. No seculo XIV o celebre Boccacio no seu livro: «*De montibus et diversis nominibus maris.*» Escreveu, a proposito do Oceano Atlantico: «Além do Oceano A-«tlantico existem certas ilhas separadas por canaes, e «um pouco affastadas de terra, nas quaes, *segundo se* «*diz*, habitam as gorgonas: outros affirmam que ellas «estão muito pelo mar dentro.» O *diz-se*, que este auctor emprega, tratando das Canarias, revela o imperfeitissimo conhecimento que então se tinha do Atlantico,

mesmo na proximidade de suas costas orientaes; e mais Boccacio foi um grande geographo no seu tempo, e tratava especialmente dos *mares* e *montanhas*.

Bakony, geographo arabe, que viveu no seculo XV, dizendo que o poente é terminado pelo occaso, faz menção das famosas seis estatuas de bronze das Canarias, cada uma d'ellas de cem covados de altura e que serviam como de fanaes para dirigir os navios, e avisa-los de que não havia mais caminho para as partes d'aquem [11]. D'estas estatuas escreveu Ibn Said [12] que haviam sido erigidas nas ilhas de *Khalidât* (que são as mesmas Canarias) com a inscripção, semilhante ao—*Non plus ultra*—das columnas de Hercules: não se vai além!

O phenomeno da *miragem* seria tambem para alimentar a crença de terras inexploradas que havia no Atlantico. Colombo, no roteiro da sua primeira viagem, falla de umas ilhas, que por effeito d'este phenomeno, appareciam todos os annos a oéste dos Açores, Canarias e Madeira.

Sendo isto assim, não seria para admirar que na carta possuida por Colombo, apparecessem ilhas desconhecidas; mas nenhuma rasão ha para crer que ellas ali fossem postas por Toscanelli, a não ser como dependencias da Asia, parte do mundo que era então bem pouco conhecida, e cujo caminho o florentino pretendia demonstrar. O que eu conclúo, tanto do roteiro de Colombo, impresso por Navarreti, como da passagem, que Humboldt cita, do manuscripto de Las Casas [13], é

que fôra o proprio Colombo quem havia desenhado aquellas ilhas. A proposito d'essa carta, lê-se no roteiro de Colombo «d'onde, segun parece, tenia pintadas el almirante ciertas islas por aquela mar [14].» Las Casas tendo dito que essa carta parava em seu poder com outras coisas do almirante, e escripturas do seu proprio punho, accrescenta: «En ella le pintó muchas islas.» Á vista de taes phrases não se póde muito bem suppôr que taes ilhas fizessem originariamente por parte do mappa de Toscanelli: pelo contrario, parece ter sido Colombo quem n'elle as desenhára, por ventura como sendo aquelles os pontos que demandava, e esperava encontrar. Se porém foram essas ilhas representadas pelo proprio Toscanelli, se com a expressão de—*Antilia*,—que elle emprega, quiz revelar a existencia de terras desconhecidas, embora não fossem propriamente a America ou as ilhas caraybas; como nenhum fundamento tivesse para o fazer, não poderiamos n'este caso, deixar de classifical-o no numero dos astronomos e cosmographos, que apresentavam como realidades as producções da sua fantasia, como se a verdade nunca tivesse de apparecer. Tal é o mappa de Frá Mauro de 1460, no qual a Africa termina por uma ilha; e o globo de Martinho Behain ou Bohemio, que data de 1482, em que esta mesma parte do mundo, depois do rio do Infante, lança uma grande lingua de terra para o oriente.

Mas porque havemos de roubar á humanidade esse glorioso florão da corôa de suas conquistas? A tentati-

va de Colombo foi aventurosa, atrevida, arrojada; mas o genovez tinha concebido o seu plano, tinha em vista um fim que seguia com afinco e tenacidade. O que elle pretendia era descobrir um caminho para as terras das especiarias, era chegar ao oriente pelo caminho do occidente; e longe de acreditar, com Humboldt, que o fim principal e como que unico da sua empresa era descobrir esse caminho [15], sou levado a crêr que alguns descobrimentos, ainda que não tão importantes como na realidade foram, entravam, como uma probabilidade, nos seus planos [16] É isso o que claramente se deduz logo do capitulo primeiro das condições ajustadas entre elle e os reis catholicos [17] Ninguem o queria acreditar; eram chimeras de Marco Polo, cuja obra elle provavelmente não lêra [18]; eram artificios do cavalheiro d'industria, que armava laços á fortuna. Os theologos argumentavam que não podia haver nenhum povo ignorado; porque Deus tinha mandado aos seus apostolos que pregassem o evangelho a todas as gentes. Os sabios lançavam-lhe em rosto a sua arrogante presumpção de querer elle só saber mais que todo o mundo [19]; e pretendiam que se algum paiz habitavel havia além do oceano occidental, não estaria elle por tantos seculos ignorado dos homens, nem á espera d'elles, que o viesse descobrir. Os astronomos e cosmographos argumentavam de modo semilhante, com rasões, que não eram profundas; mas pareciam concludentes; porque se baseavam na ignorancia de todos: tal era a conjectura dos que, admittindo a es-

fericidade do mundo, sustentavam que, passado certo ponto, a volta se tornaria impossivel. [20]

Uma viagem de descobrimento no mar atlantico,—o mar verde, o mar tenebroso, o mar sem fim dos geographos arabes!!... Era d'esse mar, que apoiado nas auctoridades de Ibn Said e de Masondi, Edrisi escrevia [21]:—«Ignora-se o que existe além do mar tenebroso; nada se sabe a seu respeito por causa das difficuldades que oppoem á navegação a espessura das trevas, a altura das vagas, a frequencia das tormentas, a multiplicidade de animaes monstruosos e a violencia dos ventos. Ha comtudo n'este oceano grande numero de ilhas, ou sejam habitadas ou desertas; mas nenhum navegante se tem aventurado a atravessa-lo, nem a cortar o mar alto, limitando-se todos a seguir as costas, sem perder nunca a terra de vista. As vagas d'este mar, da altura de montanhas, bem que se agitem e se comprimam, ficam sempre inteiras e insulcaveis sempre.»

Era esse o mar que Colombo se propunha a navegar! Triumphou por fim, e devia triumphar, porque era homem de altissimo engenho. Em um memorial ou carta [22], que dirigiu ao rei de Hespanha, dizia elle de si: «Desde criança que embarco, e ha quarenta annos, que percorro os mares: examinei-os a todos com cuidado, pratiquei com grande numero de homens letrados de todas as nações,—ecclesiasticos e seculares, latinos e gregos,—judeus e mouros e de outras muitas seitas; adquiri alguns conhecimentos da navegação, da astronomia e da geometria, e sinto-me capaz de dar re-

lação de todas as cidades, rios e montanhas, e de as collocar cada uma d'ellas, nos mappas, nos lugares que devem occupar. Tenho além d'isso estudado os livros que tratam da Cosmographia, da Historia e da Philosophia, etc. «A isto se chamou n'aquelle tempo, *ser glorioso em mostrar as suas habilidades;* e todavia, como observa Humboldt [23], os homens que hoje se occupam com os phenomenos do mundo exterior, admiram-se da penetração de Colombo, a quem não escapa, ao passo em que procura gomas e especiarias, o exame da configuração da terra, da physionomia e fórma dos vegetaes, dos costumes dos animaes, da distribuição do calor, e das variações do magnetismo terrestre. Humboldt admira tambem a nobresa e simplicidade das expressões com que o grande viajante vai descrevendo e como que pintando o novo céo e o novo mundo, que se ia desdobrando a seus olhos, cada vez mais embellesados dos objectos que contemplavam.

Homem distincto (entre os seus contemporaneos), pelo seu atilamento e sciencia; a gloria do genovez está no seu genio e não na sua felicidade.

Assim que, deixando de parte o seu descobrimento, bastaria para illustral-o o seu projecto, que daria á execução, se factos occasionaes o não tivessem contrariado, de uma viagem em roda do globo, continuando a sua derrota para oéste, afim de voltar á Hespanha por mar, ou por terra, atravessando Jerusalem. Era isto 4 annos antes do Gama, 27 annos antes de

Magalhães; e antes que Balbon descobrisse o Pacifico das alturas do Panamá, dez annos antes que o intrepido aventureiro hespanhol entrasse no mar até aos joelhos, com a espada desembainhada, para tomar conta d'elle, em nome da Corôa de Castella, já Colombo tinha adivinhado o mar d'oéste, como, antes de as avistar, tinha advinhado as terras da America, e profetisado o seu apparecimento aos seus companheiros timidos e assustados.

Foi-me preciso entrar n'estas considerações por que o auctor da *Memoria* dá começo ao seu trabalho, referindo a recusa que soffreu Colombo do rei de Portugal, a quem pedia auxilio para a execução dos seus planos, recusa que, acha o nosso digno collega, não seria inteiramente destituida de calculo.

Era possivel que o rei de Portugal, antes de descoberta a America, tivesse ideias vagas de algum mundo que podesse estar perdido na vastidão até então inexplorada do oceano; por que nas proximidades dos grandes phenomenos da naturesa, sente-se uma como revelação intima, um rumor vago que presagia o acontecimento futuro: taes são os indicios de tempestades nos paizes intertropicaes e os ameaços de erupções volcanicas. Ha tambem exemplos analogos nos acontecimentos humanos, ou, se os não ha, a nossa credulidade ao menos faz que os tomemos por verdades.

Não quero, pois, negar todo o credito a um facto, que os antigos tradusiram em rifão, chamando-a a *voz de Deus*, por que de ordinario se realisam os seus

prognosticos, ou do diabo, porque vem, não se sabe d'onde. O que é certo é que, dada a existencia de um acontecimento de alguma importancia, podemos ter a certesa de que um, e muitos servos de Deus, o revelaram em extasis beatificos, na presença do todo o mundo! Assim é que depois de Colombo appareceram o roteiro de Affonso Sanches, os mappas de Orontius e os conhecimentos ante-diluvianos do Brazil.

Se porém tal recusa foi filha de calculo, á vista do resultado que teve, podemos aquilatal-o de bem desgraçado; mas, antes d'isso, vem a pêlo perguntar—qual o motivo por que o rei de Portugal, recusando a Colombo o fraco auxilio, que este lhe pedia, tentou, sem a sua intervenção, realisar o projectado descobrimento?!

Esta hypothese não é admissivel, quando consideramos que não ha rasão alguma para suppôr que Colombo tinha sido mais bem conceituado em Portugal que rejeitou os seus serviços, do que na Hespanha, onde, antes que elles fossem aceitos, os homens prudentes e sensatos se riam do forasteiro, quasi mendigo, que promettia aos reis gloriosos de Aragão e Castella montões de ouro, que deslumbrassem a Europa. N'esse tempo D. João II não teria em melhor opinião do que teve o grande historiador, o Tito Livio Portuguez—João de Barros, annos depois do descobrimento da America, recordando a proposta de Colombo e o modo por que ella fôra encarada pelo rei e pelos cosmographos portuguezes, di-lo em palavras, de que se exclue

toda a ideia de calculo, ou influencia de motivos occultos.

Eis o que elle escreveu [24]: «El-rei porque via ser este Christovam Colombo homem fallador e glorioso em mostrar suas habilidades, e mais fantastico e de imaginações com a sua ilha Cypango, que certo no que dizia, dava-lhe pouco credito. Comtudo á força de importunaçães mandou que estivesse com D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, e com Mestre Rodrigo e Mestre José, a quem elle commettia estas cousas de cosmographia e seus descobrimentos: e todos ouviram por vaidade as palavras de Christovam Colombo, por tudo ser fundado em imaginações e cousas da ilha Cypango de Marco Paulo [24].»

Portanto; na recusa que em Portugal soffreu o grande navegante, não entrou calculo: digamo-lo em desaggravo do principe illustrado, que então regia aquelle paiz: o que houve, foi antes falta de convicção e de fé. Assim, quer me parecer de toda a verosimilhança, para o não pôr inteiramente fóra de duvida,—em attenção ao pouco e duvidoso que se tem escripto ácerca da viagem de um Côrte Real no seculo XV,—quer me parecer, digo, que antes da viagem de Cabral ignorava-se a existencia das terras por elle descobertas, ainda mesmo supposto que depois das viagens de Colombo se suspeitasse ou admittisse a possibilidade de novos descobrimentos.

Examinemos os documentos e provas que o nosso illustrado consocio tomou para servirem de base ao seu trabalho.

Deixemos de parte a palavra «Brazil» bem que já existisse muito antes de ser imposta como denominação a esta parte do mundo; pois o illustre auctor da *Memoria* rejeitou o argumento que d'ahi se poderia dedusir, querendo que os lugares em tempos remotos conhecidos confusamente por tal nome, se exceptuamos o Brazil propriamente dito. talvez fossem os mesmos que ainda hoje o conservam. Taes são, como a *memoria* o indica, uma rocha na Irlanda, e um nome junto de Angra na ilha Terceira.

Adoptando plenamente a opinião do illustre membro d'este *instituto*, seja-me permittido pôr em duvida a sufficiencia dos documentos, em que elle se baseia, para provar que em Portugal se tinha conhecimento das terras que Pedro Alvares descobriu, não por méro acaso, mas *demandando-as* como por proposito deliberado.

É o primeiro d'estes documentos a carta datada de Barcelona de 5 de Setembro de 1493 [25], em que o rei de Hespanha, escrevendo ao seu almirante, lhe recommendava que se afastasse das costas e ilhas de Portugal, pois que os portuguezes pretendiam embaraçal-o na sua viagem. Tratava-se tambem n'essa carta se seria conveniente ampliar-se a bulla de Alexandre VI.

É certo que os portuguezes se oppuzeram á execução d'esta bulla; mas não se deve attribuir á perspicacia de D. João II ficar o Brazil incluido na sua demarcação. Bullas anteriores davam-lhe o senhorio e conquistas das terras que descobrissem, e ás quaes não

tivesse chegado a luz do Evangelho; e como a de Alexandre VI restringia estas concessões amplas, e tão amplas que se poderam considerar illimitadas: por isso se oppuzeram os portuguezes á sua execução. Se assim não fosse, seria difficil explicar-se o motivo por que se recusaram os portuguezes a aceital-a em um tempo em que era tão respeitada a auctoridade pontificia [26]; nem se poderia conceber como conseguiram o tratado de Tordesillas e a escriptura de Saragossa que estenderam em favor dos portuguezes, as raias do lote que Alexandre VI lhes fizera.

Quanto porém á emenda de tal bulla, devendo-se, segundo as suas prescripções, tirar-se uma linha que cahisse cem leguas a oéste de uma das ilhas dos Açôres ou do Cabo-Verde, é claro que não era preciso ser emendada para que as terras novamente descobertas se achassem comprehendidas na demarcação da corôa de Hespanha. Do modo por que n'essa carta se exprimia o rei de Hespanha, vê-se que, se os portuguezes tentavam intervir nos descobrimentos occidentaes, fundavam-se em outros pretextos.

Póde-se admittir, e é bem de suppôr, que Colombo depois da sua primeira viagem estivesse convencido que lhe restava muito que ver e navegar antes de chegar ao fim dos seus descobrimentos; e que então fosse cegamente acreditado, porque já não era o aventureiro sem patria, mas o navegante illustre, que cobrira de gloria a terra que havia confiado no seu genio, e aquella a que devia o nascimento. Mas o que

os portuguezes queriam era intervir nos descobrimentos de Castella, e embaraçar o progresso maritimo de uma nação rival, quaesquer que fossem os pretextos que para isso apresentassem. Allegavam pois a existencia de terras proximas ou dependentes d'Africa, em cujos mares já se havia descoberto o rochedo deserto de S. Helena: isto fez impressão no animo do rei de Hespanha, tanto mais que os portuguezes, ao que se suppunha, mandavam surrateiramente caravellas ao desbrimento: era com referencia á estas allegações dos portuguezes—de terras nos mares d'Africa—que o rei tratava da conveniencia de se emendar a bulla. «Sabeis d'isso mais que todos (escrevia elle a Colombo), dizei, pois, se é preciso emendar a bulla.» Tratava-se, pois. de terras que ficassem na ditancia de cem leguas, dos Açôres ou do Cabo-Verde.

Poderá tambem concluir-se que ainda que se dissesse, e geralmente se acreditasse que as novas terras pertenciam á India, o rei de Hespanha admittia a possibilidade de que ellas não fossem senão dependencias d'Africa. Não eram os portuguezes n'aquelle tempo marujos inferiores aos hespanhóes, nem creio que o rei de Hespanha fosse mais illustrado que o de Portugal; comtudo, segundo affirma André de Rezende em um trecho citado pelo illustre auctor da *Memoria*, D. João II sentiu-se das descobertas de Colombo pelas suppôr feitas dentro dos mares e termos de seus senhorios de Guiné [27] Esse ao menos era o pretexto.

Não me cansarei, comtudo, em formar conjecturas

acerca da explicação que deve ter este documento; porque a historia se encarregou de a pôr fóra de duvida.

Eis o facto: Colombo, cujos offerecimentos recusados por Portugal haviam finalmente sido aceitos por Castella, conseguiu realisar o seu projecto; e descoberta a America, viu-se na sua volta obrigado por circumstancias a entrar no Tejo. Teve isto lugar a 6 de Março de 1493. Alvoroçaram-se os portuguezes, e D. João II, desejando ouvir a Colombo, mandou-o chamar, «o que elle fez de boa vontade (escreveu João de Barros[28], não tanto por aprazer a el-rei, quanto por o magoar com a sua vista.»

Colombo, possuido de enthusiasmo pelas scenas do novo mundo, como no-lo revelam seus escriptos, poderia não ter-se reprimido de ainda mais engrandecer e exaltar o merito da sua descoberta[29] na pratica que teve com o rei, comprehendendo que d'esta fórma se vingava de sobejo das humilhações por que passara em Portugal, quando lhe offerecia um reino, em cuja existencia ninguem acreditava. Não era preciso para isso, nem parece presumivel, que elle com soltura de palavras, como diz Barros, accusasse e reprehendesse o rei de não ter aceitado a sua offerta. Para accusar e reprehender o rei bastava unicamente a presença de Colombo, ainda que nem uma só palavra pronunciasse[30] E de facto mostrou-se o rei tão pezaroso e sentido que os seus cortezãos se lembraram de aconselhar-lhe o ignominioso expediente de mandar assassinar a Colombo. Era homem assomado, diziam elles:

bastava pois mandar-se algum espadachim travar-se de rasões com elle, que de certo não recusaria a briga, e d'este modo perderia a Hespanha a sua conquista.

D. João II já tinha sido injusto para com o genovez, e n'essa mesma audiencia parece que a sua magnanimidade havia fraqueado e cedido ao despeito não disfarçado de ver como a Hespanha por um só lance de fortuna se tinha opulentado e obscurecido a sua gloria. O meio repugnou-lhe; e o crime lhe pareceu desnecessario, porque raiou-lhe n'alma não sei que esperança, fortalecida pelos seus desejos, de que as terras de Colombo ficassem nos seus mares de Guiné. Era o rei de uma nação forte, de um povo glorioso, e quiz lançar mão da força, mandando, como escreveu Rezende, preparar uma grande armada contra aquellas partes; mas emquanto estes aprestos se faziam em Portugal, os reis de Hespanha o suspeitaram ou aventaram, requereram-lhe que sobre-estivesse na sua resolução, até que se mandasse ver a que mares e conquistas cabia o descobrimento de Colombo.

D. João II aceitou a proposta pela convicção em que estava de que as ilhas de Cypango e Antilhas não eram mais que dependencias d'Africa [31]. Nomeiam-se embaixadores, entabulam-se negociações; mas no emtanto, como Colombo tivesse de partir novamente, a prudencia aconselhou aos reis catholicos determinarem a Colombo que não aportasse aos dominios portuguezes.

Este escripto, pois, nenhuma relação tem com o Brazil; enhuma prova offerece, nenhuma inducção se póde

d'elle tirar de que os portuguezes tivessem noticia ou noções d'esta parte do mundo.

Outro documento é a carta do bacharel, mestre João, datada de 1.° de Maio de 1500, escripta da frota de Pedro Alvares ao rei de Portugal, na occasião do descobrimento do Brazil [52]. Que n'essa carta, ou n'esse tempo se tratasse da existencia de ilhas ou terra firme, não seria de admirar por ter-se propagado na Europa logo após as descobertas de Colombo que era continente o que elle achára. Era isso o que devia acontecer, quando o proprio Colombo, assim como Vespucio, acreditavam ter tocado na Asia, e morreram ambos n'esta supposição. Não seria muito pois, que os portuguezes o suspeitassem tambem. No emtanto não creio que sirva essa carta, como quer o nosso digno consocio, para comprovar a asserção dos reis catholicos de que os portuguezes suspeitavam a existencia de muitas ilhas, e ainda de terra firme. O que pretendia o physico e cirurgião da armada de Pedro Alvares era dar uma ideia ao seu rei da terra descoberta por elle e seus companheiros. O menos pois que d'elle se podia exigir era que informasse se Vera Cruz era ilha ou continente; porque essa era a pergunta que a si proprios elles fariam chegando á vista d'uma terra ignorada. Mas apesar de tudo, como que o mestre João propendia para a opinião de que era ilha a terra de Vera Cruz, e, segundo os signaes que julgava ter percebido dos indigenas, quiz lhe parecer que eram em numero de quatro.

O que é porém mais significativo é que o physico da

frota de Pedro Alvares recommenda ao rei que mande ver o mappa mundi, que possuia Pero Vaz Bisagudo! Que mappa era esse, para o qual se chamava a particular attenção do rei? Teria alguma coisa de notavel ou achar-se-hia n'elle consignada a terra de Cabral, posto que se não certificasse se era ou não habitada? Nada sabemos, e muito pouco se póde conjecturar d'este documento, que poderia ter sido escripto de modo mais intelligivel. Para d'elle se fazer ideia aproveito-me do trecho que cita o nosso consocio a pag. 169 da sua *Memoria* ao qual, apezar de ser dos menos ambiguos, dou-lhe uma interpretação inteiramente opposta: «porém no mappa (lê-se na *Memoria*) não se certifica ser esta terra habitada, e não é mappa-mundo antigo.»— Eu leio pelo contrario «não certifica ser esta terra habitada ou não: é mappa-mundi antigo [33].»

Mas por que motivo, ou com que fim, perguntamos, chamaria o physico, mestre João, a attenção do rei para o mappa que possuia Pero Vaz? O illustrado auctor da *Memoria* diz que foi para que o rei visse n'elle a altura da terra novamente descoberta: no emtanto não seria isso grande coherencia da parte de quem o escrevia, quando elle proprio accrescenta que, segundo as regras do astrolabio, era manifesto que elles tinham a altura do pólo antartico em 17 gráos; e era tão firme a sua convicção que elle desafiava os pilotos para verem, quando chegassem ao Cabo da Boa Esperança, quem tinha rasão: se os pilotos com as cartas sómente, ou se elle com as cartas e o astrolabio.

O que o mestre João recommendava não era que se verificasse não a altura que elle dava; mas o sitio da terra, no mappa de Pero Vaz; nem me quer parecer que n'elle houvesse terras inscriptas: porque dizendo: «não se certica ser esta terra habitada ou não»,—e não sendo de ordinario costume fazerem-se semilhantes indicações em taes mappas, ou tendo que elle advertia ao rei que não procurasse aquella terra no que lhe elle indicava.

De tudo isto o que é para concluir-se é que eram n'aquelle tempo rarissimos os mappas-mundi; e tanto que, tratando d'elles, Antonio Ribeiro dos Santos [34], citado pelo auctor da *Memoria*, aponta apenas dous,—um do infante D. Pedro, duque de Coimbra, e outro do cartorio de Alcobaça, que vei as mãos do infante D. Fernando, filho de D. Manoel. Mas que esses mappas fossem singulares pelas demarcações que n'elles vinham do Cabo da Boa Esperança, e da terra do novo mundo, antes dos descobrimentos de Bartolomeu Dias, e de Christovam Colombo, é facto esse de que a real academia me permittirá duvidar, apezar da auctoridade de Antonio Ribeiro dos Santos.

Um argumento em favor da opinião que a *Memoria* sustenta, nos dá o Sr. Varnhagem, recordando que Gaspar Corte-Real pedira a doação que lhe fôra concedida a 12 de Maio de 1500, da ilha ou terra firme que encontrasse—isto—dous mezes depois da partida de Cabral, e quando as suas náos se achavam fundeadas em Porto Seguro. Á vista d'isto, e do rumo que tomou

Pedro Alvares, diz-nos o Sr. Varnhagen que não nos podemos deixar de persuadir que entrou n'isso o quer que fosse das esperanças, curiosidade, ou vertigem descobridora dos portuguezes d'aquella idade. Alguns auctores d'esta nação, apontando o facto, explicam-n'o de maneira que nenhuma correlação se achará entre uma e outra viagem, se não a da simples coincidencia do tempo. Antonio Galvão, por exemplo, narrando a viagem de Cabral, passa logo em seguida á de Corte-Real, referindo como no mesmo anno de 1500 Gaspar Corte-Real pedira licença a el-rei D. Manoel para ir descubrir a terra nova: que partira da Ilha Terceira com dous navios armados á sua custa, e fôra ao clima que está debaixo do norte em cincoenta gráos de altura. «É terra que se agora chama do seu nome», accrescenta Galvão [35].

Ainda que do exposto se dedusa que semilhante doação nada vem para o caso, sejam-me comtudo permittidas, para melhor o comprovar, algumas outras ponderações.

Si se tratasse n'esta doação de terras a que já Pedro Alvares tivesse sido mandado, não as doava o rei tão de leve, principalmente si havia tentado aquelle descobrimento á custa da sua real fazenda; e se o tivesse feito, não deixaria elle de ter contemplado a Corte Real, ou seus herdeiros no numero dos donatarios por quem foi depois distribuida a costa do Brazil.

O de que se tratava, segundo o auctor já citado, Tri-

goso no seu «*Ensaios sobre os descubrimentos e commercio dos portuguezes*»—e outros, era das terras que pudessem ser descobertas em uma viagem para a India pelo pólo arctico, viagem que se dizia, sem muito fundamento, ter sido feita por um outro Corte-Real no anno de 1463. Estas terras, comprehendidas entre os cincoenta e sessenta gráos do norte, hoje conhecidas com a denominação de terras *del labrador*, acham-se no mappa que acompanha a obra de Lafitau «*sobre os descubrimentos dos portuguezes*», com o nome de «*Corte-Real*», como diz Galvão que «ficaram sendo chamadas.»

O rumo seguido por Cabral prova que elle não pretendia tocar na terra do labrador; e do mesmo facto da doação feita a Corte-Real se conclue que ambos não teriam as mesmas vistas. Uma d'estas duas hypotheses repelle a outra, porque Corte-Real nada tinha que entender com o Brazil, ou Cabral não vinha descobrir terras para elle. Mas como quer que seja, será sempre curioso argumentar-se d'uma viagem para o sul para outra ao pólo arctico, embora cahissem ambas no mesmo tempo. Enxergar-se proposito ou o que quer que fosse de intencional da parte de Cabral em descobrir terras em frente de Benguella, porque sabia-se (se isso era sabido) d'outras fronteiras ás ilhas britannicas, era suppôl-o com conhecimentos da extensão da America, que só depois d'elle é que se conseguiu ter. Deixemos porém de parte a doação feita a Corte-Real, que será uma coincidencia curiosa, mas nenhuma relação tem com a questão que nos occupa.

Outra e ultima prova que citaremos, da noticia que os portuguezes, antes de Cabral, poderiam ter tido do Brazil, acha-se na obra de Gayoso, «*Principios de Lavoura do Maranhão*»,—na qual se lê que Martinho Behain, sendo já de idade madura quando principiou a capacitar-se da possibilidade da existencia dos antipodas, e d'um continente occidental, passára a Portugal em 1484 [36], e pedira a D. João III alguns meios para entrar em uma grande expedição para o sud-oeste.

A critica e illustração do nosso digno consocio fizeram-n'o rejeitar esta noticia, ou como não provada ou como inverosimil, não attribuindo a Behain mais importancia do que a que elle teve no seu tempo,—isto é—a de ser um grande astronomo, que se tornára recommendavel em Portugal pelos melhoramentos introdusidos no astrolabio [37]. De facto a critica a menos reflectida não poderá acreditar no que nos refere Gayoso das descobertas d'este homem. Diz-nos que confiando o monarcha portuguez alguns navios a Behain, este astronomo-navegante descubrira, annos antes de Colombo e de Magalhães, a grande parte da America, conhecida com o nome de Brazil,—e chegára a estender a sua navegação até ao estreito a que déra o nome de «*Magalhães*», ou até a terra de algumas povoações de barbaros, a que chamára «*Patagões*»: Gayoso observa que talvez por este motivo foi Colombo pouco attendido quando veio offerecer a Portugal os seus serviços para o descobrimento do novo mundo.

Constam estas particularidades, segundo o mesmo

auctor, «de uma memoria sobre o descobrimento da America, dedicada ao Dr. Franklin pela sociedade philosophica de Amsterdam; mas com tão pouca fortuna, que nem a novidade do assumpto, nem o nome da sociedade ou da pessoa a quem fôra offertada, a poderam salvar do esquecimento.

Examinadas, ainda que ligeiramente, estas questões preliminares, resta nos ainda mostrar como as informações de Toscanelli, que o auctor da *Memoria* qualifica de exactas, e que lhe haviam sido pedidas pela côrte de Lisboa [38], antes da descoberta de Colombo, não podiam ter dado aos portuguezes conhecimento de novas terras, nem servir de guia a Cabral para realisar descobrimento algum.

Aproveito da traducção do nosso digno consocio:

«Muito me agrada saber (escrevia Toscanelli a um conego de Lisboa) a familiaridade que tendes com o serenissimo e magnificentissimo rei, e ainda que eu já tenha tratado por outras vezes do brevissimo caminho que ha d'aqui para as Indias, onde nascem as especiarias por via do mar, que tinha por mais custo a que fazeis por Guiné; como porém agora me dizeis que S. A. pretende alguma declaração ou demonstração, para que entenda e veja como se póde tomar esse caminho, o que mais facil seria demonstrar com a esphera na mão, para ver como está o mundo: todavia para maior clareza mostrarei o referido caminho em uma carta semilhante ás de marear; e assim a mando a S. A. feita e traçada por minha propria mão. N'ella vai indicado

todo o fim do poente, tomando desde a Irlanda o austro até o fim de Guiné, com todas as ilhas que estão situadas n'esta viagem, a cuja frente está pintado em direitura pelo poente, o principio das Indias com todas as ilhas e lugares por onde podeis andar, e quanto podereis apartar-vos do pólo arctico pela linha equinocial, e porquanto espaço; isto é, com quantas leguas podereis chegar a aquelles lugares fertilissimos de especiaria e pedras preciosas[39]

O de que se trata pois não é da descoberta de terras; mas d'um novo caminho para as Indias, para a terra das especiarias, ou como se exprime Humboldt[40], Toscanelli n'esta celebre carta pretendia demonstrar a facilidade com que poderia chegar a India quem partisse da Hespanha. Era falsa a ideia que n'aquelle tempo se tinha da proporção em que a agua e a terra se acham entre si: desconhecia se o prestimo do mar; nem os philosophos comprehendiam de que proveito era tão grande porção de elemento liquido que occupa uma área de vastidão pasmosa quando comparada a da superficie da terra. Era esta uma das questões que mais preoccupavam a Colombo, porque sabe-se que elle nas suas viagens, não se esquecia de trazer entre outras obras a do Bispo Pedra d'Ailly, e que tem por titulo «*De quantitate terræ habitabilis.*» Movida pela falsa conjectura que a este respeito formava, Colombo suppunha que a distancia entre a peninsula hiberica e a China era de 120 gráos. Martinho Behain no seu globo, que não sei se ainda existe em Nuremberg, dava

para o mesmo espaço pouco mais de 100 gráos. Toscanelli porém sustentava, que semilhante intervallo, que é na realidade de mais de 200 gráos, não passava de 52; e porque isso ufanava-se de demonstrar-o *brevissimo caminho* que havia para o oriente navegando para oeste. Toscanelli fundava-se na auctoridade do propheta Esdras, quando diz que os $^6/_7$ da terra estavam em secco, occupando apenas a superficie do mar $^1/_7$ d'ella Á vista de uma auctoridade tirada de tal fonte, seria bem difficil que Toscanelli não achasse credito com preferencia a aquelles, que podessem dizer então a verdade que é hoje sabida. É certo que os geographos arabes a tinham alcançado antes do tempo de Colombo; mas os seus livros eram pouco lidos, e quando o fossem muito, seria n'aquelle tempo enorme impiedade, talvez qualificada de heresia, citar-se um auctor pagão e musulmano para combater a asserção de um propheta.

Albufeda, geographo arabe do seculo XIV, escreveu que, segundo se lê nos livros indios, metade da terra é agua, e outra metade argila, isto é, que metade é continente e metade mar. Já são bem differentes as opiniões dos philosophos indios e a do propheta Esdras. Albufeda porém ainda vai mais adiante, e parece que não era esta opinião peculiarmente sua; mas as dos sabios do seu tempo e nação. «*Segundo os philosophos*, escreveu elle, a porção da terra descoberta constitue pouco mais ou menos o 4.º do globo. estando os outros $^3/_4$ submergidos pelas aguas.» É com

pouca differença a que hoje se diz, que a superficie da agua está para a da terra na rasão (não de 3, como queria Albufeda) mas 2 ⁴/₅ para 1.

Assim que as informações de Toscanelli podiam ser exactas, segundo as suas deducções; mas pouca influencia teriam sobre a viagem de Cabral.

E se, como quer parecer ao illustrado auctor da *memoria*, o mappa, que acompanhava essa carta, seria o mesmo que Pero Vaz possuia, confirmará isto o que já disse—que n'elle se não fazia, nem se podia fazer menção de novas terras.

Digo que se não poderia fazer tal menção, por que o que sabemos da carta que analysamos é por uma copia d'ella dirigida a Colombo e impressa por Navarrete. E logo na carta que immediatamente se lê na mesma collecção, Toscanelli acoroçoando a Colombo que trate de realisar o seu projecto, diz-lhe, para pôr fóra de duvida, que não tratava de novas terras, mas de um novo caminho para o oriente: «A viagem que quereis «emprehender não é tão difficil como se pensa... Fi«carieis inteiramente persuadido d'isso se houvesseis «communicado, como eu, *muitas pessoas que tem es«tado n'estes paizes:* estai seguro de que haveis de «ver reinos poderosos, quantidade de cidades povoa«das, e ricas provincias que abundam em toda a sor«te de pedrarias.»

Toscanelli portanto adaptava, como Colombo, as suas conjecturas ás ideias vulgarisadas por Marco Paulo.

Todavia o illustrado auctor da *memoria* parece achar

outro documento da influencia de Toscanelli nos descobrimentos da America, quando lhe quer attribuir a paternidade de um livro que os reis de Hespanha haviam feito copiar para Colombo debaixo do maior segredo. Citarei as suas proprias expressões [42].

«Embora Colombo se expressasse em Lisboa com a «maior parcimonia, e ainda depois da sua viagem pro«curassem os reis catholicos todo o segredo no exa«me de seus papeis, as communicações que elle rece«bera de Toscanelli eram patentes e conhecidas. Com «este correio (escrevia a rainha Isabel) vos envio um «traslado do livro que cá deixastes, etc.» Da leitura dos preciosos documentos da collecção de Navarrete não é possivel deprehender-se que esse manuscripto deixado por Colombo em mãos dos reis catholicos tenha a minima relação com a carta de Toscanelli, que atraz deixamos extractada. Esse livro, se não foi o roteiro da primeira viagem de Colombo, era trabalho seu e relativo ao descobrimento já realisado da America. Navarrete apresenta outra carta dos reis catholicos, onde a proposito do mesmo livro se lê: «Alguma cou«sa temos visto do livro que nos deixastes, e quanto «mais nisto praticamos e vemos, conhecemos quam«manha parte foi a vossa n'esse negocio, e quanto sa«bieis d'isso mais do que nunca se pensou que nenhum «mortal soubesse.»

Tenho até aqui procurado combater a supposição ou proposição de que antes de 1500 houvesse em Portugal dados a respeito do Brazil, que aconselhassem uma

empresa de descobertas de novas terras no sentido do rumo que tomou, ou viu-se forçada a tomar a frota de Pedro Alvares; ao que accrescentarei mais uma observação, e é que ainda quando fosse provado e fóra de duvida que se soubesse da existencia de taes terras, não fica igualmente provado que Cabral o suspeitasse, ou que esse podera ter sido um dos fins da sua viagem.

Pelo contrario, tanto creio que a descoberta do Brazil não entrava nos seus planos, como que não será muito possivel descobrir-se n'elle a força de vontade e tenacidade de proposito que é o caracteristico de toda a vida, e da primeira viagem de Colombo.

Os historiadores abundam no sentido da opinião que me propuz a sustentar. O digno auctor da *Memoria* os cita escrupulosa e textualmente como uma consciencia, que não é dos menores merecimentos do seu trabalho. Todavia não são esses nomes tão pouco conhecidos que eu me prive de os invocar tambem em meu favor, principalmente quando elles se exprimem de fórma tão cathegorica e terminante, que contrasta com as phrases ambiguas de outros, em que se procura base para a opinião contraria.

Os acontecimentos anteriores á viagem de Cabral podem esclarecer o fim unico que se teve em vista com a expedição da nossa frota.

Eis o que se lê em Mariz [43]:

«Remunerados os grandes serviços do fortissimo D. Vasco da Gama e seus companheiros com signaladas

mercês..., e informado el-rei D. Manoel bastantemente de quanta importancia era o negocio da nova navegação, e rico commercio da especiaria, e do muito proveito que se poderia seguir se poderosamente se continuasse, mandou o felicissimo rei em o anno centesimo do jubileo de 1500 uma formosa armada de treze náos grandes com todo o necessario assi para o commercio das cousas preciosas do Oriente, como tambem para o remedio das almas dos moradores d'ella... E por capitão Pedro Alvares Cabral... O qual partindo de Lisbôa,.. foi tal sua ventura que. .depois de uma espantosa tormenta,... descobriu á provincia do Brazil.»

A narração de Barros [44] está concebida em termos mais significativos. Refere este auctor que com a chegada de Vasco da Gama o povo não se sentia de contentamento, alvoroçado com a vista do cravo, canella, aljofar e pedrarias, e que o rei em tão alto grão se mostrou contente de ver o seu povo inclinado a esta conquista, que se resolveu a mandar outra frota sem demora «*ainda que fosse mais segura a navegação no mez de Março.* Por isso, quando Gaspar de Lemos chegou a Lisboa, teve o rei e todo o reino muito prazer—em primeiro logar—, por saber da boa viagem que a frota levava»—e quanto á terra, escrevia no seu contentamento ao rei de Hespanha—«que era muito conveniente á navegação da India.»

«A qual terra (escreveu o historiador portuguez) estavam os homens tão crentes em não haver alguma

firme occidental a toda a Costa d'Africa, que os mais dos pilotos affirmavam ser alguma grande ilha assi como as Terceiras, e as que se acharam por Christovam Colombo, que eram de Castella, a que os Castelhanos commummente chamavam Antilhas.»

Damião de Goes escreve: «Ahos 22 dias do mez de Abril viram terra do que foram mui alegres, porque polo rumo em que jazia viam não ser nenhuma das que até então eram descobertas [45].»

Jeronymo Osorio diz: «A 24 de Abril descobriram os gageiros terra, de que todos concebéram incrivel contentamento, não havendo *nenhum dos nossos* que tivesse a menor suspeita, de que lhes demorasse terra habitada de homens por similhantes paragens. *Nada menos mandou Pedro Alvares virar sobre a terra* [46].»

Ha além d'estas uma outra auctoridade, que não deverá ser omittida, nem a omittė o auctor da *Memoria*, Caminha, que se lhe antolha estar de alguma fórma no segredo dos designios de Cabral,—Caminha mesmo remata a sua carta com uma phrase, da qual se conclue que de semilhantes designios, se acaso existiram, não era elle sabedor. N'essa carta Caminha aconselhando a seu rei, que mande cathechisar os indios: «Tem bom corpo e bom rosto (diz elle), e Deus, *que aqui nos trouxe*, creio que não foi sem causa.»

Caminha não teria por certo escripto essas palavras, não teria por tal fórma appellado para a religião do rei, argumentando com os designios da Providencia, se a descoberta do Brazil tivesse sido intencional. O rei

mesmo, si tal descobrimento houvesse entrado em suas vistas, si nas instrucções que deu á Cabral alguma cousa houvesse que a isso se referisse, ter-lhe-hia podido responder. «Enganai-vos, meu Caminha: não foi Deus que vos levou, fui eu que vos mandei lá.» Mas não foi isto o que pensou o rei de Portugal ao receber a carta de Caminha, a do mestre João e as de outros companheiros de Cabral; pois escrevendo de Santarem aos reis catholicos em 29 de Julho de 1501, e dando-lhes parte da viagem de Cabral, accrescenta mui significativamente: «Parece que Nosso Senhor quiz *milagrosamente* que se achasse esta terra; porque é muito necessaria e conveniente á navegação da India.» Phrases de sentido tão obvio, que Navarrete resumiu n'estas palavras o seu conteúdo: «Carta d'el-rei D. Manoel de Portugal a sus suegros los reys catholicos—dando les cuenta de esta jornada y *casual* descobrimento.»

Ora, quando o proprio rei de Portugal reputou cousa de milagre o descobrimento do Brazil, não é muito que o auctor da *Historica Philosophica* o attribua ao acaso, e que esta fosse a opinião dos seus coevos e successores. Eu por mim sinto-me tambem inclinado a attribuil-o antes ao *acaso* do que a *milagre*: acho que no acaso, isto é, em todo o facto ou acontecimento de alguma importancia, que se dá contra a nossa previsão ou expectação, intervem a Providencia: intervem por meio de leis que existem, embora as não conheçamos, de phenomenos embora ignorados. O acaso aqui foram as correntes do Atlantico.

Digo pois que Cabral veio ao Brazil por acaso; e que se d'elle teve indicios não foram outros senão os que na proximidade da terra a revelam aos navegantes, como a fumaça indica aos viajantes perdidos a visinhança de habitações humanas.

Antes porém de entrar n'essa demonstração, seja-me permittido rebater ainda alguns argumentos com que pretende o nosso digno consocio provar como Cabral teve intenção de descobrir o Brazil.

Diz-se: não foi sem designio que Pedro Alvares deu á sua viagem uma direcção inteiramente nova da que levára Vasco da Gama. Observarei que tanto se não póde chamar inteiramente nova a direcção que trouxe Pedro Alvares, que em Jeronymo Osorio se lê vir elle seguindo a mesma esteira do seu antecessor [47], quando lhe sobreveiu o máo tempo em Cabo-Verde. Mas quando mesmo elle tinha voluntariamente tomado outro rumo, ainda assim, não se poderá concluir d'este facto que houve da sua parte outro designio e proposito que não fosse o de facilitar a sua navegação: por isso escrevem outros que um dos capitulos do regimento que trazia o mandava afastar da Costa d'Africa [48]; e de facto os mares e ventos reinantes em suas costas, que iam sendo melhor conhecidas, aconselhavam que se fizesse a viagem, como a fez Pedro Alvares, como se ficou fazendo depois d'elle, e como se continuaria a fazer, ainda que não existisse Brazil.

O digno auctor da *Memoria*, para mostrar os differentes cursos da derrota de Gama e Pedro Alvares,

appella[49] para o mappa que Lafitau collocou na frente da sua obra: estou de accordo com elle na supposição de que o illustre Jesuita, que tantos documentos teve á sua disposição para a feitura da sua «*Historia das conquistas dos Portuguezes no novo mundo*», não as traçaria segundo as suas inspirações. E é por isso que, á vista d'esse mesmo mappa, espero demonstrar mais para o diante que, segundo é verosimil, Pedro Alvares não teria chegado ao Brazil, a não ser *um erro na sua derrota*,—erro que lhe sobreviveu, e continuou algum tempo depois d'elle; porque são constantes e permanentes as causas que o produsiram.

Mas insistem[50]: «Vasco da Gama evitou as calmarias da Costa d'Africa, e não se amarou tanto para oéste, nem foi por isso arrebatado pelas correntes.» Sem duvida que assim foi; mas, se evitou as calmarias, não evitou as tormentas; nem são aquellas o unico perigo d'uma navegação pela Costa d'Africa[51]. Cabral fez-se ao largo, fugindo pela Costa d'Africa, para dar resguardo ao cabo e dobral-o com mais facilidade[52]; emquanto Gama affastara-se alguma coisa, mas muito menos do que seria preciso para poder contar com uma viagem segura, e não se amarando tanto não corria o perigo de ser arrastado pelas correntes.

Admittido isto, facil é de ver-se como a este respeito não devia elle achar-se nas mesmas condições em que esteve Pedro Alvares. Porque, de qual corrente se trata? Se é do *Gulf-stream*, essa não podia influir na sua viagem, porque sahindo do Golfo do

Mexico sobe até quarenta gráos do norte, desce depois procurando a Africa, e d'ahi biforcando-se, corta de novo o equador para perder-se outra vez no mesmo Golfo. Ainda que seja violenta, como só tem dez leguas de largo, e Gama a cortasse recta ou obliquamente, não podiam os seus navios experimentar senão pequeno descahimento, e isso não o indusiria a grande erro. O vento alguma coisa favoravel o punha fóra d'esse perigo em tres ou quatro horas, ou o erro seria emendado pelo segundo ramo da mesma corrente, que mais abaixo encontraria fazendo-se sentir em direcção contraria á primeira.

Se se trata de outras correntes, sabe-se que essas variam perto de terra: nas proximidades das costas todas as aguas puxam para ellas; nem é preciso que seja muito grande a proximidade, por que esse phenomeno, principalmente na costa d'Africa, experimenta-se muitas leguas pelo mar dentro, e em distancia d'onde talvez se não poderia suspeitar a existencia de terras, se os mareantes não tivessem conhecimento anterior d'ellas.

Não tendo pois carregado tanto para oéste, Gama não pôde experimentar a força da corrente que arrastou Pedro Alvares. Se ponderarmos agora que um d'estes se entrega á força d'ella, emquanto o outro a cortava rectamente ou com pequena obliquidade, havemos de concluir que o descahimento que se tornaria insignificante para os navios de Gama, era incalculavel para os de Cabral, e mais ainda por se não contar

com elle. Por isso não nos consta que Gama errasse na sua derrota, emquanto a de Cabral nos offerece um erro de cem leguas, pelo menos que elle não julgava ter andado. Cem leguas!. Eis a descoberta de Cabral. Quando elle se julgava a 600 e tantas leguas de Cabo Verde [53], e quando, segundo Antonio Galvão, os seus companheiros lhe requeriam que tomasse outro caminho; encontram signaes de terra e logo no dia seguinte descobrem a propria terra [54]. Ora, se os companheiros de Cabral soubessem quanto se iam affastando de Cabo Verde, muitos dias antes teriam pedido a mudança de prôas. Cabral mesmo o teria feito, e não encontrando indicios de terra, não teria chegado ao novo mundo.

Desenganemo-nos que não se tratava de Brazil, nem de terras situadas a oéste do antigo continente. Os historiadores portuguezes nos revelam isto de uma maneira que não soffre nem duvida, nem contradicção. O que nos dizem elles? Cabral ia para a India! [55]

Pois então é claro que se Cabral ia para a India não vinha para o Brazil.

Outras considerações se podem fazer que, se não resolvem, dão grande luz á questão que se ventila [56].

Cabral vinha com 13 náos, e nem Hespanha nem Portugal mandaram nunca esse numero de vélas a fazer descobrimentos. Nem um dos descobridores por parte de qualquer das duas corôas, nem mesmo Gonçalo Coelho, Americo Vespucio, Christovam Jaques ou Martim Affonso, em viagens de explorações, em que

as perdas são mais frequentes, maiores, e cousa com que mais se deve contar, não trouxe tal numero de navios.

Ainda mais, as anteriores viagens á India tinham sido de explorações; a de Cabral era para um fim commercial. As suas náos condusiam mercadorias [57]; e não é em navios carregados de generos de commercio que se projectam descobrimentos.

Essa frota ia apercebida em guerra [58]; porque os portuguezes suppunham que iam encontrar os reis do Oriente em armas. Quando pois se arriscassem vidas em numero sobejo,—não se exporiam riquesas a serem escusadamente tragadas pelas ondas, em uma tentativa de descobertas.

Insisto ainda, se nas instrucções de Cabral se tratasse, mesmo de passagem, ou da possibilidade que fosse de descobrimentos, quando estes se realisassem, não creio que elle pudesse hesitar em ser o proprio portador e alviçareiro de uma noticia que em Portugal causou tanta sensação. Mas o que aconteceu? Descoberto o Brazil, e mal averiguado se será continente ou se ilhas e quantas eram, o que deixava atrás de si, Cabral continúa a sua derrota, dando aquelle incidente da sua viagem a attenção que podia sem transtorno do serviço de que se achava incumbido. O seu fim era um ajuste de commercio com o Oriente; fez o ajuste, e voltou; mas antes, não; porque a isso se oppunha o seu regimento e as ordens que tinha: o mais que pôde fazer, foi despedir um navio que levasse a Portugal a noticia da terra nova.

Ainda mais, recebendo a noticia do descobrimento do Brazil, D. Manoel não se alegra senão por saber da boa viagem de suas náos [59], que as mercadorias não tinham soffrido, que se tornava mais facil a navegação. É muito conveniente e necessaria á navegação da India, escrevia elle a respeito da terra do Brazil.—Ora se, como se suppõe, elle tinha dados tão positivos da existencia de terras situadas no mar occidente; se as suas vistas tivessem sido de as descobrir e conquistar: essas descobertas teriam valor em si, independente das viagens e commercio do oriente.

Além d'isto, logo depois da viagem de Cabral, faz D. Manoel todos os esforços para que Vespucio, o venha servir; e tomando mais calor no seu empenho depois de ter sido regeitado o seu primeiro convite, mandou um mensageiro ao piloto florentino com recomendação de o trazer por todos os modos [60]. Se pôde dispensar antes os seus serviços e só depois é que o não pôde, não revelará isto que antes da viagem de Cabral, o rei de Portugal não antevia a probabilidade do descobrimento n'aquelles mares sulcados pelos marujos da escola hespanhola a um dos quaes pretendia attrahir ao seu serviço?

Por fim o que no meu conceito prova mais do que tudo a casualidade do descobrimento do Brazil, é o argumento moral que se deduz de não transluzir dos escriptos de nenhum dos companheiros de Cabral a satisfação intima de haverem conscienciosamente conseguido um resultado, acertando em objecto de tanta

ponderação: não reivindicam para si nem para os seus a gloria de tão bello achado; pois que se não ensoberbecem de o haverem feito de consciencia. Cabral e a sua gente alegram-se sem duvida pelo seu descobrimento; porém mais ainda porque essas terras não pertenciam aos dominios de Hespanha visitados por Colombo. E de feito, se foi o acaso o que lhes deu o Brazil, grande felicidade foi que elle devesse legitimamente pertencer-lhes.

A derrota de Cabral não foi devida a proposito; era a consequencia necessaria do melhor conhecimento dos ventos e mares d'Africa, e de melhoramentos nos roteiros introdusidos pela experiencia.

Senão, vejamos.

Todas as circumstancias são contrarias desde o começo até ao fim para os que na Costa d'Africa navegam na proximidade de terra, seguindo a direcção do sul. Ha escolhos, baixos, correntes impetuosas; succedem-se rapida e bruscamente as vicissitudes do bom e do máo tempo, de fórma que parece não haver meio termo entre as calmarias podres e as tempestades violentas.

Além d'estas, convém attender a outras circumstancias. Em Marrocos, o vento que é regularmente noroéste impelle o navio para a costa, e o impede de ganhar Cabo-Verde.

No golfo de Guiné varia o vento: sopra o sudoéste, que arrasta o navio para a terra,—ou então o sul, em sentido inteiramente contrario aos que vão costa a cos-

ta, procurando dobrar o Cabo da Boa Esperança, que tambem lhes fica ao sul.

Em Angola varía de novo; o vento oéste, que é o dominante, impelle o navio para uma costa semeada de escolhos.

Temos emfim o Cabo da Boa Esperança, que os portuguezes chamaram das «*Tormentas*» pelas difficuldades que tinham em dobral-o.

Estes inconvenientes da navegação da Costa d'Africa foram logo experimentados pelos portuguezes. Vasco de Gama se fez ao mar; fugindo da costa, e conseguiu voltal-o, ainda que com grande trabalho; Cabral julgava ter andado 650 legoas nesse sentido, em 1503, segundo João Empoli, Affonso de Albuquerque, chegando a Cabo Verde, consultou os seus pilotos sobre o melhor rumo que deveriam seguir para ganhar o Cabo da Boa Esgerança, e resolveram que se engolfassem de 700 a 800 leguas[61]; e não parece que fosse a sua intenção chegar ao Brazil. Avistaram-no e te-lo-hiam avistado, ainda que Cabral o não houvesse descoberto. Em 1505 já esse era o costume; porque a pratica assim o tinha estabelecido. Por isso acho profunda a observação de Robertson, e dos que após elle o repetiram, que entrava nas vistas da Providencia a descoberta da America no seculo XVI [62]. Não julgo que com isto se pretenda avançar que, se não fosse Colombo, Cabral teria descoberta a America: não, isto no meu entender significa que as especiarias da India, e por amor d'ellas, o Cabo da Boa Esperança, teriam

aqui trasido os navegantes da Europa, quando as correntes do Atlantico não tivessem apressado esse resultado.

Do que acabamos de expôr concluimos que é perigosa, senão possivel, a navegação rente ou pouco affastada da Costa d'Africa, procurando dobrar o Cabo da Boa Esperança. Vejamos agora como Cabral pôde ser arrastado para o Brazil, sem que elle o soubesse, sem que talvez o suspeitasse.

Quando Colombo penetrou no Atlantico, um dos phenomenos que feriram o espirito d'aquelle homem eminentemente observador, foi a corrente d'este mar. *Las aguas van como los cielos,* disse elle poeticamente—isto é—as aguas marcham como os céos, como as estrellas, como o sol na direcção do nascente para o occaso. Vê-se pois que elle não fallava do *Gulf-stream*, nem é a essa que eu quero attribuir influencia alguma na derrota de Cabral.

Este facto é sabido e provado, e eu o leio no «*Roteiro das Antilhas*» modernamente publicado [63]. Geralmente se observa que as embarcações, que navegam para o occaso no Atlantico ou Pacifico se adiantam não pequeno numero de leguas sobre a estimativa; e esse numero cresce e progride ao passo que se prolonga e dilata a navegação. Da Europa ás Antilhas, hoje, com instrumentos nauticos mais perfeitos do que havia n'aquelle tempo,—com mais perfeito conhecimento d'esses phenomenos—da Europa ás Antilhas (digo) adiantam-se os navios de 4 a 6 gráos; e nas viagens das costas

occidentaes da America para as Filippinas, o avanço é de 15 e 20 gráos. Conclue-se d'aqui que ha entre os tropicos uma grande corrente, que os homens da sciencia distinguem com o nome de corrente equinoxial [64], que corre do oriente para o occidente, de 4 leguas por dia, ou talvez de mais; porque quatro leguas é a correcção, que ainda modernamente se aconselha que se faça.

Explicando-se estes phenomenos pela regularidade do vento; vem a explicação a converter se em uma nova causa, que terá influido para a descoberta do Brazil. Observa-se este phenomeno nas costas orientaes da America, e n'estas costas o vento reinante é léste ou variações de léste, que ficam n'uma zona comprehendida entre 30 gráos de latitude septentrional e 30 de meridional. Quasi toda a costa d'Africa fica comprehendida n'estas latitudes (entre 37 gráos norte e 35 sul); e em toda esta zona reina o vento léste chamado tambem os ventos *alizados*.

Cabral pois, tendo de dobrar o Cabo da Boa Esperança; e sabendo, como a experiencia já o havia mostrado, que era difficil e perigosa a viagem navegando proximo de terra, considerou que era de vantagem compensar com a maior velocidade o maior espaço, que teria de percorrer, se se fizesse muito ao mar. Ainda mais; porém esse mais andava-o em menos tempo: d'este modo se explica o dizer de Galvão que Cabral se affastava da costa d'Africa—para encurtar o caminho. Assim começou com o bordo na volta do

mar, na frase dos navegantes, e antes que tivesse dobrado na volta de terra, do que já se tratava, descobriram signaes d'ella.

Cabral portanto, desde que viu que eram baldadas as suas diligencias para encontrar o navio que se tinha desgarrado da sua conserva, tomou o rumo que conservou durante todo o seguimento da sua viagem: é isso frequente nos que navegam entre a Europa e o Brazil, e depois não leio em parte alguma que elle tivesse mudado de prôa. Caminha diz: [65] «Seguimos o nosso rumo»—e logo depois accrescenta:—«a 21 de Abril topamos alguns signaes de terra.» Ora, sendo o rumo de sudoéste approximadamente o que vem de Cabo Verde a Porto Seguro, as expressões de Caminha são em todos os sentidos equivalentes ás de João de Empoli, que já citámos, as quaes dizem... «e indo nós *n'esta volta* obra de 28 dias, em uma tarde avistamos a terra.»

O illustre auctor da *Memoria* quiz tambem argumentar com a frase de Caminha: «*Segumos o nosso rumo*».[66] A ella poderia eu oppôr a asserção de Antonio Galvão, de que Cabral «tinha perdido a derrota e vinha fóra d'ella, quando descobriu o Brazil:» e as palavras de Maffeo: «In teluris conspectu *ventis feruntur*.» No emtanto não o farei; porque Caminha tem rasão no que diz. A derrota de Cabral era para a India; o seu rumo devêra ser aquelle, ainda que não existisse o Brazil. O dizer de Jeronymo Ozorio—que Cabral pozera a prôa no occidente, carece de exactidão; porque essa prôa

o traria de Cabo Verde ás Antilhas, e não a mais de 30 gráos affastados d'ellas para o sul.

Resta-me agora demonstrar como Cabral veio ao Brazil arrastado pelas correntes sem o saber. Em calmaria poderia elle ter visto a corrente equatorial, e calcular approximadamente a sua força; mas foi felicidade sua ter elle constantemente vento favoravel até chegar ao Brazil: o mesmo vento que lhe foi contrario quando dobrou na volta d'Africa. N'estas circumstancias, e julgando da marcha do navio pelo vento, não via, nem podia calcular com a força da corrente que o ia arrastando no mesmo sentido, a ponto de não saberem a que distancia se achavam de Cabo-Verde; e de haver duvida acerca da altura que tinham. Este por ventura será o verdadeiro sentido das expressões de Antonio Galvão, quando diz que Cabral tinha perdido o rumo! E noto que Antonio Galvão, tratando especialmente dos descobrimentos dos portuguezes, é n'este caso mais digno de credito do que os historiadores como Goes e Ozorio, que, tratando por incidente d'este ponto, não se cançam em meditar a força das expressões de que se servem.

Comtudo não é absoluta a preferencia que dou a Galvão; porque, no meu conceito, a primeira relação da viagem de Cabral; a mais exacta;—a que combina, explica e resume as divergencias que se notam nos historiadores é a de Gandavo. Em favor de ter sido como copiado por Barros, tal é a conformidade entre ambos, seja-me permittido reprodusil-o n'esta parte [67]

«Reinando aquelle muito catholico e serenissimo principe el-rei D. Manoel, fez-se uma frota pera a India, de que ia por capitão-mór Pedro Alvares Cabral, que foi a segunda navegação que fizeram os Portuguezes pera aquellas partes do Oriente. A qual partiu da cidade de Lisboa a 9 de Março do anno de 1500. E sendo já entre as ilhas de Cabo Verde (as quaes iam demandar pera fazer ahi aguada), deu-lhes um temporal, que foi causa de as não poderem tomar, e de se apartarem alguns navios da companhia. E depois de haver bonança, junta outra vez a frota empegaram-se ao mar, assi por fugirem das calmarias de Guiné, que lhes podiam estorvar sua viagem, como *por lhes ficar largo poderem dobrar o Cabo da Boa Esperança*. E havendo já um mez que iam *n'aquella volta, navegando com vento prospero* foram dar na costa d'esta provincia, ao longo da qual cortaram todo aquelle dia, parecendo a todos que *era alguma grande ilha* que ali estava, *sem haver piloto, nem outra pessoa alguma que tivesse noticia d'ella, nem que presumisse que podia estar terra firme pera aquella parte occidental*. E no logar que lhes pareceu d'ella mais accommodado, surgiram aquella tarde... Estando assi surtos n'esta parte que digo, saltou aquella noite com elles tanto tempo, que lhes foi forçado levarem as ancoras, e com aquelle vento que lhes era largo por aquelle rumo, foram correndo a costa até chegarem a um porto de limpo e bom surgidouro, onde entraram: ao qual pozeram então este nome, que hoje em dia tem de Porto Seguro, por lhes

dar colheita, e os assegurar do perigo da tempestade que levavam.»

Deixando porém de parte o primitivo historiador do Brazil, entro na demonstração que me propuz fazer.

No dia 22 de Março estava Cabral em Cabo Verde, a 21 de Abril topou signaes de terra, que avistou logo no dia seguinte. Os pilotos diziam que estavam a 660 ou 670 legoas de Cabo Verde.

Impressiona-me o dizer de Caminha, quando, tratando da distancia a que se suppunham de Cabo Verde, não a indica simplesmente, como fazem os viajantes quando confiam nos pilotos, com os quaes navegam. Pelo contrario, Caminha, como que procura resalvar-se com o seu parenthesis «segundo os pilotos diziam.»

Logo, ou elle duvidava do que os pilotos diziam, ou os pilotos discordavam entre si.

Barros referiu-se á terra do Brazil e a Cabral n'estas palavras: «A qual, *segundo* a estimação dos pilotos, lhe pareceu que podia distar para aloeste da costa de Guiné 450 legoas,—e em altura do polo antartico da parte do sul 10 gráos [68].»

Julgar-se-ha pois que a conclusão que acima tiramos não carece de solidos fundamentos, principalmente se attendermos a que o methodo de navegação d'aquella época era imperfeitissimo, bem que á primeira vista nos possa parecer o contrario. Os Romanos tinham descoberto o meio de viajar, sabendo as horas que na viagem gastavam, e o espaço que percorriam. Segun-

do todas as probabilidades era esta invenção um objecto de luxo, que usavam trazer dentro das liteiras, e tambem applicavam aos navios para conhecer a sua marcha; mas ignora-se se foi geral esse uso na navegação.

No tempo de Cabral não havia isso. A barquinha, que é um meio bem imperfeito de se conhecer no mar a distancia percorrida, não era usada então. Humboldt, depois de profundas pesquizas, achou, segundo os dados da historia, que ella fóra usada primeiramente por Magalhães,—um quarto de seculo depois de Cabral. Julgava-se a olho, que era como se fazia o calculo por estimativa: via-se a carreira do navio, e dizia-se: «anda tantas milhas»: era essa a pratica e a theoria,—a rotina e a sciencia; pois que nas obras de pilotagem d'aquelle tempo,—no *«Roteiro de Cespedes»* por exemplo, que data de 1500, acham-se estabelecidas as regras de como podem e devem os pilotos julgar a olho da carreira do navio.

Ora, que o navegante portuguez não sabia a quantas andava, servirá de irrefragavel testemunho a carta do physico e cirurgião que o acompanhava,—pessoa que, segundo de sua carta se collige, tinha orgulho de ser entendido na materia. Eram dous os meios pelos quaes se reconhecia a situação d'um navio no mar alto: os calculos do astrolabio, e as conjecturas feitas sobre a marcha do navio em determinado sentido. Para o astrolabio tinham elles a invenção de Behain, invenção que era ainda de fresca data; e para o avanço do

navio,— umas taboas da India, mais modernas ainda que o astrolabio. Um e outro d'estes processos que mutuamente se auxiliariam, longe de serem uteis aos pilotos de Cabral, eram motivos de divergencias entre elles, ou porque fossem realmente imperfeitos, ou por não saberem bem usar d'elles.

O mestre João, por exemplo, desculpa-se com o rei, dizendo que era o seu navio muito pequeno, e vinha além d'isso muito carregado; que elle proprio soffria algum incommodo, e depois accrescenta, como attribuindo em parte o facto a estas causas—«que no mar se não poderia observar a altura de qualquer estrella; porque, por pouco que o navio jogasse, errava-se de 4 a 5 gráos; e que assim esse trabalho só se podia fazer em terra.» Em terra mesmo, feitas as suas observações, achou-se elle em Porto Seguro aos 17 gráos sul; os pilotos porém a 10; e todos (Pedro Escobar, entre elles) discordavam em 150 leguas, uns para mais e outros para menos; differiam pois os extremos em 300 leguas!

Permitta-se-me uma consideração antes de passar adiante. A distancia para oeste de Porto Seguro ao ponto correspondente na Costa d'Africa é de mais de 40 gráos: no emtanto Barros, em um trecho que deixei citado, diz que, segundo os pilotos de Cabral, a costa de Guiné distava 450 leguas para oeste da terra por elles descoberta. Este espaço accrescentando com as 300 leguas dos extremos de que fallava o mesmo João, dá 750 leguas, que é approximadamente o ter-

mo medio do numero de leguas precisas para encher 40 gráos (de 18 ou 20 cada gráo). O erro pois de Cabral estaria em mais de 300 leguas no sentido de oeste.

Volto ao assumpto de que me vinha occupando— do processo da navegação no tempo de Cabral.

Se, como levo dito, o astrolabio, mesmo em terra, e fazendo-se as observações com toda a commodidade e descanso, não era instrumento que servisse para resolver todas as duvidas,—as taboas da India eram mais imperfeitas ainda, e mais sujeitas a erro. Por isso o physico escrevia que o rei se riria d'ellas com mais rasão ou vontade, se soubesse como todos desconcertavam com ellas; e mais, era isso em mares conhecidos como de Lisboa as Canarias, e das Canarias a Cabo Verde! Nem por ellas julgavam do espaço percorrido; mas pelo contrario marcavam n'ellas a *quantidade de caminho*, que lhes parecia ter feito.

Falhando os calculos dos pilotos de Lisboa até Cabo Verde, não se póde rasoavelmente admittir que elles tenham d'ahi por diante navegado accordes e conscienciosamente, quando haviam causas que desculpavam, assim como occasionavam o erro. Por isso poz Caminha aquella resalva «segundo os pilotos diziam;» por isso Galvão assevera que elles tinham perdido a derrota, o que é bem presumivel.

Vimos já como Cabral topou a 21 de Abril signaes de terra, que avistou no dia 22. Quer-me parecer que o numero de leguas, que elles suppunham ter andado

desde Cabo Verde foi determinado em terra, como foi em terra que tratou de averiguar a que altura se achavam; mas deixo de parte esta circumstancia.

Do dia 21 a 22 não podiam navegar com muita afoitesa por estarem com signaes de terra, e precisarem de ir a todos os momentos lançando a sonda, sendo até de suppôr, e eu o creio, que amainassem de noite. De Cabo Verde a Porto Seguro a distancia em linha recta é de cerca de 40 gráos ou de 800 leguas de 20 ao gráo. Depois de descoberto o Brazil, Affonso de Albuquerque, como já dissemos, determinou engolfar-se de 750 a 800 leguas na volta do mar. Cabral portanto teve um engano de obra de 150 leguas no rumo de Sud-oeste. Não seriam estas as 150 leguas de que falla o physico-mór, por cujo motivo discordava da opinião de Pedro Escobar?

Cento e cincoenta leguas n'aquella direcção, corresponde a 80 ou 100 leguas mais para o occaso, do que elle se julgava achar; e estas 100 ou 80 leguas equivalem a 4 ou 5 gráos de differença para oéste ou de 15' a 20' no chronometro com que qualquer marinheiro de hoje se não equivocaria facilmente. Mas não seriam estes quatro ou cinco gráos que errava o mestre João quando com o astrolabio tomava a altura das estrellas, as quaes por esta causa lhe pareciam não poderem ser observadas do mar?

Examinemos o mappa de Lafitau.

Se este escriptor, como presume o auctor da *Memoria*, e eu estou disposto a crer, não delineou o mappa.

que se vê na frente da sua obra «*dos descobrimentos dos Portuguezes,*» segundo as suas inspirações; se pelo contrario foi traçado á vista de documentos valiosos, —d'esse mesmo mappa tiro eu a mais eloquente de todas as provas em como Cabral errou na sua derrota, sendo esse erro a causa do seu descobrimento.

N'este mappa está Porto Seguro entre 15 e 16 gráos ao sul, e não aos 17, como queria mestre João, e como se acha no Atlas de Vaugondy. É pequena a differença; mas outras ha mais importantes, e um simples lançar d'olhos revela: é a proximidade em que se acham as ilhas de Cabo Verde e a America Meridional, erro que se reproduz em João de Barros, que dá 450 leguas para a distancia entre a terra descoberta por Cabral e a costa de Guiné. Em Lafitau a distancia para óeste entre S. Nicoláo em Cabo Verde e Porto Seguro é de 13 gráos contados no equador; no mappa mundi construido sobre a projecção de Mercator, assim como no de Vaugondy, essa mesma distancia é de 17 gráos. Esta differença de 4 gráos não é ainda a mesma que o physico mestre João designava como erro nas observações do Astrolabio?

Por fim—vemos no mappa mundi de Bruet que a distancia em linha recta, entre Porto Seguro e a ilha de S. Nicoláo é de 45 gráos; emquanto no de Lafitau a distancia é de 37 gráos da ilha de S. Nicoláo, e 35 da de S. Thiago.

Como aconteceu porém que Pedro Alvares errasse tão crassamente? Já dissemos que então se julgava a

olho do caminho que se andava no mar. O erro não seria consideravel em mares conhecidos, porque os que tem navegado sabem que os homens praticos do mar raras vezes se enganam, olhando para a carreira do navio.. Por via de regra, a barquinha os não desmente; mas a barquinha é um instrumento imperfeitissimo, que facilmente induz a erro, quando ha correntes em sentido contrario ou favoravel ao vento, porque fica sempre áquem ou vai além da verdade. Por outro lado a vista equivoca-se tambem com as correntes, porque as mesmas causas que actuam sobre a barquinha, falseando os seus resultados, obram de igual modo sobre a vista.

Cabral pois, que trouxe vento fresco até ao Brazil e julgando a olho das sangraduras do caminho, devia equivocar-se, principalmente no Atlantico, porque mesmo com o uso da barquinha e com instrumentos mais simples e perfeitos, os roteiros modernos aconselham que, navegando-se n'elle para óeste, se accrescente a estimativa quatro leguas por dia [69] Note-se mais que esta quantidade longe de ser constante se augmenta com as distancias percorridas. Mas supponhamos que não ha augmento progressivo, e que basta accrescentar-se quatro leguas diarias á estimativa.—Cabral sahiu de Cabo Verde a 22 de Março,—viu signaes de terra a 21 de Abril,—o espaço é de 30 dias;—o accrescimo que se teria a fazer seria portanto de 120 leguas pelo menos. Os seus pilotos julgavam ter andado 660 ou 670 leguas, com mais esta 120, que elles não

contavam, teriam 780 a 790 leguas de Cabo Verde a Porto Seguro. Estariam assim alguma coisa proximos da verdade, se não tivessem igualmente errado na determinação da longitude: a 450 leguas da costa de Guiné.

Creio pois que Cabral não teria chegado ao Brazil se soubesse quanto consideravelmente ia descahindo para oéste. Os seus pilotos que lhe requereram a mudança de prôa, têl-o-iam feito antes, e nenhuma rasão ha para que Cabral não accedesse ás suas instancias, não havendo ainda encontrado signaes de terra,—signaes que por certo não toparia a não se ter engolfado tanto, e tão proximo do Brazil, que um dia depois o avistaram. Estes signaes foram sargaço e algumas aves [70]

Tenho até aqui procurado sustentar a minha opinião; mas quanto á *Memoria* em si, devo observar mais esta vez, e para concluir, que ácerca d'esta materia nenhuma auctoridade portugueza se póde invocar, que não esteja n'ella fielmente reprodusida ou citada. O auctor não as occulta, não disfarça os seus argumentos; apresenta-os; e combate-os de frente. Com séria meditação, com aturado estudo, aproveitando-se habilmente de todas as circumstancias, de todas as phrases, e até de todas as expressões que faziam ao seu proposito; combinando engenhosamente os historiadores, e disfarçando completamente, á força de talento, a fraquesa que tal me parece, da sua causa, conseguiu fazer um trabalho erudito, agradavel e facil;—e, direi mais, se não pôz inteiramente fóra de duvida, ao me-

nos quanto a mim, a opinião que merecendo-lhe tantos esforços, é mais uma prova do seu bello engenho; —é talvez pela regra sabida—de que nem sempre a verdade está nas condições da verosemilhança.

Sala das sessões do Instituto Historico, 12 de Maio de 1854.

A. GONÇALVES DIAS.

NOTAS.

1 Revista Trimensal. Tom. XV. n.º 6.

2 Brazil e Oceania, P. 1.ª cap. 13. *Memoria inedicta do auctor.*

3 Rafn. *Antiquitates Americanæ.* 1845. Revista do Instituto T. 2, pag. 208, e seg. Humboldt. *Cosmos.* Bruxelles 1852. T. 2.º cap. 6.º

4 Humboldt (Examen critique de l'histoire de la Géographie du Nouveau Continent. Paris 1836. T. 1. pag. 80) diz-nos que é a D. Fernando Colombo a quem devemos um extracto d'esta obra do Almirante; e reproduz as seguintes expressões de Barcia. *Hist. primit.* Tom. 1, pag. 4, 6. «Memoria ó anotacion que hizo el almirante, mostrando ser habitabiles todas las cinco zonas con a la experiencia de la navigacion.»

5 Recherches sur la priorité de la decouverte des pays situés sur la côte occidentale d'Afrique etc. par V. de Santarem. Introduc. pag. XCVIII. *pars terræ, torridæ zonæ submissa, inhabitabilis nimio calori solis.*

6 Humboldt. *Cosmos.* edic. cit. Tom. 2, cap. 6.

7 Revista Trimensal. Tom. XV, n.º 6, pag. 149.

8 Edição da Real Academia de Historia de Madrid de 1852. Tom. 1.º pag. 13. (Liv. 2.º cap. 2.º)

9 Navarrete. Colleccion de los viages y descubrimientos, Ma-

drid. 1825. Tom. 1, pag 13. Eis por inteiro o periodo do roteiro de Colombo que neste autor se lê sobre esta carta «Iba hablando el almirante con Mortin Alonzo Pinzon, capitan de la otra carabela «Pinta» sobre una carta que le habia enviado tres dias hacia a la carabela, donde segun parece tenia pintadas el almirante ciertas islas por aquella mar.»

10 Humboldt. *Cosmos*. Edic. cit. T. 2, pag. 249.

11 V. de Santarem. *Ob cit.* pag. 91.

12 Idem. Introduc. pag. XLI (41).

13 Este manuscripto de Las Casas intitula-se: *Historia General de las Indias*. Humboldt cita as palavras de uma copia possuida por Ternaux-Campans.

14 Navarrete. Ob. e lug. citados.

15 Ainda que Humboldt na sua «*Historia da Geographia*» diga que Colombo, assim como Toscanelli, admittiam a probabilidade, muito incerta, de novos descobrimentos. (Ob. cit. T. 1. pag. 21 e 24) todavia no seu *Cosmos* falla de um *fim unico* que tivera Colombo na sua empresa; parecendo nesta sua obra ter modificado ou corrigido a asserção da anterior.

16 The Works of William Robertson. London 1840. *The History of America*. Book II—: *Columbus* after resolving long and seriously every circumstance suggested by his superior knowledge in the theory as well as practice of navigation;—after comparing attentizely the observations of modern pilots with the hints and conjectures of ancient authors, he at last concluded, that by saliug directly towards the west, across the atlantic ocean, new countries, which probably formed a part of the great continent of India, must infallibly be discovered.

17 O que diz Humboldt (na Hist. da Geogr.) de que para Colombo o descobrimento de novas terras não era senão um fim muito secundario da sua empresa, não se combina muito bem com o facto de ter sido essa a primeira condição ajustada, como se lê na «Hittoire gênérale de l'Amérique par le R. P.e Tournon. Paris 1768. T. 1, pag. 8.

18 Cosmos (ed. cit. pag. 213). Humboldt o conjectura, por ter sido a obra de Marco Polo impressa primeiramente em 1477. na traducção allemãa, lingua que nem Colombo, nem Toscanelli sabiam.

[19] P.e Tournon. Ob. e lug. citado.

[20] Others concluded, that either he would find the ocean to be of infinite extent, according to the opinion of some ancient philosophers; or if he should persist in steering towards the west beyond a certain point that the convex figure of the globe would prevent his return... etc. Robertson. Ob. cit. pag. 748. Vid. *lugar citado* que outras opiniões se manifestaram contra os projectos de Colombo.

[21] Edrisi, Traduc. de Iaubert. Tom. 2. p. 2. citado pelo V. de Santarem, e Humboldt na Hist. de Geogr. Tom. pag. 51. Masondi (traduc. ingleza) de Sprenger Tom. 1, p. 282, diz do Atlantico, «the sea has no limits neither in its depth nor extent... this is the sea of darkness, also called the green sea.»

[22] Extracto o P.e Tournon. Ob. cit. T. 1, pag. 4; mas vem por extenso este trecho, digno de lêr-se, em Humboldt «Hist. de la G., T. 1, pag. 80, *nota 2.ª*»

[23] *Cosmos cit.*

[24] Barros. Decadas da Asia. Lisboa 1628. Liv. 3.º; cap. 11. fl. 56, v.

[25] *Revista Trimensal.* Tom. 15, pag, 141 Navarrete. Colleccion de los viages y descubrimientos Madrid 1825. Tom. 2.º

[26] Hakluyt cita o caso notavel de haver um rei de Inglaterra prohibido o armamento que projectavam alguns subditos seus para a Costa d'Africa, por lhe representarem embaixadores portuguezes que aquellas eram terras de Portugal por concessões pontificias. O auctor cita a chronica de Rezende; mas o facto assume certo caracter de authenticidade. sendo reproduzido por um auctor inglez, que lhe não faz objecção alguma, nem mesmo escrevendo que o *rei de Inglaterra se dera por muito satisfeito com a embaixada; e mandára pôr bando para que se não fizesse o armamento.* Hakluyt Tom. 2, pag. 457.

[27] Chronica dos valerosos e insignes feitos d'el-rei D. João II, Cap. 165. Ruy de Pina diz tambem na sua «Chronica d'El-Rei D. João II» (cap. 66): «E sendo El-Rei logo d'isso avisado (da chegada de Colombo) ho mandou ir ante si, e mostrou por isso receber nojo e sentimento assi por crer que o dito descobrimento era feito dentro dos mares e termos de seu senhorio de Guinée. em que se offerecia defensão.. etc.» *Ineditos da Historia Portugueza. T. 2, pag.* 178.

[28] L. 3, cap. 11, pag. 56, da edic. cit.

[29] Ruy de Pina. Ob. e lug. cit. «o dito almirante que..., no recontamento de suas cousas, excedia sempre os termos da verdade, fez esta cousa em ouro, prata e riquezas muito maior do que era.»

[30] O Marquez de Alegrete refere nestes termos a entrevista de Colombo com o rei de Portugal:—prolixa narratione facta, inventarum regionum divitias adeo profuse extulit, ut aceptam à Joanne repulsam haud obscure ipsi exprobare videretur. Qua de causa, et quod Joannes sibi persuaserat Columbus lusitanæ navigationis jure violasse, torvo supercilio auditum, ingrata responsione dimisit. «De rebus gestis Joanni II. Auctore Emmanuele Tellesio Sylvio. Marchione Alegretensi. Olisip. 1689, pag 363.» Munoz na sua *Historia del Nuevo Mundo*, dizendo que o rei mandàra chamar a Colombo de Valparaiso, accrescenta: «—Fui recebido con singular ostentacion y onor, y mandado cubrir y sentar en la real prezencia: habló desembarazadamente de los sucesos del viage, pintando las escelentes calidades de los paizes descubiertos, con los colores proprios de su imaginacion viva y acalorada. Los cortezanos calificaron el despejo por soltura, descomedimiento y altenaria, y las grandezas referidas, por exageraciones faltas de verdad, despuestas de proposito a fin de reprender y contristar al monarca, que tanto bien perdia por no haber aceptado la impreza, ni dado credito a su autor.» Edic. de Madrid de 1793, pag. 147.

[31] Quod quidem Joannis non recusavit, sibi persuadens Ferdinandi causam omnino jure destitutam esse. Marquez do Alegrete. Ob. citada pag. 367.

[32] Revista Trimensal. Tom. 5, pag. 342.

[33] Rev. Trim. T. 5, pag. 342 (1.ª serie.)

[34] Memoria do Sr. Norberto. Nota 225.

[35] Tratado dos descobrimentos antigos e modernos... composto pelo famoso Antonio Galvão. Lisboa 1731, pag. 36.

[36] Lê-se na obra citada, 1584: mas é erro de impressão.

[37] Munoz da nestes termos o resultado das conferencias de Behain com dous dos mais habeis cosmographos de Portugal: «Despues de muchas investigaciones y conferencias se inventó la aplicacion del astrolabio a la pratica de la navigacion, para

observar a bordo la altura meridiana del sol sobre el horisonte. *Historia del Nuevo Mundo*, de D. Juan Baut. Munoz, Madrid, 1793, pag. 37.

[38] Lé-se esta carta ou outra escripta pelo mesmo Toscanelli a Colombo a 25 de Junho de 1474, e impressa na «Coll. de los viag. y descubr.» de Navarrete. T. 2, pag 3.

[39] Revista Trimensal. Tom. 5, pag. 158.

[40] Cosmos. T 2, cap. 6.º

[41] V. de Santarem. Ob. cit. pag. 72. prol., cita a traducção franceza de Reinaud.

[42] Pag. 157.

[43] Mariz.—Dialogos de varia historia. Coimbra, 1594, pag. 186.

[44] Dec. 1.ª L. 5.º, cap. 85.

[45] Chronica do felicissimo rei D. Manoel. Part. 1.ª, cap. 55, fol. 51.

[46] Bispo Osorio—Da vida e feitos d'El-Rei D. Manoel: traducção de Francisco Manoel. Lisboa. 1804. Tom. 1. pag. 143.

[47] Da vida e feitos d'El-Rei D. Manoel. Ob. cit., T. 1, pag. 143. «Mas Pédro Alváres Cabral, que ia em derrota da India, seguindo a mesma esteira do Gama, veio á ilha de S. Iago, d'onde querendo passar avante tal tormenta se levantou etc.»

[48] «Partiu Pedro Alvares... com regimento que se afastasse da Costa d'Africa pera encurtar a via.» *Tratado dos descobrimentos etc.* de Galvão pag. 35.

[49] *Memoria*, pag. 169.

[50] Memoria. pag. 142.

[51] Exalta-se muito a coragem de Gama pelas difficuldades com que teve de lutar na sua viagem. «Correram para o sul, porfiados a montar o Cabo da Boa Esperanca, porfia em que realçou muito o esforço do capitão Vasco da Gama; porque eram cruelissimos os mares, frigidissimos e contrarios os ventos, as brumas e os temporaes continuos, sendo sempre naquellas partes em tempos certos muito bruto horriveis e muito para temer.» Osorio. Trad. cit. pag. 69.

[52] Ainda que os autores por via de regra só tratem das calmarias da Costa d'Africa, comtudo accrescentam alguns d'elles a razão por que Pedro Alvares se deveria fazer ao mar.

Ad vitandam Gineæ malatiam, et superándum bonæ fidei promontorium, longiore ambitur capto etc. Maffei. Ob. cit. L. 2.º pag. 31.

«. . . Por fugir da terra de Guiné, onde as calmarias lhe podiam impedir seu caminho; empegou-se muito no mar por lhe ficar seguro poder dobrar o Cabo da Boa Esperança.» BARROS. *Decada* 1.ª L. 5, c. 85.

[53] Direi mais abaixo o motivo por que desconfio que a estimação de Caminha da distancia em que se achavam de Cabo Verde me parece não ter sido feita a bordo.

[54] Galvão diz que tendo-se topado signaes de terra, foi Cabral em busca d'ella tantos dias, que os seus lhe requereram que deixasse aquella porfia. A narração de Caminha me pareceu mais digna de credito. Os signaes só foram encontrados um dia antes que elles tivessem vista da terra.

[55] Os historiadores são unanimes; mas para não accumular citações só duas apontaremos. «Fez-se uma frota para a India, de que ia por capitão mór Pedro Alvares Cabral.» Gandavo, Cap. I. pag. 6.

[56] A maior parte das considerações que passo a fazer se acham consignadas no seguinte trecho de Maffeo. *Hist Indic.* Florença 1588. C. 2.º pag. 30. Et quoniam Gammæ comitumque fama celebritasque et multiplex indicarum opum relatum in Ldsitaniam specimen, omnium animos in rerum ingentium spem et ejusdem itineris cupiditatam erexerat: nequacquam ultrà exploratoriis navigiis, verum justis jam classibus ea maria sibi suicanda constituit. Navibus tredecim, quæ alvei magnitudine et hominum frequentia et onerum existimatione, haud exiguas lusitani regni opes et copias indicarent. etc.»

[57] Maff. Ob. e log. cit. *Dialogos* de Mariz cit. «. . . uma formosa armada de treze náos grandes, com todo o necessario assim para o commercio das cousas preciosas do Oriente, como tambem para o remedio das almas dos moradores d'elle.»

[58] Maffei. Ob. e log. cit. «. . . poder de náos e de gente» *Barros, Dec.* 1, *L.* 5, «compunha-se de treze náos, levava soldados 1,500, ia artilhada e guerreira em summo gráo com as muitas peças e munições.» *Osorio* cit.

[59] Pedralvares *vendo que por razão de sua viagem outra cou-*

sa não podia fazer, d'ali expediu um navio, capitão Gaspar de Lemos, com novas para el-rei D. Manoel do que tinha descoberto: o qual navio com sua chegada deu muito prazer a el-rei e a todo o reino, assi por saber da *boa viagem que a frota levava*, como pela terra que descobrira. «*Barros Dec.* 1, *L.* 5, *cap.* 88.»

[60] Cartas de Vespucio. «Noticias para a Hist. e Geogr. etc. T. 2, pag. 141.»

[61] «Partimos de Lisboa no dia 6 de Abril de 1503, na armada do capitão-mór Affonso de Albuquerque... principiamos a navegar direitos a Cabo Verde, do qual houvemos vista, tomou o capitão conselho com os seus pilotos sobre o melhor rumo que se devia seguir para ser melhor a navegação até ganhar o cabo da Boa Esperança; porque o caminho que de ordinario se fazia era ao longo da costa de Guiné da Ethiopia, em a qual ha muitas correntes, cachopos e baixos, e fica além d'isso sotoposta a equinoxial, acalmando por esta causa muitas vezes o vento: para fugirmos pois d'ella deliberamos engolfar-nos de 750 a 800 leguas; e navegando nesta volta obra de 28 dias, em uma tarde avistamos a terra.» Viagem ás Indias Orientaes por João de Empoli. Noticias para a Historia e Geogr., etc. T. 2, pag. 219.

[62] Robertson, *History of America*.

[63] *Derrotero de las islas Antillas*. Madrid 1849.

[64] ... Fleuve équatorial qui va de l'Est à Ouest et se brise contre la côte, opposée. Humboldt. Cosmos. T. 2, cap. 6, pag. 239, ed. cit.

[65] Noticias para a Hist. e Geogr. das Nac. Ultr. Tr. 4, pag. 179.

[66] Memoria pag. 65.

[67] Historia da provincia de Santa Cruz por Pero Magalhães de Gandavo. C. 1, p. 6.

[68] Não creio que Barros tenha confundido com Guiné as costas de Marrocos e da Senegambia. Ainda assim, tomados dous pontos salientes na Costa d'Africa e Brazil, o Cabo da Boa Esperança á Olinda, a distancia é de 27.° e 4' ou de 541 leguas e 1 milha

Guiné propriamente dito começa do cabo das Palmas para o sul; e a distancia de 10 grãos sul no Brazil ao ponto correspon-

dente n'Africa (que parece ser como Barros calcula) é de 45 gráos pouco mais ou menos.

69 Derroters de las islas Antillas. 1849.

70 Carta de Caminha «signaes de terra.... os quaes eram muita quantidade de hervas compridas a que os mareantes chamam bothelho, e assim outras a que tambem chamam rabo d'asno.... a 4.ª feira seguinte pela manhãa topamos aves, e n'este dia a hora da vespera houvemos vista de terra.» Noticias para a Hist. e Geogr. etc. T. 4, pag. 179.

FIM DO TERCEIRO VOLUME.

INDICE

DO

VOLUME TERCEIRO.

MEDITAÇÃO.

(Fragmento.)

CAPITULO I.

CAPITULO II.

CAPITULO III.

MEMORIAS DE AGAPITO.

(Fragmentos de um romance.)

UM ANJO.

VIAGEM PELO RIO AMAZONAS.

(Cartas do «Mundus Alter.»)

HISTORIA PATRIA.

FIM DO INDICE.